**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ**
**CENTRO DE HUMANIDADES**
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA**
**DOUTORADO EM LINGUÍSTICA APLICADA**

**BENEDITO FRANCISCO ALVES**

# UMA ANÁLISE BAKHTINIANA SOBRE A RESPONSIVIDADE EM PRÁTICAS DE LETRAMENTO NA ASSOCIAÇÃO DE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS BOM JESUS SUL, DE LIMOEIRO DO NORTE, CEARÁ

**FORTALEZA - CEARÁ**
**2017**

BENEDITO FRANCISCO ALVES

# UMA ANÁLISE BAKHTINIANA SOBRE A RESPONSIVIDADE EM PRÁTICAS DE LETRAMENTO NA ASSOCIAÇÃO DE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS BOM JESUS SUL, DE LIMOEIRO DO NORTE, CEARÁ

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Linguística Aplicada do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de doutor em Linguística Aplicada. Área de concentração: Linguagem e Interação.

Orientador: Prof. Dr. João Batista Costa Gonçalves

FORTALEZA – CEARÁ

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Alves, Benedito Francisco.
UMA ANÁLISE BAKHTINIANA SOBRE A RESPONSIVIDADE EM PRÁTICAS DE LETRAMENTO NA ASSOCIAÇÃO DE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS BOM JESUS SUL, DE LIMOEIRO DO NORTE, CEARÁ [recurso eletrônico] / Benedito Francisco Alves. - 2017.
1 CD-ROM: il.; 4 ¾ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 328 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Tese (doutorado) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2017.
Área de concentração: Linguagem e interação.
Orientação: Prof. Dr. João Batista Costa Gonlçalves.

1. Análise Dialógica do Discurso. 2. Catadores. 3. Catadoras. 4. Letramentos. 5. Responsividade. I. Título.

BENEDITO FRANCISCO ALVES

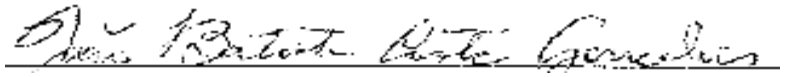
# UMA ANÁLISE BAKHTINIANA SOBRE A RESPONSIVIDADE EM PRÁTICAS DE LETRAMENTO NA ASSOCIAÇÃO DE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS BOM JESUS SUL, DE LIMOEIRO DO NORTE, CEARÁ

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Linguística Aplicada.

Área de concentração: Linguagem e Interação.

Aprovada em 27/01/2017

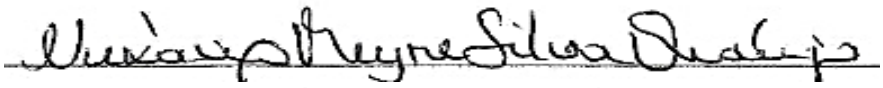
BANCA EXAMINADORA



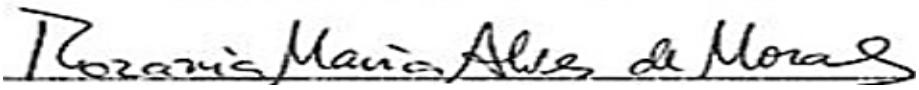
Prof. Doutor João Batista Costa Gonçalves (orientador)
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Profª. Doutora Ana Lúcia Silva Souza (1ª examinadora)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Prof. Doutor José Ernandi Mendes (2º examinador)
Universidade Estadual do Ceará (FAFIDAM/UECE)



Profª. Doutora Nukácia Meyre Silva Araújo (3ª examinadora)
Universidade Estadual do Ceará (UECE)



Profª. Doutora Rozania Maria Alves de Moraes (4ª examinadora)
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

A Zezão (papai), Fátima (mamãe), Benedita Alves (irmã), Maria (esposa), Maria Heloísa (filha), Maria Helena (filha), Maria Giovanna (sobrinha), a Aderson e Ody (casal amigo), ao terço dos homens, ao Encontro de Casais com Cristo e aos que clamam a Deus por mim e pelos projetos em que me engajo na fugacidade do tempo que passa sem parar para sempre nos ressignificar.

## AGRADECIMENTOS

Ao professor doutor João Batista, que acreditou em mim e abriu um universo de oportunidades para o ingresso de meus esforços em um mundo de novos saberes.

Ao governo do Estado do Ceará, por cumprir a lei que permite a liberação de mais um professor da educação básica para estudar.

Aos docentes e funcionários do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da UECE.

À professora Dilamar que me acompanhou desde minha chegada ao CH, tanto na especialização como no Mestrado e no Doutorado.

Aos/às colegas do PosLA com quem divido anseios, alegrias e trocas dialógicas, especialmente ao grupo círculobakhtiniano orientado pelo doutor João Batista.

Às amigas Ticiane e Vanusa, pelo exemplo de ordem e de dedicação em suas pesquisas acadêmicas.

À Elayne, meu anjo das últimas horas (força com as adversidades).

À professora Ana Lúcia que me apontou um caminho teoórico e metodológico para tentar alargar o universo conceitual dos letramentos e que aceitou transitar da UFBA para a UECE virtualmente numa primeira avaliação deste trabalho e materialmente nesta segunda avaliação.

Ao professor Ernandi, pedaço de minha FAFIDAM distante, professor de minha irmã Benedita F. Alves.

À professora Nukácia por ter participado de minha qualificação e por ter somado forças com o professor João para me ajudar.

À professora Rozânia, por sua voz calma e pela presença em minha vida no Mestrado e, agora, no Doutorado.

A Dóris, bibliotecária do Centro de Humanidades, pelas paciência ao telefone.

“[...] *eu* e o *outro* nos encontramos mutuamente na contradição absoluta do acontecimento: onde o outro nega a si mesmo dentro de si e ao seu dado-existência, de meu lugar único no acontecimento da existência eu afirmo e consolido axiologicamente a presença dele que ele mesmo nega, e para mim essa mesma negação é apenas um momento dessa sua presença.”

BAKHTIN (2003, p. 117-118; grifo do autor).

## RESUMO

Esta pesquisa está baseada na Análise Dialógica do Discurso (ADD), como definido por Brait (2014), a partir da reflexão (do Círculo) de Bakhtin (1986, 1993, 2003, 2010a, 2010b) e Bakhtin/Voloshinov (1993, 2002) sobre a responsividade, de Freire (1979, 1983, 1996, 2013) sobre a luta por liberdade e autonomia desempenhada pelos empobrecidos, de Foucault (1979) sobre o caráter discursivo de elaboração de estratégias de poder, verdade e saber, de Street (2014) sobre letramentos ideológicos, de Soares (2001) sobre letramentos, de Rojo (2009) sobre letramentos múltiplos e de Grillo (2012) e Brait (2013) sobre verbo-visualidade. Os letramentos são manifestados através do enunciado concreto com que os sujeitos trabalham e estão relacionados a um processo de compreensão responsiva ativa (BAKHTIN, 2002). A partir desse referencial, a pesquisa procurou seguir uma metodologia etnográfica como delineada por Couto (2012) e Bonfim (2011) para analisar a realidade de catadores/as de uma associação da cidade de Limoeiro do Norte, Ceará que estiveram apoiados/as pela Cáritas Diocesana da referida cidade em 2015 a fim de dialogarem com sua sociedade, um espaço-tempo marcado por diversas e históricas manifestações de empobrecimento dos sujeitos que não tiveram acesso aso bens sociais e culturais do saber escolarizado. Nessa perspectiva, este trabalho procurou compreender como catadores/as realizaram um processo de diálogo com sua sociedade a partir de práticas de letramentos responsivos materializados através de recursos multissemióticos verbais e não-verbais. Os/as catadores/as que participaram desta pesquisa são sujeitos com pouca ou nenhuma escolarização formal que conquistaram a oportunidade de manifestar suas opiniões como uma palavra-resposta materializada em três gêneros textuais e discursivos enunciados: o hino (texto verbo-sonoro), os pronunciamentos (verbais, sonoros e visuais) da presidente da Associação de Catadores Bom Jesus Sul e de um agente da Cáritas e o símbolo (predominantemente não-verbal) do Movimento Nacional de Catadores/as. Assim, a pesquisa objetivou: a) analisar como se constitui a responsividade em práticas de letramento realizadas por sujeitos da associação de catadores de material reciclável de Limoeiro do Norte; b) investigar quais enunciados concretos de catadores/as favorecem práticas e sentidos menos assimétricos e mais desafiadores diante de sua sociedade; c) problematizar de que maneira os gêneros textuais-discursivos utilizados por catadores/as apoiados pela Cáritas ressignificam sua luta por um equilíbrio de forças na relação com os discursos de sua sociedade; d) investigar como os enunciados concretos e multissemióticos de catadores/as permitem a construção de letramentos responsivos de ressignificação de suas existências e atividades no contexto de Limoeiro do Norte no Vale do Jaguaribe. Os resultados da pesquisa, em síntese, indicam que os letramentos responsivos não dependem apenas da interação dos sujeitos com o processo de leitura e de escrita institucionalizadas, mas podem ocorrer também através de gêneros multissemióticos que marcam a compreensão responsiva ativa de catadores/as que tentaram ressignificar com seus enunciados concretos o seu protagonismo social através de um processo de luta pela diminuição da desigualdade em relação aos demais sujeitos da sociedade, pelo reconhecimento e legitimação da sua atividade profissional e pelo domínio de discursos e recursos para o diálogo com o universo da sociedade baseada no domínio da leitura e da escrita.



**Palavras-chave**: Análise Dialógica do Discurso. Catadores. Catadoras. Letramentos. Responsividade.

## ABSTRACT

This research is based on Dialogical Discourse Analysis (ADD), as defined by Brait (2014), from (the Circle of) Bakhtin's reflection (1986, 1993, 2003, 2010a, 2010b) and Bakhtin/Voloshinov (1993, 2002) on the responsiveness, Freire (1979, 1983, 1996, 2013) on the struggle for freedom and autonomy played by the impoverished, Foucault's (1979) on the discursive character of elaborating strategies of power, truth and knowledge, from Street, 2014) on ideological literacy, Soares (2001) on literacy, Rojo (2009) on multiple literacy and Grillo (2012) and Brait (2013) on verb-visuality. The literacies are manifested through the concrete statement with which the subjects work and are related to a process of active responsive understanding (BAKHTIN, 2002). Based on this reference, the research sought to follow a methodology of ethnographic character as outlined by Couto (2012) and Bonfim (2011) to analyze the reality of collectors from an association in Limoeiro do Norte, a town from Ceará, which were supported by Caritas Diocesena of the said town in 2015 in order to dialogue with its society, a space-time marked by diverse and historical manifestations of impoverishment of the subjects who did not have access to the social and cultural assets of scholarly knowledge. In this perspective, this work sought to understand how collector men and collector women performed a process of dialogue with their society from practices of responsive literacies materialized through verbal and non-verbal multisemiotic resources. The collectors who participated in this research are subjects with little or no formal schooling who have conquered the opportunity to express their opinions as a response-word materialized in three textual and discursive genres enuciated: the hymn (verbo-sound text), the Pronouncements (verbal, sonorous and visual) of the president of Associação de Catadores Bom Jesus Sul (an association of collectors) and an agent of Cáritas and the symbol (predominantly non-verbal) of the National Collectors Movement. Thus, the research aimed to: a) analyze how the responsiveness is constituted in literacy practices carried out by subjects of the association of collectors of recyclable material of Limoeiro do Norte; b) investigate which specific statements of collectors favor less asymmetric and more challenging practices and meanings in relation to their society; c) question how the textual-discursive genres used by collectors supported by Caritas re-signify their struggle for a balance of forces in relation to the discourses of their society; d) investigate how the concrete and multisemiotic statements of collectors allow the construction of responsive literacies of resignification of their existences and activities in the context of Limoeiro do Norte in Jaguaribe Valley. The results of the research, in summary, indicate that the responsive literacy does not depend only on the interaction of the subjects with the institutionalized reading and writing process, but can also occur through multisemiotic genres that mark the active responsive comprehension of collector men and collector women who tried to reaffirm with its concrete statements its social role through a process of struggle to reduce inequality in relation to the other subjects of society, for the recognition and legitimation of their professional activity and for the domain of discourses and resources for dialogue with the universe of society based on the domain of reading and writing.



**Keywords**: Dialogical Discourse Analysis. Responsiveness. Collector men. Collector women. Literacies.

## RESUMEN

Esta investigación se basa en el Análisis Dialogic del discurso (DDA), según lo definido por Brait (2014), de la reflexión (círculo) de Bajtín (1986, 1993, 2003, 2010a, 2010b) y Bajtín/Voloshinov (1993, 2002) sobre la capacidad de respuesta, Freire (1979, 1983, 1996, 2013) en la lucha por la libertad y la autonomía que desempeñan los empobrecidos, Foucault (1979) sobre el carácter discursivo del desarrollo de estrategias de poder, verdad y conocimiento, Street ( 2014) sobre alfabetizaciones ideológicas, Soares (2001) sobre alfabetizaciones, Rojo (2009) sobre múltiples alfabetizaciones y Grillo (2012) y Brait (2013) sobre verbo-visualidad. Las alfabetizaciones se manifiestan a través de la declaración concreta de que el sujeto y el trabajo están relacionados con un activo proceso de comprensión sensible (Bajtín, 2002). A partir de este marco, la investigación se dedicó a seguir una metodología de carácter etnográficoáfico como se indica por Couto (2012) y Bonfim (2011) para analizar la realidad de los colectores de una asociación de la ciudad de Limoeiro do Norte, Ceará, que contaron con el apoyo de la Cáritas Diocesana de esa ciudad en el año 2015 con el fin de mantener conversaciones con su sociedad, un espacio-tiempo marcado por varias y históricas manifestaciones de empobrecimiento de los sujetos que no tienen acceso a bienes sociales y culturales del conocimiento escolar. Desde esta perspectiva, este estudio trata de entender cómo los hombres y mujeres colectores llevan a cabo un diálogo con su sociedad desde prácticas de alfabetizaciones sensibles que se materializan a través de recursos multisemiotic verbales y no verbales. Las/los colectores que participaron en esta investigación son sujetos con poca o ninguna educación formal que se han ganado la oportunidad de expresar sus opiniones como una palabra-respuesta materializada en tres géneros textuales y discursivos: el himno (texto verbo-sonoro), las declaraciones (verbales, sonoras y visuales) del Presidente de Associação de Catadores Bom Jesus Sul la (una asociación de collectores) y un agente de Caritas y el símbolo (predominantemente no verbal) del Movimiento Nacional de collectores. Por lo tanto, la investigación buscó: a) analizar cómo ocurre la capacidad de respuesta en las prácticas de alfabetización llevada a cabo por los sujetos de la asociación de collectores de Limoeiro do Norte; b) investigar qué enunciados concretos de hombres y mujeres collectores favorecen prácticas y sentidos menos asimétricos y más desafiantes antes de su sociedad; c) examinar cómo los géneros textuais-discursivos utilizados por los colectores apoyados por Cáritas resignifican su lucha por un equilibrio de poder en la relación con los discursos de su sociedad; d) investigar cómo los enunciados concretos y multisemiotic del collectores permiten la construcción de alfabetizaciones que responden a la reformulación de su existencia y actividades en el contexto del Limoeiro do Norte, Vale do Jaguaribe. Los resultados de la investigación, en resumen, indican que alfabetizaciones responsivas no dependen solamente de la interacción del sujeto con el proceso de la lectura y la escritura institucionalizada, pero también puede ocurrir a través de los géneros multisemiotic que marcan la comprensión responsiva y activa de los hombres y mujeres colectores que intentaron resignificar con su enunciado concreto su función social a través de un proceso de lucha por la reducción de la desigualdad en relación con otros sujetos de la sociedad, el reconocimiento y la legitimidad de su negocio y el dominio del discurso y los recursos para el diálogo con el universo de la sociedad basada en la lectura y la escritura.



**PALABRAS-CLAVE:** Análisis Dialogic del Discurso. Collectores. Collectoras. Letramentos. Responsividad.

# LISTA DE QUADROS


| | | |
|---|---|---|
| **Quadro 1 –** | **Fases da produção teórica (do Círculo) de Bakhtin** | 24 |
| **Quadro 2 –** | **Fases (do Círculo) de Bakhtin sobre o problema da responsividade** | 90 |
| **Quadro 3 –** | **Plano do dialogismo sob a ótica da Translinguística** | 91 |
| **Quadro 4 –** | **Modelos de letramentos** | 102 |
| **Quadro 5 –** | **Perspectivas de letramentos** | 136 |
| **Quadro 6 –** | **Plano dos letramentos responsivos constitutivos** | 137 |
| **Quadro 7 –** | **As regiões do Vale do Jaguaribe** | 144 |
| **Quadro 8 –** | **Problemas situados no contexto do Vale do Jaguaribe** | 149 |
| **Quadro 9 –** | **Primórdios da organização de catadores/as no século XXI** | 163 |
| **Quadro 10 –** | **Produção de resíduos sólidos urbanos em 2009** | 165 |
| **Quadro 11 –** | **Relação material reciclável/preço** | 173 |
| **Quadro 12 –** | **Rede permanente de Solidariedade da Cáritas de Limoeiro do Norte** | 182 |
| **Quadro 13 –** | **Relação de unidades Cáritas no Ceará** | 182 |
| **Quadro 14 –** | **Plano dos letramentos responsivos manifestos** | 195 |
| **Quadro 15 –** | **Elementos linguísticos do hino "Xote da marcha do povo"** | 205 |
| **Quadro 16 –** | **Hino de Sem-terra e hino de catadores/as** | 218 |
| **Quadro 17 –** | **Comparação entre os hinos de sem-terras e de catadores/as** | 220 |
| **Quadro 18 –** | **Características do pronunciamento de Maria Rubens e Ronaldo** | 226 |
| **Quadro 19 –** | **Aspectos da catação segundo catadores/as** | 267 |

# LISTA DE FIGURAS


**Figura 1 – Mapa da região do Vale do Jaguaribe**..... 145
**Figura 2 – Trabalho de Catação no lixão de Limoeiro do Norte, Ceará**..... 162
**Figura 3 – Catadores/as em manifestação**..... 175
**Figura 4 – Logomarcas das Cáritas**..... 176
**Figura 5 – Sede da Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte no seminário Cura D'ars**.. 178
**Figura 6 – Participantes durante marcha de catadores/as em Quixeré, Ceará**..... 201
**Figura 7 – Execução do hino na Marcha de catadores/as em Quixeré, Ceará**..... 202
**Figura 8 – Maria Rubens e Ronaldo na Câmara de Vereadores de Limoeiro do Norte**... 228
**Figura 9 – Vereadores que dialogaram com Maria Rubens**..... 229
**Figura 10 – Catadores/as e Cáritas na implantação da coleta seletiva em Limoeiro**..... 230
**Figura 11 – Maria Rubens e Ronaldo Maia na Câmara de Limoeiro do Norte, Ceará**..... 245
**Figura 12 – Bandeira do MST e do Movimento de Catadores/as**..... 253
**Figura 13 – Símbolo do movimento de catadores/as em formação com a Cáritas**..... 254
**Figura 14 – Maria Rubens preparada para a labuta no lixão de Limoeiro do Norte, Ce**.... 255
**Figura 15 – O aspecto circular da ação de catadores/as**..... 261
**Figura 16 – Espaço interno do galpão da Associação Bom Jesus Sul em 2015**..... 295
**Figura 17 – Espaço de reunião e cadastro no galpão da Associação em 2015**..... 297
**Figura 18 – Entrega de triciclo a catadores/as em 2015**..... 298

**SUMÁRIO**


**1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS**..... 14
**2 O DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO DE RESPONSIVIDADE NO PENSAMENTO (DO CÍRCULO) BAKHTINIANO**..... 19
2.1 A RESPONSIVIDADE CONSTITUTIVA DO DISCURSO..... 21
2.2 UNIDADE TEÓRICA NA DIVERSIDADE DE PROBLEMAS ABORDADOS PELO CÍRCULO..... 24
2.3 O JOGO DE PALAVRAS EM TORNO DO VOCÁBULO RESPONSIVIDADE..... 27
2.4 POR UMA ARQUEOLOGIA DA CATEGORIA BAKHTINIANA DE RESPONSIVIDADE..... 30
**2.4.1 Responsividade na fase filosófica de base neokantiana e fenomenológica**..... 31
2.4.1.1 Responsividade em “Arte e responsabilidade” (2003) / [1919]..... 32
2.4.1.2 Responsividade em “Para uma filosofia do ato” (1993) / [1919/1921]. 35
2.4.1.3 Responsividade em “O autor e a personagem na atividade estética” (2003) / [1920-23]..... 41
2.4.1.4 Responsividade em “O problema do conteúdo, do material e da forma na arte verbal” (2010b) / [1924/1975]..... 50
**2.4.2 Responsividade na fase sobre temas intelectuais contemporâneos**..... 52
2.4.2.1 Responsividade em “Discurso na vida e discurso na arte” (1993) / [1926]..... 53
2.4.2.2 Responsividade em “Marxismo e Filosofia da Linguagem” (2002) / [1929] ..... 55
2.4.2.3 Responsividade em “Problemas da poética de Dostoiévski” (2010a) / [1929/1963]..... 62
2.4.2.4 Responsividade em “O discurso no romance” (2010b) / [1934-1935]. 68
**2.4.3 Responsividade na fase sobre teoria do romance e poética histórica**..... 71
2.4.3.1 Responsividade em “Metodologia das ciências humanas” (2003) / [final dos anos 30 e começo dos 40]..... 72
2.4.3.2 Responsividade em “Os gêneros do discurso” (2003) / [1952-1953]..... 75
**2.4.4 Responsividade na fase sobre a metafísica da linguagem**..... 81
2.4.4.1 Responsividade em “O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas” (2003) / [1959-61]..... 82
2.4.4.2 Responsividade em “Os estudos literários hoje (resposta a uma pergunta da revista Novi Mir)” (2003) / [1970]..... 84
2.4.4.3 Responsividade em “Apontamentos de 1970-1971” (2003)..... 87
**Síntese do capítulo**..... 90
**3 LETRAMENTOS E RESPONSIVIDADE**..... 93
3.1 ORIGEM E DESENVOLVIMENTO CONCEITUAL DOS LETRAMENTOS..... 94
3.2 LETRAMENTOS IDEOLÓGICOS..... 99
3.3 LETRAMENTOS RESPONSIVOS..... 104
**3.3.1 A palavra-resposta de Michel Foucault**..... 105
**3.3.2 A palavra-resposta de Paulo Freire**..... 110

**3.3.3 A palavra-resposta de interlocutores (do Círculo) de Bakhtin**..... 117
**3.3.4 Letramentos responsivos como palavra-resposta**..... 122
**Síntese do capítulo**..... 136
**4 METODOLOGIA**..... 139
4.1 A NATUREZA DA PESQUISA..... 141
4.2 O CONTEXTO DA PESQUISA..... 142
**4.2.1 Tensão responsiva no espaço-tempo do Vale do Jaguaribe**..... 144
**4.2.2 A ação da igreja católica no Vale do Jaguaribe**..... 155
**4.2.3 O olhar exotópico da igreja/Cáritas para catadores/as**..... 157
**4.2.4 O contexto de dificuldades que caracterizam o trabalho de catadores/as**..... 161
4.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA..... 164
**4.3.1 O sujeito catador(a)**..... 165
**4.3.2 Catadores e Catadoras de Limoeiro do Norte**..... 167
**4.3.3 O sujeito Cáritas**..... 176
**4.3.4 O sujeito pesquisador**..... 186
4.4 PROCEDIMENTOS DE GERAÇÃO DE DADOS..... 188
4.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS..... 189
4.6 ELEMENTOS DO *CORPUS* DA PESQUISA..... 190
4.7 QUADRO DE CATEGORIAS PARA ANÁLISE DO *CORPUS*..... 193
**Síntese do capítulo**..... 196
**5 ANÁLISE DIALÓGICA DOS LETRAMENTOS RESPONSIVOS ENTRE CATADORES/AS DA ASSOCIAÇÃO BOM JESUS SUL**..... 197
5.1 LETRAMENTOS RESPONSIVOS NO HINO "XOTE DA MARCHA DO POVO"..... 200
**5.1.1 O evento de enunciação do hino "Xote da marcha do povo"**..... 201
**5.1.2 O enunciado concreto do hino "Xote da marcha do povo"** ..... 203
5.2 LETRAMENTOS RESPONSIVOS NOS PRONUNCIAMENTOS EM FAVOR DE CATADORES/AS..... 226
**5.2.1 Os eventos de enunciação dos pronunciamentos de Maria Rubens e de Ronaldo Maia**..... 227
**5.2.2 O pronunciamento de Maria Rubens na implantação da coleta seletiva**..... 231
**5.2.3 O pronunciamento de Ronaldo Maia na Câmara de Vereadores**..... 237
**5.2.4 O pronunciamento de Maria Rubens na Câmara de Vereadores**... 239
5.3 LETRAMENTOS RESPONSIVOS NO SÍMBOLO DO MOVIMENTO NACIONAL DE CATADORES/AS DE MATERIAIS RECICLÁVEIS..... 250
**5.3.1 Os eventos de enunciação do símbolo de catadores/as**..... 251
**5.3.2 O símbolo de catadores/as como enunciado concreto**..... 252
**Síntese do capítulo**..... 269
**6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**..... 272
**REFERÊNCIAS**..... 279
**APÊNDICES**..... 292
APÊNDICE A – REPORTAGENS E VÍDEOS DE CATADORES/AS.. 293
APÊNDICE B O GALPÃO E OS RECURSOS DE CATADORES/AS 295
APÊNDICE C – DIÁRIO DE BORDO..... 299
**ANEXOS**..... 326
ANEXO A – MÚSICAS DA III MARCHA DE CATADORES - QUIXERÉ 327
ANEXO B – CARTAZ DO 18º GRITO DOS EXCLUÍDOS..... 328

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

"O discurso nasce no diálogo como sua réplica viva [...]" (BAKHTIN, 2010b, p. 88).

O trabalho (do Círculo) de Bakhtin é um esforço materializado num contexto de adversidades impostas por regimes totalitários e beligerantes como o governo russo/soviético. Para Clark e Holquist (2008), no Círculo - alcunhado pelo nome de seu membro mais longevo -, havia o grupo dos discípulos (Iudina, Kanaiev, Medvedev, Voloshinov, Zaliéski, Vaguinov) e o dos interlocutores de Bakhtin. Já para Brait e Campos (2009), Miotello (2009) e Wazlawick (2010), o Círculo reuniu-se em prol de questões sobre arte, vida, cultura, sujeito, discurso, texto, ideologia e dialogismo.

Neste trabalho[1] amparado no referencial teórico-metodológico das propostas do Círculo de Bakhtin, o discurso não é tomado apenas como proferimento, mas como toda uma situação dialógica de respeito (daí a opção pelo registro sufixal masculino/feminino sempre que são feitas referências aos/às catadores/as), de interação responsiva e de significação contingente realizada através de gêneros textuais e discursivos (BAKHTIN, 2003) multissemióticos.

Tais gêneros, relativamente estabilizados, significam a realidade e os sujeitos a cada enunciado manifesto e sociossemiotizado, que, por sua vez, corresponde a uma resposta responsável enunciada concretamente em intersecção com a apreciação complementar e sem-álibi do eu em diálogo com o outro.

A esse propósito, é importante notar que, em cada evento dialógico (de interação) e responsivo (de resposta) vivido, os sujeitos manifestam uma compreensão responsiva, ativa, relativamente acabada e, portanto, contingente, com a qual conseguem equilibrar as apreciações que organizam o processo de significação e operacionalização da vida em redor e de organização de seu agir com os outros.

O tema desta pesquisa é a relação entre a linguagem, atrelada ao conceito de compreensão responsiva ativa (BAKHTIN/VOLOSHINOV [2]2002), e os letramentos

[1] Tese orientada pelo prof. Dr João Batista C. Gonçalves e vinculada ao projeto "Por uma pragmática cultural: cartografias descoloniais e gramáticas culturais em jogos de linguagem do cotidiano (PRAGMACULT)", da profª Dra Claudiana Nogueira de Alencar, ambos do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

[2] Nesta tese, a opção política pela notação **Bakhtin/Voloshinov** indica uma dupla autoria, uma bivocalidade constitutiva. A dupla notação tenta evitar o desgaste de uma disputa entre quem escreveu (ou não) materialmente o texto, opção que se coaduna com Brait (1998, p. 171): "O autor é uma instância da produção, do ato, do texto, do discurso".

responsivos, baseados na palavra-resposta de catadores/as apoiados pela Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte, município localizado na região do Vale do Jaguaribe, no estado do Ceará, unidade federativa do Brasil.

A questão geral da pesquisa foi como catadores/as da cidade de Limoeiro do Norte, apoiados/as pela contribuição complementar da Cáritas, organização da igreja Católica, contingenciaram, durante 2015, enunciados concretos através de experiências de letramentos responsivos que ainda ressignificam suas existências e nos quais estes sujeitos produzem (contra-)respostas ativas de resistência às condições de silenciamento e de empobrecimento ao seu redor?

Consequentemente, o objetivo geral foi investigar como os diversos letramentos responsivos contribuíram para catadores/as se engajarem em experiências de letramentos capazes de ressignificar sua condição existencial durante o combate às práticas de silenciamento e de empobrecimento, numa sociedade que não lhes permitiu o exercício de seu protagonismo enquanto sujeitos em processo de reconstituição de seu papel para si e para o contexto de sua cidade.

Já as questões específicas da pesquisa foram:

a. Como se constitui a responsividade em práticas de letramento desenvolvidas por sujeitos da associação de catadores de material reciclável de Limoeiro do Norte?
b. Quais enunciados concretos produzidos por catadores/as favorecem práticas e sentidos menos assimétricos e mais desafiadores diante de sua sociedade?
c. De que maneira os gêneros textuais-discursivos operacionalizados por catadores/as apoiados/as pela Cáritas de Limoeiro do Norte ressignificam o processo de sua luta por um equilíbrio de forças e ressignificam sua relação com os discursos de sua sociedade?
d. Como os enunciados concretos e multissemióticos de catadores/as operacionalizam letramentos responsivos de ressignificação de suas existências e de suas atividades no contexto de Limoeiro do Norte, no Vale do Jaguaribe?

Os objetivos específicos foram, por conseguinte:

a. Analisar como as práticas de letramento efetivam a responsividade manifesta de catadores/as de material reciclável de uma associação de Limoeiro do Norte, apoiados/as pela Cáritas.
b. Identificar os enunciados concretos de catadores/as que favorecem práticas e sentidos menos assimétricos e mais desafiadores diante da sociedade em geral.

c. Refletir acerca do modo como os gêneros textuais-discursivos utilizados por catadores/as apoiados/as pela Cáritas de Limoeiro do Norte lhes oportunizam um processo responsivo de diálogo para ressignificarem os sentidos da luta por um equilíbrio de forças na relação com os discursos de sua sociedade.
d. Investigar como os enunciados concretos e multissemióticos de catadores/as contribuíram para operacionalizarem letramentos responsivos de ressignificação de suas existências e de suas atividades no contexto de Limoeiro do Norte, no Vale do Jaguaribe.

Para responder às questões e atingir os objetivos supracitados, esta tese, está constituída pelas considerações iniciais, pela fundamentação teórica (organizada em dois capítulos), por um capítulo relativo à metodologia (um retrato do contexto da pesquisa e dos sujeitos participantes), outro referente à análise, pelas considerações finais, apêndices (nos quais se encontra o diário de bordo desta pesquisa de cunho etnográfico) e pelos anexos (em que estão materiais utilizados por catadores/a, Cáritas e por este pesquisador).

O primeiro capítulo teórico, centrado na perspectiva do círculo bakhtiniano, procura estabelecer uma arqueologia do desenvolvimento do conceito da responsividade, constitutiva da relação dialógica, ideológica e responsiva entre os sujeitos e destes com os eventos de sua realidade. A responsividade é entendida enquanto fenômeno ideológico e dialógico de linguagem (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2002), atualizado em eventos situados, através da materialidade de cada palavra-resposta enunciada por sujeitos que decidem contribuir com seus pontos de vista.

Portanto, a linguagem é responsiva e existe na interação manifesta entre sujeitos que se respondem sem álibi na vida, consoante Bakhtin (1986, 2003, 2010a, 2010b) e Bakhtin/Voloshinov (1993, 2002). Assim, onde há responsividade manifesta há discurso, gênero e texto organizados como uma palavra-resposta orientada por uma unidade temática, composicional e estilística.

A revisão do estado de arte permite a compreensão de que, no caso dos sujeitos da Associação de Catadores/as Bom Jesus Sul, de Limoeiro do Norte, houve, em 2015, uma vivência da linguagem organizada a partir de letramentos responsivos que permitiram uma tomada de consciência ética e política e uma prática atitudinal questionadora em eventos orientados em torno da palavra-resposta vivificada entre

uma responsividade constitutiva e uma responsividade manifesta, como pode ser depreendido das quatro fases (do Círculo) de Bakhtin.

Já o segundo capítulo teórico, centrado na questão dos letramentos, propõe a existência de uma diversidade de práticas nas quais os sujeitos atuam como interlocutores que se respondem e materializam letramentos nem sempre pautados no domínio institucionalizado da escrita ou da leitura escolarizada.

Ora, as práticas vividas por catadores/as, Cáritas e por este pesquisador indicam que os letramentos responsivos ocorrem quando o eu e o outro se respondem e ressignificam suas apreciações sobre si e sobre suas vidas a partir da operacionalização de recursos multissemióticos por sujeitos no exercício de uma prática textual e discursiva monitorada e capaz de conjugar esforços de combate aos projetos de empobrecimento fortalecidos pelo domínio da leitura e escrita escolarizada exercido por segmentos historicamente mais privilegiados da sociedade.

A esse propósito, convém ressaltar que, para além da prática social da escrita (KLEIMAN, 1995), os letramentos são realidades multissemióticas e multiculturais (ROJO, 2009) manifestas através de textos e discursos como atos ideológicos (sociais e culturais) e dialógicos (de interação) relativamente estabilizados ao longo da história de acordo com a atividade responsiva dos sujeitos.

Portanto, os letramentos ocorrem como enunciados concretamente situados e podem ser considerados politicamente como autônomos ou ideológicos (STREET, 2014). Prova disso é que seu processo histórico de conceitualização (SOARES, 2001) está marcado pelo contato dos sujeitos com as tecnologias de informação e de comunicação e sua relação com o processo de educação (escolarizada) e com a luta por direitos humanos e por cidadania (MORTATTI, 2004).

Consequentemente, a discussão sobre os letramentos ideológicos (STREET, 2014), sobre os letramentos de reexistência (SOUZA, 2009) e sobre a desconstrução do conceito de letramento (CERUTTI-RIZZATTI, 2009) permitem a existência de letramentos responsivos experienciados em 2015 por catadores/as da Associação Bom Jesus Sul de Limoeiro do Norte apoiados/as pela Cáritas.

Dessa forma, as práticas de letramentos responsivos envolvem educação, ação e reflexão (FREIRE, 1979, 1983, 1996, 2013); poder, verdade e saber como efeitos do discurso (FOUCAULT, 1979); texto como enunciado concreto (GONÇALVES; ALVES, 2016), e a realidade de catadores/as (COUTO, 2012) como

um fenômeno translinguístico (BAKHTIN, 2010a), fortalecido pela pragmática dos atos de fala e de corpos como descritos por Bonfim (2011) sobre os Trabalhadores Rurais Sem-Terra em sua luta contra uma realidade que favorece o empobrecimento e o silenciamento de muitos, especialmente de quem não domina o saber escolarizado e/ou não manipula as práticas letradas socialmente mais valorizados.

A metodologia de cunho etnográfico desta pesquisa esteve voltada para as experiências de letramentos vivenciados por catadores/as, Cáritas (entidade da igreja católica) e por este pesquisador em reuniões, manifestações e formações, algumas publicadas para livre acesso em vídeos no *Youtube* para atenderem a uma demanda: a necessidade de visibilidade que catadores/as cobram em seu cotidiano.

Os procedimentos de geração de dados foram baseados no convívio com catadores/as e com Cáritas (como atestado no diário de bordo em apêndice) e as imagens foram conseguidas junto aos arquivos da Cáritas e em vídeos da TV Jaguar de Limoeiro. Já os procedimentos de análise de dados envolvem a realização de uma análise dialógica do discurso enunciado através de textos multissemióticos realizados durante as atividades de catadores/as apoiados pela Cáritas. Nestes materiais, os elementos verbo-visuais, verbais e visuais manifestam palavras-respostas que fortalecem e unificam catadores/as em seu processo formativo e combativo de luta.

No capítulo de análise, três gêneros textuais-discursivos multissemióticos de significação e de interação responsiva constituem o *corpus* de análise: o hino de catadores/as (eminentemente verbo-sonoro-visual), dois pronunciamentos (eminentemente verbo-sonoro-visual) – de Maria Rubens, a Dona Pedinha, então presidente da associação de catadores/as, e de Ronaldo Maia, agente da Cáritas – e o símbolo do Movimento Nacional de Catadores/as (eminentemente não-verbal, mas circundado pelo enunciado “Movimento Nacional de Catadores”) em camisas e em bandeiras. As categorias de análise partem da enunciação e alcançam a unidade temática, a estilística e a composicional de cada gênero enunciado concretamente para equilibrar as relações entre empobrecidos/as e sua sociedade.

Cada capítulo desta pesquisa é finalizado com uma síntese, movimento retórico realizado para ajudar o leitor na tarefa de condensar o já-dito e antecipar o capítulo posterior. Informações mais relevantes estão negritadas para ajudar na leitura do conjunto da obra e marcar o percurso de reflexão e as ênfases deste trabalho.

# 2 O DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO DE RESPONSIVIDADE NO PENSAMENTO (DO CÍRCULO) BAKHTINIANO

> "De fato, só no outro indivíduo me é dado experimentar de forma viva, estética e (e eticamente), convincente a finitude humana, a materialidade empírica limitada". (BAKHTIN, 2003, p. 34)

Qualquer tentativa de reflexão e de ação é uma resposta potencial, realizada de maneira contingente e parcial, numa cadeia *ad infinitum,* por um sujeito que efetiva um máximo acabamento num contexto polifônico de troca, de contato, de interação, de apreciação e de empatia. Tais aspectos relacionam-se à reflexão (do Círculo) de Bakhtin acerca da cadeia da comunicação dialógica e de sua teorização sobre o caráter translinguístico de todo enunciado cocnreto (BAKHTIN, 2010a).

Neste trabalho, o problema da autoria legal e intelectual de textos que levam a assinatura incontestável de Bakhtin e de "textos disputados" por ele e por seus companheiros, Voloshinov e Medvedev, é tomado como uma elaboração polifônica que contribuiu para o desenvolvimento da categoria bakhtiniana da responsividade e para o estabelecimento da ciência Translinguística (termo que evita a confusão com o vocábulo Metalinguística, já consagrado no universo brasileiro como associado a uma das funções da linguagem de Jakobson). Para apresentar a reflexão do Círculo bakhtiniano sobre a responsividade, esta categoria é analisada nesta pesquisa levando em conta a ordem cronológica de elaboração/de publicação das obras originais em russo produzidas pelo grupo.

Ora, a responsividade, enquanto princípio constitutivo das relações dialógicas, é um fenômeno operacionalizável quando manifesto em gêneros textuais e discursivos da vida ordinária (manifestada em pronunciamentos de catadores/as, por exemplo, que respondem aos diálogos enunciados durante as reuniões e formações mediadas pela Cáritas de Limoeiro do Norte – vide diário de bordo) ou da vida artístico-cultural (manifestada no hino e na bandeira de catadores/as) e pode ser arqueologicamente identificada ao longo de quatro fases da produção bakhtiniana, como indicadas por Leite (2011) e por Morson e Emerson (2008).

Tal produção, para Faraco (2009), investiga a relação entre a ideologia, o dialogismo e as ciências da linguagem e do humano a partir de uma "*antropologia filosófica*", para Clark e Holquist (2008, p. 31; grifo dos autores), que pode combater discursos de opressão, de manipulação e de empobrecimento da questão alteritária e da singularidade responsiva entre o eu e o tu, debate encetado pela "filosofia clássica

desde o fim do século XVIII [que] alcançou Bakhtin por intermédio dos neokantianos de Marburgo", consoante Clark e Holquist (2008, p. 103), e que ajudou na compreensão da realidade como um tecido de relações dialógicas.

Essa realidade que significa algo para qualquer sujeito é uma resposta tecida por relações de sentido e vontades semiotizadas pela contribuição responsiva do eu em relação ao outro. Tal resposta é manifesta através de cada palavra enunciada contingentemente, fenômeno alteritário resultante da negociação responsiva de posições entre as vozes e as vivências dos sujeitos.

Toda palavra-resposta ocorre através de um encadeamento discursivo materializado através de diversas possibilidades de letramento com as quais os sujeitos organizam sua relação com o outro e com cada linguagem operacionalizada multissemioticamente com textos verbais (escritos ou orais) ou não-verbais decorrentes da relação entre os sujeitos e destes com as tecnologias de informação e de comunicação disponíveis para significar a realidade e seus sujeitos.

Por seu caráter ideológico e dialógico, os discursos manifestam dicotomias que hierarquizam a relação responsiva entre os sujeitos e reiteram a instituição de uma realidade plena de pobrezas e desigualdades (ARROYO, 2015). Algo que pode ser ressignificado pelo exercício de uma educação popular (BRANDÃO, 1986) e por uma luta pautada *nos* e *pelos* gêneros do discurso (BRANDÃO, 2005).

Tendo em vista tais aspectos, este capítulo procura desenvolver uma arqueologia do conceito bakhtiniano da responsividade, elemento que orienta o processo alteritário de constituição e de significação da realidade e dos sujeitos a partir de um discurso autoral e enunciado através de gêneros textuais e discursivos.

Assim, o capítulo discute o jogo etimológico em torno da palavra "responsividade" – a partir das influências da escola de Marburgo, conforme Campos (2013) – e investe sobre o discurso (do Círculo) de Bakhtin ao longo de quatro fases didaticamente singulares, porém integradas em torno das questões ideológicas e dialógicas que orientam os sujeitos e sua vivência com a linguagem.

Antes disso, este capítulo começa por apresentar a categoria bakhtiniana da responsividade, elemento constitutivo do discurso enunciado por sujeitos que respondem ao outro e ao que já foi dito por meio de uma compreensão responsiva ativa (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2002) manifesta como palavra-resposta empática.

## 2.1 A RESPONSIVIDADE CONSTITUTIVA DO DISCURSO

Na perspectiva (do Círculo) de Bakhtin, o fenômeno da linguagem ocorre como um signo ideológico (social e cultural), dialógico (ético e estético) e cognitivo (relativo à percepção, à memória e à reflexão) operacionalizado *nos* e *através dos* processos de compreensão responsiva dos sujeitos, com os quais a identidade e a singularidade são arquitetonicamente organizadas na tensão entre o estável e o instável da enunciação concreta que fundamenta o ser responsivo do sujeito. Tal fenômeno é acessível e operacionalizável em gêneros discursivos decorrentes do embate entre as ideologias do cotidiano e as oficiais (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2002) ou da ação de um mitológico Jano bifronte, cujas duas faces observam o mundo da cultura e o mundo da vida (BRANDIST, 2002).

Sobre o conceito de responsividade, Brandist (2002) e Clark e Holquist (2008) consideram que a obra (do Círculo) de Bakhtin é coerente sobre os problemas do sujeito, da arte, da vida e da cultura enquanto linguagem enunciada responsivamente a partir de um esquema, identificado por Morson e Emerson (2008, p. 81) como “a prosaística, a não-finalizabilidade e o diálogo”. Tal esquema, por seu turno, consolida-se na eventicidade das escolhas autorais e responsáveis assumidas por sujeitos responsivos e orientados pelo que já ocorreu (os significados dados) e para o que ainda poderá ocorrer (os sentidos tematizados).

Na concepção bakhtiniano-enunciativa[3], sujeito, vida e linguagem são fenômenos organizados e ressignificados pelo esforço de uma consciência axiológica que responde a outra. Esse processo se realiza na refração dialógica, contingente e valorativa da realidade a partir de um projeto apreciativo-compreensivo de significação contingente (cuja estabilidade varia no espaço-tempo) da realidade como linguagem em nível de forma e de conteúdo, de significação (uma manifestação técnica e reiterável) e de tema (uma manifestação contingente); atualizados no ato de uma compreensão responsiva, em uma situação comunicativa concreta, estabelecida entre sujeitos que se posicionam dialogicamente em seus discursos.

[3] A denominação “bakhtiniano-enunciativa” apresenta a questão dos estudos de linguagem baseados no enunciado, ao contrário de outras correntes, que fazem uma opção política por estudos linguísticos desprovidos do papel do eu e do outro na realização de enunciados concretos em contextos situados. Essa denominação também recorda a existência de outros teóricos da enunciação além de Bakhtin, como Benveniste, Ducrot, Authier-Revuz e Culioli, conforme observam Teixeira e Flores (2011).

Por isso, Flores e Teixeira (2009) compreendem o dialogismo como um axioma bakhtiniano para investigação das relações intersubjetivas textualizadas, afinal, “por trás de todo texto encontra-se um sistema compreensível para todos, a língua, que se mantém como potencialidade a ser concretizada no interior de uma enunciação” (*Id., Ibid.,* p. 150) de forma ativa, criativa e responsiva, entendendo a linguística da enunciação como um “princípio epistemológico” (*Id., Ibid.,* p. 162).

Já para Brandist (2002, p. 77), a “organização social dos participantes em diálogo e as condições imediatas de sua interação afetam o tipo de enunciado, o ‘gênero discursivo’ do intercurso verbal no qual a psicologia social existe”[4]; durante a efetivação de compreensões responsivas e responsáveis que ressignificam os sujeitos e seus grupos no nível axiológico-enunciativo da palavra enunciada que semiotiza a realidade e trabalha significados e signos para que o mundo social esteja acessível a sujeitos responsivos e responsáveis e seja compreensível para eles.

Brandist (2002, p. 94) também considera que Bakhtin “segue a tendência neokantiana de tratar indivíduos [...] enquanto portadores de direitos e responsabilidades[5]” que existem a partir de uma compreensão responsiva textualizada pelas tecnologias da comunicação e da informação disponíveis.

No caso dos discursos e lutas de catadores/as de Limoeiro do Norte, a responsividade permite compreender sua organização social e política num contexto de ressignificação de si e do “lixo”. Isso porque, como a existência do Círculo atestou, discurso e luta estão relacionados. Sobre isso, Brandist[6] ([200--?], p. 01) assevera:

> O Círculo de Bakhtin foi uma escola de pensamento russo do século XX centralizada no trabalho de Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975). O Círculo tratou filosoficamente as discussões sociais e culturais colocadas pela Revolução Russa e sua degeneração na ditadura de Stalin. Seu trabalho focou na centralidade das questões de significado na vida social em geral e na criação artística em particular, examinando a maneira como a linguagem registrava os conflitos entre os grupos sociais.

---

[4] “The social organisation of participants in dialogue and the immediate conditions of their interaction affect the type of utterance, the ‘discursive genres’ of verbal intercourse in which social psychology exists”. (BRANDIST, 2002, p. 77, tradução nossa).

[5] “[…] follows the neo-Kantian trend of treating individuals […] as bearers of rights and responsibilities”. (BRANDIST, 2002, p. 94, tradução nossa).

[6] “The Bakhtin Circle was a 20th century school of Russian thought which centered on the work of Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975). The circle addressed philosophically the social and cultural issues posed by the Russian Revolution and its degeneration into the Stalin dictatorship. Their work focused on the centrality of questions of significance in social life in general and artistic creation in particular, examining the way in which language registered the conflicts between social groups.” (BRANDIST, [20--?], p. 01. Disponível em: <http://www.iep.utm.edu/bakhtin/>. Acesso em: 18 maio 2016. (Tradução nossa).

Assim, a linguagem possibilita uma sociedade e um sujeito na tensão entre uma responsividade constitutiva, que permite a existência de linguagem e de sujeitos em contextos situados de apreciação e resposta, e por uma responsividade manifesta na palavra enunciada em gêneros discursivos como uma contra-palavra, como uma resposta autêntica, sem álibi e bivocal (plena da voz do eu e do outro), em em posição de diálogo sensível, pedagógico e responsável que orienta um processo de compreensão responsiva e de significação ideológica e dialógica *ad infinitum*.

Por exemplo, quando catadores/as de materiais recicláveis e sociedade efetivam uma compreensão responsiva e ativa dos processos estratégicos de instrumentalização das consciências e de massificação das vozes, eles/elas combatem a minimização da dialogicidade organizacional e significativa da realidade com uma palavra-resposta responsiva, ética e responsável.

Tanto uma prática monológica quanto uma dialógica (LEIRO, 2005) dependem de uma *práxis* (BARBOSA, [200-?]), isto é, de uma ação ideológica, social, histórica e culturalmente definida na luta responsiva e ética (valorativa e negociada) assumida por sujeitos que materializam sua compreensão responsiva a cada enunciado realizado de maneira contingente, complementar, parcial e transgrediente (situado em um ponto além do enunciador) *para* e *com* o outro.

Desse modo, toda compreensão responsiva possui um acabamento estético e contingente que surge como uma atividade educativa e formativa, na medida em que os sujeitos se respondem e se educam processualmente, de maneira sócio-histórica e ideológico-cultural, consciente e participativa.

Considerando isso, com base em uma concepção enunciativa, é possível observar que a palavra é enunciada como uma palavra-resposta, possibilitando formação, educação e interação a partir de práticas responsivas que organizam a interação humana manifesta a partir de gêneros textuais e discursivos operacionalizados em letramentos; isto é, de manifestação das relações responsivas a partir de textos semiotizados para significar a realidade e os sujeitos.

Na diversidade de problemas abordados nas teorizações (do Círculo) de Bakhtin, cada indivíduo ocupa uma posição singular e não-coincidente com a opinião alheia, pois o sujeito é um autor-protagonista que assume a plenitude de sua compreensão responsiva para significar sua existência com os outros.

## 2.2 UNIDADE TEÓRICA NA DIVERSIDADE DE PROBLEMAS ABORDADOS PELO CÍRCULO

Uma responsabilidade responsiva é realizada numa tomada de posição (sempre a ser definida entre as possibilidade existentes), que favorece a constituição de consciências isônomas e orquestradas – metáfora tão ao gosto do Círculo de Bakhtin, que valorizou termos como *polifonia*, *ritmo* e *entonação*. Estas vozes, por sua vez, interagem nos limites entre a realidade física (privada de axiologia) e a experienciada (acessível aos sentimentos e às reflexões intersubjetivos).

Apesar das controvérsias sobre a autoria de Bakhtin (especialmente na disputa com Voloshinov e com Medvedev), dos problemas de conservação[7] das anotações produzidas por Bakhtin e manuscritas por sua esposa e de sua obra ter sido inicialmente conhecida no Ocidente pelo discurso citado de seus interpretadores, é possível identificar que o conjunto da obra (do Círculo) de Bakhtin trata de questões humanas a partir da ação linguageira de sujeitos que semiotizam e interpretam a realidade da vida e da arte decorrentes da cultura já elaborada e nunca acabada.

Como já mencionado, Bakhtin foi o membro mais longevo do Círculo, que começou a reunir-se na cidade russa de Nevel. Mesmo não havendo um projeto sistematizado, a obra do grupo é uma orquestra de vozes em quatro fases:

**Quadro 1 – Fases da produção teórica (do Círculo) de Bakhtin**

| Período | Fase | Obras características |
|---|---|---|
| De 1918 a 1924 | Fase filosófica neokantiana e fenomenológica | • “Para uma filosofia do ato ético”;<br>• “Autor e personagem na atividade estética”. |
| De 1925 a 1929 | Fase sobre temas contemporâneos | • “Marxismo e filosofia da linguagem” (Voloshinov);<br>• “Freudismo” (Voloshinov);<br>• “O método formal nos estudos literários” (Medvedev);<br>• “Problemas da poética de Dostoiévski”. |
| Década de 1930 | Fase sobre teoria do romance e poética histórica | • “A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais”;<br>• Textos sobre teoria do romance (Organizados no livro “Questões de literatura e de estética”). |
| Décadas de 60 a 70 | Reflexões sobre a metafísica da linguagem | • Textos fragmentários editados postumamente em “Estética da criação verbal”, como “Adendo”, onde está o texto “Os gêneros do discurso”;<br>• Anotações inconclusas. |

Fonte: Leite (2011, p. 50)

[7] No prefácio de “Para uma filosofia do ato” (Bakhtin, s/d, p. 3), Holquist informa que os documentos traduzidos em 1990 como “Art and Answerability” e “Toward a philosophy of the act” estavam na cidade de Sarânsk, na Mordóvia, num “depósito de madeiras, onde ratos e goteiras haviam danificado severamente os blocos de notas nos quais Bakhtin sempre escreveu seus livros”.

Clark e Holquist (2008) e Brito e Leite (2012) descrevem as condições difíceis em que o trabalho e as reuniões (do Círculo) de Bakhtin aconteciam numa Rússia totalitarista pouco propícia a trabalhos pautados no respeito à voz do outro e na consideração axiológica do respeito e do diálogo.

Para Faraco (2009), o projeto do Círculo envolve a elaboração de uma Filosofia baseada na questão axiológica (da apreciação, do ponto de vista, do acento de valor) e a organização de uma teoria das manifestações superestruturais, ou seja, das manifestações ideológicas a partir de uma base não mecanicista e não dogmática que estivesse lastreada centralmente pelo fenômeno da linguagem.

O processo de "compreender não é um ato passivo (um mero reconhecimento), mas uma réplica ativa, uma resposta, uma tomada de posição diante do texto", conforme Faraco (2009, p. 42) que reitera o fato de que a compreensão, a significação e a palavra enunciada estão marcadas, mas não determinadas, dialógica e ideologicamente por um contexto singular e evêntico.

Já para Souza (2014), o trabalho (do Círculo) de Bakhtin sofreu a influência do neokantismo e do existencialismo no tratamento das questões sobre a linguagem. Já Brandist (2002) explica que a obra bakhtiniana sobre Dostoiévski marca a transição do Bakhtin fenomenológico para o Bakhtin da filosofia da linguagem. Em qualquer momento da produção de Bakhtin e dos demais integrantes do Círculo sobre o dialogismo, a responsividade caminhou junto com o processo de compreensão.

No tocante à compreensão, Varejão (2014, p. 99) afirma ser exequível "pensar na defesa de que as tensões entre as múltiplas vozes sociais são ininterruptas e que a responsividade, a *compreensão responsiva ativa,* sim, essa é individual [...]" (grifo do autor) o que não significa que tal compreensão não carregue uma parte do eu que se esforça para responder ao outro e realiza uma intersecção de pontos de vista num ato eminentemente libertador de dogmas e significados já petrificados.

Nas obras (do Círculo) de Bakhtin, o sujeito é compreendido como um ser responsivo orientado em busca de um devir jamais reduzido a nenhum aspecto dissonante da apreciação compartilhada e trabalhada pelo eu e pelo outro. Já a responsividade é concebida como uma atitude de comprometimento e de sensibilidade de interlocutores que partilham sentidos e significados num jogo ideológico e intersubjetivo materializado pelas palavras enunciadas (objeto de reflexão

do livro de autoria disputada entre Bakhtin e Voloshinov[8] sobre marxismo e linguagem) que acentuam as relações dialógicas, compreensíveis do ponto de vista da translinguístico (alvo de estudo do livro de Bakhtin sobre Dostoiévski).

O exercício arqueológico sobre o desenvolvimento do conceito de responsividade reforça a compreensão de que os sujeitos e suas realidades são linguagem dialógica (relacional) e responsiva (prenhe de resposta), que oscila entre ideologias oficiais e do cotidiano, como é o caso das alegres manifestações e formações de catadores/as (vide diário de bordo) diante das hierarquias da sociedade.

Dessa forma, compreender a realidade como dialógica e responsiva é uma contribuição (do Círculo) de Bakhtin para uma existência baseada num compromisso ético e responsável de sensibilidade e de complementaridade de resposta que os sujeitos assumem entre si. Por isso, a palavra "problema", tão recorrente na teorização bakhtiniana, comprova uma luta entre sujeitos em um processo de ressignificação responsiva da realidade entre o dado e o potencial.

Essa luta dialógica pela (res)significação responsiva e responsável da realidade a que os sujeitos se relacionam está comprovada pelos esforços que sujeitos empobrecidos/as da Associação de Catadores/as de materiais recicláveis de Limoeiro do Norte efetivaram através do diálogo com a Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte em 2015 na tentativa de realizar um processo de redefinição do ser de quem vive da catação de resíduos (ainda, estrategicamente, definidos como "lixo" por muitos) em relação aos segmentos mais privilegiados de sua sociedade.

Ao assumir a condição de pensador, de professor e de companheiro, Bakhtin e os demais integrantes do Círculo dialogaram – inicialmente sob a influência da fenomenologia alemã (CAMPOS, 2013) – sobre a vida, a linguagem e o jogo de palavras que atualizam a existência dos sujeitos em meio a uma responsividade constitutiva e uma manifesta numa cadeia de respostas parciais e esteticamente acabadas, o que, inclusive, relaciona-se à definição do termo "responsividade" acerca do papel do ato responsável dos sujeitos e cujo jogo de sentidos é abordado a seguir.

[8] Sobre a questão da autoria disputada (GRILLO, 2009) entre Bakhtin, Voloshinov e Medvedev, há quem considere Bakhtin como alguém que se apropriou de textos e discursos diversos de sua retórica ou interesses epistemológicos (FARACO, 2009). Já Medvedev, MEDVEDEVA e Shepherd (2016) não consideram haver coautoria nos textos disputados. Seria pertinente considerar as obras disputadas como fruto de diálogo entre companheiros. Quanto às divergências entre os textos disputados e à produção inconteste de Bakhtin, o Wittgenstein do **Tractatus Logico-Philosophicus** (a busca pela essência da linguagem) e o das **Investigações Filosóficas** (linguagem como formas de vida) confirmam que uma mesma genialidade pode desenvolver conceitos opostos.

## 2.3 O JOGO DE PALAVRAS EM TORNO DO VOCÁBULO RESPONSIVIDADE

A obra (do Círculo) de Bakhtin é rica pelo potencial epistemológico e também pelos vocábulos utilizados pelo(s) pensador(es), o que resulta em certa oscilação nas traduções dos termos propostos pelo grupo. No caso de responsividade, Bakhtin utiliza "o termo 'reação responsiva' (*otviétnaia reáktsiya*). Em russo, como nas línguas latinas (a palavra em russo é uma apropriação do latim), reação (*reáktsiya*) e resposta (*otviét*) são sinônimos [...]", conforme esclarece Bezerra em notas a Bakhtin (2003, p. 280). Por conseguinte, o vocábulo russo "otvetstvennost" "designa o aspecto responsivo e o da assunção de responsabilidade do agente pelo seu ato", segundo Sobral (2009b, p. 124).

Conforme Granja (2011, p. 01):

> *Responsabilidade* e *respondibilidade* são palavras cognatas. *Responsável* vem do francês *responsable* (1304) 'que garante, que responde', derivado do latim *responsus*, particípio passado de *respondère* 'afirmar, assegurar, responder' para servir de adjunto ao verbo *répondre* 'responder'; forma histórica 1789 *responsavel*, 1813 *responsável*; a datação é para o adjetivo. *Responsabilidade* é a obrigação de responder pelas ações próprias ou dos outros: *responsável* com o sufíxo *–vel* tomado na forma latina *-bil(i)-* + *-dade*; forma histórica 1813 *responsabilidáde*. *Responder* vem do latim *respondèo,es,di,sum,ére* 'afirmar, afiançar, responder por, prometer, responder a um chamado ou a uma citação, apresentar-se, comparecer, dar uma resposta, responder por carta, dar conselhos'; forma histórica 1152 *responda*, século XIII *responder*, século XIII *respõder*, século XIII *respos*, século XIV *respondeo*; pode significar 'ser responsável por', 'responsabilizar-se'. [Houaiss] *Respondibilidade* é a faculdade de responder: *respond(i)* com o sufíxo *–vel* tomado na forma latina *-bil(i)-* + *-dade*; neologismo.

O fato de "responsabilidade" e "respondibilidade" dividirem uma origem comum é um indicativo de como o jogo dos usos de um conjunto de palavras sofre a influência de sujeitos em tensão responsiva, que não podem fugir a uma capacidade/faculdade de responderem algo.

Para o Dicionário Etimológico Online[9], o termo "responsivo" surgiu nos:

> [...] primórdios do século XV [significando] "elaborar resposta", do francês medieval *responsif* e diretamente do latim tardio *responsivus* "responder", do latim *respons-*, particípio passado derivado de *respondere* (ver responder). O significado "responder à influência ou ação" é de 1762. Relacionado: *responsivamente*; *responsividade*. (grifo do autor).

[9] […] early 15c., "making answer," from Middle French *responsif* and directly from Late Latin *responsivus* "answering," from Latin *respons-*, past participle stem of *respondere* (see *respond*). Meaning "responding to influence or action" is from 1762. Related: *Responsively*; *responsiveness*. Disponível em: <http://www.etymonline.com/index.php?l=r&p=28>. Acesso em: 03 fev. 2016. [Tradução nossa).

A característica de um ato realizado (responsivamente) e a definição do tipo de ato (responsivo) são elaborações discursivas e ideológicas marcadas, perceptíveis inclusive no resgate histórico da semântica do termo. Por isso, de acordo com o *blog* "Etimologia e semântica[10]", responsabilidade "significa uma resposta hábil aos estímulos do universo (responso+ hábil+ idade)" ou um esforço estratégico do sujeito que se coloca em posição de escuta para refratar o que ouve.

Se concordarmos com o *site* Significados[11], segundo o qual a palavra **responsabilidade** possui origem latina e se refere à "qualidade do que é **responsável**, ou obrigação de **responder** por **atos próprios** ou **alheios**, ou por uma **coisa confiada**" (grifo do autor), não é possível uma compreensão desvinculada da condição de confiabilidade. Tal condição é organizada e mediada por uma espécie de acordo negociado entre o eu e o outro quando instauram e reatualizam um plano de compreensão sempre contingente e social a partir do ato individual e autoral de resposta ativa que os interlocutores executam estrategicamente.

Ainda sobre o assunto, para o dicionário Michaelis[12], o termo significa:

> ***sf*** (***responsável+i+dade***) **1** Qualidade de responsável. **2** ***Dir*** Dever jurídico de responder pelos próprios atos e os de outrem, sempre que estes atos violem os direitos de terceiros, protegidos por lei, e de reparar os danos causados. **3** O dever de dar conta de alguma coisa que se fez ou mandou fazer, por ordem pública ou particular. **4** Imposição legal ou moral de reparar ou satisfazer qualquer dano ou perda. (grifo do autor).

Portanto, responsabilidade envolve um compromisso a ser conquistado por sujeitos que se posicionam e assumem um ponto de vista. Daí que, no interior da palavra "responder", está o termo latino **spondere** (***spopondi*****,** ***sponsum***) que, significa "garantia" – como em "esposo/a", aquele/a que promete algo de maneira formal[13] – e se relaciona com o termo grego **spendo**, que significa "fazer libação, oferendas, augúrios... por ocasião de alianças, compromissos...[14]"

---

[10] Debate acerca do conceito da palavra "Responsabilidade". Disponível em: <http://palavras-preciosas.blogspot.com.br/2010/05/responsabilidade.html.> Acesso em: 16 maio 2016.

[11] Disponível em: <https://www.significados.com.br/responsabilidade/.> Acesso em: 16 maio 2016.

[12] Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=responsabilidade>. Acesso em: 17 maio 2016.

[13] Disponível em <http://www.dicionarioetimologico.com.br/esposo/>. Acesso em: 17 maio 2016.

[14] Segundo Jota Oliveira (s/d) em seu texto *Sobre Libações*: "A libação, ou *sponde* [...] em Grego Antigo, é o verter de líquidos sobre o altar, no fogo, na terra, sobre árvores ou no mar, rios e lagos. É um ato sagrado inseparável da prática religiosa helênica. [...] vertendo assim o nosso respeito para com o divino. É através da libação que nós validamos nossas palavras, [...]. Sendo o verter do líquido algo irreversível, [...] representa a impossibilidade da reversão daquilo que foi pronunciado. [...] aquilo que foi entornado não pode ser recolhido." Disponível em: http://www.aktaios.com/2012/06/sobre-libacoes.html. Acesso em: 17 maio 2016 (Tradução nossa).

Desse modo, o sujeito responsivo está sensível e amoroso ao outro e exerce uma compreensão responsável e responsiva na vida e na cultura diante da consciência de sua efemeridade e dos efeitos de seus posicionamentos. Prova disso é que o termo em inglês, "responsive"[15], pode ser traduzido como "(capaz de responder/reagir de maneira) ágil, sensível, receptivo, influenciado *para/com* o outro".

Assim, não há como reverter o compromisso do que foi enunciado pelos sujeitos em diferentes manifestações situadas de compreensão. Por isso, a palavra russa "otvetstvennost", em inglês, tem como equivalente as expressões "answerability" ou "responsibility"[16]. O substantivo "answerability" tem como acepções a *responsabilidade* e a *culpabilidade*[17].

Quem é responsivo e responsável realiza um ato corajoso para reagir ao que está posto ao longo do espaço-tempo. Isso porque pode contestar, comparar, reorganizar e elaborar um ponto de vista original por meio de seu discurso, que tanto pode servir para contestar como para reacentuar, para concordar ou para retrabalhar a opinião alheia. Por conseguinte, o líquido vertido (ou o sentido dado) pode orientar um novo ato de verter (de ressignificar).

No máximo exercício dialógico de uma compreensão responsiva e ativa, as escolhas do sujeito intervêm corajosa e responsavelmente sobre seu contexto. Por isso, fazemos opção pelo termo "responsividade", em português, seguindo a tradução de Lahud e de Vieira para *Marxismo e filosofia da linguagem*[18] (Bakhtin, 2002) e a de Paulo Bezerra para *Estética da criação verbal*[19] (Bakhtin, 2003).

Finalmente, após o resgate da etimologia do termo "responsividade", a arqueologia do conceito de responsividade a seguir ajuda a compreender a linguagem, a vida e o sujeito no plano de uma fiança responsiva (colaborativa, ativa, discursiva e relativamente acabada), conforme pensamento (do Círculo) de Bakhtin e opiniões de catadores/as em reuniões com a Cáritas em 2015 (vide diário de bordo).

---

[15] **Responsive**. Disponível em: <http://www.linguee.com.br/ingles-portugues/traducao/responsive.html>. Acesso em: 16 out. 2016 (Tradução nossa).

[16] **Otvetstvennost**. Disponível em: <http://chs.harvard.edu/CHS/article/display/5556>. Acesso em: 16 out. 2016 (Tradução nossa).

[17] **Answerability**. Disponível em: <http://www.thesaurus.com/browse/answerability>. Acesso em: 16 out. 2016 (Tradução nossa).

[18] "a significação [...] se realiza no processo de **compreensão ativa e responsiva** [...] o tema (só é acessível a um ato de compreensão ativa e responsiva)" (BAKHTIN, 2002, p. 132).

[19] "Uma oração [...] não pode suscitar atitude responsiva [...]" (BAKHTIN, 2003, p. 280); "Para a palavra (e consequentemente para o homem) não existe nada mais terrível do que a *irresponsividade*". (*opus cit*, p. 333; grifo do autor).

## 2.4. POR UMA ARQUEOLOGIA DA CATEGORIA BAKHTINIANA DE RESPONSIVIDADE

Bakhtin viveu uma existência marcada por questões diversas. Apesar de ter sofrido com problemas de saúde e ter sido tolhido por problemas típicos dos intelectuais não aceitos por regimes totalitaristas que adotam a perseguição e a punição como instrumentos de dominação, sua vida longeva permitiu-lhe desenvolver suas discussões sobre o dialogismo, sobre a comunicação e sobre a sociabilidade entre o eu e o outro que se percebem interlocutores.

Bakhtin e os membros do Círculo que ficou conhecido por seu nome trabalharam as questões do humano levando em conta a interação entre os sujeitos. Em função disso, a linguagem é um aspecto central de suas teorizações e, dentre as noções trabalhadas na discussão do macro-conceito do dialogismo, a responsividade se destaca como um elemento pertinente para refletir sobre a palavra enunciada.

Para ajudar na compreensão do conceito de responsividade, este trabalho procura realizar um estudo arqueológico de como a referida categoria foi desenvolvida ao longo de quatro fases da produção teórica (do Círculo) de Bakhtin, separadas por motivos didáticos, mas integradas em torno dos problemas de linguagem.

Apesar da intolerância de uma Rússia totalitarista, o Bakhtin dos anos 20 conservou uma atitude coerente em relação ao Bakhtin dos anos 70, apesar de suas condições de trabalho terem variado por conta de perseguições sofridas, dos empregos assumidos para garantir sua subsistência e a de sua esposa e de seu longo hiato nos meios acadêmicos e editoriais vigentes na Rússia stalinista e adjacências.

Em qualquer uma das fases estudadas, o problema do respeito que o eu deve apresentar para com a atitude complementar e responsiva do outro é uma questão basilar para as relações de linguagem, significação e compreensão do que a sociedade a partir de novos posicionamentos para efetivar um processo colaborativo e profundamente maleável, muito similar ao movimento que os integrantes de uma orquestra realizam a fim de tornar exequível e esteticamente significativas atividades que ressignificam uma melodia musical no ato da execução.

As obras de cada fase estão analisadas, para que os elementos da categoria da responsividade sejam apreciados de acordo com a cronologia de elaboração/publicação dos textos originais na Rússia (do Círculo) de Bakhtin.

### 2.4.1 Responsividade na fase filosófica de base neokantiana e fenomenológica

O trabalho desta primeira fase da produção teórica do Círculo de Bakhtin foi marcado pelo objetivo de superar uma discussão pautada nos aspectos técnicos e reiteráveis da linguagem próprios da Linguística e de alargar os estudos da linguagem até aquilo que futuramente será defendido por Bakhtin como aspectos da Translinguística, ciência das relações dialógicas e da compreensão responsiva através de enunciados concretos jamais enunciados sem um novo acento de valor.

Nesta fase, a responsividade é pensada como uma característica do ser na existência, como um fato que demanda a responsabilidade de um sujeito pleno de direitos e responsabilidades e enolvido num processo de compreensão da realidade em seu exercício de linguagem enquanto ato social único e socializador a cada realização particular dos indivíduos em posição responsiva, responsável **e interlocutiva** que passa a integrar um processo de significação marcado por dupla autoria e bivocalidade, pela voz e pela apreciação do eu e do outro.

Assim, a ação concreta que possibilita o exercício da linguagem é o enunciado historicamente situado e ideologizado no espaço-tempo, que possibilita a intercomunicação entre o mundo da vida dada e o mundo da cultura elaborada, no ato de um sujeito buscar responder a outro para compreenderem sua realidade.

A esse respeito, cabe perceber que, ao optar pelo ato concreto enunciado, a reflexão bakhtiniana consegue trabalhar a condição humana a partir da linguagem enquanto um fato no ato; isto é, um fenômeno jamais abstrato nem baseado em idealismos ou em quimeras cientificistas, aspectos estes tão ao gosto das escolas linguísticas que dominavam a produção científica europeia da época[20].

Tal opção não se esgota numa tentativa de reduzir a reflexão sobre a condição da linguagem e a do sujeito a questões lógicas nem fechadas ontologicamente em si mesmas. Ao contrário, o esforço bakhtiniano desta primeira fase apresenta a necessidade de cada um refletir sobre a responsabilidade inalienável de cada sujeito, no estabelecimento de um processo responsivo de ser na vida com o outro, em prol de instâncias de compreensão e de interação dialógica.

[20] Embora o combate formalmente tenha acontecido no texto de **Marxismo e Filosofia da Linguagem**, fica evidente o esforço (do Círculo) de Bakhtin para questionar o subjetivismo idealista (defendido por Wilhelm von Humboldt e Karl Vossler) e o objetivismo abstrato (defendido por Ferdinand de Saussure) como correntes que influenciaram os estudos da linguagem no início do século XX.

2.4.1.1 Responsividade em “Arte e responsabilidade” (2003) / [1919][21]

“Arte e responsabilidade”, na tradução de Paulo Bezerra para Bakhtin (2003), ou “Arte e Respondibilidade”, na tradução de J. Guisburg, para Clark e Holquist (2008), é um texto curto, porém denso, elaborado em 1919, após a Revolução Russa. Este material trata da interação entre vida, arte, cultura e sujeitos realizada dialogicamente no ato concreto de enunciação da palavra autêntica assumida por um eu em resposta ao outro; portanto, num jogo responsivo, tenso e estrategicamente pleno de vida e de vivificação/de renovação dos sujeitos e dos sentidos.

Clark e Holquist (2008, p. 83) asseveram que “entre 1870 e 1920, o neokantismo foi a escola filosófica dominante na Alemanha, numa época em que este país era considerado pela maioria dos russos a pátria da filosofia”. Assim:

> Bakhtin concebe a outridade como o fundamento de toda a existência e o diálogo como a estrutura primacial de qualquer existência particular, representando uma constante entre troca entre o que já é e o que não é ainda. (CLARK; HOLQUIST, 2008, p. 91).

A reflexão bakhtiniana convoca os sujeitos a assumirem a posição de agentes de sentido capazes de reorganizarem as condições políticas e ideológicas vigentes e cristalizadas como algo “*mecânico* [...] se alguns de seus elementos estão unificados apenas no espaço e no tempo por uma relação externa e não os penetra a unidade interna do sentido”, conforme Bakhtin (2003, p. XXXIII; grifo do autor).

Esse posicionamento decorre do fato de que a “unidade interna do sentido” reside na luta por atividades humanas autênticas em eventos apreciativos que afetam os “três campos da cultura humana – a ciência, a arte e a vida” (*Id.*, *Ibid.,* p. XXXIII). A ciência (plano da razão lógica), a arte (plano da organização metodológica) e a vida (plano das interações sensíveis em contínuo contato) constituem os campos pelos quais um sujeito modifica a realidade com uma ação responsável, singular e sensível, ou seja, com uma compreensão responsiva e ativa.

Em “Arte e responsabilidade”, Bakhtin (2003) antecipa todo um conjunto de discussões potencializadas num mundo que acirrou a questão da responsabilidade inalienável de sujeitos que se respondem artisticamente, se organizam e reiteram

[21] Nesta tese, cada obra de Bakhtin possui o ano de publicação no Brasil (entre parênteses) e o de elaboração/publicação do original russo (entre colchetes) indicados no título.

discursivamente uma identidade para si e para seus pares com seus posicionamentos e com suas sensibilidades ideológicas (culturais e sociais).

Este primeiro texto de Bakhtin reforça o problema de toda ação ser um processo pleno da arte e da responsabilidade de um sujeito, que se vale dos recursos disponíveis para significar seu ser e sua consciência, com a finalidade de deixar sua marca num universo inescapável de relações intersubjetivas no qual a responsabilidade delimita percursos de significação plural, ativa e sensível.

Bakhtin (2003) defende que a unidade da responsabilidade unifica ciência, arte e vida num todo que afeta as reflexões em torno do sujeito. Tal unidade promove uma atitude consciente e uma reflexão estratégica do sujeito que conhece e sente um determinado aspecto de sua realidade para responder e, assim, (re)agir com o máximo de acabamento possível aos outros e tecer sua contribuição original e singular no limite entre sua consciência e sensibilidade e a do outro. Sobre esse assunto, torna-se importante ressaltar ainda que toda (re)ação é uma resposta sensível que promove a renovação de um processo de complexificação, já que tanto o eu como o outro ocupam lugares singulares no processo de ser *na e para uma* realidade.

Para demonstrar como as questões que afetam a realidade estão no nível do humano, Bakhtin (2003, p. XXXIV), advoga que “a vida e a arte não devem só arcar com a responsabilidade mútua mas também com a culpa mútua”, já que estão presentes na atitude responsável de cada sujeito quando promove uma tomada sensível, gradual e colaborativa de compreensão responsiva e compartilhada.

No texto em análise, surge um projeto inicial de uma “Arquitetônica da respondibilidade”. Bakhtin (2003, p. XXXIV) defende uma atitude exigente e séria e um sujeito “inteiramente responsável” e consciente de que “todos os seus momentos devem estar não só lado a lado na série temporal de sua vida mas também penetrar uns nos outros na unidade da culpa e da responsabilidade”.

Quando Bakhtin (2003) e o Círculo percebem a dualidade entre culpa e responsabilidade em contextos de interação, esforçam-se por compreender a relação entre forças que estabilizam e que desestabilizam os sentidos da vida, a arte e a vida na tensão entre as vozes em luta responsiva pela renovação dos sentidos.

Bakhtin (2003, p. XXXIV) recorda ser “mais fácil criar sem responder pela vida e mais fácil viver sem contar com a arte”, situação reiterada por um histórico de concentração de renda, de saberes e de verdades e combatida pela argumentação

de que “arte e vida não são a mesma coisa, mas devem tornar-se algo singular em mim, na unidade da minha responsabilidade”. (*Id.*, *Ibid.,* p. XXXIV).

O texto bakhtiniano de 1919 trabalha o problema da responsividade no apelo à responsabilidade de cada sujeito de lutar por um acabamento artístico *na* e *para a* vida. Isso se dá por meio da palavra enunciada dialogicamente por sujeitos que operacionalizam uma enunciação singular e contingente, trabalhada em cada atitude responsável (porque considera os efeitos do eu sobre o outro e vice-versa) e responsiva (porque solícita e sensível a um projeto de dizer/fazer *ad infinitum*).

As considerações do Círculo lastreiam uma discussão possível a partir da materialidade da linguagem enquanto fenômeno que semiotiza (mediatiza a relação entre o sujeito e a realidade enunciável) e significa (opera entre o significado dado e o sentido novo) responsivamente a vida em redor, isto é, as formas de manifestação social e cultural de sujeitos situados e jamais acabados ou fechados em si mesmos.

O texto “Arte e responsabilidade” está associado ao desenvolvimento de uma problemática em torno da integração entre arte e vida, entre cognoscência e sensibilidade, entre **o** sujeito que enuncia e o interlocutor para quem seus esforços estão sempre orientados, por quem os caminhos de sua interpretação singular acabam inevitavelmente passando e sendo refratados através da “unidade da responsabilidade” com a qual os sentidos e os sujeitos são significados.

Este curto texto demonstra o vigor de um pensamento vanguardista que tratou de questões pertinentes para os debates contemporâneos sobre linguagem, identidade e subjetividade, a partir da compreensão do aspecto dialógico do ser na vida artística e cultural e do entendimento de todo ato como um misto de inspiração e de responsabilidade em mútuo e contínuo processo de afetação.

Cobrar um diálogo acerca da responsabilidade como um elemento constitutivo das questões da linguagem e do humano é um caminho efetivo para abordar as manifestações na arte, na vida e na cultura que caracterizam as relações sociais e culturais de sujeitos responsivos e responsáveis.

O texto de Bakhtin acerca da “unidade da responsabilidade” enceta uma discussão em torno do ser responsivo e constitutivo de linguagem e de subjetividade a cada ato responsável de resposta num infinito processo de compreensão responsiva e ativa, partilhado por interlocutores atravessados *nos* e *por seus* atos singulares.

### 2.4.1.2 Responsividade em “Para uma filosofia do ato” (1993) / [1919/1921]

“Para uma filosofia do ato” foi preparado por Bakhtin em 1919/1921 entre as cidades de Nevel e Vitebsk, em um período de agravamento de sua osteomelite. Essa circunstância, no entanto, não o impediu de planejar o trabalho em quatro partes: a primeira sobre o ato como resposta; a segunda sobre autoria; a terceira sobre ética da política e a quarta parte, sobre ética da religião. Estas últimas, perigosas para o contexto da época, acabaram extraviadas.

Esta segunda obra (do Círculo) de Bakhtin, também composta pelo texto editado como “O autor e o herói na atividade estética”, é o menor fragmento do grande projeto bakhtiniano de fazer um tratado sobre “A Arquitetônica da Responsabilidade”. O material encontrado estava fisicamente deteriorado e não foi preparado pelo autor para publicação, segundo Bocharov (*in* BAKHTIN, 1993).

O texto aborda problemas da semiotização e da compreensão ética da realidade enquanto ato singular de caráter situado, evêntico e axiológico entre o eu e outro. Consoante Fiorin (2011), “Para uma filosofia do ato” aborda questões sobre linguagem, pensamento e ideologia vividas por sujeitos singulares e situados em um processo de compreensão responsiva efetivada a cada enunciado responsivo enunciado com uma dada entonação e compartilhada como uma resposta.

Apesar da ausência de uma página de abertura, de um título escolhido pelo próprio Bakhtin, da ilegibilidade ou mesmo ausência de trechos do texto e do caráter de investigação inconclusa, “Para uma filosofia do ato” investiga a temporalidade, a eventicidade e axiologia do ato responsivo que interliga o mundo da vida e o da cultura, a verdade mais geral e a mais particular, a tensão entre a compreensão dada de uma experiência vivida e a vivência de uma experiência singular que tematiza uma nova ação-reflexão. Uma tensão que materializa uma energia renovadora assemelhada ao termo *práxis*, conforme utilizado pelo educador Paulo Freire para desafiar homens e mulheres a se assumirem como sujeitos sociais de resposta.

Além disso, o material traz reflexões sobre o sujeito baseadas em sua ação *para* e *com o* outro a cada ato responsivo marcado por uma autoria. Sua influência está presente em “O autor e a personagem na atividade estética” quando Bakhtin (2003, p. 129) relaciona o “ainda não-ser” à ética e quando enfatiza que a “liberdade ética do ato: [...] determinado pelo ainda-não-ser, pelo antedado dos objetos, dos fins; suas fontes estão no porvir e não no passado, não estão no que existe mas no que

ainda não existe". Essa passagem reforça a ideia de que o sujeito efetiva sua apreciação como ato no aqui e no agora para dialogar com aqueles que já enunciaram suas apreciações. Portanto, o sujeito realiza um ato responsivo para sentir e para compreender a realidade e para responder o já dito.

O ser de todos os sujeitos é constituído por atos responsivos que operam uma renovação *ad infinitum,* para contatar o outro e marcar seus próprios limites sem um álibi, isto é, sem oportunidade de eximir-se de sua responsabilidade. Por isso, em "Para uma filosofia do ato", Bakhtin organiza sua discussão em torno do ato e da responsabilidade como uma realidade enunciada em face do que pode vir a ocorrer quando o eu e o outro assumem uma atitude politizada e democratizadora a partir de uma reflexão consistente, contínua e plural sem álibi ou *Deus ex machina*.

O sujeito responsivo, tal como manifesto pelos discursos enunciados por catadores/as apoiados/as pela Cáritas de Limoeiro do Norte em 2015, é consciente de que cada aspecto de sua existência ocorre como um ato singular e relacional (*para* e *com o* outro) e que exerce sua responsabilidade (FREIRE, 1996) ao combater os mecanismo que instauram e estabilizam a opressão (BRANDÃO, 1986)[22].

Assim, toda compreensão é um ato responsível e situado no evento da interação entre sujeitos engajados num processo de compreensão e de ação contingente, que atualiza os significados e as experiências da realidade circundante. Esse processo se realiza numa lógica característica do que Bakhtin (1993, p. 20) percebe como um "Jano bifronte[23]", orientado entre escolhas políticas e discursivas situadas que oportunizam uma compreensão emancipatória, educativa e alteritária, porque reflete e refrata as experiências entre o tema (o novo) e a significação (o dado).

Essa compreensão, consoante Bakhtin (1993, p. 20), envolve o "plano unitário singular" como resultado da interação entre a responsabilidade do conteúdo

---

[22] Em 2015, a experiência junto a catadores/as e Cáritas de Limoeiro do Norte revelou a existência de discursos que procuram impedir uma "sociedade realmente baseada no princípio de que não há nada mais importante que a criatura humana, a sua dignidade e o seu bem-estar", para recuperar as palavras da personagem Floriano, do romancista Érico Veríssimo (1997, p. 224).

[23] Janeiro, deriva do deus romano Jano e foi instituído por Numa Pompílio (715-672 a.C.).
"[...], Jano é exceção no panteão romano, visto não haver seu correlato entre os gregos. Tampouco [...] nas mitologias indo-européias, [...].
Saturno, destronado por Júpiter e expulso do céu, [...] foi bem recebido por Jano. [...] abençoa seu anfitrião [...], conferindo-lhe o poder de ver o passado e o futuro ao mesmo tempo. [...] com dois rostos numa mesma cabeça, voltados para direções opostas, de modo que suas faces nunca se olham. Uma delas pode ver somente o passado, conquanto a outra antecipa o porvir." Disponível em: <http://www.amigodaalma.com.br/2009/12/27/276/>. Acesso em: 06 fev. 2017.

e a responsabilidade moral do ser, a condição educativa (*opus cit*, p. 21) como uma "experiência vivida [...] um momento constituinte da minha vida – da contínua realização de atos (postuplenie)", porque é uma base para reformulações – e a condição alteritária (*opus cit*, p. 23), como "uma categoria característica de atos ou ações em processo [*postuplenie*] ou do ato realmente realizado (e tudo é um ato que eu realizo – até mesmo o pensamento e o sentimento) [...]".

O pensamento e o sentimento que o eu significa num ato concreto a partir de sua reflexão apreciativa são marcados pela contribuição exotópica do outro a cada resposta constituída *na* experiência do evento que marca eticamente discursos e ações nos campos da vida e da produção artística, científica e tecnológica. A esse respeito, por sinal, Bakhtin (1993, p. 25) recorda que

> [...] o tecnológico, quando divorciado da unidade única da vida e entregue à vontade da lei imanente de seu desenvolvimento, é assustador; pode de tempos em tempos irromper nessa unidade única como uma força terrível e irresponsavelmente destrutiva.

Tal unidade repousa na tensão entre opiniões exotópicas (distanciadas) e empáticas (sensíveis ao outro) "orquestradas" a cada tomada de posição e de acordo com uma arquitetônica (um universo relacional constitutivo e significativo). Assim, o "mais alto princípio arquitetônico do mundo real do ato realizado enquanto uma ação é a contraposição concreta e arquitetonicamente válida ou operativa entre *eu* e o *outro*", segundo Bakhtin (1993, p. 91; grifo do autor).

Dessa maneira, o mundo físico e o dado existe, mas só é acessível a partir de uma apreciação enunciativa e textual atualizada pela arquitetônica do ato responsável, responsivo e ativo concretizado pela vontade autoral de interlocutores responsivos que reconhecem, segundo Bakhtin (1993, p. 30), a "responsabilidade por cada ato integral de sua cognição [...] incluído como *minha* ação" (grifo do autor), isto é, como uma questão responsiva inalienável e atualizada em atos situados.

Portanto, apenas o ato experienciado por enunciadores que assumem um determinado *ethos*[24] enunciativo/atitudinal pode integrar arquitetonicamente cultura e vida na tensão entre a verdade reiterável (*Istina*) e a verdade singular (*Pravda*), entre o dado (centrípeto e estabilizado) e o novo (centrífugo e volátil), que se renova no ato

[24] Conforme Gonçalves (2010; 2015), o conceito de *ethos* pode ser compreendido como uma imagem discursiva que o interlocutor elabora estrategicamente ao se colocar em posição responsiva durante o processo interativo textualizado com o outro como um evento singular.

que “deve adquirir um plano unitário singular [...] no seu sentido ou significado e em seu ser [...] tanto pelo seu conteúdo (responsabilidade especial) como pelo seu Ser (responsabilidade moral)”, de acordo com Bakhtin (1993, p. 20).

Entretanto, a “unicidade única ou singularidade não pode ser pensada; ela só pode ser participativamente experimentada ou vivida”, consoante Bakhtin (1993., p. 30). Isso reforça o papel do “pensamento *participativo*” (*opus cit*, p. 26; grifo do autor) de cada sujeito a partir de uma opção radical por uma compreensão responsiva e ativa capaz de pressionar a sociedade em geral e os grupos de poder a reverem suas posições monovocais (insensíveis à voz do outro). Essa situação é característica, por exemplo, de grupos de catadores/as de recicláveis, quando estes buscam consolidar atos responsivos de diálogo com a sociedade em geral.

Bakhtin (1993, p. 46) afirma que o “ato realizado constitui uma passagem, *de uma vez por todas*, do interior da possibilidade como tal, para *o que ocorre uma única vez*” (grifo do autor) e que o ato existe diante de:

> [...] sua própria verdade (*pravda*) como algo-a-ser-alcançado – uma verdade que une os momentos subjetivo e psicológico, exatamente como une o momento do que é universal (válido universalmente) e o momento do que é individual (real)” (BAKHTIN, 1993, p. 47).

Ademais, não há compreensão desprovida de responsividade nem isenta de apreciações no ato singular e vivencial de um sujeito empaticamente situado em relação ao outro. O ato é marcado por um máximo de acabamento apreciativo e renovador, possibilitado pelo exercício de uma reflexão empática a cada ato-evento vivenciado esteticamente que “pressupõe um outro sujeito, um sujeito da empatia”, conforme Bakhtin (1993, p. 32), cuja apreciação reflete o mundo da cultura.

Bakhtin (1993, p. 40) acrescenta que o “ato realizado é ético apenas quando governado completamente por uma norma moral apropriada que tenha um conteúdo universal”, um conteúdo responsivo, e uma “unicidade historicamente valorativa” (*opus cit*, p. 26), que permite uma “palavra viva, a palavra completa [que] não conhece um objeto como algo totalmente dado [...]” (*opus cit*, p. 50).

Consoante Bakhtin (1993), toda palavra enunciada concretamente é plena de um “tom emocional-volitivo” (*opus cit*, p. 51) assumido individualmente no “*meu não-álibi no Ser* [...] algo que eu reconheço e afirmo de um modo único e singular” (*opus cit*, p. 58; grifo do autor) no processo de uma compreensão responsiva de caráter radicalmente amoroso e empático (FREIRE, 2013), pois “Eu amo um outro,

mas não posso amar a mim mesmo; o outro me ama mas não ama a si mesmo", segundo Bakhtin (*opus cit*, p. 64), ou seja, amar e importar-se é uma ação de um para outro a cada evento da vida em que ocorre há respeito entre os sujeitos.

Para Sobral (2013, p. 21), "os atos e experiências que vivo são momentos constituintes de minha vida, que é assim uma sucessão ininterrupta de atos" partilhados empaticamente com os outros sempre a partir de um novo processo apreciativo, ativo, participativo e singular manifestado como uma resposta, uma tomada de consciência orientada do passado ao futuro, do eu e ao outro.

Essa característica axiológica da compreensão responsiva já havia sido percebida por Bakhtin (1993). Segundo o autor, o "puro dado não pode ser experimentado [...] ele é dado a mim dentro de uma certa unidade de evento" (BAKHTIN, 1993, p. 50), na tensão entre o reiterável e o irreiterável do ato-evento e do Ser-evento que constituem um quadro dinâmico e contingente de ressignificações.

Por exemplo, na sociedade urbana contemporânea e do consumo, os universos discursivos e ideológicos sobre a produção e destinação de resíduos constituem uma experiência diversa para os sujeitos pois, "tudo que tenha a ver comigo me é dado em um tom emocional-volitivo porque tudo é dado a mim como um momento constituinte do evento do qual eu estou participando", segundo Bakhtin (1993, p. 51), sendo marcado na eventicidade da interação de sujeitos que agem pelo "*não-álibi no Ser* [que] subjaz ao dever concreto e único do ato responsavelmente realizado [...] de um modo único e singular" (*Id., Ibid.*, p. 58; grifo do autor).

Apesar disso, forças discursivo-ideológicas monofônicas e opressoras tentam convencer os sujeitos a não perceberem a necessidade de uma atitude responsável, ética e ativa para combater as cisões entre os campos do conhecimento e os da vida e entre os sujeitos, como sugere Bakhtin (1993, p. 74), pois:

> A vida pode ser conscientemente compreendida apenas na concreta responsabilidade. Uma filosofia da vida só pode ser uma filosofia moral. A vida só pode ser compreendida como evento em processo, e não como um Ser enquanto dado. Uma vida que se afastou da responsabilidade não pode ter uma filosofia: ela é, por princípio, fortuita e incapaz de ser enraizada.

Essa citação apresenta, em certa medida, um tom pedagógico e humanístico ao incitar os sujeitos a conviverem de forma harmônica, solidária e responsável a partir do máximo acabamento de suas atitudes/de suas respostas e do lugar único que cada indivíduo ocupa, quando assume o papel de protagonista

amoroso em resposta aos significados do mundo e de seus pares. Isso porque, só “o amor é esteticamente produtivo; apenas em correlação com o amado é possível a multiplicidade plena”, segundo Bakhtin (1993, p. 82), de esforços plurais e vivificantes do Ser-evento de cada sujeito para complementar responsivamente o outro numa dada realidade marcada pelas escolhas apreciativas e responsivas.

Buscar o outro é um ato singular, responsável e orquestrado entre a posição exotópica e complementar de sujeitos éticos que administram realidades, identidades e discursos a partir de verdades construídas e singulares, já que a “verdade (pravda) do Ser-evento contém dentro de si, totalmente, o absolutismo extra-temporal da verdade teórica (istina)”, conforme Bakhtin *(*1993*,* p. 89).

A leitura de “Para uma filosofia do ato” comprova que tudo no plano de compreensão responsiva é uma arquitetônica da resposta e da reciprocidade em ato e em processo promovidas pela atitude volitiva, autoral e criativa de sujeitos companheiros marcados pelo atrito entre o sentido novo (ainda por ser oportunamente efetivado) e o dado (materializado na unicidade de um evento).

Assim, a compreensão responsiva e ativa é manifesta no ato concreto assumido por interlocutores num contexto que ocorre uma única vez até ser apreciado e renovado pela compreensão responsiva e ativa, com a qual os sujeitos se unem de maneira empática, contingente e singular no ato-evento de estar na vida.

Por isso, estar na vida é assumir a condição de um sujeito em posição de resposta, para complementar aquilo que nem o eu nem o outro podem acessar sem um projeto orientado para o estabelecimento de pontos comuns de compreensão, com os quais os interlocutores permutam seus posicionamentos e renovam os significados já dados pela organização de sentidos marcados no espaço-tempo.

*Arte e responsabilidade* foca o problema da “unidade da responsabilidade”. “Para uma filosofia do ato”, enfatiza que cada sujeito existe na vida sem um álibi, para se eximir de sua responsabilidade para com aqueles/as com os quais interage e diante de quem assume posicionamentos e produz sentidos de maneira empática.

As reflexões bakhtinianas valorizam as relações responsivas e responsáveis, ativas e amorosas dos sujeitos nos diversos momentos de realização do Ser-evento entre o eu e outro engajados num projeto de efetivação de enunciados concretos e esteticamente organizados a serem complementados em diálogo infindo.

### 2.4.1.3 Responsividade em “O autor e a personagem na atividade estética” (2003) / [1920-23]

Bakhtin, no texto produzido entre 1920-1923 e intitulado “O autor e a personagem na atividade estética”, responde à discussão sobre a questão da relação responsiva entre o eu e o outro iniciada por ele em seu “Arte e responsabilidade”, de 1919, segundo Queiroz (2013). Além disso, o autor russo prepara uma resposta, a ser complementada com as reflexões do texto de “O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária”, escrito provavelmente entre 1923 e 1924.

Bezerra, nas notas para Bakhtin (2003, p. 423), informa que o trabalho “foi conservado no arquivo de Bakhtin de forma incompleta: falta o manuscrito do primeiro capítulo” e, como o título não foi atribuído pelo autor, o organizador supriu essa lacuna. O prefaciador e estudioso do pensamento bakhtiniano também acrescenta que o texto enfatiza o problema do acontecimento, da distância, do excedente de visão transgrediente para a relação evêntica do eu e do outro “no acontecimento real da comunicação”. (*Op. cit.,* p. 426).

“O autor e a personagem na atividade estética” foi produzido (mas não preparado para edição) por Bakhtin e apresenta uma argumentação de caráter amplo e filosófico para constituição de questões em torno da relação enunciativa entre linguagem, sociedade e sujeito nos escritos futuros dos membros do Círculo.

Para Faraco (2009, p. 22), em “O autor e herói na atividade estética”[25] e em “O problema do conteúdo, do material e da forma na arte verbal”, Bakhtin desenvolve “toda uma reflexão estética assentada na responsividade axiológica, [...] dando especial destaque ao fato de que a *entonação* (a tomada de posição) é o chão comum do enunciado na vida e na arte” (grifo do autor).

Assim, a entonação atua como um fator de significação e de constituição das relações responsivas possibilitadoras da comunicação, da interação e da luta pela constituição de relações de poder, verdade e saber[26] assumidas no cotidiano como uma resposta responsável que os sujeitos operam ideológica e dialogicamente.

---

[25] A tradução de Faraco (2009) difere da tradução de Bezerra para Bakhtin (2003) – aqui eleita.

[26] Poder, verdade e saber são construtos discursivos e ideológicos em interação e de caráter produtivo e ressignificador dos sentidos ou de caráter repressivo e estabilizador de significados. Afetam e orientam de maneira contingente o comportamento e a compreensão que os sujeitos elaboram ao longo do espaço-tempo. Quando estrategicamente manipulados por determinados grupos, fomentam relações assimétricas que favorecem uns e não outros, em virtude do caráter monovocal dos processos discursivos que marcam certas relações sociais e históricas dos sujeitos. Para maiores esclarecimentos a esse respeito, consultar Oliveira (2014).

O eu e o outro alternam suas posições apreciativas, como autores ou como personagens, e atualizam o caráter dialógico da linguagem ideológica (social e cultural) e dialógica (ética e estética) que organiza os mundos da vida e da cultura atravessados pela luta político-ideológica travada entre discursos de grupos com maior nível de organização e grupos ainda em desenvolvimento.

A compreensão responsiva e ativa que combate os significados autoritários dos grupos de poder e de verdade estabelecidos é um fenômeno autoral, material e contingente. No caso de catadores/as de Limoeiro do Norte apoiados/as pela Cáritas para um processo de diálogo com os segmentos mais organizados de sua sociedade local, suas opiniões e respostas singulares e responsáveis estão orientadas *para o*/*pelo* outro, de tal forma que, nos termos de Bakhtin (2003, p. 4):

> O autor não encontra de imediato para a personagem uma visão não aleatória, sua resposta não se torna imediatamente produtiva e de princípio, e do tratamento axiológico único desenvolve-se o todo da personagem: esta exibirá muitos trejeitos, máscaras aleatórias, gestos falsos e atos inesperados em função das respostas volitivo-emocionais e dos caprichos de alma do autor; através do caos de tais respostas ele terá de inteirar-se amplamente da sua verdadeira diretriz axiológica, até que sua feição finalmente se constitua em um todo estável e necessário.

Por exemplo, catadores/as de materiais recicláveis que participam de práticas não escolarizadas de letramento constituem uma parcela da sociedade marcada por histórias e por tonalidades volitivo-emocionais singulares que ainda busca apresentar a diretriz axiológica e produtiva de seus discursos para os demais segmentos da sociedade. Com isto, torna-se possível que esses sujeitos alcancem a condição de autores no exercício de uma compreensão responsiva e ativa e pelo exercício de uma resposta total. No tocante à interação entre a compreensão responsiva, o tom volitivo e o vivenciamento para o evento de uma resposta ativa e autoral, esteticamente acabada, total e partilhada, informa Bakhtin (2003, p. 5) que:

> [...] a resposta total, que cria o todo do objeto, realiza-se de forma ativa, mas não é vivida como algo determinado, sua determinidade reside justamente no produto que ela cria, isto é, no objeto enformado; o autor reflete a posição volitivo-emocional da personagem [...] o autor cria, mas vê sua criação apenas no objeto que ele enforma, isto é, vê dessa criação apenas o produto em formação e não o processo interno psicologicamente determinado. São igualmente assim todos os vivenciamentos criadores ativos: estes vivenciam o seu objeto e a si mesmos no objeto e não no processo de seu vivenciamento [...]".

No referido manuscrito, Bakhtin (2003, p. 4) trata, ainda, do problema da resposta do eu ao outro, do autor ao herói, à personagem, da resposta

“especificamente estética [...] ao todo da pessoa-personagem [que] reúne todas as definições e avaliações ético-cognitivas e lhes dá acabamento em um todo concreto-conceitual singular e único e também semântico” (*idem*, *ibidem*); da qual resulta uma compreensão responsivamente marcada por “um caráter criador, produtivo e de princípio” (*idem*, *ibidem*), porque condensa um máximo de acabamento estético no processo de vivenciamento ativo e de significação da vida.

Essa vida apreciada ocorre em contextos singulares no espaço-tempo e é materializada como uma palavra-resposta total e ativa (qualidade tratada em BAKHTIN, 2002) do eu com o outro, em prol de uma compreensão responsiva enquanto reação evêntica e autoral. Daí enfatizar Bakhtin (2003, p. 6) que:

> [...] caráter criativamente produtivo do autor e sua resposta total à personagem; [...] ele [o autor] é a única energia ativa e formadora, dada não na consciência psicologicamente agregativa, mas em um produto cultural de significação estável, e sua reação ativa é dada na estrutura – que ela mesma condiciona – da visão ativa da personagem como um todo, na estrutura da sua imagem, no ritmos do seu aparecimento, na estrutura da entonação e na escolha dos elementos semânticos.

Desse modo, a realidade é uma resposta responsiva (polifônica, ativa, autoral e apreciativa) do eu ao outro no “acontecimento ético e social da vida”, conforme Bakhtin (2003, p. 9), que combate o problema do isolamento e do sujeito autossuficiente, qualidades que historicamente serviram para o estabelecimento de uma sociedade consumista e individualista nesta realidade contemporânea.

Por isso, Bakhtin (2003, p. 11) defende que:

> Não posso viver do meu próprio acabamento e do acabamento do acontecimento, nem agir; para viver preciso ser inacabado, aberto para mim – ao menos em todos os momentos essenciais –, preciso ainda me antepor axiologicamente a mim mesmo, não coincidir com a minha existência presente.

O problema do inacabamento, do excedente de visão, da axiologia e de o sujeito “tornar-se outro em relação a si mesmo, olhar para si mesmo com os olhos do outro” (BAKHTIN, 2003, p. 13) defende um “horizonte” de compreensão responsiva e ativa entre consciências e apreciações distintas, pois, para Bakhtin (2013, p. 21):

> Quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem. Porque em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar [...]. Quando nos olhamos, dois diferentes mundos se refletem na pupila dos nossos olhos”.

Mais uma vez, a atividade de catadores/as que participam de situações de letramento em 2015 para criarem arenas responsivas de diálogo com a sociedade e para politizarem de forma mais consciente, efetiva e responsável sua profissão e seus discursos serve de ilustração para pensarmos a questão da relação eu-outro.

Apesar dos significados estabilizados de modo oficial e centrípeto, catadores/as engajados/as em práticas politizadas de diálogo e manifestação realizam um tipo de letramento e de responsividade pela apreciação transgrediente de um outro eu em relação a si, "seja na categoria do *eu-para-mim*, seja na categoria do *outro-para-mim*" (BAKHTIN, 2003, p. 22) já que o "primeiro momento da atividade estética é a compenetração: eu devo vivenciar – ver e inteirar-me – o que ele vivencia, colocar-me no lugar dele, como que coincidir com ele" (*Op. cit*, p. 23), para compreender a inteireza artística (pictural) e mutável (plástica) entre a imagem do eu (autor) e a do outro (herói) a cada evento de interação manifesto como palavra-resposta.

Por esse raciocínio, a questão da compreensão responsiva repousa no que apenas o outro pode acrescentar de seu lugar exotopicamente privilegiado ao que o eu não pode abarcar por completo. Isso porque, para recuperar as palavras de Bakhtin (2003, p. 32), "a imagem externa deve englobar, conter e concluir o todo da alma – o todo da minha diretriz volitivo-emocional e ético-cognitiva no mundo; essa função, a imagem externa comporta para mim apenas no outro [...]".

No caso da "alma", Bakhtin (2003) indica o potencial das relações responsivas entre indivíduos organizados para a ressignificação de uma sociedade mais democrática e dialógica, em virtude de o sujeito possuir "uma necessidade estética absoluta do outro, do seu ativismo que vê, lembra-se, reúne e unifica, que é o único capaz de criar para ele uma personalidade externamente acabada". (*Id., Ibid.,* p. 33).

Portanto, sujeitos que vivenciam uma prática responsiva reconhecem que o "outro me é todo dado no mundo exterior a mim como elemento deste, inteiramente limitado em termos espaciais; em cada momento dado eu vivencio nitidamente todos os limites dele [...]" (*Id., Ibid.,* p. 34) e que "não posso amar a mim mesmo como se amasse o outro, de forma imediata" (*Id., Ibid.,* p. 44), pois, para Bakhtin (2003, p. 45):

> Não posso amar o próximo como amo a mim mesmo, [...] não posso *amar* a mim mesmo como amo o próximo, posso apenas transferir para ele todo o conjunto de ações que costumo realizar para mim mesmo. [...]. A autopreservação é uma diretriz volitivo-emocional fria, totalmente desprovida de quaisquer elementos de amor-carinho e estética. (grifo do autor).

Desse modo, práticas volitivas não-empáticas mitigam a compreensão responsiva e impedem o eu de perceber, como Bakhtin (2003, p. 47), que “Eu experimento uma necessidade absoluta do amor, que só o outro pode realizar interiormente a partir de seu lugar singular *fora* de mim” (grifo do autor) e que “Só o outro *está personificado* para mim em termos ético-axiológicos. Neste sentido, o corpo não é algo que se baste a si mesmo [...]” (*Id., Ibid.,* p. 47; grifo do autor).

Bakhtin (2003) aborda o problema do perdão como atitude responsiva. Ele assevera que o “homem mesmo pode apenas arrepender-se, só o outro pode perdoar” (*opus cit,* p. 53). Além disso, explica que o próprio eu chega a ser um outro de si mesmo: “a percepção de mim mesmo como outro [...] meu duplo, que irrompe em minha autoconsciência” (*opus cit*., p. 55), como um espelho dinâmico que reflete e refrata uma resposta aos eventos, nos quais “cada participante ocupa sua posição única na totalidade do acontecimento, e essa totalidade [...] pressupõe um ponto de distância em relação a cada um e a todos juntos”. (*opus cit.,* p. 60).

Como a compreensão responsiva está unida a uma tomada de posição e a uma disposição da vontade de um sujeito que existe e age num contexto social e histórico, a “diretriz volitivo-emocional, em cada momento dado, encontra sua expressão no ato (ato-ação e ato-palavra) [...]”, segundo Bakhtin (2003, p. 64), cujas considerações ainda reiteram a conjugação entre empatia e vivenciamento, de tal forma que, segundo a opinião (do Círculo) de Bakhtin (*opus cit*, p. 75):

> [...] a vida objeto da empatia simpática não se enforma na categoria do *eu* mas na categoria de *outro*, como vida do outro, de outro *eu*, é a vida do outro vivenciada essencialmente de *fora*, tanto a vida *exterior quanto a interior* [...]” (grifo do autor).

À discussão sobre a unidade da responsabilidade em “Arte e responsabilidade”, Bakhtin (2003) acrescenta, no manuscrito “O autor e a personagem na atividade estética”, uma argumentação em torno da produtividade da distância para as relações responsivas entre sujeitos ativos e responsivos – situação comprovada pelas opiniões de catadores/as sobre seu diálogo com a Cáritas (vide diário de bordo) em relação ao processo formativo e combativo realizado em 2015. Para , Bakhtin (2003, p. 76):

> O homem integral é produto de um ponto de vista estético criador e só deste; a cognição é indiferente aos valores e não nos oferece um homem singular concreto; o sujeito ético, por princípio, não é único (o imperativo propriamente ético é vivenciado na categoria do *eu*), o homem integral pressupõe um sujeito esteticamente ativo e situado fora dele [...].

Em acréscimo, Bakhtin (2003, p. 82) assevera que a “forma [estética] é fundamentada do interior do *outro*” (grifo do autor), em ações-respostas assumidas e identificadas por um conjunto axiológico e esteticamente acabado como “resposta que cria valores que por princípio são transgredientes à personagem e à sua vida mas mantém com elas uma relação essencial” (*Id.*, *Ibid.*, p. 82).

Uma atividade responsiva e responsável é fundamentada na interação entre os sujeitos, pois apenas o outro pode contribuir para um acabamento impossível de ser alcançado pelo eu individualizado. Aliás, como observa Bakhtin (2003, p. 93), “Todos os vivenciamentos interiores do outro indivíduo [...] são por mim encontrados *fora de* meu próprio mundo interior [...] fora de meu *eu-para-mim*; eles são *para mim na existência*, são momentos da existência axiológica do outro”. (grifo do autor).

Portanto, a efetivação de uma compreensão responsiva e ativa depende do ato de “estabelecer o caráter da relação volitivo-emocional com minha própria determinidade e com a determinidade interior do outro indivíduo e, acima de tudo, com a própria existência dessas determinidades [...]” (*Id., Ibid.,* p. 94). Especialmente pelo fato de que o sujeito responsivo não existe isolado do outro, embora haja uma necessária distância complementar que fortalece um “enfoque axiológico ativo” (*Id., Ibid.,* p. 95), porque “[...] minha vida é a existência que abarca no tempo as existências dos outros” (*Id., Ibid.,* p. 96); uma vez que, por conta do inacabamento, “[e]u mesmo sou a condição de possibilidade de minha vida, mas não sou seu herói no plano dos valores” (*Id., Ibid.,* p. 97), considerando o fato de que outros sujeitos executam papeis específicos que influenciam responsivamente a vida do eu.

É a existência de sujeitos situados em posições diversas e exotópicas que impede um acabamento definitivo para o jogo entre palavra e contra-palavra e favorece a mutabilidade ativa, consciente e volitiva das relações dialógicas, pois o “sentido não nasce nem morre; [...]. Todo acabamento é um *deus ex machina* para a série vital orientada de dentro para a significação do sentido”, (BAKHTIN, 2003, p. 99; grifo do autor) e que “O outro sempre se contrapõe a mim como objeto, sua imagem externa está no espaço, sua vida interior, no tempo”. (*Id., Ibid.,* p. 100).

Bakhtin (2003) trabalha o problema da compreensão responsiva ao insistir na relação da outridade (a partir da resposta que um sujeito executa *para* e *com* o outro no evento *ad infinitum* da existência). O autor o faz também quando afirma que apenas “no mundo dos outros é possível o movimento estético, movimento do enredo, dotado

de valor próprio" (BAKHTIN, 2003, p. 102) e que é necessário que o eu se transforme num "outro em face de [si] mesmo, [...] nesse mundo de valores [...]" (*Id., Ibid.*, p. 103), que constantemente é reorganizado de maneira evêntica e ética pelo "peso axiológico do *eu* e do *outro*". (*Id., Ibid.,* p. 104; grifo do autor).

As experiências de vida (do Círculo) de Bakhtin indicam que práticas responsivas e responsáveis de compreensão e de diálogo combatem sistemas discursivos de opressão e de empobrecimento, pois o "que no *outro* é aperfeiçoamento (categoria estética), em mim é novo nascimento". (BAKHTIN, 2003, p. 111; grifo do autor) situado entre uma verdade (*pravda*) e outra verdade (*istna*), já que num "acontecimento singular e único da existência, é impossível ser neutro". (*opus cit,* p. 118) ou assumir atitudes desvinculadas de um posicionamento responsivo, já que, novamente, conforme Bakhtin (*opus cit*, p. 109-110):

> Na existência interior do outro vivenciada por mim (vivenciada ativamente na categoria de *alteridade*), a existência e o imperativo não estão rompidos nem são hostis mas estão organicamente vinculados, situados no mesmo plano axiológico; o *outro* cresce organicamente no sentido. (grifo do autor).

Esse binômio "vinculação" e axiologia reforça o fato de que uma compreensão responsiva é um fator alteritário de humanização dos sujeitos e um aspecto constitutivo das relações dialógicas entre a palavra do eu e a do outro no mundo da vida e no mundo da cultura, na medida em que, para Bakhtin (2003, p. 117-118):

> [...] *eu* e o *outro* nos encontramos mutuamente na contradição absoluta do acontecimento: onde o outro nega a si mesmo dentro de si e ao seu dado-existência, de meu lugar único no acontecimento da existência eu afirmo e consolido axiologicamente a presença dele que ele mesmo nega, e para mim essa mesma negação é apenas um momento dessa sua presença. [...] Ninguém pode ocupar uma posição neutra em relação a *mim* e ao *outro*; o ponto de vista abstrato-cognitivo carece de um enfoque axiológico, a diretriz axiológica necessita de que ocupemos uma posição singular no acontecimento único da existência, de que nos encarnemos. Todo juízo de valor é sempre uma tomada de posição individual na existência; até Deus precisou encarnar-se para amar, sofrer e *perdoar*; teve, por assim dizer, de abandonar o ponto de vista abstrato sobre a justiça. (grifo do autor)

A presença ativa e responsiva do eu para o outro e vice-versa permite aos sujeitos acentuarem seu distanciamento relacional perante a "posição axiológica do outro" (BAKHTIN, 2003, p. 141), isto é, diante da "autoridade da posição axiológica do outro" (*opus cit*, p. 149). Uma consequência disso é a possibilidade de questionamento dos discursos monovocais de opressão que silenciam os/as empobrecidos/as.

Para tanto, segundo Bakhtin (2003, p. 137), “devemos reagir [...] com nosso ato responsivo” e trabalhar um “futuro em perspectiva do acontecimento” (*Id., Ibid.,* p. 137). Para o autor, “aquilo que eu gostaria de ser na consciência amorosa do outro, por minha imagem antecipável, que deve ser criada de modo axiológico nessa consciência [...]” (*opus cit*, p. 144) relaciona-se, por sua vez, a uma atitude amorosa e sensível que favoreça uma compreensão responsiva em torno da “existência axiológica da alteridade em mim” (*opus cit,* p. 146).

Em “O autor e a personagem na atividade estética”, distância não significa isolamento de sujeitos em relação ao “plano da consciência axiológica do outro”, (BAKHTIN, 2003, p. 148), mas, sim, uma condição para uma compreensão responsiva e transgrediente. Esse processo é baseado na contribuição dos sujeitos, sempre marcados por “traços transgredientes” (*Id., Ibid*., p. 149) e por “uma posição de distância” (*Id., Ibid.,* p. 149), a qual favorece a “tipicidade extra-semântica, o colorido” (*Id., Ibid.,* p. 149) e influenciam a compreensão responsiva executada por interlocutores que se influenciam mutuamente no “contexto axiológico da atualidade do passado ao futuro” (*Id., Ibid.,* p. 149) e, com isso, instauram processualmente suas singularidades. Isso porque, para Bakhtin (2003, p. 174):

> [...] só o outro como tal pode ser o centro axiológico da visão artística e, consequentemente, também o herói de uma obra, que só ele pode ser essencialmente enformado e concluído, pois todos os elementos do acabamento axiológico – do espaço, do tempo, do sentido – são axiologicamente transgredientes à autoconsciência ativa, estão fora da linha de uma relação axiológica consigo mesmos [...]. A relação axiológica comigo mesmo é absolutamente improdutiva em termos estéticos, eu para mim sou esteticamente irreal. Posso ser apenas portador da tarefa da informação e do acabamento artísticos mas nunca o seu objeto – a personagem

Bakhtin reforça a existência de uma responsividade constitutiva de toda compreensão esteticamente autoral em relação axiológica à posição do herói; ou seja, os sujeitos executam atos de compreensão de uma porção da realidade com base em uma entonação, em um acento apreciativo influenciado *para o*/*pelo* outro.

Exemplo da influência do outro refratada pela voz do eu é o conjunto de discursos enunciados concretamente por cada catador/a que participou das formações junto aos agentes da Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte em 2015 (vide diário de bordo) para fortalecerem o processo de ação e de reflexão necessário para ressignificarem sua luta por respeito e por dignidade para o ser individual de cada um/a e para o ser de cada trabalhador/a engajado na atividade laboral de catação.

Uma compreensão responsiva não significa a imediata libertação de todos os grilhões discursivos que impedem uma melhoria na qualidade de vida de sujeitos empobrecidos pela carência de recursos há muito dispostos nas mãos de uma parcela mais abastada da sociedade capitalista do consumo.

Todavia, no caso de sujeitos empobrecidos/as, a compreensão responsiva permite a visualização de outras perspectivas como o fato de que o preço atribuído aos itens da catação de recicláveis deve ser negociado a partir do vendedor (quem cata) e não do comprador (quem compra e atravessa o contato entre catadores/as e indústrias de reciclagem) como indicam as palavras enunciadas durante as formações e manifestações responsáveis por politizarem suas palavras-atos-respostas.

Assim, existir é compreender a partir de uma atitude responsiva e volitiva no processo de refração e de significação a realidade, questão desenvolvida em "Marxismo e filosofia da linguagem" e em "O autor e a personagem na atividade estética". Neste, mais especificamente quando Bakhtin (2003, p. 177) afirma que "em um novo plano axiológico do mundo, nascem um novo homem e um novo contexto axiológico – o plano do pensamento sobre o mundo humanizado", de acordo com o "*sentido da ponderabilidade axiológica*" (*Id., Ibid.,* p. 184; grifo do autor)

Quando Bakhtin (2003, p. 189) afirma não existir "uma posição de distância segura, tranquila, inabalável e rica", ele recorda a impossibilidade de uma posição isenta dos efeitos das trocas responsivas ou estabilizada sempiternamente, pois não há sujeito livre da complementaridade responsiva e transgrediente do outro.

Assim, o que é possível acessar e refratar da realidade circundante é algo preenchido de uma voz alheia integrada a voz do eu. Portanto, todas as palavras e significados que organizam o mundo da vida e o mundo da cultura está realizado como um produto bivocal, ou seja, como uma palavra que responde ao já-dito através de um plano axiológico renovado pela disposição consciente e volitiva do eu e do outro.

A discussão realizada a partir das palavras (do Círculo) de Bakhtin reforça a urgência de uma prática mais humanística e sedimentada na preservação distinta da posição do eu e da posição do outro em prol de uma compreensão ativa, responsiva e responsável orientada para e pelas condições jamais neutras da vida em que as relações sociais e culturais dos sujeitos acabam se desenvolvendo na proporção em que variam as relações entre o conteúdo, o material e a forma da palavra enunciada.

### 2.4.1.4 Responsividade em “O problema do conteúdo, do material e da forma na arte verbal” (2010b) / [1924/1975]

Para marcar uma posição diante da corrente formalista russa da época de sua produção, o texto “O problema do conteúdo, do material e da forma na arte verbal” traz uma discussão baseada na axiologia e no fato de que os enunciados ocorrem como “ato cultural [que] vive por essência sobre fronteiras” (BAKHTIN, 2010b, p. 29). Isso se dá graças a seu potencial sígnico-lógico e dialógico, jamais imanente ou transcendental e sempre realizado na contingência de palavras e de gêneros textuais e discursivos significativos, atualizados a cada evento de interação responsiva.

Bakhtin (2010b, p. 46) trabalha o conceito de enunciado, explicando que:

> A linguística só é uma ciência na medida em que domina o seu objeto: a língua. A língua é definida linguisticamente por um pensamento puramente linguístico. Um enunciado isolado e concreto sempre é dado num contexto cultural e semântico-axiológico (científico, artístico, político, etc.) ou no contexto de uma situação isolada da vida privada; apenas nesses contextos o enunciado isolado é vivo e compreensível: ele é verdadeiro ou falso, belo ou disforme, sincero ou malicioso, franco cínico, autoritário e assim por diante. Não há enunciados neutros, nem pode haver; mas a linguística vê neles somente *o fenômeno da língua, relaciona-os apenas com a unidade da língua*, mas não com a unidade do conceito, de prática de vida, da História, do caráter de um indivíduo, etc. (BAKHTIN, 2010b, p. 46; grifo do autor).

Tomando esse excerto, é possível observar que, quando Bakhtin (2010b, p. 146) trata de língua e de linguagem, a categoria de responsividade aflora na relação alteritária de sujeitos ativos e criativos que operam a tensão entre o significado (reiterável) e o tema (irreiterável), na diversidade de interpretações estabelecidas nos acontecimentos que caracterizam e significam a realidade e o sujeito responsável e responsivo. Os atos desse sujeito se apresentam com um matiz criativo, volitivo e empático para o futuro, de modo que Bakhtin (2010b, p. 60) assevera que

> O conteúdo de uma obra é como que um fragmento do acontecimento único e aberto da existência, isolado e libertado pela forma, da responsabilidade ante o acontecimento futuro, e, portanto, tranquilo, autônomo, acabado no seu todo, tendo absorvido a natureza isolada na sua tranquilidade e na sua auto-suficiência.

O trecho acima analisa o ser alteritário de sujeitos singulares na “unidade de um acontecimento da vida axiologicamente significativo, esteticamente formalizado e acabado (fora da forma estética, ele seria um acontecimento ético, no interior de si mesmo não poderia, em princípio, ser acabado)”, segundo Bakhtin (2010b, p. 53).

No caso da responsividade constitutiva de cada evento de dialogicidade, os sujeitos responsivos manipulam mecanismos ideológicos (sociais e culturais) e dialógicos (éticos e estéticos) com todo o vigor de uma axiologia empática e transgrediente (exotópica e complementar), realizada como enunciado concreto carregado de máximo acabamento para o Ser-evento da compreensão responsiva.

Desse modo, todo projeto enunciativo axiológico, acabado e efetivado com o uso de quaisquer recursos sociossemióticos, está relacionado a interlocutores ativos e engajados para, segundo Bakhtin (2010b, p. 59), "fazer do que é visto, ouvido e pronunciado a expressão da nossa relação ativa e axiológica, [...] *como criador no que se vê, ouve e pronuncia*, e desta forma superar o caráter de coisa [...]" (grifo do autor), que tenta coibir o exercício de práticas responsivas mediadas pela consciência axiológica do eu em função do outro em contextos situados.

Além disso, Bakhtin (2010b, p. 59) considera que "a forma é a expressão da relação axiológica ativa do autor-criador e do indivíduo que percebe" e, assim, responde alguém num ato responsivo do Ser-evento, no qual ocorre a manifestação plena e total do esforço de máximo acabamento do sujeito responsivo. O Ser-evento único e irrepetível da existência corresponde à palavra enunciada e responsiva, que é plena de vontade, de autoria, de destinatário e de sentido materializados em gêneros político-discursivo-enunciativos, um fenômeno que Bakhtin (2010b, p. 62) apresenta como marcado por cinco elementos:

> 1. o aspecto sonoro da palavra, seu momento propriamente musical; 2. o significado material da palavra (com todas as suas nuanças e variantes); 3. o momento da ligação vocabular (todas as relações e inter-relações puramente vocabulares); 4. o momento entonacional (no plano psicológico, emocional, e volitivo) da palavra, sua orientação axiológica que exprime a variedade das relações axiológicas do falante; 5. o sentimento da atividade vocabular, do engendramento ativo do *som significante* [...]" (grifo do autor).

Desse modo, a teoria bakhtiniana reconhece os aspecto linguístico, físico-acústico e histórico-cultural da palavra enunciada concretamente por sujeitos em diálogo responsivo, mas compreende que seu aspecto significativo depende de relações dialógicas entre consciências distintas de sujeitos no exercício de uma compreensão responsiva e esteticamente acabada para significar a realidade na tensão alteritária e na materialidade enunciada de palavras e contra-palavras, com as quais definem os limites do que comunicam e significam.

### 2.4.2 Responsividade na fase sobre temas intelectuais contemporâneos

Na fase sobre temas intelectuais contemporâneos, encontram-se os textos disputados entre Bakhtin, Medvedev e Voloshinov e são tratados os problemas dos estudos da linguagem e do humano a partir do plano da palavra enunciada, enquanto campo ideológico e dialógico habitado por sujeitos conscientes de seu ser e de sua atividade para a delimitação de sentidos com os quais a vida é pensada, organizada e questionada em nível do que é estável e do que ainda não é.

Afinal, cada palavra atualiza novos projetos de significação dos interlocutores na tensão entre o significado centrípeto e já dado e o tema centrífugo e renovado. Isso se dá porque o projeto do Ser-evento é uma luta responsiva entre pontos de vista e opiniões que disputam um jogo de máximo acabamento num esforço contínuo e “orquestrado” para tentar antecipar os movimentos do outro.

Nessa etapa (o Círculo de) Bakhtin lida com problemas ligados à organização social e com questões de ordem individual, propondo reflexões sobre o processo de enunciação. Assim, no ato de enunciação, os interlocutores entram em disputas para conservar os sentidos que já existem ou para renová-los.

A tônica dessa segunda fase recai sobre o discurso verbal como fenômeno situado e atravessado por questões subjetivas e ideológicas (sociais e culturais), alavancadas pela atitude responsiva que marca o caráter dialógico das manifestações do sujeito *nas* e *através das* palavras concretas e materiais com as quais a unidade de responsabilidade e a empatia dos interlocutores acontece.

Ademais, o esforço (do Círculo) de Bakhtin para sobreviver às perseguições da Rússia stalinista deu-se também na fase em estudo, ocorrendo paralelamente ao trabalho de investigação da ideologia no plano das ações responsivas assumidas por sujeitos que tanto afetam como são afetados por questões ideológicas no plano social, cultural e subjetivo, a partir da palavra enunciada concretamente de modo verbo-visual (GRILLO, 2012; BRAIT, 2013) ou outros.

Basicamente, esse período compreende a época em que um Bakhtin docente começou a investigar questões de literatura e de cultura popular com base em um arcabouço teórico-metodológico de suporte para estudos da linguagem e da ideologia, a partir de um objeto material (a palavra) em diversas manifestações sociossemióticas e de uma ciência transdiciplinar (a Translinguistica).

2.4.2.1 Responsividade em “Discurso na vida e discurso na arte” (1993) / [1926]

Segundo Francelino e Leite (2012, p. 171), em “Discurso na vida e discurso na arte”, estão “noções que constituem a gênese do pensamento do Círculo acerca de uma teoria da enunciação”, no que concerne ao problema da entonação e da interação entre o verbal (perceptível) e o extraverbal (deduzível).

Consoante Bakhtin/Voloshinov (1993, p. 5), o “artístico é *uma forma especial de interrelação entre criador e contemplador fixada em uma obra de arte*” (grifo dos autores), constituída como tal “apenas no processo de interação entre criador e contemplador, como o fator essencial nessa interação” (*Id., Ibid.,* p. 5). Isso comprova como os interlocutores se procuram, pois um necessita do outro para se complementar e para marcar os limites de sua atividade e de sua identidade.

A esse propósito, é importante destacar que o neokantismo, o ambiente russo e o contato com teorias em desenvolvimento na Europa do início do século XX contribuíram para a percepção do vínculo entre o discurso e o contexto da vida em geral, ativado pela consciência apreciativa dos sujeitos. Daí a opinião de Bakhtin/Voloshinov (1993, p. 6) de que:

> Na vida, o discurso verbal é claramente não auto-suficiente. Ele nasce de uma situação pragmática extraverbal e mantém a conexão mais próxima possível com esta situação. Além disso, tal discurso é diretamente vinculado à vida em si e não pode ser divorciado dela sem perder sua significação.

Tal problema está presente nas reflexões sobre a noção de cronótopo e sobre as características do romance, que enfocam o enunciado como elemento mediador da relação evêntica entre os sujeitos e destes com o contexto de suas vivências axiológico-significativas. Assim, Bakhtin/Voloshinov (1993, p. 7) explanam:

> [...] *contexto extraverbal* do enunciado compreende três fatores: 1) *o horizonte espacial comum* dos interlocutores (a unidade do visível – neste caso, a sala, a janela, etc.), 2) *o conhecimento e a compreensão* comum da situação por parte dos interlocutores, e 3) sua *avaliação comum* dessa situação. (grifo dos autores)

Tudo que está acessível à compreensão dos sujeitos deriva de seus posicionamentos responsivos ao que já foi estabilizado em discursos organizados entre o significado (centrípeto) e o tema (centrífugo) e renovados por um processo de apreciações ativas e dialógicas de interlocutores responsivos ao que podem perceber na palavra do outro, constituída entre o linguístico e o translinguístico.

Do contrário, a desconsideração da relação enunciativo-apreciativa entre sujeitos promove dicotomias excludentes, por exemplo, entre o verbal enunciado e o extraverbal contextualizado, entre a *langue* (língua) e a *parole* (fala) saussureanas, entre a resposta situada dos sujeitos ou entre as características e os objetivos dos letramentos e da alfabetização (SOARES, 2001; ROJO, 2009).

Já sobre o problema da entoação como um elemento de fronteiras entre o enunciado (o verbal) e seu contexto (o extraverbal) e da posição do sujeito, a discussão sobre a responsividade manifesta nos enunciados realizados concretamente em gêneros textuais e discursivos típicos de contextos apreciativos específicos é reforçada pela reflexão de Bakhtin/Voloshinov (1993, p. 10):

> Na entoação, o discurso entra diretamente em contato com a vida. [...] o falante entra em contato com o interlocutor ou interlocutores – a entoação é social por excelência. Ela é especialmente sensível a todas as vibrações da atmosfera social que envolve o falante.

Portanto, as relações entre os sujeitos são apreciativas e materializam as expectativas sociais e subjetivas em torno de um projeto político-democrático de querer dizer/fazer algo (ação volitiva) como uma resposta ativa num dado contexto espaço-temporal donde resulta, conforme Bakhtin/Voloshinov (1993, p. 13), que:

> [...] cada instância da entoação é orientada em *duas direções:* uma em relação ao interlocutor como aliado ou testemunha, e outra em relação ao objeto do enunciado como um terceiro participante vivo, a quem a entoação repreende ou agrada, denigre ou engrandece. *Esta orientação social dupla é o que determina todos os aspectos da entoação e a torna inteligível*. (grifo do autores)

Como todo sujeito é responsivo, seu discurso (verbal ou não) "é um evento social" (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1993, p. 13) de "significado artístico" (*Idem, Ibidem*). Além disso, o "enunciado concreto (e não a abstração linguística) nasce, vive e morre no processo da interação social entre os participantes da enunciação. Na medida em que a organização e o significado de um enunciado são marcados pelas condições e apreciações de uma interação, "a interrelação de autor e herói, afinal, nunca é realmente uma relação íntima de dois; todo o tempo a forma leva em conta o terceiro participante – o ouvinte [...]" (*op. cit*., p. 20). Por isso, "todo ato consciente já é um ato social, um ato de comunicação" (*op. cit*, p. 23), enformado como uma resposta sem álibi e com o máximo de acabamento ético e estético na tensão entre o verbal e o extraverbal, o dado e o potencial, a voz do eu e a voz do outro.

### 2.4.2.2 Responsividade em “Marxismo e filosofia da linguagem” (2002) / [1929]

“Marxismo e filosofia da linguagem”, livro influenciado pelas reflexões de do formalista Jakubinski, conforme Ivanova (2012), foi escrito em Leningrado em 1929 e já promoveu discórdia[27] acerca de sua autoria ser ou não de Bakhtin, Voloshinov ou ambos – polêmica infrutífera, pois toda palavras é do eu e do outro), daí a opção pela notação “Bakhtin/Voloshinov”, para reforçar a complementaridade autoral do dizer.

Para Clark e Holquist (2008, p. 233), o livro aborda “o papel dos signos no pensamento humano e o da elocução na linguagem”, já que a “enunciação é o percebimento (*awareness*) daquilo que Bakhtin chama ‘*enderecividade’* (obrascennost), a outridade da linguagem em geral e de dados parceiros dialógicos em particular”. (*Id., Ibid.,* p. 237; grifo dos autores).

As reflexões do livro reforçam discussões sobre os gêneros discursivo-ideológicos e a concepção dos sujeitos socialmente organizados e em posição responsiva. Para Bakhtin/Voloshinov (2002, p. 43), “cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica”.

O problema da enderecividade, um dos assuntos discutidos na obra de Bakhtin/Voloshinov (2002), mostra-se relevante para que compreendamos a interação entre responsividade e dialogismo. Como esclarece Kovalev[28] (2014, p. 74):

> A natureza dialógica de um enunciado é, portanto, marcada pelo que Bakhtin define como “enderecividade” ou “responsividade” (*obrashchennost*) [...] o discurso é enquanto um feixe de enunciados é fundamentalmente dialógico, assim como é inseparável do lugar e do tempo em que é produzido. A ideia de que um enunciado é modelado e definido por seu contexto sócio-ideológico está portanto no centro do conceito bakhtiniano de “dialogismo”. (grifo do autor).

A teorização em torno das questões de linguagem e do humano no nível do cotidiano é um caminho para ressignificar a função das tecnologias de informação e de comunicação, porque possibilita o exercício de uma compreensão responsiva, a reflexão em torno da responsabilidade de cada um. Ademais, o esforço de

---

[27] O fato de Bakhtin possuir menor reconhecimento público e menos recursos financeiros à época de publicação do texto do que outros membros do Círculo, a noção de compartilhamento entre a palavra do eu e a do outro e a dissonância dele enquanto escritor em relação às peculiaridades do mundo editorial são razões capazes de justificar a controvérsia contemporânea quanto à autoria.

[28] “The dialogic nature of an utterance is thus marked by what Bakhtin terms ‘addressivity’ or ‘answerability’ (*obrashchennost*’) […] that discourse as a string of utterances is fundamentally dialogic, as it is inseparable from the place and the time it was produced. The idea that an utterance is shaped and defined by its socio-ideological context is therefore at the centre of the Bakhtinian concept of ‘dialogism’.” (KOVALEV, 2014, p. 74, tradução nossa).

Bakhtin/Voloshinov (2002) reforça a questão da responsividade e da ideologia do enunciado concreto de sujeitos que se respondem.

Dessa maneira, nas três seções componentes de “Marxismo e filosofia da linguagem”, Bakhtin/Voloshinov (2002) discutem a interação entre o significado dado e o sentido novo a partir da análise da ideologia e das relações intersubjetivas que, por sua vez, confirmam a existência da responsividade manifesta por interlocutores em contínuo movimento de vivificação e de ressignificação da realidade; na medida em que a realidade só pode ser contactada pelo esforço dos sujeitos que tentam compreender, a partir de um certo ponto de vista, o mundo dado como resultante da interação entre o mundo da vida e o mundo da cultura.

Logo de início, Bakhtin/Voloshinov advogam que “tudo que é ideológico é um *signo*” (2002, p. 31; grifo dos autores) e “*possui um valor semiótico*” (*opus cit,* p. 33; grifo dos autores). Em seguida, tratam o signo como um fenômeno responsivo, porque “se situa entre indivíduos organizados, sendo o meio de sua comunicação” (*opus cit,* p. 35). Ainda de acordo com os autores, os signos aparecem apenas no “*terreno interindividual*” (*Id., Ibid.,* p. 35) e constituem a consciência do indivíduo, concebida como um “*fato sócio-ideológico*” (*Id., Ibid.,* p. 35; grifo dos autores).

Bakhtin/Voloshinov (*Op. cit.,* p. 36) defendem que a “*palavra é o fenômeno ideológico por excelência*” (grifo dos autores), o que reforça a ideia de que só existe palavra e signo quando há uma compreensão responsiva. O próprio eu, quando compreende um signo, pode ser pensado como o *eu-antes* e o *eu-depois*. Assim, toda palavra-signo resulta de uma compreensão responsiva, esteticamente conforme uma tomada de posição (apreciação) dos sujeitos, que podem, nas práticas textuais e discursivas, optar pela renegociação de sentidos, e não pela estagnação destes.

O signo verbal é “o *indicador* mais sensível de todas as transformações sociais”, segundo Bakhtin/Voloshinov (2002, p. 41; grifo dos autores), “a arena onde se desenvolve a luta de classes” (*opus cit*, p. 46) através da materialidade da palavra enunciada em eventos de comunicação dialógica, responsiva e ideológica, de tal forma que o problema da ideologia é outro tema fundamental dessa obra da segunda fase da produção teórica (do Círculo) de Bakhtin.

Por isso, sobre o problema da ideologia para a constituição valorativa e contingente de uma palavra, Faraco (2009, p. 46) esclarece que:

> [...] a palavra *ideologia* é usada, em geral, para designar o universo dos produtos do "espírito" humano, aquilo que algumas vezes é chamado por outros autores de cultura *imaterial* ou produção *espiritual* (talvez como herança de um pensamento idealista); e, igualmente, de formas da consciência social (num vocabulário de sabor mais materialista). (grifo do autor).

O "adjetivo ideológico aparece como equivalente a axiológico. [...] qualquer enunciado se dá na esfera [...] das ideologias [...] e expressa sempre uma posição avaliativa" , conforme Faraco (2009, p. 47), dos sujeitos em posição responsiva e autoral "sob a forma de interação verbal", segundo Bakhtin/Voloshinov (2002, p. 41).

Como os sujeitos interagem conforme o contexto de uma realidade sígnico-ideológica, Bakhtin/Voloshinov (2002, p. 31) enfatizam que o "que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um *signo*". (grifo dos autores). Ainda sobre o assunto, os pensadores defendem que todo signo "resulta de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação". (*Id., Ibid.,*, p. 44).

As reflexões sobre o Ser-evento ético do Bakhtin de *Para uma filosofia do ato* dialogam com as reflexões sobre uma responsividade manifesta no estudo da ideologia. Neste, a enunciação da palavra se dá através de um estratégico exercício de compreensão responsiva realizada na interação que promove uma inalienável tomada de consciência e ação compartilhadas social e ideologicamente.

Ainda para Bakhtin/Voloshinov (2002, 34), a "consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, consequentemente, somente no processo de interação social", até o ponto de se tornar, como já mencionamos, "*um fato sócio-ideológico*" (*opus cit.,* p. 35; grifo dos autores), materializado como palavra responsiva, eticamente apreciativa e esteticamente enunciada diante da qual reagimos porque "despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida" (*opus cit*, p. 95).

Tais ressonâncias se diversificam entre as ideologias oficiais (e mais estabilizadas) e as do cotidiano (mais volúveis). A esse propósito, os autores assinalam que "De fato, há tantas significações possíveis quantos contextos possíveis" (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2002, p. 106). Isso decorre do fato de que os sujeitos promovem infinitas refrações da palavra-signo, de acordo com os contextos em que atuam e nos quais se colocam em posição responsiva.

Em Bakhtin/Voloshinov (2002), a palavra enunciada é um consenso responsivo e sociossemiótico mediador entre a infraestrutura (o aspecto mais próximo

da realidade concreta e da volatilidade de pontos de vista) e a superestrutura (o aspecto mais abstratamente ideologizado e estabilizado), entre as ideologias mais oficiais e as do cotidiano, na tensão entre os diversos segmentos da sociedade.

Ao atentar para a questão da luta de classes, Bakhtin/Voloshinov (2002) propõem a existência de um embate entre sujeitos para defenderem uma dada posição em prol de uma compreensão responsiva, materializada na palavra. O signo verbal enunciado concretamente em eventos situados corresponde estabelece a relação entre consciência, a sociabilidade e a comunicação, pois:

> Todas as propriedades da palavra [...] – sua pureza semiótica, sua neutralidade ideológica, sua implicação na comunicação humana ordinária, sua possibilidade de interiorização e, finalmente, sua presença obrigatória, como fenômeno acompanhante, em todo ato consciente – todas essas propriedades fazem dela o objeto fundamental do estudo das ideologias (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2002, p. 38).

Assim, encarar a linguagem como ato responsivo permite compreender as palavras como elementos ideologizados[29] e alteritários, conforme Leite (2011, p. 54), para quem elas são "sempre neutras" e podem ser operacionalizadas com diversas tonalidades ideológicas, significativas e responsivas. Essas observações relacionam-se à ideia de que o ato enunciativo está carregado por acento de valor. A esse respeito, Bakhtin/Voloshinov (2002. p. 109) avaliam, ainda, que "*A enunciação é de natureza social*" (grifo dos autores), já que nenhuma palavra é criação epifânica ou isolada, emergindo sempre em terreno intersubjetivo.

Apesar de o sujeito exercer seu senhorio autoral sobre a palavra-signo, ele não é proprietário das palavras enunciadas no *continuum* responsivo materializado em estilos e gêneros discursivos, na medida em que a responsividade constitutiva e significativa é inerente aos sujeitos e aos discursos situados ideologicamente.

É "apenas através da enunciação que a língua toma contato com a comunicação, imbui-se do seu poder vital e torna-se uma realidade", conforme Bakhtin/Voloshinov (2002, p. 154), responsiva, responsável e significada em gêneros discursivos relativamente estáveis e plenos de refração criativa da realidade.

---

[29] A questão do aspecto ideológico também está tratada em "Problemas da poética de Dostoiévski", quando Bakhtin (2010a, p. 276) afirma que a "diretriz de vida ou posição ideológica" de cada discurso e de cada sujeito transformam o mundo dizível num espaço-tempo pleno de "réplica viva" e de ressignificações a cada experiência, uma vez que "Somente na comunicação, na interação do homem com o homem revela-se o 'homem no homem' para outros ou para si mesmo" (*Op. cit.,* p. 292).

Através dessa compreensão, significados e identidades são materializados[30] na palavra, signo ideológico que manifesta uma significação duplamente social e individual – uma em resposta a outra. Tal significação, por sua vez, sempre é respondida, segundo Stella *(*2013), em entoações valorativas que possibilitam a ontogênese histórico-cultural do sujeito dialógico *através da* tensão presente na interação a cada vez que a palavra é enunciada, aliás, a cada nova manifestação de linguagem, em suas diferentes semioses. Nesse sentido, a linguagem é entendida como "um centro em que se reúnem o eu e o mundo [...] *o ser que pode ser compreendido é linguagem*" (GADAMER, 1997, p. 686; grifo do autor).

A constituição ativa responsiva da compreensão se dá no território semiótico, no qual é possível realizar a "apreensão da orientação que é conferida à palavra por um contexto e uma situação precisos" (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2002, p. 94) como uma resposta ao que já foi enunciado. Isso porque, como as palavras de Bakhtin/Voloshinov (opus cit) esclarecem, o ato de compreensão é uma resposta, que transita entre o universo da potencialidade e o universo da realização por sujeitos que se respondem enquanto organizam uma compreensão situada.

Como numa arena, há uma disputa em prol de uma compreensão responsiva entre pontos de vista (ou entonações) significativos que variam conforme o contexto. Como vimos com Bakhtin/Voloshinov (2002, p. 106), há uma diversidade de significações e de contextos possíveis, os quais encontram-se em uma "situação de interação e de conflito tenso e ininterrupto (*Id., Ibid.,* p. 107). Esta situação, por sinal, marca "o ato de fala, ou, mais exatamente, seu produto, a enunciação [...]" (*Id., Ibid.,* p. 109), a qual, como foi discutido, é notadamente social.

Por isso, para Faraco (2009, p. 52), o "material semiótico pode ser o mesmo, mas sua significação no ato social concreto da enunciação, dependendo da voz social em que está ancorado, será diferente. Isso faz da semiose humana uma realidade aberta e infinita", caracterizada por "certo *horizonte social* definido e estabelecido que determina a criação ideológica do grupo social e da época [...]", conforme Bakhtin/Voloshinov, 2002, p. 113; grifo dos autores).

[30] O escritor Érico Veríssimo, através do narrador do tomo I de "O Arquipélago", (1997, p. 136) afirma que "o essencial era perder o medo a vocábulos e frases que [...] como façanhudos cães de guarda dos fatos, das coisas e das ideias. [...]. A palavra *tracoma* talvez seja mais terrível que o tracoma propriamente dito. Há criaturas que, sendo incapazes de pronunciar ou escrever a palavra puta (tão natural em tantas línguas!) aceitam a existência da prostituição como coisa natural e às vezes até se servem dela. [...] Uma vez transposto o muro que a linguagem ergue entre nós e as coisas que representam, poderemos abraçar, aceitar a vida, sem temor nem repugnância".

De acordo com Bakhtin/Voloshinov (2002, p. p. 112), “um interlocutor abstrato” é inconcebível, já que toda “palavra dirige-se a um interlocutor” (*Id., Ibid.*). A esse propósito, os pensadores esclarecem que a palavra é pensada como um “*produto da interação do locutor e do ouvinte*.” (*Id., Ibid,* p. 113; grifo dos autores). Assim, por causa do horizonte social da palavra-signo, ocorre uma compreensão responsiva a cada enunciação social e histórica, que interage (afeta e é afetada) com o mundo da vida e o da cultura em que transitam as apreciações do eu e do outro.

Língua e linguagem são fenômenos sociais atualizados por uma compreensão responsiva, daí Bakhtin/Voloshinov (2002, p. 125) defenderem que:

> A enunciação realizada é como uma ilha emergindo de um oceano sem limites, o discurso interior. [...]. A situação e o auditório obrigam o discurso interior a realizar-se em uma expressão exterior definida, que se insere diretamente no contexto não verbalizado da vida corrente, e nele se amplia pela ação, pelo gesto ou pela resposta verbal dos outros participantes na situação de enunciação. (Bakhtin/Voloshinov, 2002, p. 125)

Portanto, as interações entre tema (os sentidos mais subjetivos e instáveis), significação (os significados mais técnicos e estáveis) e apreciação, para Bakhtin/Voloshinov (2002, p. 132), comprovam que a “compreensão é uma forma de *diálogo* [que] está para a enunciação assim como uma réplica está para a outra no diálogo”, no ato responsivo de materialização de palavra-signo (acústico, entonativo, psíquico e cognitivo). Tal ato é resultante de uma compreensão, da ação de “opor à palavra do locutor uma *contrapalavra*”. (*Idem, Ibidem*; grifo dos autores).

Assim, o que pode ser apreciado é socialmente partilhado e ideologicamente significado como palavra-resposta, pois

> a significação pertence a uma palavra enquanto traço de união entre os interlocutores, isto é, ela só se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva [resultante de] uma faísca elétrica que só se produz quando há contato dos dois pólos opostos. [...] o tema (que só é acessível a um ato de compreensão ativa e responsiva) [na] corrente da comunicação verbal [...]” (Bakhtin/Voloshinov, 2002, p. 132)

A partir da palavra enunciada concretamente por quaisquer recursos sociossemióticos ao alcance do jogo responsivo e ativo entre o eu e o outro, seu tema está acessível como ato responsivo e dialógico de comunicação caracterizado pela materialidade sígnica (ideológica e dialógica), responsiva e histórica de um ato-resposta e de seu “acento de valor ou apreciativo”, conforme Bakhtin/Voloshinov (2002, p. 132) cuja reflexão ainda enfatiza (*opus cit*, p. 136):

> [...] a significação, elemento abstrato igual a si mesmo, é absorvida pelo tema, e dilacerada por suas contradições vivas, para retornar enfim sob a forma de uma nova significação com uma estabilidade e uma identidade igualmente provisórias.

Esse processo de ressignificação relaciona-se com a tensão enunciativa entre as opiniões de sujeitos no exercício de uma compreensão responsiva.Ora, a argumentação vanguardista de “Marxismo e filosofia da linguagem” reforça a urgência de cada sujeito reconhecer seu papel autoral e sua inalienável responsabilidade em prol da superação de dificuldades que afligem o indivíduo e a sociedade, em parte, devido à falta de um contínuo e franco diálogo intersubjetivo.

Por isso, segundo a teorização de Bakhtin/Voloshinov (2002, p. 141), “Quanto mais fraco o ajustamento ao ouvinte e a consideração das suas reações, menos organizado, no que diz respeito aos parágrafos, será o discurso” e “Quanto mais dogmática for a palavra, menos apreensão apreciativa admitirá a passagem do verdadeiro ao falso, do bem ao mal, e mais impessoais serão as formas de transmissão do discurso de outrem” (*opus cit,* p. 149).

Dessa forma, opções monofônicas e unilaterais reforçadas pelos discursos de sujeitos mais abastados e insensíveis são uma atitude política para oprimir os sujeitos menos organizados, escolarizados e/ou afeitos ao convívio com o capital socialmente mais valorizado na media em que estagnam os sentidos multissemióticos e ideológicos materializados como uma palavra-resposta contingente atualizada pelo processo de escolhas apreciativas durante a significação entre o dado e o novo.

As lutas para ressignificar discursos estabilizados dependem de uma compreensão responsiva e ativa no nível da palavra enunciada, passível de ser identificada a partir de uma investigação translinguística. Isso porque, consoante os autores de “Marxismo e filosofia da linguagem”, a “palavra, como fenômeno ideológico por excelência, está em evolução constante, reflete fielmente todas as mudanças e alterações sociais. O destino da palavra é o da sociedade que fala” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2002, p. 194). Além disso, o signo verbal pode ser interpretado como um material a ser respondido ativamente, pois apenas “a palavra com seu tema intacto [...] realmente significa e é responsável por aquilo que diz” (*Op. cit.*, p. 196), permitindo, portanto, o exercício de uma compreensão responsiva, ativa e polêmica e abrindo a possibilidade da ressignificação do já vivenciado.

#### 2.4.2.3 Responsividade em “Problemas da poética de Dostoiévski” (2010a) / [1929/1963]

Para Clark e Holquist (2008, p. 257), a “primeira publicação [de “Problemas das Obras Criativas de Dostoiévski”, em 1929] o salvou [Mikhail Bakhtin] da morte física em Solóvki [campo de trabalhos forçados]; a segunda, da morte literária por negligência”. Quando da publicação do referido estudo, parte destes escritos estava desorganizada, como um reflexo da própria vida de Bakhtin no exílio.

Esse trabalho, cujo título foi alterado para “Problemas da poética de Dostoiévski”, trata dos conceitos de dialogismo e de polifonia. O estudo de Bakhtin (2010a) sobre a obra dostoievskiana foi, posteriormente, encorpado, com um comentário e com um projeto de reformulação.

Bakhtin (2010a) explicita os fundamentos da Translinguística e faz uma reflexão sobre a importância da tensão entre as consciências e as vozes de interlocutores responsivos, os quais operam sentidos ideológicos e dialógicos e estão em busca de uma compreensão situada. É pertinente afirmar que o locutor enuncia a partir de um determinado lugar no espaço-tempo e que suas palavras são dirigidas para um dado interlocutor, na tensão entre o eu e o outro.

A partir dos apontamentos da subseção anterior, podemos afirmar, ainda, que “Problemas da poética de Dostoiévski” responde “Discurso na vida e discurso na arte”, complementando-o. Neste, Bakhtin/Voloshinov (1993, p. 06) argumentam que o “discurso verbal em si, tomado isoladamente como um fenômeno puramente linguístico, não pode, naturalmente, ser verdadeiro ou falso, ousado ou tímido”.

Nas observações que faz acerca do romance polifônico de Dostoiésvki e sobre seu enfoque na crítica literária, Bakhtin (2010a, p. 04) afirma que as condições responsivas dos sujeitos garantem a pluralidade de vozes ativas e de consciências independentes e singulares. O exercício polifônico destas vozes plenas de opiniões e imiscíveis no ato/acontecimento ideológico e dialógico permite ao eu e ao outro se responderem, organizarem e atualizarem os sentidos da vida e da cultura.

Para tanto, numa prática responsiva, o aspecto particular da contribuição de cada sujeito está em processo de mútua afetação social, como horizontes que permitem aos indivíduos exercerem sua autonomia para uma liberdade dialógica (SILVA, 2012) no ato de enunciar, polifônica e multissemioticamente, uma compreensão responsiva. Esse ato enunciativo se dá mediante a produção de um

enunciado dialogizado, pleno de consciências apreciativas, responsivas e polifônicas, as quais interpretam todo um conjunto de vivências a partir de uma “multiplicidade de consciências imiscíveis”, segundo Bakhtin (2010a, p. 29).

A ação responsiva é um esforço total, ativo e recíproco no aqui e no agora que todo sujeito realiza com o outro, a cada palavra-ato significativo, plurivalente e responsivo, pois “não há ideias, pensamentos e teses que não sejam de ninguém, que existam ‘em si’”, conforme Bakhtin (2010a, p. 35). Acerca do assunto, importante recordar que “a consciência nunca se basta por si mesma, mas está em tensa relação com outra consciência” (*Id., Ibid.,* p. 36), que significa apreciativamente a realidade com sua palavra-resposta particular num processo *ad infinitum* de tomada de consciência, pois “onde começa a consciência começa o diálogo. Apenas as relações puramente *mecânicas* não são dialógicas”. (Bakhtin, 2010a, p. 47; grifo do autor).

Quando realizado na concretude evêntica do contexto de comunicação, o diálogo acaba por bivocalizar a palavra/ação de cada interlocutor, já que, segundo Bakhtin (2010a, p. 49), “*tudo na vida é diálogo, ou seja, contraposição dialógica*”. (grifo do autor). É possível dizer que esse diálogo ganha materialidade na atividade corajosa e autoral de sujeitos que existem em função das relações alteritárias num *continum* entre consciências equipolentes e responsáveis.

Em acréscimo, Bakhtin (2010a, p. 52) faz menção à “posição racional e valorativa do homem” diante de si mesmo e da realidade em redor. O pensador atenta, ainda, para o fato de que o “homem nunca coincide consigo mesmo. [...]. A vida autêntica do indivíduo só é acessível a um enfoque *dialógico*, diante do qual ele responde por *si mesmo* e se revela livremente” (*opus cit,* p. 67; grifo do autor) *na* e *pela* existência cotidiana atravessada pela tensão entre pontos de vista singulares.

Bakhtin rompe com a tradição baseada na epifania ou no milagre ao trabalhar o mundo da vida e o da cultura como uma resposta estrategicamente organizada entre a posição do autor e a do herói para garantir “a autonomia, a liberdade interna, a falta de acabamento e de solução do herói”, (2010a, p. 71), no exercício de uma compreensão responsiva enquanto projeto apreciativo-enunciativo materializado como palavra-resposta, atualizada em gêneros textuais e discursivos plenos de uma tensão dialógica (ética e estética) e ideológica (social e cultural).

A significação de toda palavra enunciada, como já mencionado, oscila entre as forças centrípetas e as centrífugas, pois, para Bakhtin (2010a, p. 73):

> Toda criação é concatenada tanto por suas leis próprias quanto pelas leis do material sobre o qual ela trabalha. Toda criação é determinada por seu objeto e sua estrutura, e por isso, não admite o arbítrio e, em essência, nada inventa, mas apenas descobre aquilo que é dado no próprio objeto. (BAKHTIN, 2010a, p. 73)

Quando o sujeito age, sua ação é uma resposta responsiva ao já-dado e um ato singular. Quanto mais pleno e autônomo for o nível de responsividade entre o eu e o outro, mais autêntica, por consequência, é a existência humana; mais democrático e concreto são o diálogo e a constituição/renovação de sentidos e de consciências equipolentes. Tais consciências jamais são pensadas como definitivas ou únicas, por serem um universo de potencialidades que, quando realizadas, impedem o diálogo de ocorrer como algo "desnecessário (o relativismo) ou impossível (o dogmatismo)", conforme Bakhtin (2010a, p. 79).

Essa perspectiva revela que as relações sociais ocorrem em eventos singulares e processuais de compreensão e atitude responsiva que não admitem hierarquias surdas nem podem existir desprovidas de um jogo de significação entre consciência isônomas, pois a "autoconsciência não pode ser acabada de *dentro*", conforme Bakhtin (2010a, p. 83; grifo do autor), como pode ser percebido pelos:

> [...] princípios do monologismo ideológico [que] encontraram na filosofia idealista a expressão mais nítida e teoricamente precisa. O princípio monístico, isto é, a afirmação da unidade do *ser*, transforma-se, na filosofia idealista, em princípio da unidade da *consciência*. (grifo do autor).

Assim, não há um ser uno em si, porque suas palavras-ações são bivocais e resultam da responsividade de cada ato-resposta, enunciada por sujeitos que possuem vivências singulares, oportunizadas na contingência dialógico-responsiva de um enunciado-resposta-apreciativo, pois, para Bakhtin (2010a, p. 98):

> A ideia é um *acontecimento vivo*, que irrompe no ponto de contato dialogado entre duas ou várias consciências. Nesse sentido, a ideia é semelhante *ao discurso*, com o qual forma uma unidade dialética. Como o discurso, a ideia quer ser ouvida, entendida e "respondida" por outras vozes e de outras posições. Como o discurso, a ideia é por natureza dialógica, ao passo que o monólogo é apenas uma forma convencional de composição de sua expressão, que se constituiu na base do monologismo ideológico da Idade Moderna, por nós já caracterizado. (grifo do autor).

Na teoria bakhtiniana, as reflexões em torno do sujeito dependem do combate ao monólogo e da luta entre as respostas e os sujeitos por meio de reflexão e de ação. Daí Bakhtin (2010a, p. 99-100) reforçar que:

> Ao perder o seu acabamento monológico teórico-abstrato, que satisfaz apenas a *uma* consciência, a ideia assume uma complexidade contraditória e a viva variedade de ideia-força, que nasce, vive e atua no grande diálogo da época e guarda semelhança com as ideias cognatas de outras épocas. Surge diante de nós a *imagem da ideia* (grifo do autor).

Pensar a responsividade do ponto de vista dialógico depende da percepção do discurso como fenômeno ideologizado realizado por interlocutores em gêneros discursivos sociais e historicamente saturados. A esse respeito, convém recuperar os apontamentos do próprio Bakhtin (2010a, p. 121), que avalia que “o gênero vive do presente, mas sempre recorda o seu passado, o seu começo [para] assegurar a *unidade* e a *continuidade* desse desenvolvimento”.

Por meio da compreensão responsiva do sujeito social, consciência e significação vão interagindo polifonicamente, pois, consoante Bakhtin (2010a, p. 191), "[...] *no mundo ainda não ocorreu nada definitivo, a última palavra do mundo e sobre o mundo ainda não foi pronunciada, o mundo é aberto e livre, tudo ainda está por vir e sempre estará por vir*". (grifo do autor).

Tal compreensão reforça o fato de que a polifonia se manifesta “como ocorrência da interação de consciências isônomas e interiormente inacabadas” (BAKHTIN, 2010a, p. 203). Quando faz observações a esse propósito, o referido autor assinala, também, que “a significação concreta se funde indissoluvelmente com a posição do indivíduo. [...] Por isso, o diálogo de pontos de vista é a combinação de posições integrais, combinação de indivíduos” (*Id., Ibid.,* p. 105), na constituição dos sentidos mais subjetivos e dos significados mais estabilizados socialmente.

No que diz respeito à interação entre sujeito e diálogo, Bakhtin (2010a, p. 205) avalia que o sujeito dialógico “deve refletir-se mutuamente e enfocar-se mutuamente pelo diálogo”. Ele explana, além disso, que o “homem nunca encontrará sua plenitude apenas em si mesmo” (*Id.*, *Ibid., p. 205*), em virtude do fundamento bivocal e situado das palavras realizadas através de relações dialógicas organizadas na tensão entre as forças centrípetas e as centrífugas de significação operadas por consciências responsivas. Para Bakhtin (2010a, p. 232):

> A palavra não é um objeto, mas um meio constantemente ativo, constantemente mutável de comunicação dialógica. Ela nunca basta a uma consciência, a uma voz. Sua vida está na passagem de boca em boca, de um contexto para outro, de um grupo social para outro, de uma geração para outra. Nesse processo ela não perde o seu caminho nem pode libertar-se até o fim do poder daqueles contextos concretos que integrou.

Para responderem uns aos outros, os sujeitos enunciam palavras-respostas responsáveis em gêneros textuais e discursivos pertencentes a, pelo menos, duas bocas, que realizam um exercício ativo e criativo para reiterar determinados sentidos. Desse modo, a "repetição das palavras se deve ao empenho de reforçar-lhes a aceitabilidade ou dar-lhes um novo matiz tendo em vista a possível reação do interlocutor", como indica Bakhtin (2010a, p. 236).

Por isso, a palavra enunciada é um ato responsivo, singular e contingente de consciências e vozes em diálogo, pois sempre "há certa intersecção, consonância ou intermitência de réplicas do diálogo interior das personagens", no esforço para que os interlocutores realizem uma tomada de consciência, conforme Bakhtin (2010a, p. 315) que ainda assevera o papel da relação entre fronteiras, (*opus cit*, p. 322), pois:

> Eu tomo consciência de mim e me torno eu mesmo unicamente me revelando para o outro, através do outro e com o auxílio do outro. Os atos mais importantes, que constituem a autoconsciência, são determinados pela relação com outra consciência (com o tu). A separação, o desligamento, o ensimesmamento são a causa central da perda de si mesmo. Não se trata do ocorre dentro, mas *na fronteira* entre a minha consciência e a consciência do outro, *no limiar*. (grifo do autor).

No trabalho sobre Dostoiévski, Bakhtin (2010a) trata de questões de responsividade quando aborda o ato de um sujeito se revelar para seus pares em ativa posição de resposta ao já dito, com uma réplica bivocal pautada nos pontos de vista apreciativos organizadores do processo de compreensão responsiva, no limiar de exotopia complementar entre o dito e o não-dito, entre o novo e o dado, entre o potencial e o realizado, enfim, entre os sujeitos.

Sob o fantasma de uma Guerra Fria entre os Estados Unidos da América e a extinta União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, o projeto de reformulação de "Problemas da poética de Dostoiévski" enfatiza a questão da responsividade constitutiva das relações dialógicas, pelo viés da convivência entre singularidades em atividade fronteiriça, ao ponto de Bakhtin (2010a, p. 323) afirmar que

> Ser significa *conviver*. [...]. Ser significa ser para o outro e, através dele, para si. O homem não tem um território interior soberano, está todo e sempre na fronteira, olhando para dentro de si ele olha *o outro nos olhos* ou *com os olhos do outro*. (grifo do autor).

Apenas com atitudes responsivas, criativas e autorais o eu e o outro podem harmonizar-se e combater empobrecimentos ideológicos e discursivos típicos das práticas capitalistas. No que respeita a isso, Bakhtin (2010a, p. 323) avalia que

> O capitalismo criou as condições para um tipo especial de consciência permanentemente solitária. [...]. Daí a representação dos sofrimentos, das humilhações e do não reconhecimento do homem na sociedade de classes. Tiraram-lhe o reconhecimento e privaram-no do nome. Recolheram-no a uma solidão forçada, que os insubmissos procuram transformar em uma solidão altiva (passar sem o reconhecimento, sem os outros). (BAKHTIN, 2010a, p. 323)

Em suas reflexões, Bakhtin (2010a) realoca a condição humana no campo da responsabilidade enunciativa. Ou seja, o eu apenas existe em função da complementaridade exotópica do outro e apenas com responsabilidade dialógica organiza as relações entre os sujeitos e os mundos dos sujeitos sob pena de ficar recolhido a uma posição solitária que não favorece a atualização das experiências e das vivências decorrentes de cada palavra-réplica do eu com o outro.

A compreensão responsiva é o fundamento para combater um jogo discursivo historicamente elaborado para privar, por exemplo, o sujeito catador(a) de sua liberdade e de sua dignidade diante de projetos que promovem tanto o colonialismo (um projeto político de exploração) quanto a colonialidade (a extração do ato humano de ser em si) conforme Figueiredo e Silva (2012); algo que impede os sujeitos de realizarem um processo de apreciação e de desconstrução de verdades tidas e mantidas pelas ideologias oficiais em detrimento das ideologias do cotidiano.

Bakhtin (2010a) didatizou uma reflexão sobre a interação responsiva manifesta na integração entre os aspectos linguísticos e os translinguísticos da realidade e reforçou a existência de uma responsividade constitutiva, que se torna manifesta como palavra na tensão entre os sujeitos e suas posições apreciativas.

O esforço de Bakhtin (2010a) é uma resposta a Bakhtin/Voloshinov (2002, p. 147), para quem a palavra enunciada “vai à palavra” para ressignificá-la com um colorido apreciativo e polêmico permitido pela “tendência à apreensão ativa do discurso de outrem” (*Id., Ibid.,* p. 158) que serve de suporte para uma resposta bivocal, plena da voz do eu e da contribuição dos interlocutores no ato da palavra-resposta.

Portanto, sujeitos responsivos trabalham com elementos compartilhados e revelados aos outros a cada enunciado-resposta realizado e a cada significação atualizada. Ao mesmo tempo, eles se colocam em posição contemplativa e ativa para conseguir apreender dialogicamente uma parcela dos significados antecipados por seus interlocutores em seus diversos grupos sociais.

### 2.4.2.4 Responsividade em “O discurso no romance” (2010b) / [1934-1935]

Segundo Machado (2013), “O discurso no romance” foi produzido em 1934-1935, mas “publicado após a morte do autor, em 1975, juntamente com outros ensaios escritos por Bakhtin entre 1924 e 1941, com um anexo em 1973”. Neste trabalho, Bakhtin (2010b, p. 149) explica que a “palavra autônoma, responsável e eficaz é um índice essencial do homem ético, jurídico e político” e trata da existência de elementos responsivos ao abordar as “forças centrípetas da vida verbo-ideológica” (*Op. cit.*, p. 82), como o fez em “Marxismo e filosofia da linguagem”.

As três características destacadas do construto ideológico (social e cultural) e dialógico (ético e estético) chamado palavra reforçam a condição responsiva de sujeitos. Além do mais, Bakhtin (2010b, p. 82) explana que o “verdadeiro meio da enunciação, onde ela vive e se forma, é um plurilinguismo dialogizado, anônimo e social como linguagem, mas concreto, saturado de conteúdo e acentuado como enunciação individual” em virtude das escolhas assumidas em ato responsivo.

Ao abordar o dialogismo enunciado, o texto trata da contingência e singularidade da palavra-resposta assumida pela consciência do eu e respondida pela do outro como uma compreensão responsiva, pois, para Bakhtin (2010b, p. 86):

> O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. Ele também surge desse diálogo com seu prolongamento, como sua réplica, e não sabe de que lado ele se aproxima desse objeto.

A realidade das interações é marcada por alteridades enunciadas em contextos e diálogos que dependem de uma **posição de distanciamento, complementaridade e apreciação** dos sujeitos para a superação das hegemonias instituídas (ALVES, 2010) que desrespeitam consciências isônomas e dialógicas (GARCIA, 2012) e de uma **prática dialógica e responsiva** para combater estratégias de colonização dos saberes (FIGUEIREDO, 2012).

**Onde há relações dialógicas, há compreensão responsiva.** Esta, segundo Bakhtin (2010b, p. 88), está alicerçada na “dialogicidade interna do discurso, [que] não se destaca como ato independente da concepção que o discurso tem de seu objeto [e] que possui uma enorme força de estilo”, encontrando-se no trânsito entre as consciências bivocais e os recursos sociossemióticos possibilitados pelas tecnologias de informação e de comunicação, ao alcance dos sujeitos em geral.

Para Bakhtin (2010b, p. 89), o “discurso vivo e corrente está imediata e diretamente determinado pelo discurso-resposta futuro [...]” de todos que entram no movimento de ressignificação do enunciado, pois “Todas as formas retóricas e monológicas, por sua construção composicional, estão ajustadas no ouvinte e na sua resposta” (*Id., Ibid.,* p. 89). Por isso, para a compreensão do processo de constituição responsiva e situada de significados possibilitados por diversos recursos sociossemióticos de caráter verbal e/ou visual[31], concordamos com Bakhtin (2010b, p. 90) que “[n]a vida real do discurso falado, toda compreensão concreta é ativa [...]. A compreensão amadurece apenas na resposta”.

O diálogo sobre a responsabilidade inalienável (o não-álibi) do sujeito por cada um de seus enunciados é orientado para a discussão em torno do diálogo entre sujeitos e consciências imiscíveis em tensão responsiva. Afinala “compreensão e a resposta estão fundidas dialeticamente e reciprocamente condicionadas, sendo impossível uma sem a outra”, segundo Bakhtin (2010b, p. 90).

Bakhtin (2010b, 90) percebe que a “filosofia da linguagem e a linguística” não trabalham o problema do sentido construído em situações enunciativas autênticas e apreciativas, atualizadas a partir de recursos translinguísticos que potencializam lutas responsivas efetivadas durante a vivência de enunciações concretas dos sujeitos. Isso leva Bakhtin (2010b, p. 90) a apontar que:

> O significado linguístico de uma enunciação dada é conhecido sobre o fundo de uma língua e o seu sentido atual, sobre o fundo de outras enunciações concretas do mesmo tema, sobre o ponto de vista de opiniões contraditórias, de pontos de vista e de apreciações [...]. *Ocorre um novo encontro da enunciação com o discurso alheio*, resultando em uma nova influência específica em seu estilo” (grifo do autor).

A teoria enunciativa (do Círculo) de Bakhtin defende, então, a valorização das contribuições alteritárias e responsivas, de tal forma que Bakhtin (2010b, p. 91) defende a consideração da “relação dialógica para com o discurso de outrem no objeto e para com o discurso de outrem na resposta antecipada do ouvinte [...]”, situação democratizante na qual os sujeitos interagem no espaço tenso, polifônico e revolucionário (SCHNAIDERMAN, 2001) da (contra-)palavra enunciada.

Ademais, Bakhtin (2010b, p. 92) observa que a “política interna do estilo (combinação dos elementos) determina sua política exterior (em relação ao discurso

[31] Para uma introdução às questões sobre a verbo-visualidade, consultar Grillo (2012) e Brait (2013).

de outrem). O discurso como que vive na fronteira do seu próprio contexto e daquele de outrem", o que indica que a palavra viva e autêntica é uma propriedade bivocal, um fato entretecido como resposta que abarca uma porção do eu e do outro.

O referido pensador acrescenta ainda que "para a consciência individual, a linguagem enquanto concreção sócio-ideológica viva e enquanto opinião plurilíngue, coloca-se nos limites de seu território e nos limites do território de outrem" (*Id.*, *Ibid.,* p. 100), num jogo orientado pelo **exercício situado** de uma compreensão responsiva e responsável, como comprova Bakhtin (2010b, p. 141), ao afirmar que:

> A palavra alheia introduzida no contexto do discurso estabelece com o discurso que a enquadra não um contexto mecânico, mas uma amálgama química (no plano do sentido e da expressão); o grau de influência mútua do diálogo pode ser imenso. Por isso, ao se estudar as diversas formas de transmissão do discurso de outrem, não se pode separar os procedimentos de elaboração deste discurso dos procedimentos de seu enquadramento contextual (dialógico**)**: um se relaciona indissoluvelmente ao outro.

Bakhtin (2010b, p. 142) considera que atitudes responsivas "'não devem dissolver [...] a originalidade das palavras alheias", mas aproveitá-las durante a tomada de consciência do eu no ato de responder ao outro, na medida em que, segundo Bakhtin (2010b, p. 142), o "objetivo da assimilação da palavra de outrem adquire um sentido ainda mais profundo e mais importante no processo de formação ideológica do homem [...]". Um processo responsivo e dinâmico colorido como uma réplica contingente "[que] surge aqui como a palavra autoritária e como a palavra interiormente persuasiva", segundo Bakhtin (*idem*, *ibidem*).

Como o ato responsivo é exotopicamente complementar, Bakhtin (2010b, p. 143) afirma que "tanto a autoridade da palavra como sua persuasão interior podem se unir em uma única palavra, ao mesmo tempo, autoritária e interiormente persuasiva [...]". Isso, por sua vez, ocorre para problematizar o "conflito e as inter-relações dialógicas [que] determinam [...] a história da consciência ideológica individual" (*Id., Ibid.,* p. 149) e que oportunizam "processos de transformação, à qual submete-se todo fenômeno linguístico: o processo de *canonização* e o processo de *reacentuação*". (*Id., Ibid.,* p. 207; grifo do autor). Bakhtin (2010b), enfim, defende uma condição humana mais responsiva e responsável a partir da materialidade textual-discursiva enunciada pelos sujeitos que se reconhecem carentes da contribuição do outro para a própria constituição dos sentidos ressignificados pela autoria do eu.

### 2.4.3 Responsividade na fase sobre teoria do romance e poética histórica

A terceira fase da produção teórica (do Círculo) de Bakhtin coincide com o período de degredo do teórico da Translinguística, fato que lhe impediu de se tornar mais ativo no ambiente intelectual da Rússia do século XX. A situação de reconhecimento de Bakhtin foi inversamente proporcional ao *status* alcançado por seu contemporâneo, o linguista Viktor Vladimirovich Vinogradov (1894-1969), “um importante interlocutor dos trabalhos de Bakhtin, que o citava de modo recorrente” em seus trabalhos, de acordo com Grillo e Américo (2013, p. 99).

Ao se voltar para a experiência intersubjetiva textualizada no gênero romanesco e na poética histórica, Bakhtin aproveita a experiência e as discussões vivenciadas nos diálogos encetados nos espaços acadêmicos, nas experiências ordinárias das cidades por onde esteve e nas reuniões do grupo conhecido por seu nome e trabalha a criação de uma teoria dialógica alicerçada na responsividade e no diálogo entre consciências singulares e vozes equipolentes e marcadas pela disposição volitiva, consciente e autoral de um eu em resposta a um outro.

Dessa fase, resulta uma teoria humanística acerca do ato da compreensão como decorrente da interação responsiva e responsável de sujeitos em posição dialógica seja no plano da vida ordinária, seja no plano da literatura, espaços atravessadps pelo esforço singular de sujeitos que exercem seu ser com palavras carregadas de um colorido polêmico em resposta ao já enunciado.

Em paralelo a esse raciocínio, quando (o Círculo de) Bakhtin aborda o romance e a poética, é feita uma revisão de conceitos epistemológicos que desconsideraram o desenvolvimento dos vários grupos sociais e/ou que já não abarcavam questões ligadas à condição social e subjetiva dos sujeitos, num contexto marcado pela cisão entre o desenvolvimento das tecnologias, a expansão dos conhecimentos da ciência e a significação da vida.

Nesse contexto, a teoria bakhtiniana reacentua o debate sobre a responsabilidade do eu para com o outro no processo de uma existência constituída *na* e pela interação de sujeitos com suas escolhas apreciativas e as consequências delas, pelo fato de, nessa relação bivocal, duas vozes posicionarem, pela seleção de recursos da linguagem de acordo com condições materiais, a fim de afetar a compreensão responsiva um do outro em espaços institucionalizados de significação.

### 2.4.3.1 Responsividade em “Metodologia das ciências humanas” (2003) / [final dos anos 30 e começo dos 40]

Inicialmente intitulado “Os fundamentos filosóficos das ciências humanas”, o texto curto de Bakhtin, elaborado entre o final dos anos 30 e o início dos 40, ficou conhecido como “Para uma filosofia das ciências humanas”, segundo notas de Paulo Bezerra presentes em Bakhtin (2003, p. 393) que informa que o texto:

> [...] fora publicado como artigo em 1974 pela revista *Kontekst* com o título ‘Para uma metodologia dos estudos literários’, preparado por V. Kojinov [herdeiro do espólio intelectual de Bakhtin] com anuência de Bakhtin (menos o título) [...]”.

As notas de Bezerra para Bakhtin (2003, p. 393), indicam que o texto foi:

> [...] incluído pela editora moscovita Iskússtvo em sua 1ª edição de *Estética da criação verbal* (*Estétika Sloviésnovo Tvortchestva*), de 1979, com o título “Para uma metodologia das ciências humanas”. O texto, porém, saiu com cortes.

Nesse texto, Bakhtin (2003, p. 394) defende que “ao abrir-se para o outro, o indivíduo sempre permanece também para si [...]”. Dessa forma, quando o eu está eticamente responsável pelo outro, “o critério não é a exatidão do conhecimento mas a profundidade de penetração” (*Id., Ibid.*) que acompanha o máximo acabamento dos interlocutores nos eventos da vida com suas formas enunciativas.

Apesar das possíveis manifestações acintosas de práticas homofônicas e assimétricas, o “enunciado é portanto a unidade da interação, sendo determinado pelas especificidades da interação, em vez de ser seu determinante”, conforme Sobral (2009a, p. 97) numa argumentação que atualiza a opinião de Bakhtin (2003, p. 394) de que o “indivíduo não tem apenas meio e ambiente, tem também horizonte próprio. A interação do horizonte do cognoscente com o horizonte do cognoscível”.

As especificidades de tal interação decorrem da tensão entre a axiologia do eu e a do outro uma vez que os eventos da intercomunicação dialógica estabelecem uma luta pela significação durante o processo de compreensão responsiva e ativa que permite, conforme Bakhtin (2003, p. 393), a “penetração no outro (fusão com ele) e a manutenção da distância (do meu lugar) [...]” como aspectos atrelados à “configuração dialógica da compreensão” (*opus cit*, p. 396).

No texto de “Metodologia das ciências humanas”, Bakhtin (2003, p. 403) aborda o problema da responsividade a partir da “complexa *tonalidade* da nossa consciência, tonalidade que serve de contexto axiológico-emocional na nossa

interpretação (plena e centrada nos sentidos)" (grifo do autor) e reforça o problema da disposição volitiva e pluriacentuada dos sujeitos para responderem axiologicamente com tudo que vivenciaram e apreciaram em contextos específicos.

Quando o excedente de visão do eu está orientado para o do outro ocorre uma comunhão de axiologias num "*excedente* definível pela *alteridade*", conforme Bakhtin (2003, p. 405 – grifo do autor), que comprova o primado constitutivo da compreensão responsiva pela qual os sujeitos reafirmam sua condição no processo de interação entre vozes equipolentes através de uma realidade concreta enunciada por sujeitos ativos e responsivos que agem de maneira ética (sem álibi, fuga ou neutralidade) e estética (constituída pelo critério de máximo esforço para acabamento de uma resposta compreensiva e intersubjetiva), o que reforça a compreensão do aspecto constitutivo da atividade responsiva do Ser-evento renovado na tensão entre significados oficiais e sentidos do cotidiano.

Essa atividade responsiva ocorre sob a tensão de um campo de batalha significativo atravessado por infinitos aspectos singulares *na* e *da* vida. Tal tensão responsiva envolve "o contexto axiológico-entonacional extratextual [...] realizado apenas parcialmente no processo de leitura (execução) de um dado texto [...]", como indicado por Bakhtin (2003, p. 406).

Através da tensão responsiva executada na interação concreta e situada de sujeitos historicamente situados no espaço-tempo e na cultura, os sentidos que significam a realidade enunciável à disposição dos interlocutores sofrem contínuas alterações atreladas à negociação responsiva entre opiniões e objetivos atualizados *na* e *pela* palavra de sujeitos em atos de compreensão responsiva.

Tomar posse da palavra é tornar-se co-autor de uma vida compartilhda a cada ato vivenciado por sujeitos situados e caracterizados por uma palavra-resposta para a vida, a única maneira de os sujeitos se afetarem reciprocamente e participarem do processo de compreensão responsiva nos contextos de suas vidas.

Pela experiência de uma prática responsiva, os sentidos, as identidades e os objetivos dos sujeitos variam com os cronótopos (espaço-tempo de significação e de interação dialógica), daí Bakhtin (2003, p. 408) argumentar sobre a diversidade de cronótopos e sujeitos que apreciam de maneira ativa o já dito e se respondem sob a influência dos "[d]iferentes cronótopos de quem pergunta e de quem responde e diferentes universos do sentido (*eu e o outro*)" (grifo do autor).

Para esclarecer o fenômeno da responsividade, Bakhtin (2003, p. 408) traz suas argumentações para a materialidade da palavra enunciada e considera “o problema da minha palavra e da palavra do outro” como a arena de combate onde o eu e o outro defendem pontos de vista a partir de significados trabalhados e renovados no contexto espaço-temporal das trocas responsivas.

Bakhtin (2003. p. 408), reflete que, “[s]e a resposta não gera uma nova pergunta, separa-se do diálogo e entra no conhecimento sistêmico, no fundo impessoal”, algo que prejudica a axiologia dos sujeitos para a constituição dos diversos aspectos apreciativos de si e da sociedade que caracterizam a cultura de um grupo, situação que confirma que “a insistência neo-kântica de que o objeto da percepção é produzido na cultura humana está presente através do trabalho de Bakhtin [...]”, conforme Brandist (2002, p. 152).

Em “Metodologia das ciências humanas”, Bakhtin (2003, p. 409) enfatiza haver uma “[r]enovação interminável dos sentidos em todos os contextos novos. O *pequeno tempo* – a atualidade, o passado imediato e o futuro previsível [desejado] – e *o grande tempo* – o diálogo infinito e inacabável em que nenhum sentido morre” (grifo do autor) e explica, que não pode existir nem a “primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). [...]. Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo” (*opus cit*, p. 410).

Diante da reflexão (do Círculo de) Bakhtin, é possível interpretar o texto “Metodologia das ciências humanas” como uma defesa dos atos responsivos que reorganizam os infinitos significados da realidade a partir do esforço axiológico de interlocutores envolvidos na luta pela defesa de suas opiniões enquanto uma contra-resposta, uma compreensão singular de si e de seu contexto.

Ou seja, a teoria bakhtiniana abre uma discussão em torno dos limites não finalizáveis nem limitados que caracterizam o ato responsivo do eu existir com o outro em função de um jogo *ad infinitum* de perguntas e respostas no corredor crontópico do espaço-tempo mediado por todo o conjunto de efeitos de sentido só compreensíveis na vivência sem álibi de experiências de significação da realidade e dos sujeitos engajados por meio de relações alteritárias manifestas através de gêneros discursivos que revelam a responsabilidade dos interlocutores.

2.4.3.2 Responsividade em “Os gêneros do discurso” (2003) / [1952-1953]

Segundo as notas de Paulo Bezerra para Bakhtin (2003, p. 447), entre “os planos de Bakhtin nos anos 50-70 estava o livro ‘Os gêneros do discurso’”, mas o projeto ficou restrito apenas ao sucinto texto de título homônimo no qual Bakhtin emprega o termo “gêneros do discurso” para refletir sobre este duplo fenômeno: discursivo – organizado por um *conteúdo temático*, uma *estrutura composicional* e um *estilo* – e textual – porque apresenta, conforme Gonçalves e Alves (2016) *autoria*, *bivocalidade* e *responsividade* – independente do recurso multissemiótico selecionado pelos sujeitos em seus contextos de interação responsiva.

No texto, Bakhtin (2003, p. 261) esclarece que “[t]odos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana [...]” tornados compreensíveis em enunciados assumidos por sujeitos responsivos e realizados como gêneros discursivo-textuais enunciados que, segundo Bakhtin (*idem*, *ibidem*):

> [...] refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional.

As atividades discursivas que significam a vida ocorrem na tensão das trocas linguageiras que materializam uma compreensão responsiva e ativa da realidade. Por isso, “cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*”, segundo Bakhtin (2003, p. 262; grifo do autor) e, graças a relações de linguagem, os “enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (*idem*, *ibidem*).

Não existe linguagem que não possibilite uma compreensão responsiva de acordo com o que Sobral (2009a, p. 93) define como o grau de “exaustividade [que] varia de acordo com as coerções de atividade [...] em que o enunciado é proferido” e resultam em gêneros discursivo-textuais plenos de uma “atividade autoral [...] ato sóciohistórico concreto que cria uma totalidade de sentido maior do que a soma dos componentes que convergem para essa construção” (*opus cit*. p. 120) que ressignifica os sujeitos, fenômeno que, segundo Bakhtin (2003, p. 275):

> Por sua precisão e simplicidade, o diálogo é a forma clássica de comunicação discursiva. [...]. Cada réplica, por mais breve e fragmentária que seja. [...], possui uma conclusibilidade específica ao exprimir certa posição do falante que suscita resposta, em relação à qual se pode assumir uma posição responsiva.

O eu e o outro estão munidos de suas singularidades e histórias compartilhadas no evento das trocas responsivas em que se afetam com a palavra enunciada num contexto de resposta ativa e de livre arbítrio, em termos bakhtinianos, e de "integração", segundo Freire (1979, p. 43), quando os sujeitos lutam para (con)viver de tal forma que, Bakhtin (2003, p. 271) assevera que:

> Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. A compreensão passiva do significado do discurso ouvido é apenas um momento abstrato da compreensão ativamente real e plena, que se atualiza na subsequente resposta em voz real alta".

Num contexto dialógico-enunciativo, o sujeito apresenta sua compreensão responsiva e complementar em relação a grupos e discursos estabelecidos, conforme Leiro (2005), que, por sua vez, também adotam posturas éticas singulares para influenciar na constituição de consciência, sociabilidade e subjetividade com as quais os sujeitos se definem. Por isso, Garcia (2012) considera que a formação de subjetividade/identidade e o processo de significação da realidade resultam do dialogismo entre posições valorativas para que aconteça um processo de conscientização, segundo Acunha (2011), em meio ao jogo de ambivalências e contingências, conforme Bhaba (1998), concretizadas por gêneros discursivo-textuais, segundo Bakhtin (2003), com os quais os sujeitos estabelecem uma compreensão responsiva no ato do Ser-evento do enunciado concreto.

Por isso, Bakhtin (2003, p. 272) enfatiza que "toda compreensão plena real é ativamente responsiva e não é senão uma fase inicial preparatória da resposta [...]. O próprio falante está determinado precisamente a essa compreensão ativamente responsiva [...]". Esta situação reforça a característica apreciativa e situada da palavra-resposta enunciada de maneira estrategicamente contingente pela disposição autoral e antagonística dos sujeitos, donde Bakhtin (2003, p. 275), considerar:

> O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada da alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com a transmissão da palavra ao outro, por mais silencioso que seja o 'dixi' percebido pelos ouvintes [como sinal] de que o falante terminou".

Por essa linha de raciocínio, a concepção enunciativa de linguagem (do Círculo) de Bakhtin está fundamentada na “alternância dos sujeitos do discurso” (2003, p. 279), ao passo que a “conclusibilidade do enunciado é uma espécie de aspecto interno da alternância dos sujeitos do discurso” (*opus cit*, p. 280).

Em definitivo, as reflexões fenomenológicas de Bakhtin estão atreladas à condição do sujeito no enunciado concreto como unidade da comunicação dialógica, social e histórica porque no enunciado, os sujeitos se revelam sem álibi e com uma máxima conclusibilidade com seus interlocutores porque, segundo Bakhtin (2003, p. 280), o “primeiro e mais importante critério de conclusibilidade do enunciado é a possibilidade de *responder a ele*, em termos mais precisos e mais amplos, de ocupar em relação a ele uma posição responsiva [...]” (grifo do autor) que atualize o ser do eu e do outro, afinal, para Bakhtin (2003, p. 341) ao reformular o livro “Problemas da poética de Dostoiévski”, “[s]er significa conviver”.

Foi pelas convivências responsivas que os grupos sociais elegeram todo um conjunto de escolhas apreciativas e responsivas. Daí porque “[s]er significa ser para o outro e, através dele, para si. O homem não tem um território interior soberano, está todo e sempre na fronteira, olhando para dentro de si ele olha *o outro nos olhos* ou *com os olhos do outro*”, como afirma Bakhtin (*idem*, *ibidem*; grifo do autor) ao elaborar um modo de fazer ciências relegado por estudos positivistas que não investiram no combate ao mito da neutralidade, pois, segundo o esforço (do Círculo) de Bakhtin (2003, p. 351) em “Reformulação do livro sobre Dostoiévski”:

> A posição neutra em relação ao eu e ao outro é impossível na imagem viva e na idéia ética. [...]. Cada homem é um *eu* para si, mas no acontecimento concreto e singular da vida o *eu* para si é apenas *eu* único, porque todos os demais são outros para mim. E essa posição única e insubstituível no mundo não pode ser revogada através de uma interpretação conceitual generalizante (e abstrativa) (grifo do autor).

Quando os sujeitos estão na vida, seus atos estão marcados pela presença do outro *no* e *pelo* ato concreto de uma troca responsiva volitiva e identitária cujas consequências afetam a vivência de uma acontecimento e os significados e identidades do eu para o outro e vice-versa na existência.

Para Bakhtin (2003, p. 288), uma “atitude responsiva – impressão artístico-ideológica e avaliação – pode referir-se apenas a uma paisagem em seu conjunto” e “[t]odo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva” (*opus cit*., p. 289)

efetivado a cada enunciado concreto operacionalizado pelos interlocutores no processo de renovação *ad infinitum* de uma "posição ativa do falante nesse ou naquele campo do objeto e do sentido. Por isso cada enunciado se caracteriza, antes de tudo por um determinado conteúdo semântico-objetal", conforme a argumentação (do Círculo) de Bakhtin (*idem*, *ibidem*).

Bakhtin atrela as discussões sobre a atitude responsiva do eu para com o outro na base de enunciados "coloridos" por uma "entonação" e flagra a responsividade manifesta, quando considera que no contexto da palavra enunciada esta se caracteriza "como palavra da língua neutra e não pertencente a ninguém; como palavra alheia dos outros, cheia de ecos de outros enunciados; e, por último, como a *minha* palavra [...]" (2003, p. 294) (grifo do autor).

Desse modo, por ser um fenômeno evêntico e socializador a palavra enunciada surge como responsividade manifesta que marca "a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros", conforme Bakhtin (2003, p. 294) a cada tomada de posição de uma palavra enunciada, "uma espécie de representante da plenitude do enunciado do outro como posição valorativa determinada", segundo Bakhtin (opus cit, p. 295) em "Os gêneros do discurso".

Toda essa reflexão acaba confirmada por Sobral (2009, p. 89-90) quando enfatiza que a "relação dialógica engloba e vai além da relação entre as réplicas de um diálogo real e alcança, por sua extensão, variação e complexidade, o plano de um meta-discurso (um discurso sobre o discurso, discursos nos discursos)" por meio da plenitude dos enunciados concretos assumidos por sujeitos responsivos.

Para Bakhtin (2003, p. 296), "[t]odo enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação discursiva de um determinado campo" e está definido pela vontade dos sujeitos se engajarem responsivamente, uma vez que "[c]ada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva (*opus cit*, p. 297).

O pensamento verbal e a linguagem racional estão em contínuo processo de desenvolvimento na tensão entre **Tema e Significado** atualizada a cada enunciado-resposta. Daí porque, em "Os gêneros do discurso", (o Círculo de) Bakhtin (2003, p. 297) propõe que "cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma

*resposta* aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra ‘respostas’ no sentido mais amplo) [...]” (grifo do autor).

Em qualquer gênero, há uma uma compenetração reflexiva, criativa e atitudinal para com o outro de tal forma que Bakhtin (2003, p. 297) defende que “os enunciados dos outros podem ser recontados com um variado grau de reassimilação; [...], aos quais respondemos, com os quais polemizamos [...]” e com os quais marcamos ativamente o “destaque dado a determinados elementos, as repetições [...] o tom”, conforme Bakhtin (2003, p. 297).

Por conseguinte, a “expressão do enunciado nunca pode ser entendida e explicada até o fim levando-se em conta apenas o seu conteúdo centrado no objeto e no sentido”, conforme Bakhtin (2003, p. 297) uma vez que o “enunciado é pleno de *tonalidades dialógicas*, e sem leva-las em conta é impossível entender até o fim o estilo de um enunciado” (*opus cit*, p. 298 – grifo do autor) além do fato de que “[u]m traço essencial (constitutivo) do enunciado é o seu *direcionamento* a alguém, o seu *endereçamento*” (*opus cit*, p. 301; grifo do autor) responsivo e concreto porque ao contrário “das unidades significativas da língua – palavras e orações –, que são impessoais, de ninguém e a ninguém estão endereçadas, o enunciado tem autor (e, respectivamente, expressão, do que já falamos) (*idem*, *ibidem*).

Ao tratar do dialogismo em gêneros do discurso, a responsividade como categoria constitutiva do dialogismo aflora porque a atividade social e individual dos sujeitos é uma resposta interlocutiva e endereçada para “um destinatário [que] pode ser participante-interlocutor direto do diálogo cotidiano, pode ser uma coletividade diferenciada de especialistas de algum campo especial da comunicação cultural”, conforme Bakhtin (2003, p. 301) ao reafirmar a criatividade do sujeito que “pode ser um público mais ou menos diferenciado, um povo, os contemporâneos, os correligionários, os adversários” (*idem*, *ibidem*) no Ser-evento.

Com “Os gêneros do discurso”, (o Círculo de) Bakhtin reforça o papel do destinatário interlocutivo e jamais passivo, um Ser-evento que só encontra o termo de sua existência quando dialoga e quando contribui para que o eu se torne aquilo que é por meio de suas palavras-respostas respnsáveis e responsivas, como comprova o diálogo entre catadores/as e Cáritas de Limoeiro do Norte em 2015 (vide apêndice).

Holquist (*in* BAKHTIN, 1986, p. xviii) compreende que Bakhtin defende que todos os sujeitos “falantes sempre moldam um enunciado não só de acordo com o

objeto do discurso (o que eles estão falando) e o seu destinatário imediato (a quem eles estão falando), mas também de acordo com a imagem particular" trabalhada ao longo de todos os processos de compreensão responsiva e autoral de sujeitos sensíveis aos discursos enunciados do outro que contribuem para o processo "em que eles modelam a crença de que serão compreendidos, uma crença que é o *a priori* de todo o discurso" (*idem*, *ibidem*), um ponto de mediação polifonicamente colaborativo e responsivo. "Assim, cada falante elabora um enunciado não só com um público-destinatário, mas um superdestinatário em mente [...]"[32] (*idem*, *ibidem*), situção que corrobora o fato de que todas as palavras enunciadas são responsivas.

Por isso, no mundo das relações entre sujeitos situados, não há uma palavra transcendental, pois uma palavra responde ao já-dito e prepara outras palavras-respostas. Para Holquist (*opus cit*.), "se há algo como um conceito de Deus em Bakhtin, é certamente o superdestinatário, porque sem fé que nós seremos compreendidos de algum modo, por alguém nós não falaríamos de fato"[33] e, a possibildiade de compreensão e de desenvolvimento ficaria menos dinâmica.

Essas possibilidades sofrem processos de reorganização devido a manipulação de recursos linguísticos e tecnológicos que afetam os sentidos e as percepções e radicalizam a materialização verbo-visual de gêneros do discurso enunciado e a interação entre ideologia e discurso para o processo de significação operado por sujeitos que se respondem com novas tecnologias de informação e de comunicação, conforme Baronas, Araújo e Ponzoni (2013).

Tais questões sobre gênero discursivo-textual permitem a reflexão em torno da responsividade manifesta *nas* e *pelas* relações dialógicas. Essas relações, conforme a reflexão (do Círculo) de Bakhtin, estão constituídas no processo de organização das relações responsivas enunciadas por meios multissemióticos de ressignificação ideológica e dialógica dos sentidos da realidade *na/com a* qual os sujeitos se (inter)subjetivam e tomam consciência de si e de suas escolhas.

---

[32] [...] speakers always shape an utterance not only according to the object of discourse (what they are talking about)and their immediate addressee (whom they are speaking to), but also according to the particular image in which they model the belief they will be understood, a belief that is the a priori of all speech. Thus, each speaker authors an utterance not only with an audience-addressee, but a superaddressee in mind [...] (p. xviii) [tradução nossa].

[33] If there is something like a God concept in Bakhtin, it is surely the superaddressee, for without faith that we will be understood somehow, sometime, by somebody, we would not speak at all. (p. xviii) [tradução nossa].

### 2.4.4 Responsividade na fase sobre a metafísica da linguagem

O esforço teórico de Bakhtin na última fase de sua vida girou em torno de questões para confirmar o aspecto concreto das trocas responsivas realizadas pela atitude volitiva e responsável de sujeitos organizados por sua compreensão responsiva a cada enunciado assumido com os outros e sem álibi na vida.

Do alto de uma teoria alicerçada no potencial epistemológico da polifonia e do dialogismo, a reflexão bakhtiniana solidifica a noção de um sujeito responsivo que existe e se renova a partir de um processo que responde ao já dito e prepara o potencial de uma maneira materialmente identificável na e através da palavra, signo ideológico e dialógico que instaura a ressignificação do ser e da vida apenas na unidade da responsabilidade do sujeito que age com um ato singular.

Para um pensador que investigou a atividade humana sob a ótica do texto realizado como enunciado concreto com um autor em interlocução constante e atravessado pela refração responsiva de seus posicionamentos, a questão da natureza dinâmica do sujeito e da significação ganha um enfoque palpável na unidade textual-enunciativa entre o dado e o compreendido.

Nesta última fase, a questão da compreensão responsiva é associada em definitivo aos recursos de uma investigação translinguística diante da limitação teórica colocada pela linguística e seu objeto de estudo, o texto enquanto abstração potencial que apenas no plano do enunciado autêntico é marcado por um sentido e por um significado como comprovado pela ciência translinguística proposta por Bakhtin ainda em meados da década de XX em seu trabalho sobre Dostoiévski.

Além da insistência no trabalho em torno do enunciado concreto realizado uma única vez de forma autêntica até uma nova apreciação realizar uma renovação dos sentidos, esta fase deixa claro a existência de um campo de investigação em torno das infinitas manifestações do discurso assumidas por um sujeito que se posiona diante de seus pares para manifestar sua compreensão responsiva enunciada nas e com suas palavras organizadas segundo um máximo acabamento ético e estético pelos quais suas vidas são caracterizadas e suas posições axiológicas são reveladas e renovadas de maneira singular e ativamente crítica sob pena de não acontecer o processo de compreensão responsiva com o qual a realidade e os sujeitos interagem pelas palavras-respostas do cotidiano.

#### 2.4.4.1 Responsividade em “O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas” (2003) / [1959-61]

“O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas – uma experiência de análise filosófica” é um “manuscrito inacabado”, (FARACO, 2009, p. 65). Bezerra, em Bakhtin (2003, p. 453), classifica-o como “notas” de uma produção tardia elaboradas por Bakhtin e publicadas como “‘O problema do texto’ em *Questões de literatura* (1976, nº 10, publicação de V. V. Kojínov)”.

Bakhtin (2003, p. 332) afirma que a “compreensão dos enunciados integrais e das relações dialógicas entre eles é de índole inevitavelmente dialógica (inclusive a compreensão do pesquisador de ciências humanas) [...]” na materialidade de um texto axiológico e co-autoral posicionado como um ato-resposta contingente.

Por isso, o trabalho (do Círculo de) Bakhtin (2003, p. 332) considera que “[u]m observador não tem posição *fora* do mundo observado, e sua observação integra como componente o objeto observado” (grifo do autor) de tal modo que só assim os sujeitos podem interagir no mundo observado através de enunciados responsivos, bivocais e autorais (GONÇALVES; ALVES (2016).

. Brandão (2005) percebe que o gênero discursivo é o princípio dialógico de sutura entre o social e o idiossincrático, entre o aspecto estável/regular e o variável que possibilitam a significação e a relação enunciativa entre gêneros semelhantes entre si (heterogeneidade) ou entre diversos (a interdiscursividade).

Um exemplo é a luta por direitos num processo formativo e educativo (CARVALHO, 2006) *pelos* gêneros discursivos (BAKHTIN, 2003) para a constituição contingente e responsiva de sentidos bivocais e alteritários pedagogicamente formativos e educativos (BRANDÃO, 1986; WEFFORT *in* FREIRE, 1979).

Para Bakhtin (2003, p. 307), os textos enunciados “[s]ão pensamentos sobre pensamentos, vivências das vivências, palavras sobre palavras, textos sobre textos”, pois o “acontecimento da vida do texto, isto é, a sua verdadeira essência, sempre se desenvolve *na fronteira de duas consciências, de dois sujeitos*” (*opus cit*., p. 311; grifo do autor) que enunciam uma palavra-resposta bivocal já que “uma palavra pode tornar-se bivocal se vier a ser uma abreviatura de enunciado (isto é, se ganhar autor). A unidade fraseológica não foi criada pela primeira mas pela segunda voz”, conforme Bakhtin (2003, p. 312), com suas apreciações.

Os sentidos são atualizados pela “bivocalidade na comunicação discursiva”, segundo Bakhtin (2003, p. 315), em virtude de que se na “*explicação* existe apenas uma consciência, um sujeito; na *compreensão*, duas consciências, dois sujeitos” (*opus cit*. p. 316; grifo do autor), já que “a compreensão é sempre dialógica” (*opus cit*, p. 316) por causa de uma influência bivocal enunciada durante o processo evêntico de toda compreensão responsiva relacionada com as “máscaras (as imagens do autor) e o próprio autor” (*opus cit*., p. 316).

Ainda para (o Círculo de) Bakhtin, a compreensão clama pela definição de “limites essenciais e precisos do enunciado. A alternância dos sujeitos do discurso. A capacidade de definir a resposta. A responsividade de princípio de qualquer compreensão” (*opus cit* p. 317) mediada por signos dialógicos e ideológicos com os quais os sujeitos efetivam uma compreensão ativa que interage com todas as outras.

Para Bakhtin (2003, p. 320), dois enunciados “se tocam no território do tema comum, do pensamento comum” e “o discurso direto do autor é cheio de palavras conscientizadas dos outros” (*opus cit*, p. 321), portanto, uma resposta bivocal entre “dois e um potencial terceiro” (*opus cit*, p. 325), pois o “entendedor se torna inevitavelmente um *terceiro* no diálogo (é claro [...] que pode haver um número ilimitado de participantes do diálogo a ser compreendido) [...]” (*opus cit*. p. 333).

Por isso, (o Círculo de) Bakhtin identifica que a palavra existe “entre aspas, isto é, sentida e empregada como palavra do outro, e a mesma palavra (como alguma palavra do outro) sem aspas” (2003, p. 327), como uma interlocução responsiva com “gradações infinitas no grau de alteridade (ou assimilação) entre as palavras, as suas várias posições de independência em relação ao falante” (*idem*, *ibidem*).

Para Bakhtin (2003, p. 330), “[e]m cada palavra há vozes às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais [...]” que marcam uma contra-resposta e promovem a “compreensão da língua e a compreensão do enunciado (que envolve responsividade e, por conseguinte, juízo de valor) (*opus cit*, p. 328)”.

Portanto, a palavra-resposta promove interação responsiva e ativa entre a apreciação do eu e a do outro pois, “[p]ara a palavra (e consequentemente para o homem) não existe nada mais terrível do que a *irresponsividade*”, segundo Bakhtin (2003, p. 333; grifo do autor), que desconsidera as “unidades da comunicação discursiva” (*opus cit*, p. 335) durante eventos dialógicos, responsivos e ativos.

### 2.4.4.2 Responsividade em “Os estudos literários hoje (resposta a uma pergunta da revista Novi Mir)” (2003) / [1970]

O material de “Os estudos literários hoje” – originalmente publicado pela Revista *Novi Mir, nº 11,* pp. 237-240 em 1970 – reflete sobre o problema da produção científica da Rússia bakhtiniana, os sujeitos e suas palavras refratadas pela complementaridade exotópica do eu e do outro, pois “[n]o campo da cultura, a distância é a alavanca mais poderosa da compreensão” (BAKHTIN, 2003, p. 366).

À época do diálogo com a *Novi Mi*r, quando as experiências de Bakhtin já haviam sido ressignificadas, a observação de que uma “cultura do outro só se revela com plenitude e profundidade”, em suas próprias palavras (2003, p. 366), é um alento no combate aos **discursos de empobrecimento**, por exemplo, acerca dos limites e características da alfabetização e dos letramentos neste mundo contemporâneo, conforme Mey (2001), Soares (2001), Mortatti (2004) e Rojo (2009).

A distância entre o eu e o outro organiza a experiência da significação, já que “[u]m sentido só revela as suas profundidades [...] com o sentido do outro”, segundo Bakhtin (2003, p. 366) que, ao elaborar “Os estudos literários hoje (resposta a uma pergunta da revista Novi Mir)”, Bakhtin (2003, p. 366) afirma que “a cultura do outro nos responde, revelando-nos seus novos aspectos, novas profundidades do sentido” à medida em que preserva sua singularidade, pois as opiniões dos sujeitos são únicas e existem discursiva, ideológica e eticamente comprometidas *para* e *pelo* outro em contextos situados e responsivos com os quais o mundo se torna compreensível e acessível, pois, conforme Sobral (2008, p. 222), “o mundo humano é um mundo de sentido, não um mundo material puro e simples”, mas um cenário histórico-cultura e axiológico significado pela compreensão responsiva dos sujeitos.

O mundo existe no evento de realização total de um enunciado-resposta orientado pela singularidade ética e responsiva de sujeitos que interagem entre o mundo sensível da vida (*Lebenswelt*) – das impressões – e do mundo inteligível – das compreensões responsivas realizadas – nos e pelos gêneros discursivo-textuais atualizados no espaço-tempo (SOBRAL, 2008).

A resposta dos sujeitos em diálogo é sempre um ato circunstancial em interação com uma ideologia que afeta as reações do “eu-para-mim” (a posição do sujeito em si mesmo), do “eu-para-o-outro” (a iniciativa do eu para o outro) e do “outro-

para-mim” (a iniciativa do outro para mim), como indicado por Sobral (*opus cit*) mesmo não desenvolve a possibilidade de reação do “outro-para-si”

O fundamento da ideologia é a tensão dialógica entre axiologias defendidas *nas* e *pelas* palavras-respostas contingentes, relativamente estáveis e (re)atualizadas no processo significativo e constitutivo dos diversos elementos da sociedade que só existe quando os sujeitos trabalham em comunhão e preservam sua singularidade, porque, segundo Sobral (2008, p. 229), “aquele que se põe no lugar do outro e não volta ao lugar que lhe pertence é infiel a si e ao outro!”

Como a ideologia é uma energia, sua operacionalização ocorre *na* e *através da* palavra enunciada por sujeitos responsivos que vivem e vivificam seu ser e sua compreensão no diálogo, segundo Sobral (2008, p. 230), “um fenômeno textual *e* um procedimento discursivo englobado pelo dialogismo, sendo apenas um de seus níveis mais evidentes no nível da materialidade discursiva”, ao passo que o dialogismo é um fator que possibilita linguagem e pensamento, elementos que tornam o sujeito um cidadão, ético, ativo, responsável e responsivo, constrangido, mas não determinado em definitivo, pelas circunstâncias de seu fazer/ser situado entre o mundo dado (*dan*) e apreensível/acessível pelo postulado (*zadan*) a partir de um ponto de vista complementar de interlocutores em posição de resposta.

Assim, a posição de resposta é composta pela influência do social e do pessoal, portanto, é ação responsiva é ideologizada pelo esforço apreciativo e de compromisso que renova a significação com as quais todo sujeito interagindo responsivamente num espaço de enunciação de suas vivências e de seus sentidos.

A possibilidade de um sujeito existir decorre de uma resposta refratada e manifesta ao outro por meio de gêneros discursivo-textuais realizados por meio de quaisquer recursos sociossemióticos de significação com os quais suas vozes se colocam para dialogar com as contribuições dos outros e assumir uma posição de ativismo e distanciamento a fim de se refletir sobre a opinião alheia e efetivar a constituição de uma compreesão responsiva, ativa e pluriacentuada com o máximo de acabamento enunciativo no plano do estilo, da composição e do tema.

Até agora, é possível depreender que o esforço (do Círculo) de Bakhtin realoca o papel dos estudos literários para analisar a compreensão responsiva como um fenômeno artisticamente acabado de acordo com a atividade volitiva de interlocutores que se organizam eticamente para viver a batalha das significações.

Na resposta a "*Novi Mir*", Bakhtin reforça o compromisso com a alteridade, com a responsividade e com a vida enquanto eventos resposivos plenos de ideologia e de dialogismo executados por uma vontade intersubjetiva de comprensão responsiva, ativa e constitutiva da socieade e dos sujeitos numa dada realidade apenas relativamente estabilizada na palavra-signo que responde e refrata as condições superestruturais e infraestruturais da ação discursiva.

Sobre Bakhtin, "a ênfase na abertura, na inconclusibilidade (nezavershennost), [...] é tanto uma característica de seus primeiros trabalhos [...]" para Holquist (*in* BAKHTIN, 1986, p. xii)[34]" quanto um fator organizador do papel desempenhado por uma compreensão responsiva ativa. Uma tal compreensão é um enunciado-resposta relativamente estabilizado como um gênero discursivo e textual realizado por sujeitos responsivos em atitude de significação no evento da comunicação discursiva emoldurada por um contexto translinguístico com o qual interage e com o qual organiza e reatualiza a tensão entre Tema e Significado.

A reflexão sobre o fato de que o "emprego distinto que ele [Bakhtin] faz da palavra 'corpo', como quando ele fala sobre 'portadores materiais de significado' em termos de 'corpos de significado" (HOLQUIST *in* BAKHTIN, 1986, p. xii) [35] reforça a reflexão em torno do fato de que a significação ideológica e discursiva marca e define os corpos dos sujeitos como palavras que respondem na história e na cultura ao que já foi enunciado com formas relativamente estabilizadas entre as características subjetivas e sociais de cada evento de interação responsiva.

Bakhtin "enfatiza a necessidade primeiro de usar a compreensão de alguém para penetrar a outra pessoa ou a outra cultura tão profundamente quanto possível" (HOLQUIST, *opus cit*.; p. xiii) para interagir com o que o outro percebe exotopicamente, "mas, em seguida, "ele salienta, em ambos os casos, a necessidade não menos urgente para retornar à perspectiva fornecida pelo nosso eu-nativo ou nossa cultura nativa"[36] (*idem*, *ibidem*) e com a qual ocorre uma partilha de pontos de vista apreciativos e autorais enquanto uma reação apreciativa.

---

[34] "[...] the emphasis on openness, on unfinishedness (nezavershennost) that is so much a feature of his earliest work is still evident [...]". (p. xii). (tradução deste autor).

[35] "[...] the distinctive use he makes of the word "body," as when he talks about "material bearers of meaning" in terms of 'bodies of meaning'." (p. xii; tradução deste autor).

[36] "[...] stresses the need first to use one's understanding to penetrate the other person or the other culture as deeply as possible; but then, having done this, he stresses in both cases the no less urgent need to return to the perspective provided by our native self or our native culture" (p. xiii; tradução deste autor).

2.4.4.3 Responsividade em “Apontamentos de 1970-1971” (2003)

Bakhtin produziu os “Apontamentos de 1970-1971” à época em que “morou de maio de 1970 a dezembro de 1971 na cidade de Klimóvsk nos arredores de Moscou” segundo notas de Bezerra em Bakhtin (2003, p. 458). Esse período é marcado pela afirmação de Vyacheslav Vsevolodovich Ivanov sobre Bakhtin ser o autor de “Marxismo e Filosofia da Linguagem” e pela morte da esposa de Bakhtin.

“Alguns apontamentos são esboços de trabalho”, conforme notas de Bezerra em Bakhtin (2003, p. 458) e reforçam como a responsividade é alvo de investigações translinguísticas (ou metalinguísticas) porque Bakhtin (*opus cit*, p. 368) identifica “diferentes tipos e graus de alteridade da palavra alheia [...]” ao perceber que “eu tomo consciência de mim através dos outros” (*opus cit*., p. 373) e quando reflete a impossibilidade de “separar compreensão e avaliação: elas são simultâneas e constituem um ato único integral. [...] No ato da compreensão desenvolve-se uma luta cujo resultado é a mudança mútua e o enriquecimento” (*opus cit*., p. 378),

Para Bakhtin (*opus cit*, p. 379) “todas as palavras (enunciados, produções de discurso e literárias), além das minhas próprias, são palavras do outro. Eu vivo em um mundo de palavras do outro. E toda a minha vida é uma orientação nesse mundo; é reação à palavra do outro [...]”. Assim, palavras são contra-respostas responsivas de sentido que acontecem uma única vez até serem ressignificadas. Por isso, o “sentido sempre responde a certas perguntas. Aquilo que a nada responde se afigura sem sentido para nós, afastado do diálogo”, conforme Bakhtin (2003, p. 381).

Por isso, a resposta responsável e sem álibi movimenta a tessitura dos sentidos pois, conforme Bakhtin (2003, p. 382), “não pode haver nem o primeiro nem o último sentido, ele está sempre situado entre os sentidos, é um elo na cadeia dos sentidos, a única que pode existir realmente em sua totalidade”.

Portanto, a compreensão responsiva existe e se renova estrategicamente *com* e *na* “palavra de qualquer pessoa dirigida a qualquer pessoa”, que exerce sua responsividade mediante (*opus cit*., 385) a “procura da própria palavra pelo autor [...] do gênero e do estilo, procura da posição do autor” (*opus cit*., p. 384) a partir do enunciado concreto como um cronotopo material e situado de constituição dos sentidos, pois "[n]ão se vai do objeto à palavra, mas da palavra ao objeto, a palavra cria o objeto” (*opus cit*, p. 390) no ato de ressignificar bivocalmente o mundo dado.

Enquanto uma energia possibilitadora do discurso, da consciência e da subjetividade relativa ao particular das memórias e características singulares de cada um, a responsividade é constitutiva. Enquanto fenômeno sígnico e significativo textualizado por um enununciado concreto em um gênero discursivo relativamente estável e partilhado socialmente, a responsividade é manifesta.

Por suas funções discursivas e ideológicas e seu caráter sistêmico para uma compreensão mais abrangente e refinada, a responsividade (a resposta) está para o dialogismo (a interação) assim como a palavra enunciada por qualquer tecnologia sociossemiótica está para o signo ideológico na história e na cultura.

Assim, "[d]iscussões sobre a Linguística Aplicada (LA) contemporânea têm identificado a caracterização transdisciplinar de suas pesquisas [...]", conforme Pereira e Rodrigues (2010, p. 148), porque nada ocorre de forma autônoma ou definitiva, pois o ato de compreender é um evento criativo, integrador e responsivo.

Por conseguinte, a Análise Dialógica do Discurso (doravante ADD), segue as orientações metodológicas de Bakhtin/Voloshinov (2002, p. 124) para os "estudos da língua" a partir da consideração das relações dialógicas de significação da realidade e dos sujeitos a partir do enunciado concreto definido por Bakhtin (2010). Dessa forma, tal análise deve atentar para as condições histórico-materiais e ideológicas (sociais e culturais) do evento responsivo em que os sujeitos vivem sua autoria e elegem um acento de valor em resposta ao já dito na cadeia *ad infinitum* da comunicação. Em seguida, deve atentar, também, para o fenômeno ocasionado a partir do evento discursivo-ideológico e, finalmente, para a materialidade dos fenômenos linguísticos enunciados.

Por isso, "*a metodologia* da ADD busca compreender as regularidades enunciativo-discursivas que engendram e se engendram na constituição e no funcionamento dos gêneros do discurso", segundo Pereira e Rodrigues (2010, p. 152; grifo do autor), pois, caso não focalizem as regularidades que organizam a relativa estabilidade do enunciado concreto a partir da noção de gêneros do discurso, a discussão em torno de língua e linguagem acaba abstrata e incapaz de perceber a palavra como arena de batalhas responsivas pela significação.

A posição autoral e apreciativo de cada sujeito, o conteúdo, as interferências institucionais e a presença do outro compoem um enquadramento estratégico e determinam a composição semântico-estilística dos signos ideológicos

textualizados pela enunciação responsiva e responsável compartilhada durante o processo de tomada de consciência efetivado com o máximo de acabamento no evento do enunciado concreto dirigido do eu ao outro.

Esses signos ganham materialidades diversas para fins políticos e ideológicos relacionados à uma tomada de consciência e a um panorama axiológico genuíno entre o subjetivo e o social. Por isso, a materialidade sígnica ocorre através de múltiplas semioses mesmo antes de todo um sistema linguístico estar consolidado, afinal, para Lisboa (2015, p. 46), “o sujeito social lê o mundo em suas mais variadas semioses [...]” realizadas num evento responsivo marcado numa esfera contextual.

No caso do processo político-discursivo em que catadores/as de materiais recicláveis de uma associação da cidade de Limoeiro do Norte estiveram engajados no ano de 2015 com o apoio do escritório regional da Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte, é possível perceber que a ressignificação de suas existências ocorre como uma resposta total e situada no Ser-evento de relações enunciadas através de recursos sociossemióticos e significativos de caráter verbo-visual.

Artigos de Grillo (2012), Baronas, Araújo e Ponzoni (2013) e Brait (2013) e dissertações de Piffer (2015) e Gonçalves (2015) confirmam o potencial de pesquisas ancoradas no caráter enunciativo-discursivo do texto concreto apesar de suas pesquisas enfocarem a materialiadade enunciada em meio impresso ou digital.

Aliás, para Brait (2013, p. 54), a “sintaxe da verbo-visualidade demonstra que os enunciados são construídos a partir de determinados discursos” organizados em torno de uma determinada estrutura composicional, uma unidade temática e um estilo que significa e que ideologiza a realidade e os sujeitos com múltiplos recursos sociais e semióticos jamais isolados entre si no corredor do espaço-tempo.

Como os sujeitos existem numa sociedade de discuros multissemióticos e em diferentes graus de (as)simetria, eles tomam consciência e apreendem o mundo em contextos verbo-visuais, olfativos, táteis, gustativos, termo-sensíveis, foto-sensíveis e de movimento que (des)estabilizam os discursos enunciados.

Numa perspectiva mais ampla, o problema das múltiplas semioses, das relações responsivas e dos limites e características das tecnolgias de comunicação ajudam a pensar as práticas de letramento – vide capítulo seguinte – que marcam o Ser-evento de sujeitos que vivem a linguagem como ação política.

## Síntese do capítulo

O esforço (do Círculo) de Bakhtin renova as discussões sobre o sujeito, a linguagem e a existência ao abordar o ideológico (social e cultural) e o dialógico (ético e estético) *na* e *com a* prática discursiva fundamentada na participação ativa e responsável de sujeitos jamais imparciais, absolutos ou infalíveis.

Em quatro fases de produção teórica-política, a diversidade de esforços (do Círculo) de Bakhtin expõe a responsividade como constitutiva das relações dialógicas. A primeira fase foi inspirada no neokantismo e na fenomenologia. A segunda foi marcada por temas intelectuais contemporâneos. A terceira versou sobre questões de poética histórica e teoria do romance. Por fim, a quarta fase enveredou sobre a Metafísica da linguagem. Assim, didaticamente, o problema da responsividade pode ser agrupado conforme as características de cada fase:

**Quadro 2 – Fases (do Círculo) de Bakhtin sobre o problema da responsividade**

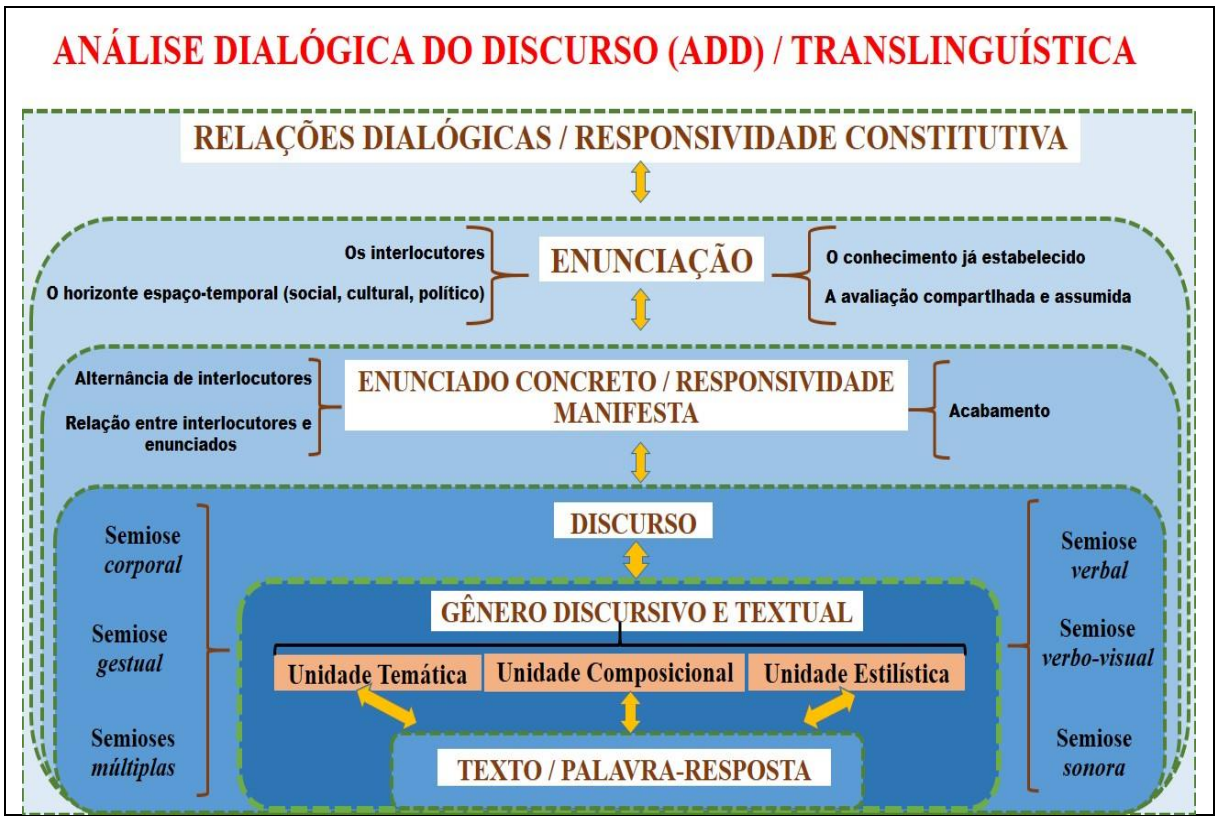
| | |
|---|---|
| 1ª fase | • responsabilidade dos sujeitos na realização de atos em processo;<br>• eventicidade, empatia e axiologia do ato responsivo e amoroso;<br>• contraposição concreta e arquitetonicamente válida;<br>• pensamento participativo no acontecimento real da comunicação;<br>• entonação que organiza o enunciado na vida e na arte;<br>• cada resposta total é ativa e axiológica (volitivo-emocionais);<br>• impossibilidade de neutralidade num contexto cultural e semântico-axiológico. |
| 2ª fase | • compreensão responsiva e ativa que antecipa e integra outras respostas<br>• discurso vinculado ao ato consciente e social da comunicação dialógica;<br>• propriedade social, ideológica e semiótica do signo ideológico<br>• confronto de interesses sociais respondidos no ato social da enunciação;<br>• tensa relação e contraposição dialógica e autêntica das consciências;<br>• incompletude e inacabamento da palavra-resposta;<br>• plurilinguismo dialogizado (maduro, autônomo, responsável e eficáz);<br>• persuasão, originalidade e reacentuação da palavra dialogizada. |
| 3ª fase | • relacionamento responsivo entre atividade humana e linguagem;<br>• ato renovador de abrir-se ao outro pela comunicação no grande tempo;<br>• penetração de apreciações e manutenção da distância e da singularidade;<br>• influência do contexto axiológico para a realização palavra-resposta;<br>• cronótopo de encadeamento entre quem pergunta e quem responde;<br>• exaustividade conclusibiilidade da constituição da réplica enunciada;<br>• compreensão ativa, concreta e plena de respostas multimodais;<br>• ressonâncias, direcionamento e endereçamento da palavra enunciada. |
| 4ª fase | • alteridade (apreciação e juízo de valor) marcada entre as consciências;<br>• inconclusibilidade da palavra que responde e se revela do eu ao outro;<br>• complementação de respostas enunciadas multissemioticamente.<br>• influência dialógica e ideológica sobre o evento responsivo enunciado.<br>• texto enunciado e pleno de bivocalidade, autoria e responsividade. |

Fonte: Elaborado pelo autor

A própria etimologia da palavra “responsividade” expõe o papel das relações responsáveis para os processos de interação e de significação assumidos

pelos sujeitos e apenas compreensíveis a partir do enunciado concreto realizado por sujeitos situados que se respondem por meio de uma palavra-resposta, um signo ideológico-dialógico, e de uma reação responsiva e constitutiva da linguagem e da cadeia da comunicação/significação manifesta como discursos, gêneros discursivo-textuais e textos enunciados entre o eu e o outro a partir de Relações Dialógicas vividas no plano da Translinguística conforme quadro 3 a seguir:

**Quadro 3 – Plano do dialogismo sob a ótica da Translinguística**




Fonte: Elaborado pelo autor

As relações dialógicas estão para a interação sóciocultural assim como as relações responsivas estão para o Ser-resposta de cada sujeito em interação. Daí, o estudo das relações dialógicas de enunciados concretos e singulares ser possível apenas por meio de uma Análise Dialógica do Discurso (doravante ADD) – vide Brait (2014) e Paula (2013) – um ramo da Análise de Discurso sistematizado por Bakhtin/Voloshinov (2002) acerca da relação entre língua e ideologia, Bakhtin (2003) sobre a existência dos gêneros do discurso (com tema, composição e estilo específicos) e Bakhtin (2010a) sobre os limites lógicos da Linguística em relação aos limites dialógicos da Translinguística.

Portanto, a existência de vozes que reagem umas às outras indica uma tomada responsiva de posição inalienável e original em contexto ideológico (social e histórico) e dialógico (ético e estético) enunciado responsivamente pelos sujeitos.

Para a ADD, as relações dialógicas estão no plano translinguístico. Alinhado com esta corrente dos estudos da linguagem e do humano, este trabalho se volta para a responsividade constitutiva que caracteriza a enunciação. Se o fundamento da ciência bakhtiniana é o dialogismo, não há como imaginar uma manifestação de linguagem desprovida de um caráter de resposta entre os sujeitos.

Ao realizar um esforço arqueológico em torno do desenvolvimento da categoria bakhtiniana da responsividade, este trabalho não compreende os conceitos envolvidos a partir de uma hierarquia de proeminências. Tampouco considera haver um antes ou um depois, pois todos os elementos ocorrem simultaneamente na eventicidade da enunciação caracterizada pela singularidade de interlocutores, horizontes contextuais (socio-culturais e espaço-temporais) de interação responsiva donde acaba manifesta uma avaliação compartilhada em torno dos conhecimentos e significados discutidos pela opinião do eu e pela do outro.

O aspecto contextual de uma enunciação específica afeta e também é afetado pelo enunciado concreto assumido por sujeitos no papel de interlocutores da comunicação e da significação. Sujeitos que alternam e reelaboram seus papeis interlocutivos quando lutam por uma dada compreensão a partir de significados já dados e quando realizam seus enunciados concretos com um máximo de acabamento enunciativo manifesto pela vontade autoral dos sujeitos.

O enunciado concreto é manifesto por meio de múltiplos recursos sociais e semióticos caracterizados pela proeminência de semioses diversas (verbais, visuais, sonoros, gestuais ou mistas) com as quais os sujeitos organizam suas interações e manifestam a luta por uma compreensão responsiva e ativa na manifestação do discurso, do gênero discursivo-textual e do texto/palavra-resposta.

No próximo capítulo, a compreensão responsiva ativa é atrelada aos letramentos com seus usos político-ideológicos das tecnologias de informação e comunicação operacionalizadas para semiotizar as tensões responsivas entre sujeitos que se respondem para interagirem e significarem o espaço-tempo.

## 3 LETRAMENTOS E RESPONSIVIDADE

> "[...] os únicos que podem responder são os que aceitam arriscar a vida para fazê-la" (FOUCAULT, 1979, p. 242).

A realidade, o pensamento, os indivíduos, e o imaginário existem como discurso manifesto como palavra-respota que semiotiza e significa o que está compartilhado pelas consciências do eu e do outro. Por isso, o ato de se exisitr depende de uma compreensão responsiva e ativa em termos de *continuum*, e não de oposições estanques e hieraquizadas que empobrecem a disposição axiológica enunciada e posicionada a partir da conribuição situada dos interlocutores.

Quando esta realidade é marcada por assimetrias e opressões como, por exemplo, no caso de catadores/as de materiais recicláveis da cidade de Limoeiro do Norte, sua experiência de contestação é organizada como letramentos responsivos,

Após o prévio debate (do Círculo) bakhtiniano sobre a palavra-resposta, este capítulo traça uma breve história do termo letramento e de sua divisão entre letramentos ideologicos e responsivos. Em seguida reflete acerca da discussão freireana sobre ação, reflexão e formação dos sujeitos, da contribuição foucaultiana sobre poder, verdade e saber e da apreciação de interlocutores bakhtinianos sobre letramentos relativos à leitura-escrita e ao ambiente escolar.

Foucault (1979) problematiza as condições discursivas com as quais as relações de poder, saber e verdade são disciplinadas e organizadas para manter hierarquias que dicotomizam os sujeitos. Já Freire (1979, 1983, 1996 e 2013), a partir da ótica da liberdade, mudança e autonomia, discute experiências de resistência aos discursos que impedem a sociedade de serem mais democráticas.

Ao que tudo indica, os letramentos responsivos, a partir do viés responsivo da palavra-resposta, reforçam o caráter linguageiro e social dos sujeitos. Sob lentes translinguísticas, eles alargam o universo dos estudos de letramentos porque toda compreensão é uma reação *no* e *pelo* signo ideológico e dialógico de uma palavra constitutivamente plena de respostas e de acentos de valor tanto mais ativos quanto for a disposição manifesta e enunciada dos sujeitos em se comprometerem de maneira dialógica e amorosa por um processo de compreensão responsiva e ativa que se transforma como os conceitos de letramentos.

## 3.1 ORIGEM E DESENVOLVIMENTO CONCEITUAL DOS LETRAMENTOS

Nos estudos sobre letramento(s), cinco questões são recorrentes: a dificuldade terminológica acerca do vocábulo, a relação entre letramento(s), escola e educação formal e a recorrência de trabalhos sobre letramento e leitura/escrita, a confusão acerca da especificidade em relação às características do letramento e da alfabetização e o debate em torno de um ou de múltiplos letramentos.

No caso do Brasil contemporâneo, as questões de letramento surgem já em meados do século XX em torno da dívida que o Estado tem para com a população desassistida pelas políticas de educação reacentuada ao longo da história brasileira (LIMA, 1978) e atestada por dados contemporâneos (MORTATTI, 2004).

Especificamente sobre o vocábulo "letramento", seu surgimento no cenário do Brasil ocorreu no "livro de Mary Kato, de 1986 (*No mundo da escrita: uma perspectiva sociolinguistica*, Editora Ática), conforme Soares (2001, p. 16; grifo do autor), ao passo que, segundo Soares (2004, p. 06):

> Assim, é em meados dos anos de 1980 que se dá, simultaneamente, a invenção do *letramento* no Brasil, do *illettrisme*, na França, da *literacia* , em Portugal, para nomear fenômenos distintos daquele denominado *alfabetização*, *alphabétisation*. Nos Estados Unidos e na Inglaterra, embora a palavra *literacy* já estivesse dicionarizada desde o final do século XIX, foi também nos anos de 1980 que o fenômeno que ela nomeia, distinto daquele que em língua inglesa se conhece como *reading instruction*, *beginning literacy* tornou-se foco de atenção e de discussão nas áreas da educação e da linguagem [...] (grifo do autor).

Quando Soares (2001) afirma que um sujeito letrado não é necessariamente um sujeito alfabetizado que domina as convenções socialmente valorizadas de leitura/escrita, sua fala reflete acerca de manifestações e experiências de letramento desenvolvidas com a linguagem a cada evento em que um sujeito textualiza sua opinião perante seus pares com palavras-respostas.

Em se tratando de letramento(s), existem concepções que abarcam manifestações socialmente mais valorizadas e instituídas ao longo do processo de desenvolvimento das tecnologias de informação e de comunicação[37] e da oportunidade de manuseio de materiais de escrita (físicos ou virtuais), especialmente em contextos urbanos, escolarizados e contemporâneos. Mesmo que a oralidade seja

[37] Neste trabalho, o termo Tecnologia de Informação e Comunicação é utilizado de forma abrangente para abarcar todos os recursos desenvolvidos ao longo da história para propiciar o ato de **construir**, **(re)transmitir**, **acumular**, **acessar** e **utilizar** variadas fontes de **informação e comunicação desde os instrumentos mais simples até os recursos disponibilizados pela eletroeletrônica**.

um recurso auxiliar e parelho à escrita, ainda existem mitos que defendem uma hierarquia entre as multissemioses de linguagem porque o padrão de desenvolvimento que as instituições cobram se dá na escrita e na leitura.

Por isso, nem todas as escolas puderam exercer uma prática sensível para com variações não escritas e não cultas de letramento. Pressionadas pelos números, as elites e as escolas começaram a discutir modos de avaliar quem poderia ter acesso aos bens culturais, sociais e econômicos e termos para classificar analfabetos e iletrados – um jogo desenvolvido no decorrer do desenvolvimento do sistema de ensino e avaliação da educação e da alfabetização pelo aparelho estatal.

Os números relatam que 29% da população do Brasil em 1999 com 15 anos ou mais e com quatro anos de escolarização era composta por analfabetos funcionais (reduzidas experiências de leitura e escrita), segundo Ribeiro, Vóvio e Moura (2002), indicativo de uma dívida governamental para com os mais oprimidos.

Ao longo do trabalho de Kleiman (1995), a distinção entre o sujeito não-alfabetizado, o não-escolarizado e o não-letrado nas práticas (mais) valorizadas de leitura e de escrita é um campo já bem marcado a despeito de esforços políticos para uniformizar ambas a identidades sob um mesmo rótulo de dominação, poder e violência simbólica e, ao mesmo tempo, material porque leva muitos a optarem pelo silêncio e por atitudes de subserviência num universo comandado pela letra escrita.

Embora seja, conforme Soares (2001, p. 120), um “direito humano absoluto, independentemente das condições econômicas e sociais em que um dado grupo humano esteja inserido”, o usufruto do direito de ler/escrever depende de uma conquista e não de uma concessão ofertada por parcelas mais letradas.

A conquista dos benefícios oportunizados pelas experiências de letramento depende da superação do mecanismo hegemônico que ao longo da história organizou um jogo discursivo em prol da “pedagogização do letramento”, conforme Mortatti, 2004, p. 114), para determinar quem pode coordenar e quais são as características e os critérios institucionalizados de alguns letramentos.

Os mecanismos hegemônicos organizam discursos semelhantes ao de Ribeiro, Vóvio e Moura (2002) que, apesar de enfocarem um aspecto específico dos letramentos, generalizam sua opinião quando afirmam que a “escolaridade é o fator decisivo na promoção do letramento da população” num acintosa dissonância em relação ao enunciado de Mortatti (2004, p. 105) quando reconhece não haver “um

único tipo de letramento. Além de ser um *continuum*, em sua dimensão social, letramento é, sobretudo, um conjunto de práticas sociais [...]".

O espectro das questões sobre letramento envolve a diversidades das "questões da linguagem relacionadas à atividade cognitiva, heterogênea, social, histórica e, por conseguinte, adaptável às demandas comunicativas que vai abrigar a amplitude linguística e social de um indivíduo", conforme Moterani (2013, p. 136).

Catadores/as de recicláveis sofrem com o seu pouco ou nenhum domínio das convenções de leitura e de escrita e a baixa ou nenhuma escolaridade numa sociedade em que diversas relações institucionadas de poder e de verdade são significadas com tecnologias nem sempre acessíveis democraticamente.

A escola é uma agência política e ideológica que atua como "uma das principais instituições por meio da qual se mantêm e se legitimam os privilégios sociais", conforme Nogueira e Nogueira (2002, p. 17). Dessa forma, "a cultura dominante ou, mais especificamente, o modo dominante de lidar com a cultura é valorizado pela escola, usado como critério de avaliação e hierarquização dos alunos e, ao mesmo tempo, negado, dissimulado (*opus cit*. p. 32).

Conforme Moterani (2013, p. 136), "a ideologia predominante em sala de aula é aquela em que escrever é sinônimo de prestígio social, [...], uma vez que nem todos dominam a língua escrita dos grupos de poder da sociedade. Já que a sala de aula é um espaço mantido por um governo, a ideologia e o discurso majoritário não provém das camadas que frequentam os bancos escolares.

O fato é que, conforme Rojo (2008), existem letramentos com maior reconhecimento social e outros com menor valor. Os "letramentos dominantes estão associados a organizações formais tais como a escola, as igrejas, o local de trabalho, o sistema legal, o comércio, as burocracias", (*opus cit*.; p. 582), enquanto os letramentos vernaculares ou locais são praticados em espaços não institucionalizados nem sempre regidos pela leitura e escrita.

É praticamente consensual a existencia de diversas experiências de letramento que cobram pesquisas específicas sobre o assunto[38]. Assim, ao discutir

[38] Em email de 05-12-2015, a professora Nukácia Araújo, da Universidade Estadual do Ceará, relata haver **trabalhos que tratam do que se compreende como a aquisição do letramento** (na escola, por exemplo, ou na sociedade) e **trabalhos sobre aquilo que se almeja com a aquisição do letramento** (transformação da vida do indivíduo, por exemplo).

parâmetros para a escola trabalhar uma “educação linguística” responsável e sensível às exigências do mundo contemporâneo, Rojo (2008) considera a existência de letramentos multissemióticos (realizados através de recursos linguageiros verbo-visuais ou não, digitais ou não), múltiplos letramentos (realizados em contextos socioculturais diversos, institucionalizados ou não) e letramentos críticos e protagonistas (pautados nas escolhas éticas dos sujeitos).

A popularização do termo letramento gerou dificuldades quando considerado como eminentemente escolar e voltado para a escrita e alfabetização. Fato reforçado pela opção em traduzir o termo inglês “literacy” pelo termo português “alfabetização”, algo que revela a dificuldade ou a falta de vontade em distinguir as especificidades entre letramento e alfabetização e que confirma os usos políticos possibilitados *na* e *através da* linguagem que interagem com tecnologias para significar e semiotizar discursivamente a realidade com palavras e corpos.

Conforme Soares (2004, p. 08), “no Brasil a discussão do letramento surge sempre enraizada no conceito de alfabetização [...]”. Supõe-se, assim, que dominar os recursos técnicos e metalinguísticos de uma língua é um requisito básico e suficiente para identificar quem é ou não um sujeito letrado, embora Terra (2013) problematize a definição de sujeito letrado como alguém que “participa de forma competente de ‘eventos de letramento’ nas diversas esferas sociais da atividade humana e não apenas aquele que faz um uso formal da escrita” (*opus cit*., p. 50) em eventos recorrentes e práticas relacionais e situadas de atualização dos letramentos.

O processo de inserção dos sujeitos em eventos e práticas de letramento são enfatizados por instituições de letramento (como uma associação de catadores/as, por exemplo) organizadas num *continuum* não excludente entre o oral e o escrito como revelam as pesquisas de Kleiman (1995). Sobre eventos e práticas de letramento, para Street e Castanheira (2014, p. 01):

> A expressão **eventos de letramento** refere-se aos elementos mais observáveis das atividades que envolvem a leitura e a escrita, enquanto o conceito de **práticas de letramento** distancia-se do contexto imediato em que os eventos ocorrem, para situá-los e interpretá-los em contextos institucionais e culturais a partir dos quais os participantes atribuem significados à escrita e à leitura, e aos eventos de que participam. (grifo do autor).

Tecnologias sempre existiram. Mas, o domínio da tecnologia da escrita ajudou a fundamentar aquilo que Kleiman (1995, p. 16), define como “burocracias

letradas” que monopolizam o poder, a verdade e a significação sobre os sujeitos e a realidade ao fortalecerem um modelo de letramento autônomo reiterado atualmente no universo político-ideológico da agência de letramento chamada escola.

Em Kleiman (1995), o letramento é um fenômeno distinto da alfabetização e uma prática social atualizada em atividades escritas constituídas em sociedades erigidas sobre desenvolvimentos tecnológicos recentes e cada vez mais industrializados e massificadores que ajudam a organizar a teia de relações da sociedade e possibilitam a operacionalização de poder por parte de quem tem as suficientes e legítimas habilidades numa tensão estratégica em que são constituídas as identidades dos sujeitos e os efeitos da escrita para suas vidas.

Ainda para Kleiman (2014, p. 80), “[n]o letramento digital, o texto ou hipertexto tem uma organização em que a linguagem verbal, a imagem e o som têm um papel importante na significação, exigindo uma leitura na qual o próprio leitor define” o que e como lê com os olhos e com os ouvidos. Mas nas experiências de letramento do cotidiano, as múltiplas semioses apresentam um papel único para a elaboração de uma compreensão responsiva e ativa de caráter translinguístico.

Para Mey (2001, p. 141), “a palavra escrita ou falada está sendo tomada, em grande parte, por outras expressões, visuais, auditivas e até táteis” que passam a signficar muito mais do que uma única manifestação de linguagem pode organizar. De maneira que somando as múltiplas semioses ao potencial sígnico do evento de interação entre o eu e o outro e à luta por direitos, a palavra enunciada resulta em um texto mais incisivo que reatualiza a impossibilidade de uma outra ocorrência sem axiologia, sem um novo esforço volitivo e apreciativo e compreensivo.

Porque acontecem infinitos eventos e práticas de letramento, os estudos foram se alargando para acompanhar o processo social de intervenção na realidade assumido por sujeitos de letramento que vinculam seu ser e seus significados à realidade dos letramentos reelaborados ao longo da história e das culturas.

As dimensões ideológicas (sociais culturais) e políticas das relações responsivas existem nas experiências de letramento com as quais as vozes e os corpos dos sujeitos apreciam e enunciam subjetivamente as palavras que transitam de sua consciência a do outro por meio de múltiplos recursos semióticos de linguagem plenos de sentidos e de respostas a uma fração da realidade em volta.

## 3.2 LETRAMENTOS IDEOLÓGICOS

Existem letramentos que podem contestar o equilíbrio impositivo dos discursos estabelecidos desde que haja suficiente e organizada agência política e discursiva para combater, logo de início a “tendência a reificar a língua escrita”, no dizer de Street (2014, p. 19), que contribuem para hieraquizar o acesso às semioses culturalmente mais valorizadas de operação dos gêneros discursivo-textuais.

O acesso e a manipulação dos gêneros discursivo-textuais caracterizam o tipo e a intensidade das experiências de letramento em que os sujeitos se engajam. Por isso, tratar de letramento é caminhar por um universo epistemológico em processo de reorganização de seus limites e objetivos, onde “grande parte da literatura linguística sobre letramento tem sido dominada pelo debate tradicional e algo reificado sobre a relação entre escrita e fala”, conforme Street (2014, p. 20).

Tais experiências são significativas, ideológicas (sociais e culturais) e discursivas à medida em que ocorrem e vão sendo complexificadas com palavras e gêneros disursivo-textuais (verbo-visuais e corporais), cada um com seu “conjunto específico de convenções de uma cultura”, segundo Street (*opus cit*., p. 23).

Street (2014) revela que o letramento pode ser pensado a partir do viés técnico-linguístico da linguagem ou do ideológico, como um mecanismo para manter posições excludentes de poder e prestígio (a partir da dicotomia entre letrados e não-letrados e da transferência de práticas letradas) ou como um recurso para discutir a conscientização e a autonomia dos sujeitos (FREIRE, 1996).

As práticas selecionadas e exercidas por empresários da reciclagem sobre catadores/as, por exemplo, revelam estratégias para diminuir as vivências e letramentos do outro em suas experiências de linguagem verbo-visuais e corporais.

Conforme Street (2014), as dificuldades em torno de práticas letradas ainda são utilizadas como critério para determinar quem pode ter acesso a bens e serviços além de serem consideradas como causa e não consequência da pobreza. Tais dificuldades consolidam práticas e conceituações hegemônicas de letramento ancoradas no domínio da leitura/escrita como veículo de significação das formas de vida discursivizadas pelas atividades e identidades dos sujeitos.

Qualquer significado hegemônico está constituído entre uma prática e uma significação sociais. No caso do emprego do termo letramento, para Street (2014, p. 27) há uma fluidez derivada do dinamismo das relações sociais, pois:

> [...] a prática social de emprego de uma expressão recobre-a como uma aura de significação, e esta pode ser extremamente difusa e nem por isso a linguagem deixa de funcionar face às indeterminações relativas das significações. O reconhecimento destas (na forma de um leque amplo) ajuda na compreensão dos temas dos enunciados concretos.

Para Street (2014), as práticas hegemônicas alimentaram e foram sustentadas por temores quanto ao número de iletrados, por paternalismos dirigidos aos que não dominam determinados letramentos e por uma ilusória relação direta entre o letramento e o sucesso dos letrados neste mundo contemporâneo.

Ainda conforme o mesmo autor, "os povos locais têm seus próprios letramentos, suas próprias habilidades e convenções de linguagem e suas próprias maneiras de apreender os novos letramentos fornecidos pelas agências, pelos missionários e pelos governos nacionais" (*opus cit*, p. 37) com os quais interagem de maneira responsiva e constituem uma prática social de significação.

De maneira análoga, é possível compreender como próprio de grupos empobrecidos dos quais fazem parte catadores/as que os letramentos realizados em 2015 com o apoio de vozes externas (como a da Cáritas de Limoeiro do Norte, Ceará) no manuseio de microfones, bandeiras, faixas e folhetos, no ato de lutar por seus direitos com o hino do movimento de catadores/as com corpos e olhares e no ato de unificar as lutas, memórias e anseios sob uma bandeira comum ajudam a consolidar uma palavra-resposta mais engajada e radicalmente mais responsiva.

Os estudos sobre letramento estão mais atuais, etnográficos e ideológicos como prova a contribuição de Street (2014) – sobre letramentos sociais no campo do desenvolvimento e da educação – e de Terra (2013, p. 45) que afirma:

> Essencialmente, o modelo ideológico [de letramento], partindo de diferentes premissas que norteiam o modelo autônomo de letramento, defende que: (i) o letramento é uma prática social e não simplesmente uma habilidade técnica e neutra; (ii) os modos como os indivíduos abordam a escrita têm raízes em suas próprias concepções de aprendizagem, identidade e existência pessoal; (iii) todas as práticas de letramento(s) são aspectos não apenas da cultura mas também das estruturas de poder numa sociedade.

Numa relação mediada por letramentos responsivos entre sujeitos que permutam sentidos e pontos de vista, a (contra-)palavra do eu e do outro é uma resposta social e culturalmente axiológica que responde ao já dito e prepara outros dizeres, situação duplamente marcada porque é típica de uma realidade educativa na qual os sujeitos aprendem a partir do que o outro partilha de suas experiências e, também, é típica de uma realidade bivocal entre a voz do eu e a do outro.

Há um “letramento moderno, ocidental, com sua ênfase nos aspectos formais, masculinos e escolarizados da comunicação”, segundo Street (2014, p. 125), questionado pelos esforços de um letramento ideológico, crítico e politizado que combate a naturalização objetivista ou idealista do ser dos sujeitos e, em vez de priorizar o aspeto técnico-linguístico da linguagem, investe sobre o viés responsivo dos processos institucionalizados de linguagem ao mesmo tempo em que reconhecem a pluralidade do processo de ensino-aprendizagem como um fenômeno não restrito ao disciplinamento hegemônico e institucional da escola e da escrita.

O “letramento em si mesmo não promove o avanço cognitivo, a mobilidade social ou o progresso: práticas letradas são específicas ao contexto político e ideológico e suas consequências variam conforme a situação”, segundo Street (2014, p. 41). Quando operacionalizado em “um processo de trocas” (*opus cit.* p. 127), as dificuldades individuais são superadas por um letramento colaborativo que interage com uma dversidade de “competências ou habilidades culturais” (*opus cit*.; p. 148) ressignificadas com múltiplos recursos e tecnologias na história.

Street (2014) explica que pressões ideológico-políticas estão na base das escolhas que caracterizam os objetivos e possibilidades de letramento organizados, apreciados e realizados pelos discursos de instituições históricas e culturais já socialmente estabelecidas como a escola e a família.

Nessas instituições, tais como nas associações de grupos de empobrecidos, há um duplo processo de compreensão ideológica: primeiramente ocorre a ressignificação do papel do outro para o eu e do eu para o outro e, depois, a experiência intersubjetiva de manuseio de tecnologias de escrita e leitura, fala e escuta (veja-se o caso das possibilidades oportunizadas pela popularização de tecnologias disponibilizadas por aparelhos como os modernos telefones *smartphones*) de gêneros textuais e discursivos já consagrados pelo emprego no contexto de uma dada sociedade para interação com outros segmentos da sociedade.

Para perceber o campo de batalha em torno da significação e dos letramentos, a contribuição de Street (2014) revela a existência de dois modelos de letramento, ambos marcados por ideologias peculiares: um que focaliza os aspectos técnico-linguísticos do letramento como fenômeno autônomo e outro que trabalha o viés ideológico de manipulação das tecnologias de linguagem.

As práticas políticas, históricas, culturais e sociais de letramento marcam os corpos e as memórias dos sujeitos nas dinâmicas e nos contextos do cotidiano e materializam formas de relações com os discursos de poder materializados e estabilizados nas tecnologias de linguagem verbais, visuais e corporais disponíveis.

A proposição dos letramentos ideológicos por Street (2014) não procura dicotomizar os letramentos, mas refletir sobre os aspectos ideológicos que definem a materialidade dos recursos técnico-linguísticos operacionalizados na resposta de um sujeito a outro e que marcam o lugar dos interlocutores durante a interpretação das relações discursivas que impedem os sujeitos de serem mais livres e autônomos (FREIRE, 1996) durante o exercício de estar num mundo de significados diversos como os modelos de letramento a seguir demonstram.

**Quadro 4 – Modelos de letramentos**

| Modelo autônomo de letramento | Modelo ideológico de letramento |
|---|---|
| • É grafado “Letramento”, no singular e com “L” maiúsculo.<br>• Depende de reificações porque seu foco reside no aspecto técnico-linguístico das tecnologias orais e escritas das linguagens.<br>• Promove a desvinculação entre sujeito, linguagem e ideologia por meio de reflexões metalinguísticas de caráter gramaticalmente terminológico.<br>• Relaciona-se com um esforço político para neutralizar e objetificar a língua a fim de evitar a tensão entre pontos de vista.<br>• Contribui para definir quem exerce autoridade em espaços institucionalizados hegemonizado pela leitura e escrita..<br>• É percebido como um fenômeno autônomo e técnico.<br>• Reitera a cisão entre semioses escritas e orais da linguagem.<br>• Está orientado para a decodificação sígnica, para a racionalidade, a lógica e a objetividade e não para a compreensão dos sentidos da semiose sígnica.<br>• Favorece a transferência de valores e a massificação.<br>• Promove uma alteração unilateral de convenções linguístico-discursivas.<br>• Instaura relações assimétricas de poder, verdade e conhecimento.<br>• Estabelece hegemonias.<br>• É substrato que deriva de investimentos governamentais em práticas escolares | • É grafado “letramentos” no plural e com “l” minúsculo.<br>• Depende de discussões porque enfoca interações entre os sujeitos e destes com os aspectos culturais e técnicos da linguagem.<br>• Promove a reflexão acerca do caráter indissociável entre linguagem, ideologia e cultura por meio de reflexões translinguísticas.<br>• Relaciona-se como uma tentativa de politizar os estudos da língua em suas materialidades multissemióticas.<br>• Contribui para um exercício compartilhado e negociado dos rumos assumidos pelos discursos de um grupo social.<br>• É percebido como um fenômeno ideológico (social e cultural) e político.<br>• Reitera a sobreposição e interação entre semioeses escritas e orais da língua.<br>• Está orientado para a reflexão acerca dos contextos e das relações que os sujeitos operacionalizam através do suporte de elementos sígnicos multimodais.<br>• Favorece a discussão para a formação de valores, isto é, axiologias responsivas.<br>• Promove o contato e a sensibilização entre convenções já existentes e novas convenções manifestadas pelos sujeitos.<br>• Valoriza as formas locais e já existentes de letramento operadas pelos sujeitos.<br>• É consequência da sensibilidade do eu ao outro em ações governamentais ou não. |

Fonte: Street (2014)

Para Street (2014, p. 141), o letramento é uma “chave simbólica” e política para discutir questões identitárias, posicionamentos, atitudes e valores posicionadas entre um letramento oficial e uma “variedade de letramentos” (*opus cit*. p. 143) organizados ideologicamente na “pluralidade cultural” de manifestações linguageiras em resposta ao silêncio dos mais abastados da sociedade atual.

Em diálogo com essa reflexão sobre letramentos, é possível perceber que há modos de apropriação de palavras-respostas que simbolicamente promovem ressignificações e conferem uma alternância de poder através de jogos de linguagem, sátiras e metáforas materializadas com imagens, corpos e signos verbais enunciados.

A partir de uma perspectiva mais socialmente politizada e comprometida com as questões que subvertem as relações históricas de poder na relação eu-outro,os letramentos podem ser pensados como responsivos na medida em que promovem uma resposta complementar de um sujeito a outro a cada emprego das tecnologias de informação e de comunicação contemporâneas.

Com base na alegria das conversas informais de catadores/as apoiados/as pela Cáritas de Limoeiro do Norte, Ceará em 2015, também é possível pensar as relações reorganizadas e ressignificadas pela materialização enunciativa de “práticas sócio-culturais e posicionamentos singulares de uso da linguagem”, conforme Souza (2009, p. 121), ou seja, é possível identificar o aspecto dialógico (ético e estético), ideológico (social e cultural) e responsivo (bivocal, ativo e singular) da linguagem como forma de ser na vida e como mecanismo de formação e de informação.

A pesquisa de Sito (2010) revelou a influência dos usos sociais *nas* e *das* práticas orais de letramento face-a-face em ambiente não escolarizado para o processo de compreensão das vivências e do processo de politização dos sujeitos a partir de suas experiências para a constituição de um senso de sua agência.

O lugar e o tempo pelos quais os sujeitos transitam em seus fluxos pluriacentuados de interação multissemiótica são espaços propícios para o desenvolvimento de práticas de socialização e de significação tão efetivas quanto for o respeito ao plurilinguismo de consciências e de vozes que reagem umas às outras com letramentos ideológicos, mas que avançam por meio de letramentos responsivos para transformar a relação de forças com os disursos estabilizados.

## 3.3 LETRAMENTOS RESPONSIVOS

O caráter seletivo, elitista, excludente e/ou inacessível dos discursos hegemônicos, das instituições sociais estabelecidas e das práticas monovocais típicas dos universos escolares contemporâneos comandados pelas disposições de um governo servem para a manutenção da opressão de uns por outros através de um estratégico e disciplinado processo que causa a cisão entre a realidade de um sujeito e o que as instituições ao seu redor planejam e executam.

Para que um tal cenário prevaleça, os sujeitos que percebem um problema, mas não tentam modificá-lo, atualizam a discussão bakhtiniana que trata da existência de uma compreensão responsiva passiva e de uma compreensão responsiva ativa com as quais os sujeitos ressignificam o que os outros enunciam.

Os processos de constituição de significados – seja para a dominação ou para a transformação das relações – acontecem a partir de atividades interlocutivas na experiência de letramentos que permitem aos sujeitos exercerem sua “capacidade de presumir as respostas alheias nos processos de produção de discursos [impactados pelos] componentes volitivos-afetivos da atmosfera discursiva em que os sujeitos estão circunscritos”, conforme Varejão (2014, p. 31).

As atividades interlocutivas não ocorrem num vácuo nem prescindem de materialidade sígnica e combativa. A materialidade sígnica e combativa, por sua vez, encontra seu formato e conteúdo nas experiências de letramentos responsivos em que o objeto de trabalho recai sobre a palavra-resposta em contextos de apreciação e de entonação responsáveis por delimitar os sentidos mais singulares em relação aos significados mais técnicos e estáveis no Ser-evento da interlocução.

Pensar os letramentos responsivos é considerar as discussões de Street (2014) sobre letramentos ideológicos, de Foucault (1979) sobre os regimes discursivos de poder, saber e verdade, de Freire (1979, 1983, 1996, 2013) sobre liberdade, autonomia e mudança, (do Círculo de) Bakhtin/Voloshinov (2002) e Bakhtin (2003, 2010a, 2010b) sobre linguagem, sujeito, sentido, significado e vida.

Como para os sujeitos só há vida compreensível e luta *na* e *pela* linguagem, o estudo dos letramentos responsivos derivam em um estudo das “formas de vida” (WITTGENSTEIN, 2008) que as tecnologias e gêneros do discurso atualizam segundo elaborações de poder, saber e verdade (FOUCAULT, 1979).

### 3.3.1 A palavra-resposta de Michel Foucault

Parafraseando Foucault (1979, p. 04), os sujeitos ainda precisam discutir colaborativamente quais “efeitos de poder circulam entre os enunciados” institucionalizados em um determinado tempo e espaço uma vez que o poder “é uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social” (*opus cit*. p. 08).

Para Foucault (1979, p. 12), a “verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime e verdade [...]” e “ a própria verdade é poder” (*opus cit*. p. 14). Por isso, a questão não é “libertar a verdade de todo sistema de poder [porém] desvincular o poder da verdade das formas de hegemonia [...] no interior das quais ela funciona no momento” (*idem*, *ibidem*) em que é exercitada de maneira estratégica em eventos apreciados por um sujeito ético (SOBRAL, 2008).

“O corpo é uma realidade bio-politica” segundo Foucault (1979, p. 80) de exercício e reorganização das relações de poder e de verdade que contribuem para a significação da realidade, da sociedade e dos sujeitos, mas não de uma forma meramente agressiva ou restritiva, direta ou imutável, pois “o interdito, a recusa, a proibição, longe de serem as formas essenciais do poder, são apenas seus limites, as formas frustradas ou extremas”, segundo Foucault (1979, p. 236).

Catadores/as costumam existir de maneira solitária em sua luta pela sobrevivência. Excluídos por um sistema cujas regras foram tornadas complicadas ou semi-inacessíveis, eles acabam relegados ao espaço das ruas e dos lixões  As caracteristicas de seu local  e jornada de trabalho e os discursos que envolvem cada um/a funcionam como instrumentos que hierarquizam sua baixa posição no edifício da sociedade ao mesmo tempo em que disciplinam sua subserviencia na medida em que reatualizam a concepção de Foucault (1979) sobre a disciplina e o poder.

Ora, para Foucault (1979, p. 105), a disciplina é “uma tecnologia que pode ser chamada política” e “uma técnica de exercício de poder” (*idem*, *ibidem*) baseada na “inserção dos corpos em um espaço individualizado, classificatório, combinatório” (*opus cit*.; p. 106). Por isso, cada um dos mecanismos de disciplinamento desenvolvidos e manipulados no espaço-tempo pelos sujeitos em suas coletividades se esforça por controlar estrategicamente não o “resultado de uma ação, mas [...] seu desenvolvimento” (*idem*, *ibidem*) e que, portanto, “implica uma vigilância perpétua e constante dos indivíduos” (*idem*, *ibidem*).

O processo formativo em que catadores/as apoaidos pela Cáritas se engajaram em 2015 para que aqueles pudessem se posicionar para lutar por uma vida menos sofrida é sustentáculo para o exercício dos letramentos responsivos com os quais a linguagem é manipulada para se transformar numa arena de lutas onde catadores/as podem combater mais efetivamente as práticas insensíveis e monovocais que lhes relegaram ao sub-emprego ou ao desemprego, por exemplo.

Esse processo formativo é pertinente para que catadores exerçam sua apreciação em relação aos discursos que marcam o Ser-evento de suas vidas numa sociedade capitalista de exclusões. Da contraposição entre o ponto de vista distanciado de catadores/as e o ponto de vista da Cáritas, surge a palavra-resposta que combate as mazelas da profissão de catação e, consequentemente, uma compreensão responsiva ativa que instaura saber e poder.

Poder e saber estão imbricados um no outro. Ao mesmo tempo em que podem promover o disciplinamento de uns por outros, eles podem ser questionados e combatidos a partir de discursos qualificados por um compreensão responsiva capaz de aproveitar o que já foi enunciado como suporte para uma contra-resposta.

Quando, por exemplo, o discurso enunciado de um catador/a é respondido pelo de outro/a em formações ou manifestações da palavra enunciada, ele é efetivado com um exercício de poder plural, e com um outro saber baseado na responsabilidade. Por sinal, “[n]ão é possível que o poder se exerça sem saber, não é possível que o saber não engendre poder”, segundo Foucault (1979, p. 142). Afinal, o “poder, longe de impedir o saber, o produz” (*opus cit*.; p. 148).

“Não há possibilidade de exercício do poder sem uma certa economia dos discursos de verdade [...]. Somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercê-lo através da produção da verdade”, conforme Foucault (1979, p. 179-180). Portanto, o “indivíduo é um efeito de poder” (*opus cit*.; p. 183).

A investigação das estratégias de poder não podem desconsiderar o fato de que “cada ofensiva serve de apoio a uma contra-ofensiva”, de acordo com Foucault (1979, p. 226), algo que os letramentos responsivos possibilitam quando os sujeitos se organizam para discutir e contestar responsivamente como acontece o ato “de demarcar as posições e os modos de ação de cada um, as possibilidades de resistência e de contra-ataque de uns e de outros” (*idem*, *ibidem*).

Entretanto, a possibilidade de uma resposta contra-posicionada depende de sujeitos empobrecidos/as como os/as catadores/as participarem de um processo de compreensão responsiva ativa não limitada ao conformismo de uma existência pautada pela palavra “lixo” que deriva de um sistema exploratório de discursos.

Em regime de escula e de mobilização dialógicas e insistente, catadores/as que vivenciam letramentos responsivos questionam em voz alta o modo como conduzem suas vidas numa sociedade que lhes abandona o refugo do desenvolvimento, uma organização histórica e cultural “que produz e faz circular discursos que funcionam como verdade, que passam por tal e que detêm por este motivo poderes específicos”, de acordo com Foucault (1979, p. 231).

Nesse ponto, a discussão de Foucault (1979, p. 233) em torno da sexualidade pode ser aproveitada para reiterar o papel dos “movimentos de afirmação” protagonizados a partir do “dispositivo” discursivo e político vigente que atrapalha o desenvolvimento de catadores/as na medida em que estabelecem padrões baseados no império da semiose escrita de linguagem e na distorção entre quem produz e quem pode aproveitar os louros do capitalismo contemporâneo.

A responsabilidade inalienável (BAKHTIN, 2003) é categoricamente respondida pela reflexão distanciada e ressignificada no grande tempo pela posição axiológica foucaultiana ao afirmar que “os únicos que podem responder são os que aceitam arriscar a vida para fazê-la”, de acordo com Foucault (1979, p. 242).

Foucault (1979) não cita formalmente as contribuições (do Círculo) de Bakhtin. Entretanto, ele as responde quando trabalha o “dispositivo” estratégico de poder e de verdade elaborado com a tensão entre “o dito e o não-dito” (*opus cit*.; p. 244), bem como “o processo de *sobredeterminação funcional*, pois cada efeito [...] estabelece uma relação de ressonância ou de contradição com os outros, e exige uma rearticulação, um reajustamento dos elementos heteogêneos” (*opus cit*.; p. 245; grifo do autor) que ocorre estrategicamente, ou no dizer bakhtiniano, acontece a partir de um ponto de vista apreciativo-responsivo eleito pelo eu e pelo outro.

Esse raciocínio também responde às concepções (do Círculo) de Bakhtin quando afirma que “[n]ós lutamos todos contra todos. Existe sempre algo em nós que luta contra outra coisa em nós”, segundo Foucault (1979, p. 257). Essa “coisa” nunca é dada de antemão, mas conhecida e ressignificada na luta que o EU executa na

experiência de se apropriar da palavra enunciada pelo OUTRO e aplicar seu ponto de vista axiológico na razão de um outro-para-mim refratado no eu-para-o-outro.

No caso específico da cidade de Limoeiro do Norte, no Ceará, a atividade dos sujeitos em luta para que suas vozes sejam ouvidas pelas ruas e espaços institucionalizados não ocorre contra um poder dado em si mesmo cujos efeitos vivem nos sujeitos sem uma razão discursiva ideologicamente selecionada.

Como o discurso de poder é manifestado por dispositivos específicos e estratégicos, as atividades de catadores/as podem ser reorganizadas sobre a perceção do poder como “um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado”, segundo Foucault, (1979, p. 248), cujas relações e significados podem ser questionados.

Dessa forma, todo um dispositivo de poder, verdade e saber é estrategicamente organizado para disciplinar o lugar social dos sujeitos até o momento em que a disposição volitiva do eu e do outro ressignifique o já-dito em função do já enunciado e de uma resposta futura que suscita no outro sua possibilidade de reagir ao eu com sua palavra-resposta no jogo da vida.

“Na medida em que as relações de poder são uma relação desigual e relativamente estabilizada de forças” alicerçadas sobre noções discursivas e ideológicas de “direito”, segundo Foucault (1979, p. 250), o que grupos pressionados por discursos soberanos precisam combater em nome de sua condição autoral e autenticamente responsiva é a estabilidade ocasionada no choque entre as forças da estabilidade e as forças da dispersão quando as superestruturas ideológicas da socieadade dialogam assimetricamente com as infraestruturas.

Mas se a verdade, o poder e o saber são elaborações discursivas que variam com o tempo, a cultura e a vontade dos sujeitos, o processo de compreensão passiva – que reconhece, mas não abraça a luta pelo questionamento dos discursos soberanos, com seus significados organizados como aparato técnico-potencial – continuará a perpetuar um *status* assimétrico.

Todas as assimetrias que catadores/as enfrentam estão baseadas em formas dicotômicas e hierarquizadas de classificação e exclusão que para serem combatidas dependem da tomada de consciência dos sujeitos com uma contra-palavra situada na dinâmica que instaura as formas de poder e de letramentos.

Nesta tese os letramentos responsivos dependem da manifestação da agência dos sujeitos, “entendida como capacidade de ação [para que haja] mudança [...] dentro da própria dinâmica do poder [...]”, segundo Furlin (2013, p. 397-398), que alimentam as desigualdades socioeconômicas presentificadas no acesso desigual a bens da cultura letrada hegemônica – algo que comprova ser a linguagem a fronteira definitiva pela qual a sociedade e a cultura são apreciadas e reorganizadas na disputa entre os sujeitos por posições significativas de poder com as quais as narrativas e tradições culturais são (re)organizadas (MATTELART; NEVEU, 2004).

Para os letramentos responsivos vivenciados na luta dos empobrecidos, mais do que mero código psico-cognitivo, a linguagem é ação responsiva refratada e ressignificada num jogo ideológico materializado com palavras-respostas contingentes e tecnologias tão diversas quanto os discursos da sociedade.

No caso de catadores/as de Limoeiro do Norte, uma pesquisa etnográfica nos moldes praticados por Bonfim (2011) revela que seus letramentos responsivos operacionalizam uma resposta de compromisso a partir de um processo formativo típico de uma *Práxis*, isto é, de uma ação/reflexão transformadora (CORREIA; BONFIM, 2008) para combater discursos preconceituosos.

A luta de catadores/as por seu direitos efetiva letramentos de reexstência que se referem ao processo de “incorporar, criar, ressignificar e reinventar os usos sociais da linguagem, os valores e intenções [...]”, segundo Souza (2009, p. 32), até o ponto em que tanto a identidade como a própria existencia são transformadas.

O pensamento de Foucault (1979) dialoga com o de Souza (2009, p. 155) sobre “atributos sociais e modos de dizer não aceitos ou socialmente desvalorizados” e com o de Sito (2010, p. 17) de que “práticas de letramento são consideradas práticas sociais plurais e heterogêneas, [...] vinculadas às estruturas de poder das sociedades” que transpoem a manipulação de material escrito para alcançar a manipulação de questões responsáveis por ressignificar a existência dos sujeitos.

Como as experiências de letramento “estão imersas (e são expressas) em uma forma de pensar, valorizar, sentir e usar a escrita”, segundo Sito (2010, p. 22), suas manifestações ocorrem em eventos e práticas contingentes que revestem os corpos e as memórias com orientações discursivas e ideológicas estabilizadas por discursos que podem ser transformados pela ação-reflexão, segundo Paulo Freire.

### 3.3.2 A palavra-resposta de Paulo Freire

A contribuição do educador Paulo Freire para a compreensão dos letramentos responsivos está alicerçada em torno da liberdade, da mudança e da autonomia que o empobrecido pode conquistar em um mundo de relações situadas, algumas mais assimétricas e monovocais do que outras e há tempos estabilizadas.

A concepção bakhtiniana de que a atividade humana é uma prática responsiva atrelada à responsabilidade dos sujeitos que se posicionam diante dos outros para alcançarem um novo ponto de vista inclusive *para* e *sobre* si mesmo encontra uma resposta no grande tempo pelo enunciado de que "o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está *no* mundo, mas *com* o mundo", segundo Freire (1979, p. 39; grifo do autor), acessível a seus esforços.

Para pensar os letramentos responsivos como o exercíco de uma atividade libertadora, alteritária e significativa, a opinião bakhtiniana acerca da impossibilidade de uma vida neutra ou sem um ativismo é respondida e atualizada na reflexão de que "[e]xistir ultrapassa viver porque é mais do que estar no mundo. É estar nêle (sic) e com êle (sic). [...]. O existir é individual, contudo só se realiza em relação com outros existires", de acordo com Freire (*opus cit*., p. 40-41).

Apenas um existir alteritário pode ajudar os sujeitos a construírem sua liberdade, conforme Silva (2012). No caso do sujeito engajado na experiência de letramentos responsivos e que diariamente se esforça para superar os efeitos de uma compreensão passiva no Ser-evento de suas relações, "sua grande luta vem sendo, através dos tempos, a de superar os fatôres (*sic*) que o fazem acomodado ou ajustado. É a luta por sua humanização, ameaçada constantemente pela opressão que o esmaga [...]", conforme Freire (1979, p. 43).

O princípio estabilizador e monovocalizante das forças centrípetas da significação quando superam o potencial dispersivo e plurivocalizante das forças centrífugas (BAKHTIN, 2002) são responsáveis por patrocinar o modo acomodado ou ajustado hoje combatido por catadores/as reunidos em associação para fazerem uma frente de oposição à força dos mitos construídos para tentar calar os sujeitos com estratégias de silenciamento, consideradas por Freire (*opus cit*) como uma forma de violência a ser combatida pela opção e oportunidade do diálogo.

Para pensar os letramentos responsivos a partir da contribuição freireana de combate às formas de silenciamento, é importante recordar que em toda relação

responsiva há um exercício de poder. Tanto o excesso quanto a ausência desse exercício são elementos a serem questionados por sujeitos que orientam seus esforços para uma compreensão ativa, responsiva e responsável.

A reflexão freireana ajuda a caracterizar os letramentos responsivos como atividades pautadas na "convicção permanente do inacabado" (*opus cit*.; p. 53) que se configuram como uma "ameaça às elites detentoras de privilégios" (p. 55) pelo ato de o sujeito – fortalecido por um coletivo de vozes orquestradas e consciências singulares – tomar para si as palavras dos outros para refratá-las e tornar-se sujeito de uma compreensão axiológica (LEIRO, 2005) pelo diálogo com os discursos e ambientes institucionalizados e, assim, ressignificar sua existência.

Além de considerar questões para reorganizar a identidade dos sujeitos por meio de letramentos de reexistência (SOUZA, 2009), os letramentos responsivos investem no exercício de dizer uma contra-palavra que transforme as relações sociais e as liberte de práticas de assistencialismo, pois o "grande perigo do assistencialismo está na violência do seu antidiálogo, que, impondo ao homem mutismo e passividade, não lhe oferece condições especiais para o desenvolvimento ou a 'abertura' de sua consciência [...]", segundo Freire (1979, p. 57).

Numa prática transformadora, o "que importa, realmente, ao ajudar-se o homem é ajuda-lo a ajudar-se [...] numa postura conscientemente crítica diante de seus problemas [...]", segundo Freire (1979, p. 58), combater assistencialismos e perceber que a "enunciação do sujeito do discurso constitui o ponto de aplicação seja das forças centrípetas, como das centrífugas", conforme Bakhtin (2010b, p. 82).

Em outras palavras, tornar um sujeito mais consciente para responder aos discursos de opressão não significa praticar uma concessão do direito de falar, mas oportunizar um processo de diálogo para desafiá-lo a uma permanente conquista do direito de falar, estar consciente e orientado entre as forças da estabilidade e as da dispersão que significam a realidade, o eu e o outro.

Freire defende uma "dialogação eterna do homem com o homem" (1979, p. 60) que "implica na responsabilidade social e política do homem" (*opus cit*.; p. 70) cada vez mais sensível ao seu papel para a tessitura dos sentidos da vida já que "[q]uanto menos criticidade em nós, tanto mais ingênuamente (*sic*) tratamos os problemas e discutimos superficialmente os assuntos" (*opus cit*.; p. 95).

Seja qualificado como crítico (perspectiva freireana) ou axiológico (perspectiva bakhtiniana), a contribuição do eu para o outro e vice-versa é constitutiva. A discussão de Freire (1979) sobre a existência de consciências crítica, mágica ou ingênua ressoa a proposta de Bakhtin/Voloshinov (2002) sobre uma compreensão ativa e diferente de uma compreensão passiva que não favore o exercício do plurilinguismo de vozes e consciências singlares em interação, segundo Bakhtin (2010b), característica marcante dos letramentos responsivos.

Tanto maior será o plurilinguismo dos letramentos responsivos quanto maior for o nível de compromisso dos sujeitos que decidem interagir por uma ação orquestrada e assumir a condição autoral de protagonistas de seus dizeres e de suas ações em resposta ao que já está dado e estabilizado pois, o "compromisso seria uma palavra oca, uma abstração, se não envolvesse a decisão lúcida e profunda de quem o assume", de acordo com Freire (1983, p. 15).

Quando Bakhtin (2010b) em seu trabalho sobre "O discurso no romance" advoga a existência de "gêneros verbais (folclóricos, retóricos, prosaicos, literários), portadores das tendências descentralizantes da vida linguística" e social das palavras – e, consequentemente, das relações entre os sujeitos e destes em relação ao conjunto de saberes e de verdades que organizam seus discursos-ações – seu enunciado estabelece a possibilidade de existencia de letramentos responsivos.

Respondida pela discussão freireana, a teorização bakhtiniana em torno da relação eu-outro reforça a concepção dialógica de não existir letramento responsivo desenvolvido por uma posicionamento individual nem possibildiade de que ocorra sem um posicionamento social, isto é, *para* e *com* o outro por mais monologizantes que sejam as forças a se oporem a uma atitude de compromisso entre os sujeitos em prol de uma vida mais plural e democraticamente reorganizada.

A noção freireana de consciência critica está relacionada com a de compromisso que, por sua vez, depende de coragem, engajamento e solidariedade como provaram as conquistas alcançadas pela união entre catadores/as associados e destes com a Cáritas no sentido de fortalecer seu poder de negociação e qualificar o modo de cobrar direitos e políticas específicas para atender às demandas de quem vive da catação de recicláveis.

Em 2015, catadores/as de Limoeiro do Norte participaram com diferentes protagonismos da consolidação ideológica e discursiva de um compromisso comum

de resistência à opressão por meio de formações orientadas pela Cáritas e na multissemiose sígnica de músicas, manifestações e pronunciamentos com signos verbo-visuais (ou outros) textualizados em corpos, atitudes, impressos e bandeiras.

O resultado do protagonismo e do compromisso de catadores/as animados pelas manifestações de letramentos responsivos é um plurilinguismo textualizado em enunciados caracterizados por uma unidade temática, um estilo e um gênero relativamente estabilizado que marcam sua compreensão singular como uma luta para conquistar pontos estratéticos de significação e de (inter)ação, aquilo que se aproxima do que Freire (1983) classifica como *Práxis* (ação e reflexão).

Um exemplo disso é que, durante as formações de catadores/as em 2015, havia uma preocupação enunciada pela Cáritas para que catadores/as se percebessem como sujeitos ativos e co-construtores das discussões e ações públicas uma vez que os discursos da Cáritas a configuravam como uma parceira, mas não parte da referida associação que deveria lutar por mais autonomia.

Isso reatualiza o fato de que o "homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser o objeto dela. Por isso, ninguém educa ninguém", conforme Freire (1983, p. 28). Além disso, reforça o problema da dialogicidade do encontro para caracterização dos letramentos responsivos vividos por sujeitos em interação, pois "o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa", conforme Bakhtin (2010b, p .88)

"Para que haja revolução das massas é necessário que estas participem do poder", conforme Freire (1983, p. 38), e combatam as diversas manifestações de opressão estabilizadas graças aos discursos monologizantes que favoreceram atitudes imorais de comodismo, resignação ou sectarização, conforme Freire (1996).

Entretanto, não há forma de combater a opressão que não provoque mudanças e que não dependa da disposição volitiva dos sujeitos, das diversas manifestações de seus diálogos como a autêntica manifestação de uma ação responsiva e da responsabilidade ética (valorativa e social) e moral (cultural e regular) de cada sujeito porque "se mudar é uma possibilidade e um direito, cabe a quem muda [...] que assuma a mudança operada. [...], segundo Freire (1996, p. 34).

A mudança que resulta dos letramentos responsivos em que catadores/as se engajam com o apoio da Cáritas está orientada para uma palavra-resposta que se posiciona para a ressignificação existencial de um grupo. Além disso, traz as

necessidades históricas do grupo para a superfície textual enunciada como um parâmetro que orienta atitudes de reação ao empobrecimento e aos discursos de opressão estabilizados ideológica e discursivamente no contexto de suas vidas.

Vale ressaltar o caráter discursivo, relacional e propositivo dos letramentos responsivos experienciados através dos relatos informais e das formações e manifestações enunciados por catadores/as de Limoeiro do Norte, Ceará em 2015. Catadores/as em processo de investimento numa realidade de associação e diálogo não almejam substituir um reinado dos outros pelo seu próprio nem agir ou organizar seu ser fora do debate de ideias e da negociação, pois "[n]ão há inteligibilidade que não seja comunicação e intercomunicação e que não se funde na dialogicidade", conforme Freire (1996, p. 38).

A "assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a 'outredade' do 'não eu', ou do *tu*", de acordo com Freire (1996, p. 41; grifo do autor), que oportuniza ao eu assumir quem é pelo acabamento exotópico que apenas a palavra e a opinião do outro podem organizar no Ser-evento da existência.

Sobre tudo o que pode ser compreendido, respondido e significado na verbo-visualidade e multissemiose dos letramentos responsivos vivenciados por catadores/as a partir do conjunto de suas memórias, esperanças e rejeitos, é pertinente observar o valor "das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula [...]. Há uma natureza testemunhal nos espaços lamentavelmente relegados das escolas. [...] Há uma pedagocidade indiscutível na materialidade do espaço", de acordo com Freire (1996, p. 44-45).

Todos os esforços de catadores/as envolvidos/as com letramentos responsivos estão organizados para que a parcela da sociedade, constituída por sujeitos mais privilegiados em termos de escolarização e acumulação de bens e riquezas, atenda seus reclames. Afinal, tal parcela "dev[e] respeito à autonomia, à dignidade e à identidade do educando", segundo Freire (1996, p. 62).

Pensar o problema dos letramentos responsivos para o processo de revolução que catadores/as ainda estão implementando para democratizar o acesso às esferas de poder institucionalizada significa perceber como as reflexões sobre linguagem de Bakhtin e as reflexões sobre educação de Paulo Freire podem contribuir para uma investigação da palavra-resposta plurissemiotizada entre o plano do dialogismo e o da formação humana (FIGUEIREDO; SILVA, 2012).

A compreensão de que a “invenção da *existência* envolve, [..], necessariamente, a linguagem, a cultura, a comunicação em níveis mais profundos e complexos do que ocorria e ocorre no domínio da *vida* [...]”, segundo Freire (1996, p. 51; grifo do autor), acaba por responder à opinião de Bakhtin (2003) que considerou arte e vida como distintas mas integradas por uma atitude unitariamente responsável e responsiva, por conseguinte, de ressiginificação do que é sentido.

Resignação, insensibilidade e indiferença são alguns exemplos daquilo que os letramentos responsivos efetivados pelos discursos de catadores/as refutam quando cada sujeito traz sua contribuição para reforçar a luta por melhores condições de vida e pela ressignificação do ser de quem vive do rejeito alheio.

Por sinal, os efeitos e características desses letramentos variam de acordo com cada enunciado na linguagem, na cultura e na comunicação dos sujeitos que podem contribuir para se tornarem autônomos ao lado de seus pares através de seus posicionamentos e escolhas, afinal “[n]inguém é sujeito da autonomia de ninguém. [...] ninguém amadurece de repente [...]. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser”, segundo Freire (1996, p. 107).

Como uma realidade pós-moderna, os letramentos responsivos vivenciados em 2015 pelos sujeitos da Associação de Catadores/as Bom Jesus Sul revelam uma luta por autonomia pela (res)siginificação de si e de sua atividades laboral entre o SIGNIFICADO (o aspecto técnico e estável da língua) e o TEMA (o aspecto vivo e renovador da língua) para afetar o que é sabido e realizado.

Esses letramentos responsivos assumidos por catadores/as apoiados/as pelo outro da Cáritas efetivam uma práxis (FREIRE, 2013), isto é, uma “reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo” em um ambiente mais democrático à custa de luta, de manifestações insistentes e de muitos diálogos (nem todos concordantes sobre os pontos discutidos) que possam “*problematizar* o significado da própria reivindicação” (*opus cit*.; p. 251; grifo do autor).

Catadores/as são sujeitos historicamente oprimidos. Para Freire (2013, p. 218), os “oprimidos só começam a desenvolver-se quando, superando a contradição em que se acham, se fazem ‘seres para si’”. Para tanto, o ato de se fazer sujeito caminha em paralelo aos letramentos responsivos que operam e são afetados por manifestações sociossemióticas realizadas com linguagens verbo-visuais ou não.

A partir de Freire (2013), é possível relacionar os letramentos responsivos e uma “ação revolucionária” (*opus cit*. p. 243) crítica e necessariamente organizada e pautada no dialogismo, afinal o “eu dialógico, pelo contrário, sabe que é exatamente o *tu* que o constitui” (*opus cit*.; p. 227; grifo do autor).

A participação dos oprimidos e empobrecidos com seus corpos e histórias de vida é um testemunho de sua resistência para desafiar parcelas reticentes da sociedade e de seus próprios companheiros a lutarem pela liberdade e vivenciarem a “ousadia de correr riscos” (*opus cit*.; p. 241) a cada evento em que se engajarem de forma ativa uma vez que o “testemunho em si [...] é um constituinte da ação revolucionária” (*opus cit*.; p. 240)”, um expediente incisivo enquanto “um ato de adesão à práxis verdadeira de transformação da realidade injusta” (*opus cit*.; p. 237).

Semelhante à Bakhtin quanto à perseguição política e na valorização do dialogismo, Freire (2013) é enfático ao considerar não haver “realidade opressora que não seja necessariamente antidialógica” (*opus cit*.; p. 189), que não se fortaleça graças às beligerâncias e violências reiteradas pelo discurso do “fatalismo” (*opus cit*. p. 67), “pelo antidiálogo, pela sloganização, pela verticalidade dos sujeitos” (*opus cit*.; p. 72) e pelo fantasma da “invasão cultural” (*opus cit*.; p. 206).

A conjunção da contribuição freireana e da bakhtiniana ajuda a pensar os letramentos responsivos como orientados para o exercício da liberdade, conforme Silva (2006), e do amor não como um núcleo transcendental, mas como princípio dinâmico e criativo sustentado por feixes de relações assumidas corajosamente pelos sujeitos que avançam de uma compreensão passiva para uma ativa.

Se “na resposta dos oprimidos à violência dos opressores é que vamos encontrar o gesto de amor”, conforme Freire (2013, p. 59), é porque “[n]o amor, o homem procura como que superar a si mesmo em determinado sentido axiológico na tensa possessão emocional pela consciência amorosa do outro [...]”, segundo Bakhtin (2003, p. 145;), cuja reflexão antecipa o problema de uma responsividade amorosa.

Por tudo isso, letramentos responsivos são sempre respostas amorosas e radicalmente axiológicas porque envolvem a interação de sujeitos no evento da tomada de consciência que caracteriza um ser amoroso jamais reduzido em sua disposição para o diálogo entre consciências singulares e vozes altivas e autorais uma vez que existir é dialogar e (inter)agir a cada evento de interação.

### 3.3.3 A palavra-resposta de interlocutores (do Círculo) de Bakhtin

Para haver transformação das condições de opressão e de empobrecimento que tentam manter calados os sujeitos, é preciso que um processo de compreensão responsiva e ativa seja fomentado por um constante diálogo entre os sujeitos e, por conseguinte entre suas consciências no tempo-espaço.

Mas diálogo é condição de um sujeito responsivo e amoroso no máximo exercício de seu ser político e consciente de sua incompletude a clamar pela voz do outros e a trabalhar por atitudes de tolerância (LACLAU, 1990) a partir de uma variedade de discursos (BRANDÃO, 2005) com os quais a luta pela significação da vida e do Ser dos sujeitos acontece sempre que um responde ao outro.

O esforço (do Círculo) de Bakhtin propõe a democratização do diálogo para que os sujeitos assumam e textualizem respostas ativas (PIRES e SOBRAL, 2013) através da manipulação de sentidos organizados por experiências responsivas de linguagem, isto é, práticas e eventos organizados em torno dos mecanismos que operam as ideologias e permitem a interação entre o eu e o outro.

Nesta contemporaneidade repleta de recursos de informação e de comunicação, ainda é marcante a falta de uma vivência dialógica (PIRES, 2003) e, consequentemente de uma atitude que revolucione os significados da vida. Por causa de uma prática egoísta e monovocal, estratégias de opressão e de empobrecimento mitigam a alteridade da voz do eu no outro e vice-versa.

A tentativa de negação de que a consciência responsiva do eu é integrada axiologicamenge pela do outro é combatida por Bakhtin (2010b, p. 91) que afirma que o “locutor penetra no horizonte alheio de seu ouvinte, constrói a sua enunciação no território de outrem, sobre o fundo apreciativo do seu ouvinte”.

Onde há língua (instrumento) e linguagem (sistema), os sujeitos colaboraram com seu acento de valor e palavras-respostas que revelam uma compreensão responsiva e ativa manifestada durante a manipulação particular de um repertório de letramentos responsivos, pois, segundo Bakhtin (2010b, p. 91), o “locutor penetra no horizonte alheio de seu ouvinte, constrói a sua enunciação no território de outrem, sobre o fundo apreciativo do seu ouvinte”. Assim, quanto mais diálogo, mas letramentos, pois, para Bakhtin (2010, p. 105) há uma “[estratificação da linguagem, em gêneros, profissões sociedades (em sentido restrito), concepções de mundo, tendências, individualidades, diferentes falas e línguas [...]”

Segundo Kleiman (2014, p. 88) o “impacto do letramento, [...] se torna imprescindível à sobrevivência do cidadão na sociedade da tecnologia e da informação, da transformação e da transitoriedade [...]” cuja métrica é definida e controlada por discursos institucionalizados de poder de tal forma que (*opus cit*.; p. 89), as “relações entre letramento e poder, muito discutidas sob o prisma dos letramentos legitimados pelas instituições de prestígio, têm na escola um de seus mais expressivos expoentes” para preservação da vontade ideológica e discursiva de uma voz que se pretende soberana apesar da tensão entre as forças centrípetas e as centrífugas da superestrutura de significação sociocultural.

Após historicizar as características históricas da educação, escolarização, alfabetização e sucesso escolares, Goulart (2014) estabelece que **propostas compensatórias** (como alguns tipos de letramento) diferem de propostas de correção do fluxo escolar (no que concerne aprovação/reprovação) e explica que o termo letramento surgiu “no Brasil no mesmo movimento das ações compensatórias, constituindo-se [...] uma estratégia desta natureza também” (*opus cit.* p. 39).

Goulart (2014, p. 39-40) considera que reiterar o discurso de uma prática compensatória instaura a ideia de “déficits a reparar, e não desigualdades, ligadas à eleição de parâmetros sociais que continuamente (o)põem grupos populares em desvantagem. O risco é contribuir para perpetuar o que é considerado defasagem” e fortalecer dicotomias na contemporaneidade, pois para Goulart (*opus cit*.; p. 40-41):

> Na perspectiva de explicitar o sentido social da aprendizagem da língua escrita, a utilização da noção de letramento tem levado a dicotomizar forma & sentido, técnica & conhecimento, individual & social, fonema & linguagem, entre outros elementos. Uma forte evidência deste fato é a associação cada vez mais estreita dos dois termos, alfabetização e letramento, em que alfabetização encampa o primeiro elemento de cada dupla elencada e letramento, o segundo. As expressões “alfabetizar letrando” (SOARES, 1998) e “letrar alfabetizando” (GOULART, 2010), do mesmo modo, apartam as dimensões do ensinar-aprender a escrita. Concebê-las como dois processos determina uma cisão, ainda que sejam considerados indissociáveis.

No mundo contemporâneo em que o grafocentrismo foi tornado medida de sucesso, o potencial de desenvolvimento pessoal e profissional dos sujeitos foi atrelado a um ideal de escolarização. Daí porque prestígio, autoridade e legitimidade são qualidades atribuídas aos usos sociais padronizados pelo letramento escolarizado baseado majoritariamente nas habilidades de escrita.

As dicotomias apenas serviram para dificultar a reflexão em torno do termo letramento e para desconsiderar o fato de que tecnologias de linguagem e interação, são recursos para os sujeitos refletirem sobre seu ser na vida com os outros de tal modo que, segundo Micarelo e Magalhães (2014, p. 162) devemos:

> Mostrar e vivenciar formas de interagir com o mundo nas mais variadas situações discursivas, produzindo e compreendendo enunciados, deve ser um de nossos objetivos. Privilegiar um trabalho procedimental com a linguagem, em detrimento de um ensino normativo é, então, nossa tarefa.

Ora, como o trabalho com a linguagem autêntica das manifestações do cotidiano não depende de espaços institucionalizados nem organizados em torno de da proeminência da materialidade escrita, não é cabível um jogo de práticas insensíveis e normativas no trato das questões de linguagem porque enquanto fenômeno responsivo e ideológico, elas clamam por diálogos e respostas.

A pulverização dos sentidos da vida proporcionou uma diversificação das experiências existências e de letramentos com os quais os sujeitos interagem já que segundo Geraldi[39] (2014. p. 28): "[q]uanto mais complexa a sociedade, mais se diversifica sua multiforme atividade e mais complexo é o conjunto de tipos relativamente estáveis de enunciados, ou gêneros de discurso, em circulação".

Numa perspectiva bakhtiniana, a dialogicidade permite o exercício de uma responsividade constitutiva que estabelece infinitos letramentos responsivos e ressignificam o processo de ideologização e semiotização do mundo *na* e *pela* apreciação de cada sujeito em gêneros discursivos. Por isso, para Geraldi (2014, p. 29) há "tantos letramentos quantas forem as infinitas possibilidades de especialização das atividades humanas. [...]: letramentos digital, jurídico, filosófico..."

Por meio de uma variedade de gêneros discursivos estabilizados com tema, composição e um estilo próprios, letramentos e mudança social podem ocorrer e manifestar práticas responsivas não necessariamente pautadas por um letramento escolarizado, escrito e institucionalizado como elemento primordial, cujos usos

[39] Essa opinião acompanha a contribuição via *email* em 05-12-2015 da Dra Nukácia M. Silva Araújo da Universidade Estadual do Ceará para quem: "[...] letramentos (no plural), pode-se falar, por exemplo, de letramento digital, que diz respeito ao uso de ferramentas digitais para interagir socialmente; letramento matemático, que diz respeito ao domínio de conteúdos básicos de matemática para agir socialmente usando numeramento. Hoje prefere-se falar de letramentos, no plural."

socioculturalmente organizados e valorizados de tecnologias de linguagem não resultam necessariamente em emancipação dos sujeitos nem em respeito ao outro.

O exemplo de catadores/as de Limoeiro do Norte que questionam suas práticas para se reorganizarem como associação de acordo com as demandas do grupo corroboram a opinião de Terra (2013, p. 53), para quem o letramento é “um fenômeno situado e irremediavelmente inseparável das práticas sociais que lhe dão origem, cujos modos de funcionamento moldam as formas pelas quais os sujeitos que nelas se engajam constroem relações de identidade e de poder”.

Por tratar a palavra como arena de embates ideológicos e discursivos, os letramentos responsivos buscam não a superação de um discurso de poder, mas uma problematização no Ser-evento de uma compreensão responsiva e ativa que se posiciona diante dos fatos que marcam a existência dos sujeitos.

Por isso, conforme Micarello e Magalhaes (2014, p. 153), não é possível:

> [...] abordar os letramentos circunscritos a um conhecimento das características dos gêneros e de seus propósitos comunicativos como propriedades do texto, uma vez que essa abordagem destitui a língua de seu caráter de acontecimento. É preciso adentrar no campo de utilização da língua, no qual se produz o enunciado e no qual se produzem também os quadros axiológicos, a partir dos quais os sujeitos agem no mundo e a ele respondem a partir desses enunciados.

Já para Lima, Santos e Souto Maior (2014, p. 116):

> Diante da importância do letramento para a vida dos sujeitos contemporâneos, esse conceito foi sendo repensado, uma vez que apenas a tecnologia da decodificação não lhes assegurava se tornarem efetivamente atuantes, ou seja, a agirem com criticidade e reflexão nas práticas sociais das quais poderiam participar.

Os diversos letramentos ocorrem em contextos singulares para atender as demandas espaço-temporais com as quais os sujeitos interagem e se relacionam entre si para concretizarem de forma contingente uma identidade e uma imagem que carregam de si à medida que instauram e reordenam sentidos a nível de palavra-resposta-ato, pois “o uso da língua se concretiza na interação verbal, que é mediada pela produção de efeitos de sentido entre os sujeitos envolvidos em determinado contexto [...]”, conforme Lima, Santos e Souto Maior (*opus cit*. p. 118-119).

No trabalho de Lima, Santos e Souto Maior (2014), o espaço é compreendido como social e o *Ethos* como “a imagem revelada pelos sujeitos durante o processo interativo” (*opus cit*. p. 122). Por essa ótica, o tempo, também.

Assim, a reflexão sobre letramentos responsivos no exercício da palavra-resposta deriva no processo interativo que significa as multissemioses e a construção social dos *ethés* dos sujeitos, especialmente no caso de catadore/as de materiais recicláveis ainda no início de um processo para a conquista de sua libertação em relação aos discursos de exclusão e/ou de omissão ao seu redor.

Uma reflexão para a liberdade depende de uma compreensão responsiva ativa sob à ótica de uma análise translinguística (BAKHTIN, 2010a) para identificar os elementos ideológicos e políticos articulados para costurar os significados e antagonismos hegemônicos (ALVES 2010; 2011) das experiências de letramento que vivenciam convenções de dominação e exploração.

Trazer o refugo da sociedade para a cadeia produtiva é uma prova de ressignificação do “lixo” em fonte digna de renda e do “analfabeto” ou “inapto” em agente de atividade sócio-econômica para a sociedade. Essa ressignificação depende de uma tomada de consciência colaborativa para ajudar os sujeitos historicamente distanciados das rotinas socialmente valorizadas a se fazerem ouvidos como companheiros de uma mesma sociedade. Nesse ponto, tal ressignificação consolida uma experiência singular reexistencial e ideológica de letramentos responsivos.

A relação entre gêneros (primários e secundários) e as tecnologias de linguagem pode ser ampliada para refletir sobre experiências de letramentos responsivos que combatem os discursos de poder responsáveis por garantir em nível local uma dominação cultural sobre grupos e nações (BHABHA, 1998) marcados por prátricas acríticas de leitura e de escrita (VAREJÃO, 2014) e relações normativas de linguagem na educação institucionalizada (BERTICELLI, 2004).

Os letramentos responsivos dos empobrecidos são plurivocais (BAKHTIN, 2010b) e marxistas (BARBOSA, [2000-?]) porque refletem sobre a materialidade das relações ideológicas e dos significados sociais hieraquizados pela linguagem para combater a proeminência de grupos estabelecidos sobre o poder da letra escrita cujos efeitos são ressignificados em cada experiência cotidiana de letramentos responsivos organizados no processo de compreensão responsiva e ativa que os sujeitos refratam por meio de gêneros discursivos e textuais operados através das tecnologias multissemióticas e plurivocais de linguagem que guardam a contribuição do outro como uma palavra-resposta dinâmica e vivificante.

### 3.3.4 Letramentos responsivos como palavra-resposta

Os letramentos responsivos estão fundados em uma experiência dialógico-discursiva e político-emancipatória de linguagem e compreensão realizada por sujeitos ativos e organizados segundo os discursos desta pós-modernidade (HALL, 2006) materializada e significada de forma radicalmente situada pela validade e normatividade dos discursos opressores reiterados por efeitos produtivos e dominadores de direcionamento estratégico do conhecimento, poder e verdade.

Para esse modelo de letramentos, a manutenção de assimetrias monovocais entre os sujeitos é contestada pela contra-palavra de quem não aceita significados definitivos uma vez que, onde há compreensão, há uma contra-palavra e um horizonte apreciativo para o qual os sujeitos direcionam significações e subjetividades materializadas como linguagem enunciada que oscila na luta entre as realizações das ideologias oficiais e as do cotidiano (BAKHTIN, 2002).

Assim, é no plano das linguagens enunciadas que os letramentos responsivos desta comtemporaneidade afetam as noções linguístico-discursivas de conhecimento, verdade e razão com as quais os sujeitos interagem ao realizar uma palavra-resposta relativamente consensual e inevitavelmente intersubjetiva.

Letramentos responsivos são revolucionários, politizados e polifônicos e suas palavras-repostas resultam da discussão e dialogicidade das práticas sociolinguageiras que questionam o funcionamento estratégico do poder, a constituição de personalidades, a legitimação de matrizes disciplinadoras e a definição do que seja objetividade ou certeza e acabamento para o ser dos sujeitos.

Ao mesmo tempo em que uma série de questionamentos começou a incomodar as certezas positivistas, discussões sobre o descentramento do sujeito (HALL, 2006) ajudaram a pensar o caráter discursivo-ideológico das manifestações textualizadas de letramentos responsivos passíveis de contestar os significados já estabilizados na sociedade a partir do exercício constante de uma compreensão responsável (assume os efeitos das escolhas realizadas), responsiva (se posiciona para e com o outro), ativa (reconhece a impossibilidade de uma vida ocorrer sem a opção o diálogo) e situada (posiciona-se na distância do eu ao tu).

Cada manifestação de letramento atualiza uma prática social vinculada a uma atividade multimodal de linguagem. Devido ao pluralismo desse agir no tempo e no espaço, há uma constelação de letramentos, alguns institucionalizados e

textualizados para o disciplinamento e normatividade. Daí que apenas na textualidade dos letramentos responsivos, possa ocorrer a luta entre quem domina e quem não domina determinadas práticas e eventos de letramento.

As atividades de linguagem *estão inseridas*/*realizadas como* experiências de letramento com um potencial pedagógico de ensino-aprendizagem atrelado ao potencial para a manipulação dos discursos de poder, verdade e saber baseados no domínio de aspectos técnico-linguístico e ideológico-discursivos de um código verbo-visual ou realizado por meio de outras semioses sociais.

O simples domínio das relações grafo-fonêmicas e/ou das noções matemáticas não é suficiente para habilitar alguém a interagir com seus pares na condição de sujeito de letramento porque a significação está situada no nível da compreensão responsiva entre sujeitos e existências que exigem respostas ativas.

Por isso, o modelo autônomo de letramento é contestado pelo modelo ideológico proposto por Street (2014), para quem os letramentos são práticas sociais, culturais e discursivas realizadas e trabalhadas pela relação entre sujeitos ativos que realizam atos político-discursivos, inclusive ao definir quem é (i)letrado.

Por exemplo, na cadeia produtiva da reciclagem – da catação à reutilização e/ou transformação do que é recolhido e, estrategicamente, denominado como “lixo” – os grupos de catadores/as de recicláveis não podem ser considerados iletrados apenas por não dominarem os mesmos conhecimentos dos empresários/as que trabalham com o beneficiamento e/ou com a comercialização do reciclável.

Os sujeitos situados em posições distintas da sociedade lutam para conquistar e manter posições de poder e de verdade com uma estratégia política e linguística para a qual todos colaboraram de formas diversas quando participam de com uma atitude sensível e respeitosa à condição situada e única do outro.

Por conseguinte, as estratégias são experiências ideológicas e dialógicas de letramentos manifestados em múltiplas semioses com as quais as identidades dos sujeitos são constituídas em relação a seu contexto sociocultural num processo de mútua afetação realizado em nível de linguagem e de compreensão responsiva.

Qualquer compreensão é responsiva e materializada *nas* e *pelas* palavras verbo-visuais e na corporeidade que significam o que os sujeitos acessam com seus letramentos com os quais assumem a condição de agentes de letramentos em eventos e práticas situadas na cadeia da comunicação discursiva.

Portanto, mais que um aspecto técnico-linguístico, letramentos responsivos interagem com a condição ideológica (social e cultural) e dialógica (ética e estética) da linguagem e da consciência dos sujeitos para (res)significar os sentidos da vida a partir de eventos de tomada de consciência reafirmados na produção, distribuição e consumo de textos (FAIRCLOUGH, 2001) caracterizados por um estilo autoral, uma unidade temática e  um gênero discursivo-textual.

Os gêneros discursivos (BAKHTIN, 2003) e textuais típicos dos letramentos responsivos de catadores/as apoiados pela Cáritas são convencionalizados num *continuum* de constante intercâmbio de (re)elaboração de sentidos (entre o oral e o escrito, o público e o privado, as necessidades e as potencialidades do eu e do outro) que, ao longo do espaço-tempo, foram selecionados para a instituição de discursos sobre suas realidades e apreciações singulares.

Tanto a prática escrita como a oral que caracterizam toda uma diversidade de letramentos tradicionalmente já estabilizados permitem a interação entre sujeitos. Entretanto, a materialidade escrita de linguagem e de letramentos ganhou proeminência como expressão mítica da verdade, objetividade, organização e legitimidade necessária e típica do progresso da sociedade contemporânea.

A postura hegemônica de uma concepção valorizada de letramento, linguagem e sociedade confirma a opinião de Mey (2001, p. 83) de que “a aceitação incondicional e não condicionada do sistema de valores das classes superiores da sociedade por parte das classes inferiores”.

Por isso, a estratégia ideológica e enunciativa do discurso oficial é reiterada por agentes institucionalizados dos letramento mais valorizados e tende a desqualificar a pertinência de gêneros discursivo-textuais orais ou não-verbais de constituição dos sentidos, especialmente, no caso de sujeitos não-alfabetizados mas letrados, empobrecidos porque não atendem aos parâmetros hegemônicos de escrita.

A inegável relação significativa entre a constituição de identidades e as experiências mais politizadas de letramento não é um processo direto porque depende da ação de discursos contestatórios capazes de enfrentar os significados e as posições estabilizadas para manter a sociedade organizada sob uma ótica da compartimentalização dos sujeitos e de estagnação de suas vozes.

Letramentos responsivos são caracterizados pela multissemioticidade da palavra enunciada *nos* e *pelos* diálogos de reivindicação e de agência.para questionar

usos de linguagem e equilíbrios estabilizados e legitimados no espaço-tempo para imobilizar antagonismos (ALVES, 2011). Práticas transformadoras de uso da linguagem que se desenrolam nas atividades de sobrevivência de catadores/as dependem de sua reação responsiva e de uma agenda de ação política e mobilização organizada, consciente e coletiva a partir das necessidades e saberes de cada um/a como práticas sociais jamais reiteráveis sem um novo esforço apreciativo.

Ao tratar da cultura hip-hop para a realização de letramentos de reexistência, Souza (2009, p. 23) desafia seus interlocutores a debaterem "a ocupação e a sustentação de formas de participação social compromissadas com as transformações das relações sociais e raciais" textualizadas inevitavelmente *nos* e *através dos* gêneros do discurso com palavras-respostas ativas e autorais.

No caso de catadores/as de Limoeiro do Norte, suas reivindicações em 2015 foram experiências "desenvolvidas em âmbito não escolar, marcadas pelas identidades sociais dos sujeitos nelas envolvidos", conforme Souza (2009, p. 23) e manifestações de uma luta com palavras enunciadas com o verbo e o corpo.

Seus letramentos ocorreram em experiências tais como segurar uma faixa, participar de uma manifestação, utilizar a tribuna da câmara de vereadores, e posicionar-se diante das lentes da imprensa para vivificar experiências de diálogo com a sociedade a partir do apoio exotópico de um companheiro – a Cáritas Diocesana – no contexto de suas lutas por emancipação política e inserção social necessárias para a transformação em sujeitos mais multiletrados e responsivos.

No caso dos letramentos em torno das lutas de catadores/as, estes são uma alternativa para a sociedade em geral e catadores/as democratizarem uma logística abrangente iniciada na coleta e organização do material e finalizada na distribuição mais democrática dos resultados sociais e econômicos auferidos.

O texto de Sito (2010) revela que a realidade latino-americana foi um terreno propício para discussões acerca do papel do letramento para refração do sentimento de pertença e das possibilidade de agência diante de enunciados há muito estabelecidos em bases discursivas, políticas e ideológicas desiguais.

Na sociedade das letras eminentemente lidas e escritas, o sujeito catador/a (analfabeto/a e/ou pouco escolarizado/a) está em luta para existir e ser reconhecido como sujeito digno de atenção pela sociedade e pelas políticas públicas. Reduzido em sua integração à sociedade, o grupo de catadores/as costuma ser discursivizado

como fracassado ou desocupado apesar de hoje participarem da economia com a catação, o início do processo da reciclagem.

Couto (2012, p. 33) afirma que “[...] os analfabetos foram o último grupo de excluídos a conquistar o direito ao voto no Brasil” e que o analfabetismo causa “sentimentos de frustração e incompletude por todas as consequências que traz para quem vive em sociedades escolarizadas [...]” (*opus cit*. p. 34).

A cultura, o saber e a história de vida dos sujeitos iletrados e empobrecidos ainda são desconsiderados numa sociedade normatizada por um padrão formal e escolarizado de saber. Por isso, não dominar a tecnologia da leitura e da escrita favorece o empobrecimento e a subalternização de catadores/as que apresentam dificuldade em se posicionar numa luta organizada pelas proeminências valorizadas e fortalecidas pelo conhecimento científico, pela materialidade escrita da língua, pelo saber escolarizado e pelas práticas já socialmente institucionalizadas.

Por isso, o investimento em letramentos responsivos é pertinente para catadores/as reorganizarem seus relacionamentos com a sociedade em geral e com as instituições em particular a partir da conjugação de suas vozes com as dos outros por um esforço de trabalho com o saber, as leis, palavras e estilos do outro.

Daí os letramentos responsivos valorizarem a colaboração trabalhada em contextos situados de caráter formativo. Desse modo, empreendimentos solidários como os de uma associação de catadores/as da qual participam os sujeitos já mais questionadores e os sujeitos ainda mais calados, conforme Couto (2012, p. 28) são:

> Uma das alternativas à questão da reestruturação produtiva, geradora de desemprego e subproletarização, pode estar presente nos empreendimentos solidários. [...] é inegável que esta modalidade de produção venha garantindo a sobrevivência e empoderando aqueles a quem a lógica capitalista vem excluindo constantemente.

A própria existência de empreendimentos solidários significa uma resposta responsável que empobrecidos/as começaram a tecer ao perceberem que o outro não é o proprietário de uma palavra definitiva ou de sua voz, ainda que em processo de ressignificação dos limites impostos por uma sociedade da escrita.

Por sinal, diversas atividades laborais e vivências realizadas pelo conjunto de catadores/as “não precisam de leitura e escrita, embora tais habilidades sejam essenciais no processo de capacitação técnica e política e de organização da cooperativa”, segundo Couto (2012, p. 135), à medida que levam seus discursos do espaço mais livre das ruas para o espaço mais regulado das salas de reuniões.

Quanto mais ativo e sistematizado for o processo de letramentos responsivos, menos problemática se torna a rotina de catadores/as pouco ou nada escolarizados e/ou alfabetizados ao se valerem de mútliplas interações com sujeitos e multissemioses à medida em que empregam “capacidades como a oralidade, a memória, a observação” para atuarem na sociedade letrada (*idem*, *ibidem*).

A questão não é tomar posições de poder, mas partilhá-las através de um processo de empoderamento possibilitado pela palavra enunciada que questiona e se posiciona para combater os significados operados por sujeitos e suas narrativas fundacionais que reiteram e estabilizam determinados significados e posições.

O empoderamento é “percebido por formação humana, social, política, técnica e ambiental”, conforme Couto (2012, p. 137), que garante oportunidades de luta, resistência e transformação dos sujeitos e de realidades marcadas por “relações de poder”, de acordo com Street (2014, p. 155), no nível do linguístico-discursivo enunciado por múltiplos recursos sociossemióticos (verbo-visuais ou não).

As empresas, os órgãos públicos e as instituições de ensino, por exemplo, podem ajudar catadores/as a ressignificarem o viés técnico, político e pedagógico de suas atividades e seus discursos se participarem mais ativamente de um diálogo para reorganizarem experiências que ressiginifiquem as relações de poder e verdade enunciadas como uma resposta na dialogicidade entre os sujeitos.

Como poder, verdade e saber são construtos discursivos (ideológicos e dialógicos), ambos alcançam *status* hegemônico e variam de acordo com as relações dialógicas histórico-culturais das sociedades pela disposição axiológica de cada sujeito que acrescenta um novo sentido ao feixe de significados da vida.

Quando os significados mais estáveis são problematizados a partir de letramentos responsivos contextualizados sobre os discursos em torno dos limites da lecto-escrita para catadores/as, novos feixes de sentido são selecionados pelo protagonsimo e pela vontade axiológica de sujeitos engajados num “processo de pedagogização”, como definido por Street (2014, p. 140), tanto mais ativo quanto for a cooperação responsiva e política dos sujeitos, pois, para Couto (2012, p. 135):

> [...] no processo de trabalho da reciclagem, as habilidades letradas são necessárias ao *coletivo*, mas não necessariamente a cada indivíduo singular, podendo a cooperativa evoluir a partir de uma divisão de trabalho. [...] é, sim, preciso ampliar o domínio da lecto-escritura entre todos os cooperados, o que proporcionaria uma melhor oferta de oportunidades iguais para todos e uma gestão democrática do empreendimento solidário.

Letramentos responsivos estão fundamentados na cooperação e participação dos sujeitos no processo de compreensão ativa e responsiva de como suas práticas e saberes existem e se posicionam diantes de espaços institucionalizados por manifestações linguístico-tecnológicas e semioses diferentes.

Como as cooperativas e associações de catadores são espaços mais institucionalizados cujos participantes ressignificam sua individualidade a partir de uma noção colaborativa de grupo, elas garantem melhores vínculos e condições de vida ao proporcionarem a gestão compartilhada dos rumos e dividendos do grupo e trazem maior rentabilidade, assistência, segurança, estabilidade e dignidade a seus integrantes num processo de inserção socioambiental e econômica (COUTO, 2012).

O trabalho de descontruir e deslocar discursos que subjugam o sujeito na contemporaneidade depende da organização de espaços de discussão para que as vozes possam enunciar e participar de atividades mais democráticas e responsivas.

A metodologia e os discursos de letramentos responsivos combatem regimes de exploração acentuados no silenciamento de sujeitos que não tiveram acesso a recursos culturais e tecnológicos socialmente mais valorizados e trabalhados para estabecer hegemonias e legitimar pontos de vista valorativos.

Quando Cerutti-Rizzatti (2009) discute o processo de (des)consturção do conceito e das características de letramento a partir de etnografias que o relacionam à ação docente realizada por um agente institucionalizado de saberes, o resultado é uma ampliação do escopo do letramento para seu viés ideológico e dialógico.

As possibilidades combinatórias e significativas dos signos linguísticos são ilimitadas e dinâmicas porque as formas e oportunidades de interação ideológica e dialógica entre os sujeitos não cessam de acontecer no corredor do espaço-tempo. Tal reflexão combate reducionismos que limitam as manifestações de letramentos quando pensam haver um “custo” na “amplificação desmesurada das fronteiras que [o conceito de letramentos] abarca, suscitando conceitos derivados como letramentos eletrônicos, letramentos ecológicos, letramentos matemáticos e itens afins”, conforme Cerutti-Rizzatti (2009, p. 05).

Na verdade, a autora contribui para a definição dos letramentos responsivos quando reconhece que as diversas denominações de letramentos possum uma “lógica [sob a] perspectiva de acesso a conhecimento, inclusão,

cidadania – processos, em nossa compreensão, implicados nas discussões sobre letramento dada sua ancoragem social" (*idem*, *ibidem*).

Diferente das opiniões que defendem que "para tratarmos de *Letramento*, o signo verbal escrito tem de estar presente de modo prevalecente – mesmo que como objeto de escuta", conforme Cerutti-Rizzatti (*idem*, *ibidem*; grifo do autor), os letramentos responsivos focalizam a palavra-resposta enunciada por recursos de linguagem verbo-visuais e multimodais realizados entre as vozes de sujeitos no exercício de uma compreensão responsiva e ativa (BAKHTIN, 2002) que atuam entre seu mundo particular, ambientes não-escolarizados, e o mundo das instituições sociais e culturais já estabelecidas na luta para ressignificarem o Ser-evento de sua existência em função da palavra axiológica do outro.

Se considerarmos com Kleiman (2014, p. 81) que os multiletramentos dizem respeito a "todas as formas de representar significados dos diferentes sistemas semióticos – linguístico, visual, sonoro ou auditivo, espacial e gestual – inter-relacionados no texto multimodal contemporâneo", podemos perceber que os letramentos responsivos não estão abarcados pela definição enunciada.

Os letramentos são um "fenômeno concebido [...] como o uso da escrita na sociedade. Tomar a escrita na perspectiva do uso implica inerentemente uma concepção de língua como objeto social e requer disposição para lidar com sujeitos reais [...]", conforme Cerutti-Rizzatti (2009, p. 03).

Os letramentos responsivos focalizam a linguagem para a revolução do que a sociedade acabou engessando com atitudes de conivência ou dúbias. Para tanto, o investimento desse tipo de letramento focaliza a linguagem enquanto fenômeno sócio-histórico e político-ideológico realizado *no* e *pelo* discurso enunciado uma única vez como uma palavra-resposta tematizada por sujeitos que empregam recursos responsivos (sociais, multissemióticos e dinâmicos).

O trabalho com a linguagem a partir dos letramentos responsivos se enquadra dentro da perspectiva de **A**nálise **D**ialógica do **D**iscurso (ADD) da maneira como (o Círculo de) Bakhtin teorizou (embora não tenha sistematizado) a relação dialógica entre os sujeitos e o contexto de sua existência no Ser-evento de uma tomada de consciência singular e autoral que responde ao que já foi enunciado e compreendido com palavras semiotizadas estratégica, dinâmica e responsivamente.

As palavras enunciadas em letramentos responsivos existem realizadas na materialidade textual de gêneros do discurso cujo significado está enformado entre duas consciências que se respondem em contextos translinguísticos nos quais o verbal e o não-verbal são manipulados de forma ativa e responsiva a cada gesto, odor, movimento, memória ou verbo selecionado para organizar o processo de significação da realidade e dos sujeitos na tomada de consciência.

Os letramentos responsivos se valem de pesquisas etnograficas como indicadas por Street (2014) para contribuir com o processo de tomada de consciência que apenas o sujeito engajado com seus pares no evento de uma compreensão responsiva pode alcançar se e quando participar do exercício da palavra-resposta enunciada em unidades específicas de gênero, estilo e tema (BAKHTIN, 2003) relativamente estáveis e acabados durante o Ser-evento de um diálogo infinito para uma tomada de consciência autoral e responsiva.

Cerutti-Rizzatti (2009, p. 04) assevera que “[o]s Novos Estudos de Letramento propõem o trabalho etnográfico como opção metodológica produtiva para a compreensão e ressignificação do que as pessoas fazem com a escrita [...]” e, em mais uma oportunidade, trabalha para elaborar uma definição epistemológica do que os letramentos responsivos não são, já que estes operam com a linguagem materializada como palavra-resposta no plano escrito ou não.

Entender o alargamento do conceito de letramento(s) como uma “gaseificação” (GERALDI, 2010) é reforçar um mito de pureza definitiva como se houvesse uma essência para servir de ponto de referência soberano num indubitável contraste com o mundo da produção ideológica e discursiva que a axiologia dos sujeitos organiza e reatualiza a cada compreensão da mais passiva a mais ativa.

Ora, a ressignificação do enunciado de Rojo (2013, p. 01), voltado para o universo escolar, de que “a sociedade hoje funciona a partir de uma diversidade de linguagens e de mídias e de uma diversidade de culturas e que essas coisas têm que ser tematizadas na escola, daí multiletramentos, multilinguagens, multiculturas”, permite a compreensão de que o processo de compreensão responsiva e ativa alimenta o exercício de letramentos responsivos na corporeidade da palavra que responde ao já dito com toda a força da responsabilidade do eu para com o outro.

Os letramentos responsivos trabalham com a palavra-resposta no mundo da escrita e da leitura, da escuta e da fala, universos linguageiros de realização do

signo-palavra em qualquer manifestação sociossemiótica que organiza e reatualiza o repertório socio-cultural e ideológico-discursivo dos sujeitos no Ser-evento que organiza axiologicamente uma tomada de consciência e, por fim, responde ao já dito no mesmo instante em que cobra a participação do outro-para-mim.

Para os processos educacionais institucionalizados, hoje é considerado o potencial da "multissemiose que as possibilidades multimidiáticas e hipermidiáticas do texto eletrônico traz para o ato de leitura", segundo Rojo (2007, p. 65). Entretanto, também há multissemiose realizada em manifestações de rua coloridas por signos verbo-visuais e corpos em marcha, pronunciamentos de uma catadora do alto de uma tribuna legislativa ou o hino de um grupo em luta por seus direitos negados.

Portanto, se a multissemiose caracteriza as manifestações de letramento, os sujeitos mais empobrecidos das periferias praticam letramentos responsivos em ambientes não-escolarizados da sociedade nos quais o domínio social e cultural político e ideológico da linguagem é instrumento para que sujeitos e grupos em processo de organização de seu ser responsivo possam tomar posse da palavra para se fazerem ouvidos e demarcarem um posicionamento perante os outros.

Paralelamente, as multissemioses que caracterizam os letramentos responsivos são um fenômeno pleno de recursos, aqui entendido "como a presença, num mesmo texto ou enunciado, de maneira integrada e relacional, mutuamente constitutiva, de diferentes semioses de linguagem (verbal oral, verbal escrita, imagem, imagem em movimento etc.)", conforme Rojo (2007, p. 70).

Apenas sob uma perspectiva multimodal e translinguística (BAKHTIN, 2010a) é possível compreender a constituição dos sentidos patrocinadas pelos letramentos responsivos manipulados por sujeitos que tiveram a quase totalidade de seus direitos negados por um sistema social e econômico de exclusão como no caso de catadores/as de recicláveis da cidade de Limoeiro do Norte, estado do Ceará.

Uma vez que os letramentos responsivos são consolidados pela reflexão e atitude de sujeitos envolvidos num processo linguageiro de luta pela reorganização de suas condições situadas de vida, as atividades de formação, as rodas de conversa, as manifestações públicas e o convívio com elementos (verbo-visuais ou não) de orquestração de seus corpos e sonhos promovem uma ressignificação mediada por palavras enunciadas axiologicamente pela manifestação de um gênero, com tema, estilo e composição específicos.

A proferição, a visualização, a escuta, a experiência tátil e a vivência coletiva e dinâmica do símbolo do movimento nacional de catadores/as amalgamado ao peito que ostenta uma blusa e à mão que sustenta uma bandeira acabam por constituir “tipos de atuação lingüístico-discursiva”, no dizer de Rojo (2007, p. 70).

Tais tipos fundamentam uma resposta do eu ao outro e reelaboram um texto com palavras multimodais materializadas para questionarem as razões pelas quais existem vidas convulsionadas pela parte insensível da sociedade que optou por uma atitude indiferente ao não perceber as condições insuficientes de vida em que sua parcela menos escolarizada e mais empobrecida caminha dia-a-dia.

Enquanto resposta responsável, os letramentos responsivos protagonizados por catadores/as são movimentos de afirmação da voz de um sujeito que se articula com seus pares para lutar através da arena de disputas que cada palavra enunciada atualiza quando o eu e o outro assumem a unidade de sua responsabilidade para a constituição e ressignificação dos sentidos da vida.

A articulação intersubetiva no plano da compreensão responsiva e ativa promovida pelos letramentos responsivos se beneficia do desenvolvimento político e participativo dos sujeitos de forma proporcional ao desenvolvimento de sua “oralidade letrada”, conforme Souza (2009, p. 32), e não trabalhada em espaços institucionalizados conduzidos pelos princípios da escola contemporânea.

Tal oralidade letrada ressignifica e interage com os movimentos das manifestações, pronunciamentos e das rodas de conversa que reforçam a condição isônoma de sujeitos em luta para evitar o poder disciplinar das tradicionais filas que hieraquizam posições assimétricas de interação centradas na figura de alguém postado como centro de visão e de condução de trabalhos e discussões.

Diversos “aspectos identitarios – classe, gênero, etnia, regionalidade, sexualidade, raça – [...] socialmente hierarquizam e inferiorizam determinados grupos”, segundo Souza (2009, p. 42), contribuem para dificultar o acesso e a permanência na escola, fomenta oportunidades irresponsáveis de violência e sedimenta condições sub-humanas de empregabilidade e de luta por direitos.

No entanto, se a identidade é constituída, também, em meio ao que o outro descarta irresponsávelmente – aquilo que é nominalizado como “lixo” – o sujeito catador/a acaba penalizado duplamente e inscrito num jogo discursivo que mitiga sua

disposição para interagir com os outros e o/a obriga a calar-se sob o peso de um trabalho sub-reconhecido por parte dos sujeitos e das instituições sociais.

Souza (2009), em seu trabalho sobre letramentos de reexistência realizados no Ser-evento da cultura *hip hop* da periferia, considera o desenvolvimento de "práticas comunicativas" (*opus cit*.; p. 58) de ressignificação contestatória da realidade graças ao posicionamento axiológico de jovens cujas "palavras ganham sentido para além das quatro expressões assinaladas, o grafite, a dança, o som e a poesia que caracterizam a cultura hip hop" (*opus cit*.; p. 57).

Semelhante aos letramentos de reexistência, os letramentos responsivos trabalham as manifestações expressivas e multimodais da língua. Entretanto, estes não necessariamente se valem de recursos artísticos e lítero-musicais como aqueles cuja politização deriva de uma fruição estético-artística.

Por serem artísticas e apresentarem uma singularidade característica, as manifestações de rua com corpos e recursos verbo-visuais protagonizadas por catadores/as estão pressurizadas pela urgência de uma mudança nas condições materiais de vida de sujeitos que foram obrigados a viver de restos ao passo que a cultura *hip hop* diz respeito a um estilo de vida e a um modo de encarar a realidade que não necessariamente cobra urgência para modificar a vida de *hip-hoppers*.

Apesar de os letramentos responsivos e os letramentos de reexistência estarem fundamentados nos usos politicos e ideológicos dos recursos multimodais (verbo-visuais ou não) da língua para ressignificação dos signficados vigentes, os sujeitos do movimento hip hop que vivem a exçeriência de letramentos de reexistência procuram, apesar das dificuldades sociais e econômicas típicas das periferias urbanas, dar vazão ao que sentem e "expressar sua arte de forma socialmente legitimada", segundo Souza (2009, p. 84) e, paralelamente, atentarem para "os problemas do dia a dia [e buscarem] discutir, debater e apresentar soluções aos enfrentamentos diários" (*idem*, *ibidem*).

O hip hop de jovens ativistas de periferia envolve "um movimento cultural e político de desenvolvimento de práticas sócio-educativas, de resistência e de auto-afirmação", segundo Souza (2009, p. 86), tanto quanto o movimento de catadores/as apoiados pela Cáritas de Limoeiro envolve práticas sócio-educativas ressignificadas.

Por isso, os letramentos responsivos não existem apenas para políticas de afirmação porque quem deles participam passa por necessidades diversas que

precisam ser saciadas. Catadores/as que acordam cedo e dormem tarde não cantam nem dançam diante da imposição que a busca pelo alimento, moradia e saúde cobram cotidianamente. Ao final das contas, catadores engajados em letramentos responsivos procuram alcançar um ponto de existência menos espoliado. Por isso, estão procurando coordenar suas vozes e esforços para responderem aos discursos que empreenderam um processo de segregação e de silenciamento de suas vidas.

Enquando os ativistas do movimento *hip hop* atualizam as suas experiências de letramentos de reexistência e fortalecem seu ativismo com a manipulação de "livros de biografia de personagens históricos; letras de música; livros de história e vídeos", conforme Souza (2009, p. 87), nos letramentos responsivos a palavra enunciada nem sempre surge e transita através do signo escrito uma vez que parte dos/as catadores/as observados/as não é alfabetizada.

Os letramentos responsivos se aproveitam mas não dependem apenas do **signo** escrito. O conhecimento politizado que engendram se manifesta no exercício de palavras oralizadas acompanhadas de múltiplas semioses. Como ocorrem em ambientes não-escolarizados frequentados por sujeitos com diferentes níveis de contado com o mundo da leitura e da escrita socialmente valorizado.

Uma outra característica dos letramentos de reexistência é que os integrantes do movimento hip hop partilham de um sentimento de "valorização do espaço de pertença", segundo Souza (2009, p. 119), já consolidado. Embora catadores/as reconheçam as conquistas efetivadas pela união de suas forças por intermédio de um diálogo com a Cáritas e com as instituições sociais, há diferentes níveis de confiança e de esperança no projeto de um trabalho em forma de associação entre catadores/as acostumados/as a trabalharem em regime de competição e de rapinagem do que o outro possa ter se descuidade na catação.

Por isso, os letramentos responsivos além de enfrentarem as especificidades de uma realização em ambientes não-escolarizados, ainda são afetados por uma interação responsiva em pleno processo de organização da orquestra de vozes com as quais os discursos podem ser questionados.

Tanto os letramentos de reexistência do hip hop como os letramentos responsivos de catadores/as são atualizados em rodas de conversa. Estes investem em **memórias e discursos orais** de forma mais acentuada. Enquanto os primeiros são robustecidos pelo trabalho com a leitura e a escrita, por exemplo, de músicas

politizadas, o segundo se fortalece na mobilização organizada e compromissada em reverter as **condições monovocais** impostas aos mais pobres.

"Ao escutar, ver e ler os movimentos da linguagem no hip hop, em especial nas práticas dos MCs que cantam o rap, é possível perceber o acento apreciativo", conforme Souza (2009, p. 142), que caracteriza o processo dialógico de compreensão ativa e respnsiva donde parte uma contra-resposta *nas* e *pelas* práticas dos letramentos de reexistência de quem questiona os rumos de sua vida.

Da mesma forma, os letramentos responsivos são tecidos pelas relações dialógicas como uma palavra-resposta enunciada através das múltiplas semioses com as quais as ideologias do cotidiano combatem as ideologias oficiais no evento da comunicação realizado por catadores/as que querem melhorar de vida ainda que desprovidos das experiências hipertextuais de linguagem dos letramentos digitais (PEREIRA, 2016) e dos espaços institucionados como a escola (ARAÚJO, 2016).

Por tantas semelhanças, os letramentos responsivos podem ser tomados como sinônimos ou parte dos letramentos de reexistência, porque ambos se posicionaram diante de um "modelo de letramento excludente apoiado em formas já cristalizadas de legitimação, mas criaram outras formas de dizer o já dito, imprimindo de forma indelével suas identidades sociais", conforme Souza (2009, p. 186).

Todavia, letramentos responsivos operacionalizados por catadores/as – com pouco ou nenhum convívio com a música e a dança enquanto mecanismos demarcadores de suas identidades diante da sociedade – procuram transformar sua realidade pela organização das demandas e potencialidades do grupo reunido.

Embora o hino (ouvido, cantado e movimentado) esteja presente para ajudar a unificar as vozes de catadores/as para o processo de luta por seus direitos, o desafio do grupo tanto é identificar-se e posicionar-se como ressignificar e revolucionar as condições de sua existência na sociedade bem como valorizar as características de seu trabalho ao lado dos espaço institucionalizados da escrita.

Superar o discurso que considera catadores/as como sujeitos inaptos para quase todas as oportunidades de sobrevivência socialmente legitimadas é uma tarefa que depende do exercício de uma compreensão responsiva e ativa. Por isso, viver da catação em parâmetros mais democráticos é responder à sociedade com uma atitude teimosa de quem acredita no potencial de seu trabalho e seu ser.

## Síntese do capítulo

A palavra-resposta ativa é uma contra-refração ideológica e dialógica calcada nas condições materiais e discursivas da interação entre os sujeitos. Ela caracteriza letramentos responsivos multissemióticos (verbo-visuais ou não) pelos quais os grupos sociais e os sujeitos se organizam para interagir e significar o mundo da vida acessível ao esforço apreciativo e discursivo dos sujeitos.

A interação entre a responsividade bakhtiniana, a discussão freireana sobre reflexão e ação para a transformação das relações sociais e a reflexão foucaultiana acerca dos regimes discursivos estabelecidos na sociedade ajudam a pensar os letramentos responsivos como uma luta por vivências amorosas e axiológicas ressignificadas pelas experiências dos sujeitos empobrecidos que vivenciam os aspectos formativos, ideológicos (sociais e culturais), dialógicos (éticos e estéticos) e lógicos (técnicos e linguísticos) das manifestações multimodais (verbo-visuais ou não) de linguagem em prol de uma compreensão responsiva e ativa que permita o plurilinguismo de vozes e consciências isônomas.

Por isso, as vivências de letramentos responsivos alargam o universo dos letramentos já existentes ao se manifestarem como realidades discursivas e políticas de combate a sistemas de poder, verdade e saber que empobrecem os sujeitos que não conseguiram acessar os bens social e culturalmente mais valorizados por letramentos mais institucionalizados (vide quadro a seguir).

**Quadro 5 - Perspectivas de letramentos**

| | |
|---|---|
| **Quanto ao AMBIENTE em que ocorre** | **Institucionalizado**<br><br>**Não-institucionalizado** |
| **Quanto ao ASPECTO de investigação** | **Linguístico (técnico lógico)**<br>**Ideológico (social e cultural)**<br>**De reexistência (dialógico e afirmador)**<br>**Responsivo (dialógico e transformador)** |
| **Quanto ao OBJETO de estudo** | **Signo verbal (escrita ou leitura)**<br><br>**Palavra-resposta (multimodal)** |
| **Quanto ao nível de RECONHECIMENTO SOCIAL** | **Dominante**<br><br>**Vernacular** |
| **Quanto ao modo de MANIFESTAÇÃO SEMIÓTICA** | **Unimodal (predomínio de um modo)**<br>**Multimodal (presença de vários modos)**<br>**Digital (meios eletrônicos)**<br>**Impresso (papel, roupas, paredes...)** |

Fonte: Elaborado pelo autor

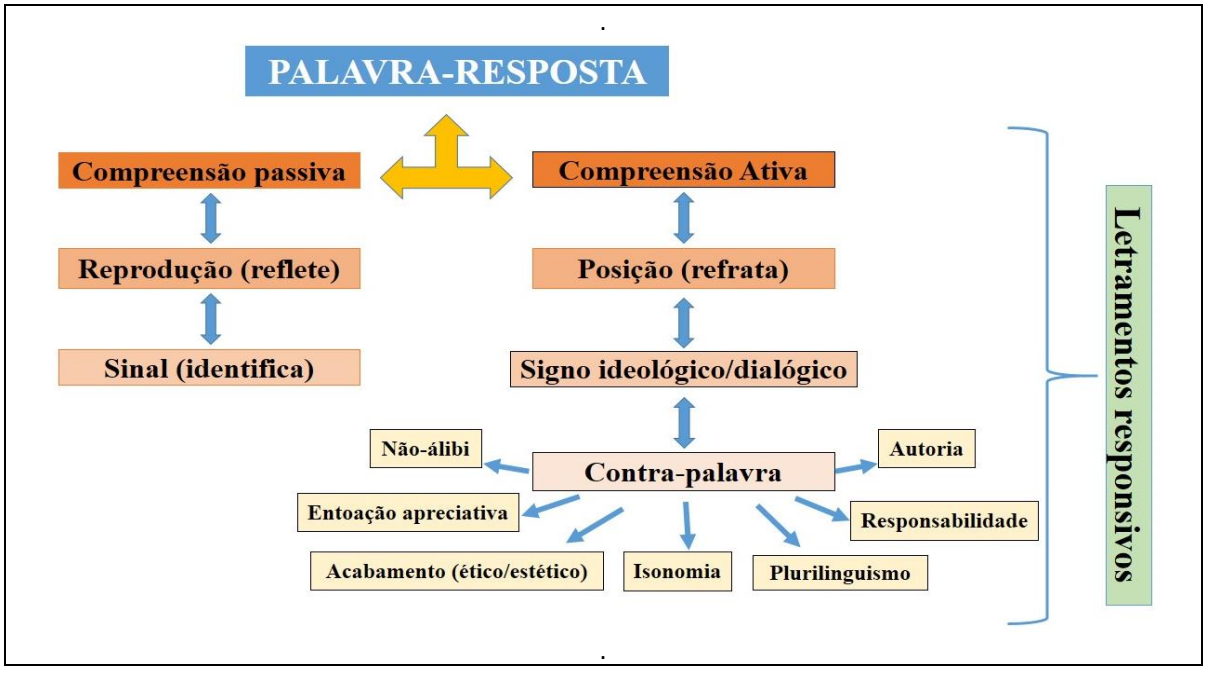
Letramentos responsivos não são redutíveis a uma compreensão passiva nem a uma manifestação socialmente mais valorizada de leitura/escrita nem a um aspecto técnico ou pedagogizável  pois estão constituídos em torno das relações alteritárias e éticas de uma palavra-resposta (manifesta como gêneros discursivo-textuais com um tema, forma composicional e estilo específicos) que busca revolucionar os significados hegemônicos e monovocais de opressão do ser.

O aspecto formativo dos letramentos responsivos não ocorre em relação a uma compreensão passiva, tecnicamente reiterável e abstrata que apenas realiza a reprodução de um sinal ou que valoriza regimes discursivos estabelecidos em desfavor dos empobrecidos graças a uma relação monovocal.

Como os letramentos responsivos são uma forma situada e axiológica de ação e de reflexão revolucionária sobre os, seu investimento opera a partir de uma compreensão ativa no Ser-evento mediado pelo signo ideológico/dialógico da contra-palavra manifesta, uma categoria/resposta bakhtiniana jamais restrita a espaços institucionalizados ou a imagens estáticas porque são diversas as arenas de luta por uma existência pautada pelo respeito de um sujeito ao outro.

Por isso, os letramentos responsivos são constitutivos de uma atitude singular materializada como uma palavra-resposta conforme quadro a seguir.

**Quadro 6 – Plano dos letramentos responsivos constitutivos**




Fonte: Elaborado pelo autor

Toda palavra resposta sempre favore uma compreensão e marca a disposição de sujeitos protagonistas de reflexão, ação e mudança no Ser-evento em que refratam (se posicionam) sua realidade com o signo ideológico e ideológico chamado contra-palavra enunciada, uma resposta autenticamente original e autoral jamais reiterável sem uma renovada compreensão ativa e responsiva (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2002) entre o social e o subjetivo.

A palavra-resposta, objeto da Análise Dialógica do Discurso (ADD) e dos letramentos responsivos, favorece o exercício de uma compreensão passiva (tomar consciência) tanto quanto o da compreensão ativa (mudar uma realidade).

A compreensão responsiva passiva surge quando o sujeito é forçado a não modificar as diversas práticas que valorizam os discursos de opressão com os quais os grupos de poder/verdade estabelecidos procuram se perpetuar sobre quem não conseguiu alcançar ou consolidar uma contra-palavra no espaço-tempo e, por conseguinte, acabou restrito aquém de seu protagonismo.

Por isso, o sujeito que vivencia uma compreensão passiva opera sua ação/reflexão por meio de uma reflexão que reitera os significados já existentes com um reduzido espaço para a organização de palavras-respostas contestatórias e capazes de superar o império do sinal[40] restrito ao ato eminentemente técnico de identificação de sentidos conforme Bakhtin/Voloshinov (2002).

Diferentemente, a experiência de um sujeito que efetiva uma compreensão responsiva ativa opera com a manifestação de uma realidade sígnica (ideológica e dialógica) baseada em trocas responsivas assumidas por quem refrata o contexto de suas vidas no evento em que respondem a seus pares e aos discursos já realizados com uma palavra-resposta autêntica, um signo ideológico, dialógico e ativo manifesto na tensão entre vozes que organizam problematizam os significados mais estabilizados socialmente em sentidos mais particulares e renovadores.

Portanto, os letramentos responsivos operam a partir de uma compreensão responsiva ativa que refrata o signo ideológico/dialógico manifestado pela ação de sujeitos envolvidos com a experiência de uma palavra-resposta que reitera a luta por uma reformulação dos sentidos a cada contra-palavra com a qual os sujeitos conseguem atualizar sua compreensão e sua ação na vida.

---

[40] A título de adendo, Eco (2005, p. 157; destaques do original) ainda distingue os “SÍMBOLOS (arbirariamente relacionados com seu objeto), ÍCONES (semelhantes ao seu objeto), ÍNDICE (fisicamente relacionados com seu objeto)” estabelecidos ao longo das relações entre os sujeitos.

## 4 METODOLOGIA

“O contexto é potencialmente inacabável [...]” (BAKHTIN, 2003, p. 383).

Os enunciados, sob a materialidade dialógica de gêneros discursivo-ideológicos, textualizados possuem um interlocutor, fato não acessível pelas unidades lógicas e técnicas da língua (palavras, orações). Quando textualizados em letramentos responsivos, os enunciados permitem que os sujeitos reflitam sobre suas vivências e organizem gestos políticos para reformular seu ser e sua realidade com uma contra-palavra da qual dependem tanto a politização quanto a organização e a mudança social com diferentes níveis de responsividade.

O sujeito envolvido em letramentos responsivos materializados efetivam uma tomada de consciência que ressignifica a realidade num vir-a-ser colaborativo marcado político-ideologicamente no discurso, no gênero discursivo-textual e no texto (verbal ou não) com os quais ressignificam suas atividades e seu ser numa *práxis* dialógica materializada para a superação dos discursos de empobrecimento.

Esta pesquisa se voltou para as estratégias empregadas por catadores/as para vivenciarem letramentos responsivos e atitudes no plano discursivo enunciado. Os instrumentos de geração de dados foram materializados a partir da observação participante, notas de campo, vídeos gravados em celular, diálogos com catadores/as e com agentes da Cáritas e pesquisa em materiais impressos ou oralizados produzidos pela Cáritas e que circundam entre os sujeitos.

A metodologia se baseou em Bonfim (2011), cujas notas de campo registram as lutas e atos de corpos do Movimento de Trabalhadores Rurais Sem-terra, e em Souza (2009), cujo estudo focalizou letramentos de reexistências de integrantes do hip-hop em defesa de uma identidade desenvolvida na perifieria.

O *corpus* deste trabalho foi constituído a partir de reuniões formativas em 2015 entre sujeitos da Associação de Catadores Bom Jesus Sul e agentes da Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte, Ceará. O momento, o local, a duração e a quantidade de sujeitos presentes às reuniões era variável.

As rodas de conversa entre pesquisador e pesquisados durante as formações organizadas pela Cáritas, a Marcha Regional de catadores na vizinha cidade de Quixeré, o pronunciamento da presidente da Associação na Câmara de Vereadores de Limoeiro do Norte, o lançamento do projeto de coleta seletiva de

Limoeiro, a participação numa tarde de coleta seletiva no bairro “Cidade Alta” e a visita à casa de uma catadora idosa constituíram a geração de dados.

O recorte da pesquisa foi traçado após diálogos semi-informais com o professor Alci Raulino (ex-agente da Cáritas na cidade de Morada Nova), três moradores da comunidade de “Neblina” de Morada Nova, uma visita ao seminário Diocesano de Limoeiro do Norte e uma conversa com o professor João Rameres, diretor da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos.

A publicação (vide apêndices) de vídeos na *Internet* e de matérias jornalísticas sobre Cáritas e catadores/as de Limoeiro do Norte, Ceará confirmou a existência de uma arena específica de lutas de empobrecidos engajados em letramentos responsivos e beneficiados por um projeto de formação financiado pelo Ministério do Trabalho e Emprego do governo da presidente Dilma Roussef.

A justificativa para seleção dos sujeitos desta pesquisa levou em conta o processo de politização e de formação realizado em 2015 por catadores/as e Cáritas no contexto de lutas do Vale do Jaguaribe, região marcada pela intervenção da igreja católica junto aos empobrecidos do campo e das periferias (NETO, 2007). Por sinal, para Bonfim (2011, p. 81-82), “a pesquisa etnográfica, ou observação participante [é a] construção de uma aproximação paulatina [...]” baseada na antropologia social e cultural, nos fins da década de 1950” (*idem*, *ibidem*).

Participar da vivências junto a catadores/as permitiu identificar o símbolo do movimento nacional de catadores/as, o hino do movimento e os pronunciamentos da presidente da associação de catadores/as e de um apoiador da Cáritas, como textos concretos pertencentes a gêneros discursivos que organizam discursos *nos* e *pelos* letramentos responsivos multimodais trabalhados por um grupo heterogêneo de catadores/as que lutam para se colocarem em processo de diálogo e de ação/reflexão em ambientes de reunião, manifestações e trabalho.

O capítulo de Metodologia é encerrado com a descrição dos procedimentos de geração de dados. Em seguida, estão catalogados os procedimentos de análise do *corpus* identificado e o quadro de categorias de análise do enunciado concreto com o qual os sujeitos marcam sua palavra-resposta em letramentos responsivos tanto mais compreensíveis quanto for a reflexão em torno da natureza da pesquisa, objeto da primeira seção que constitui este capítulo.

## 4.1 A NATUREZA DA PESQUISA

O desafio numa pesquisa etnográfica é superar o império do pesquisador diante pesquisado acerca de um dado contexto de relações e de vidas. Por isso, este trabalho é uma pesquisa qualitativa e descritiva sobre letramentos resonsivos de catadores/as de uma associação apoiados pelo esforço de agentes da Cáritas Diocesana da cidade de Limoeiro do Norte, estado do Ceará.

A reflexão em torno da vivência e da condição do outro operacionalizada em atividades e manifestações verbo-visuais ou não de letramentos responsivos foi baseada em uma análise translinguística sobre as relações dialógicas textualizadas. Essa reflexão precisa, no mínimo, ampliar as formas de contato entre pesquisador e pesquisados a fim de que ambos possam compreender o que lhes ocorre em redor.

Catadores/as são sujeitos preocupados em recolher e organizar o máximo de material para comercialização porque nem todos recebem pagamento imediato ou suficiente. Mesmo quando estão em momentos de formação, eles e elas relatam fatos do trabalho e a vontade de auferir maior rentabilidade de seus esforços.

A linguagem é uma prática ideológica (social e cultural) e dialógica (ética e e estética) organizada para significar a realidade a partir de gêneros discursivos e textuais que possibilitam letramentos responsivos quando estrategicamente operacionalizados a partir da compreensão de que a vida pode ser revolucionada.

Seguindo o raciocínio de Bonfim (2011) o momento de geração e o de coleta de dados se misturam em pesquisa etnográfica que depende da interação com as situações concretas e discursos enunciados pelos sujeitos em um dado contexto porque conhecer as experiências relatadas por catadores/as e investigar a refração apreciativa sobre o papel do “lixo” fundamenta o trabalho etnográfico acerca das formas discursivo-enunciativas nem sempre isônomas da voz do outro e do eu.

O objeto de estudo desta pesquisa – situada na intersecção entre etnografia e Linguística Aplicada – foram enunciados e atos textualizados em 2015 por sujeitos da Associação de Catadores Bom Jesus Sul de Limoeiro do Norte que participaram de experiências de letramento responsivo apoiadas por agentes da Cáritas, instituição vinculada à igreja católica, para superar formas de opressão na tentativa de questionar os parâmetros discursivos que tentam imobilizar a luta por condições de vida menos assimétricas e mais democratizadoras.

## 4.2 O CONTEXTO DA PESQUISA

Há marcas contingentes no processo discursivo de elaboração ideológica dos sujeitos que fazem parte da economia e da história da cidade de Limoeiro do Norte no Vale do Jaguaribe, estado do Ceará. Enquanto grupo social e histórico, catadores/as de recicláveis em processo de educação política e ressignificação de suas práticas letradas atualizam um processo de lutas por direito e visibilidade na região do Vale do Jaguaribe a partir de letramentos responsivos com os quais os sujeitos interagem e significam o processo histórico-cultural de sua ação/reflexão.

O Círculo de Bakhtin apresentou o caminho para uma análise do humano a partir da consideração translinguística dos elementos materializados em palavras singulares que organizam um circuito de relações responsivas, comunicação, ação e significação através do qual o eu e o outro assumem o papel de sujeitos da fala.

Os letramentos responsivos se aproveitam das múltiplas realidades semióticas em nível linguístico (palavras, morfemas, fonemas...) para operacionalizar o nível ideológico (históricos e culturais) das relações intersubjetivas em contextos específicos e contingentes orientados entre o ponto de vista do eu e do outro.

Por isso, os discursos resultantes de letramentos responsivos é um fazer educativo e sensível, pois orienta o projeto do outro para pensar e agir num plano da realidade com seus pares. Entretanto, há discursos que favorecem a agressão e a opressão na mesma proporção em que estagnam as vozes dos sujeitos do povo.

A relação entre catadores/as e Cáritas reforça a presença de setores específicos da igreja Católica junto a diversos grupos minoritários de oprimidos da região do Vale do Jaguaribe no estado do Ceará. Isso demonstra a pertinência de um resgate mais amplo das relações entre os sujeitos e dos contextos com os quais as práticas de letramento responsivo se cruzam hoje a partir do que já houve.

Wittgenstein (2008, p. 89) ressalta que “o papel que a palavra desempenha em nossa vida e, com ele, o jogo de linguagem no qual a empregamos, seria difícil de apresentar, mesmo que em traços rudimentares”. Assim, compreender os usos, os contextos de uso e os efeitos responsivos de uma jogo de palavras é tarefa atrelada à percepção da relação de mútua afetação entre os sujeitos que tomam posse da palavra como forma responsiva de interação e de significação.

No caso da região jaguaribana do Ceará, os sujeitos fundamentam suas identidades e percepções a partir de um percurso histórico traçado num espaço em

que ciclos econômicos diversos trouxe riqueza para poucos uma relação entre as instâncias de negociação, os espaços e momentos de interação e os sujeitos que afetam e são afetados pelo contexto em que organizam suas práticas e signficados.

No tocante à região do Vale do Jaguaribe no estado do Ceará, existem elementos que atestam a relação mediadora entre uma parte da igreja católica, os sujeitos e os letramentos responsivos utiliados para a formação dos empobrecidos a fim de resistirem aos discursos econômicos e políticos mais organizados.

Os letramentos responsivos com os quais catadores/as apoiados pela Cáritas interagem e significam o processo de sua ação/reflexão fomentam uma apreciação acerca das condições históricas em que sua vida está situada para desnaturalizar regimes discursivos e políticos de desumanização e empobrecimento.

As manifestações autorais de linguagem textualizadas por catadores/as com diversos recursos sociossemióticos em contextos específicos e contingentes procuram robustecer um ponto de vista contestador, uma contra-palavra que realiza uma determinada compreensão responsiva textualizada nos e pelas apreciações e gêneros discursivo-textuais dos sujeitos da catação.

As palavras do eu, no aqui e no agora começam na voz de um outro que já realizou um esforço apreciativo e renovador em diálogo com vários outros. Por isso, toda palavra é uma resposta e, especialmente, uma forma de ação refletida. Assim, perceber a ação e a reflexão de catadores/as e/ou de uma organização envolve uma reflexão acerca do contexto histórico e cultural mais abrangente com o qual um dado enunciado se relaciona política e dialogicamente e ao qual responde.

Por isso, todo dizer de catadores/as de Limoeiro do Norte em 2015 é carregado de uma responsividade constitutiva que delimita com uma certa força o projeto para pensar e agir com seus pares e que determina um agir ético afetado pelas singularidades do contexto e das interações na luta contra as manifestações de opressão responsáveis por manter os empobrecidos em espaços segregados.

É essa constatação que orienta esta reflexão de cunho etnográfico e de orientação translinguística sobre as características arquitetônicas dos letramentos responsivos assumidos por catadores/as reunidos em uma associação e apoiados/as pela Cáritas no espaço-tempo da cidade de Limoeiro do Norte no Vale do Jaguaribe, Ceará em prol de uma palavra-resposta aos discursos dominantes instituídos ao longo dos ciclos de desenvolvimento das cidades da região jaguaribana.

### 4.2.1 Tensão responsiva no espaço-tempo do Vale do Jaguaribe

A opressão está consolidada em rotinas violentas de objetificação do outro a partir de formas de dominação instauradas *pelos* e *nos* discursos de insensibilidade da sociedade em geral que sufocam disposições responsivas e responsáveis de diálogo. O vale do Jaguaribe é uma região repleta de histórias de empobrecimento por causa de históricas atividades econômicas e sociais.

Estudar suas características históricas significa trabalhar em prol de uma palavra-resposta sobre como a região foi ocupada e transformada em fonte de riqueza para uns diante das tentativas de alienação a que muitos foram submetidos pela segregação imposta pelos que tiveram uma existência mais abastada.

Conhecer a relação entre as características de um contexto e a historicidade contingencial dos sujeitos é indispensável para que os sujeitos possam exercer um discurso de resistência ética e política ao processo de exploração instaurado na agricultura, na pecuária, no turismo e no extrativismo praticados na região do Vale do Jaguaribe, um espaço dividido em quatro áreas que fazem fronteira com o mar, o sertão cearense e as terras do vizinho Rio Grande do Norte.

**Quadro 7 – As regiões do Vale do Jaguaribe**

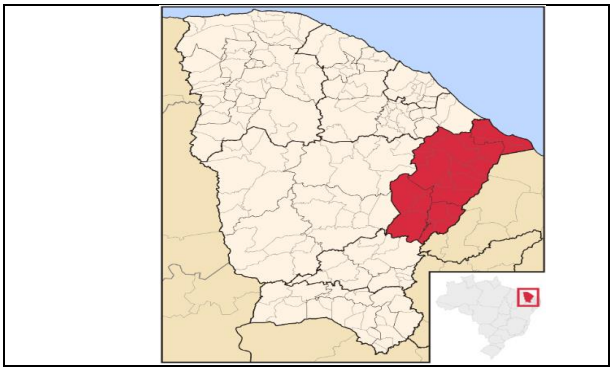
| Região | Municípios |
|---|---|
| Baixo Jaguaribe | Alto Santo, Ibicuitinga, Jaguaruana, Limoeiro do Norte, Morada Nova, Palhano, Quixeré, Russas, São João do Jaguaribe e Tabuleiro do Norte |
| Serra do Pereiro | Ererê, Iracema, Pereiro e Potiretama |
| Litoral | Aracati, Icapuí, Fortim e Itaiçaba |
| Médio Jaguaribe | Jaguaretama, Jaguaribe e Jaguaribara |

Fonte: informações orais de agentes da Cáritas de Limoeiro do Norte em 2015

Majoritariamente, o clima do Vale é semi-árido e a vegetação é basicamente da caatinga. Há reservas de águas minerais contidas nos aquíferos Jandaíra e Açu já comercialmente exploradas, apesar dos riscos de contaminação pelos venenos utilizados por empreendimentos situados na Chapada do Apodi.

A região do Vale do Jaguaribe é um *locus* de discursos plenivalentes de drama e conflito apesar de seus recursos naturais diversos e uma expressão cultural rica, pois ainda não conta com a devida organização, implementação, fiscalização e/ou a publicização de mecanismos necessários para que as riquezas da região sejam distribuídas de maneira menos assimétrica entre os diversos segmentos de sua população da maneira o mais justa e equânime possível.

**Figura 1 - Mapa da região do Vale do Jaguaribe**



Fonte: Wikipedia[41]

A forma como os discursos enunciados estão estabilizados é contingente porque eles guardam uma relação responsiva com as formas de vida com que os grupos sociohistóricos afetam os sujeitos. Determinadas palavras começam a transitar em meio à população local e contribuem para reiterar opressões e insensibilidades.

Por exemplo, Silva (2009, p. 01), sobre a constituição dos sujeitos e do ambiente social, político e econômico da região do Vale do Jaguaribe, pondera que:

> O agronegócio, um nome novo para designar um velho conhecido, o latifúndio, é a saída encontrada pelo Estado para a reprodução da estrutura agrária do país, garantindo aos grandes proprietários, a inviolabilidade da grande propriedade, e ao mesmo tempo mão-de-obra barata, tornando possível a existência de milhares de trabalhadores que vendem sua força de trabalho em condições precárias.

A vitalidade de alguns empreendimentos econômicos da regiã não é revertida em amplas oportunidades de estudo, emprego, lazer e qualidade de vida para a população em geral. Por isso, há um constante fluxo de jovens da zona rural à procura de melhores condições de vida na zona urbana, num processo que acaba por esvaziar a zona rural e inchar a periferia.

O sistema de exploração é histórico, pois para Silva (2009, p. 01):

> Todas as tentativas de ocupação da terra por nativos, escravos e camponeses foram sufocadas e aniquiladas. Os territórios indígenas foram reduzidos a aldeamentos ou missões religiosas; os quilombolas foram perseguidos e destruídos, sendo o mais conhecido o Quilombo dos Palmares; as comunidades camponesas como Canudos, Contestado e Caldeirão foram aniquiladas pelo exército brasileiro.

[41] Mapa atual da região geográfica do Vale do Jaguaribe, interior do Ceará, Brasil. Disponível em: <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/28/Ceara_Meso_Jaguaribe.svg>. Acesso em: 02 fev. 2016.

Historicamente, as tentativas de os pobres acessarem melhores oportunidades sempre incomodaram as elites, sequiosas de se apresentarem como amigas ou benfeitoras dos mais empobrecidas através de práticas clientelistas e ideologias demagógicas. Por isso, Fernandes (*apud* Canuto, 2004, p. 01) afirma que:

> [...] o agronegócio é o novo nome do modelo de desenvolvimento econômico da agropecuária capitalista. É uma construção ideológica para tentar mudar a imagem latifundista da agricultura capitalista. É uma tentativa de ocultar o caráter concentrador, predador, expropriatório e excludente para dar relevância somente ao caráter produtivista, destacando o aumento da produção, da riqueza e das novas tecnologias.

O trabalho de Lima (2012), faz um resgate histórico das condições sociais e econômicas de estruturação das relações de opressão realizadas em ciclos socioeconômicos por grandes proprietários de terra posicionados acima do povo mais empobrecido do Vale do Jaguaribe graças à conivência das autoridades locais.

A lógica exploratória do agronegócio desconsidera o equilíbrio entre seres humanos e meio-ambiente, reacentua a presença capitalista de latifundiários apoiados sob formas de alienação com as quais o povo trabalhador é pilhado e contribui para superpovoar as periferias dos centros urbanos com um contingente formado por sujeitos que, em geral, não dominam os letramentos urbanos valorizados pelas sociedades contemporâneas de informação e comunicação.

Quanto mais empobrecido e menos escolarizado está o sujeito, mais difícil se torna existir como cidadãos de fato e de direito porque o contexto de desigualdades acaba acentuado e impede o exercício de uma vivência politizada capaz de elaborar práticas e discursos para uma vida mais democrática. Daí, a condição de pobreza do sujeito do Vale do Jaguaribe ser um discurso naturalizatório.

Lima (*opus cit*) explica que o primeiro ciclo da economia do Vale foi prejudicado quando a produção de charque foi castigada pelas secas que abalaram a pecuária extensiva e que o segundo ciclo, baseado nos lucros do extrativismo vegetal à base do pó da cera de carnaúba, foi penalizado com o advento de produtos sintéticos derivados do petróleo na segunda metade do século XIX.

A implantação dos perímetros irrigados e da monocultura a partir da pioneira empreitada na cidade de Morada Nova, já em 1970 marcou um terceiro ciclo que resultou na salinização de diversas áreas irrigadas do Vale do Jaguaribe, especialmente quando, a partir de 1980, o PROMOVALE incentiva os latifundiários do

Vale para substituírem suas vastas áreas de carnaúbas pela monocultura do arroz irrigado a partir do apoio financeiro do Banco do Nordeste do Brasil e do apoio técnico-logístico do Departamento Nacional de Obras contra as Secas (DNOCS).

Um último ciclo se consolida em meados do século XX com a carcinicultura, basicamente no litoral do Vale, e o agronegócio da fruticultura para exportação na região dos Tabuleiros de Russas e Chapada do Apodi, entre Ceará e Rio Grande do Norte. Ciclo marcado pela construção de estradas para escoamento de produção e por um plano para aproveitar a água do açude Castanhão.

Em todos os ciclos, houve um processo de acentuada concentração de renda do qual surgiu a figura de catadores/as de material reciclável como um substrato. Concentração reforçada pela opção do governo do estado do Ceará em liberar água para fruticultura irrigada e priorizar a segurança hídrica da capital cearense às custas do abastecimento necessário para o consumo humano de mais de 10.000 habitantes do distrito de Aruaru, localizado há cerca de 60 Km da sede de Morada Nova e há 10 km da rodovia Santos Dumont, a BR 116.

Os fatos elencados revelam uma insensibilidade à condição humana e temporal dos que não tiveram acesso à escola e/ou não dominam os letramentos necessários para cobrar seus direitos pelas vias legalmente válidas dentro do sistema social vigente que acaba por favorecer determinados grupos de poder.

A questão envolve um trabalho ideológico de apagamento da condição do outro pela força de vontade de quem opera com discursos e letramentos mais organizados que não se importaram em garantir, por exemplo, a (suficiente) escolarização da população rural ou a melhoria dos perímetros irrigados do Vale.

Por isso, os letramentos responsivos são oportunos para ajudar a estabelecer espaços isônomos de diálogo entre os sujeitos do povo, as agências governamentais, os grupos político-partidários, as associações e os empresários. Esse movimento para a superação de estruturas de poder e de verdade que oprimem e segregam dependem de letramentos que tempo, estratégia e sensibilidade pautados na ressignificação da condição do outro.

Não fossem históricas disputas politicas, a região do Vale do Jaguaribe poderia ser mais desenvolvida. Por sinal, as disputas políticas entre Franklin Chaves de Limoeiro do Norte e Manoel de Castro de Morada Nova são testemunho das

contendas político-eleitoreiras regionais que contribuíram para impedir ou retardar um desenvolvimento mais efetivo e contínuo para os sujeitos do Vale.

Hoje, a indústria de redes em Jaguaruana, leite bovino e móveis em Morada Nova, cerâmica vermelha e calçados em Russas, mel de abelha e fruticultura irrigada em Limoeiro do Norte e doces, metalmecânica e confecções em Tabuleiro do Norte, são destaques, segundo o Programa Apóstolos da Inovação.[42]

Não houve uma oportunidade para que os mais empobrecidos pudessem participar das decisões que organizaram as condições em que a sociedade local estruturou seus discursos. Desde a colonização do Vale, uma série de práticas foram tornadas estáveis e hegemônicas graças à ação de grupos políticos-eleitoreiro, organismos privados e pela ingerência de instituições públicas.

Em diálogos informais com agentes da Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte, a população mais empobrecida do Vale sofre com conflitos quanto à utilização e distribuição dos espaços e recursos da região e quanto ao manejo e destinação dos resíduos sólidos, irresponsavelmente definidos como “lixo”.

Um caso emblemático é a relação entre os moradores da Chapada do Apodi e os empreendimentos do agronegócios que se beneficiam de acordos com o órgãos governamentais como o Departamento Nacional de Obras contra as Secas (DNOCS) para acirrar conflitos pela posse da terra e inflar as periferias urbanas com os pobres que lutam por melhores oportunidades de vida.

Segundo Gatto (1999), a Chapada está “situada no setor nordeste da área à margem direita do rio Jaguaribe, sendo constituída por sedimentos cretácicos das Formações Jandaíra e Açu, no nível altimétrico médio de 40 m e ocupando uma extensão areal de 1.973,33 km”. Para agentes da Cáritas, há insensibilidade ou descaso por parte das autoridades governamentais para tratar com clareza e objetividade das demandas de uma população afrontada em seu direito de existir.

Nessa perspectiva, como uma voz terceira, entre a voz de catadores/as e a voz dos grupos de poder da sociedade, a voz complementar da Cáritas ajuda os grupos de empobrecidos a questionarem as autoridades constituídas sobre grandes obras e empreendimentos na região do Vale do Jaguaribe. Um exemplo disso, é que num folhetim timbrado com o símbolo da diocese (e não da Cáritas) de Limoeiro do

[42] O programa “é uma ação do INDI – Instituto de Desenvolvimento Industrial e da FIEC – Federação das Indústrias do Estado do Ceará em parceria com a CNI – Confederação Nacional das Indústrias.

Norte e intitulado como “O ‘progresso’ chegou pra quem? Quem paga o preço”, há uma provocativa pergunta: “Estado para que e para quem?”.

Tal questionamento expõe todo um conjunto de medidas que unilateralmente oprimem e silenciam a voz de quem se encontra privado da condição de sujeito porque não participa dos letramentos socialmente valorizados e porque sofre os efeitos das diversas expropriações, privatizações e práticas autoritárias que fomentam conflitos beligerantes e impedem um progresso baseado no convívio harmônico entre o meio-ambiente, os sujeits e os grupos sociedade, situação confirmada por diálgos informais com agentes da Cáritas sobre problemas específicos a cada empreendimento no Vale do Jaguaribe como, por exemplo:

**Quadro 8– Problemas situados no contexto do Vale do Jaguaribe**

| Empreendimento | Local | Problema |
|---|---|---|
| Açude Castanhão | Jagaribara | Reassentamento e utilização da água pelos atingidos. |
| Canal da Integração | Morada Nova | Utilização da água pelas comunidades ao longo do canal. |
| Tabuleiros de Russas | Russas | Reassentamento de famílias atingidas pelo projeto. |
| Energia eólica | Aracati | Implantação de parques eólicos em comunidades. |
| Barragem do Figueiredo | Iracema, Potiretama e Alto Santo | Reassentamento e utilização da água pelos atingidos. |
| Agronegócio | Chapada do Apodi | Envenenamento de terras e águas. Apropriação de terras por (multi)nacionais. |

Fonte: informações orais de agentes da Cáritas de Limoeiro do Norte em 2015

Hoje, os conflitos da região do Vale mitigam a ação dos empobrecidos graças à ação unilateral e organizada de projetos econômicos amparados por recursos e garantias governamentais e geridos por empresas privadas que se beneficiam da desorganização da população mais carente. Conflitos agravados desde a invasão da terra pelo curso dos rios para favorecer o transporte e o comércio de agentes e de produtos que interessavam a Coroa Portuguesa e e seus apadrinhados.

É o caso, por exemplo, de Morada Nova, construída às margens do rio Banabuiú para garantir água ao povoamento da antiga vila do Espírito Santo e permitir o domínio dos “coronéis”. Por isso, as margens dos rios foram ocupadas por fazendeiros que lucravam com a exploração do trabalho do sertanejo empobrecido da mesma forma como ocorre hoje no projeto de irrigação Tabuleiros de Russas no qual as terras mais férteis acabam nas mãos de empresários do agronegócio. Ou, por

exemplo, do processo de apropriação desigual das terras Vale, exemplificado pelo excesso de curvas nas rodovias estaduais que mais preservam o direito de grandes propriedades rurais que a segurança da população em geral.

No geral, o Vale do Jaguaribe alcançou relativa segurança hídrica com projetos de açudagem e seus rios, de tal modo que, para Pantalena (2012, p. 22):

> Localizado no quadrante leste do Estado do Ceará, a bacia hidrográfica do Rio Jaguaribe representa o recurso hídrico mais importante do Estado. Seu curso fluvial segue desde o interior no sentido NNE-SSW (norte-nordeste e sul-sudoeste) por uma extensão de 610km, abrangendo uma área de drenagem de 80.000 km². Sua extensa área de drenagem é formada, à direita, pelos rios: Carius, Salgado e Figueiredo e à esquerda pelos rios: Banabuiú e Palhano.

A mesma autora (*opus cit.* p. 15) acrescenta que:

> Apesar de sua irregularidade hídrica, foi a partir de suas margens e leitos secos que os primeiros colonizadores foram instalando suas fazendas, construindo seus currais, cultivando a lavoura de subsistência e avançando seus rebanhos, que com o decorrer dos anos deram origem às primeiras vilas.

As terras do Vale do Jaguaribe demonstraram potencial para a pecuária e para a agricultura. Isso facilitou o povoamento e o estabelecimento de grandes propriedades, inclusive pelo bispado da igreja católica ex-proprietário, inclusive, de uma rádio, ainda hoje contígua ao palácio episcopal em Limoeiro do Norte.

Pantalena (2012, p. 73) reitera os efeitos da estiagem sobre a economia local e informa que as “secas de 1777-1778 e 1790-1793 aniquilaram a florescente e rendosa indústria do charque jaguaribano” e que as “secas de 1804, 1816, 1817 e 1825 afetaram drasticamente a produção agrícola do Vale do Jaguaribe, onde o algodão tinha substituído o gado como força econômica” (*opus cit*., p. 62).

Apesar do fantasma da seca, a autora afirma que a expansão da criação de gado e o estabelecimento de charqueadas estão na base do povoamento do Vale do Jaguaribe ao longo do rio Jaguaribe e seus tributários no séc. XVIII.

É notável que os organismos públicos e estatais não tenham elaborado e implementado um conjunto de situações consistentes evitar o empobrecimento da população e para diminuir os sofrimentos entre os menos abastados causados pelas recorrentes estiagens. A história do Vale comprova que as autoridades governamentais da região não trabalharam alternativas sustentáveis e ambientalmente responsáveis de distribuição de riquezas ou de convivência com o semiárido como o ecoturismo ou a agricultura familiar, conforme agentes da Cáritas.

A falta de políticas públicas prejudica o homem do campo, agrava o inchaço das periferias urbanas e dificulta a luta pela subsistência dos sujeitos que não trabalham com letramentos escolarizados e socialmente valorizados para o exercício de atividades scioeconômicas e urbanas e para a luta por seus direitos.

Essa situação alimentou o clientelismo político-eleitoreiro em conluio com os empresários para imobilizarem catadores/as e, conforme Pantalena (2012, p. 78):

> Entre os anos 1930 e 1960, o ciclo da cera de carnaúba foi responsável pelo rápido desenvolvimento econômico de cidades e vilas do Baixo Jaguaribe. Em Limoeiro do Norte (abrangia à época Tabuleiro, São João e Alto Santo) a "nova elite" formada por proprietários de amplos carnaubais nas várzeas do Jaguaribe, financiaram a modernização de vários espaços urbanos (escolas, teatros, comércios, etc.). A cidade de Russas passou a ser o maior produtor em 1950, sendo responsável por 11% da produção nacional e 31% da produção estadual.

A insuficiente disposição para ajudar empobrecidos/as do campo contribuiu para o surgimento da catação de recicláveis como atividade socioconômica típica da periferia urbana do mundo capitalista. Por isso, para Pantalena (*opus cit.* p. 80):

> Atualmente, o Ceará é líder nacional na produção de cera de carnaúba, responsável por 81,8% do total produzido no país, os municípios de Russas, Morada Nova, Aracati, Jaguaruana, Itaiçaba e Limoeiro do Norte despontam como grandes produtores na região jaguaribana.

O processo de (lenta) construção e de (insuficiente) melhoramento da malha viária estadual a partir do século XX conectou, por questões econômicas, o Vale ao ao Ceará e ao Brasil, pois, conforme Pantalena (2012, p. 89), por exemplo:

> A atividade produtiva do setor cerâmico na região do Baixo Jaguaribe teve início há cerca de 50 anos quando a potencialidade da região para a obtenção de argilas começou a ser estudada e explorada comercialmente. O Município de Russas é o que mais se destaca, vez que está situado em plena bacia sedimentar do Rio Jaguaribe, área naturalmente propícia ao acúmulo de macro minerais, como as argilas, durante os períodos chuvosos, graças à grande quantidade de sedimentos trazidos pelo rio Jaguaribe.

O discurso de agentes da Cáritas assevera que a mecanização das etapas de produção, a monocultura, o emprego de produtos químicos para combater pragas e aumentar a produtividade e a utilização de mão-de-obra formada por ex-proprietários da terra são marcas deletérias da forma em que está amparado o projeto de fruticultura e do agronegócio do Perímetro Irrigado Tabuleiros de Russas e da

chapada do Apodi, como comprova o cordel de Rogaciano Oliveira e Gigi Castro, “A maldição dos agrotóxicos ou o que faz o agronegócio[43]”.

A Cáritas pretende questionar as formas de opressão e de expropriação implementadas pelo aparelho estatal e pela força de empresários. Afinal, a realidade de segregação não corresponde ao que está dito na secção “Quem sou eu”[44] do *blog* do Distrito do Projeto de irrigação Tabuleiros de Russas (DISTAR) para quem:

> A área do Perímetro está situada no Baixo Vale do Jaguaribe que chamamos de Zona de Transição Norte dos Tabuleiros de Russas. Essa área consiste de uma faixa contínua de terras agricultáveis ao longo da margem esquerda do Rio Jaguaribe, entre a confluência do Rio Banabuiú e a cidade de Russas, no Estado do Ceará. Distante apenas 178km de Fortaleza e 210Km do Porto do Pecém, encontra-se situado estrategicamente as margens da BR-116, paralela ao Rio Jaguaribe, e consiste no principal acesso à área. A água utilizada para a irrigação é proveniente de duas fontes hídricas, uma é o rio Banabuiú, e o outro é o Açude Castanhão.

A prova da segregação entre os empobrecidos e os empresários é que as distâncias enunciadas para Fortaleza (178 km) e porto do Pecém (210 km) no texto indicam a preocupação mais para a exportação do que para o abastecimento do mercado local. O texto não informa como foram adquiridas terras privilegiada pelo acesso à água e pela construção de rodovias nem como os antigos propietários, hoje, são forçados a trabalhar como empregados na terra que lhes pertencera. Tudo isso, agrava a problemática dos assentamentos (SILVA, 2009) no Vale do Jaguaribe.

O preço elevado da fruta produzida pelo DISTAR para aquisição local, a falta de um projeto para produzir/aproveitar/baratear frutas sazonais da região e o desinteresse em adotar uma produção diversificada e orgânica não condiz com a proposta enunciada como benefícios da açudagem. Para, Pantalena (2012, p. 107):

> A construção de obras hidráulicas que objetivavam perenizar as águas do rio Jaguaribe e seus principais afluentes bem como a construção de estradas, portos para o escoamento da produção e integração com o mercado internacional e a instalação de centros de capacitação técnica intensificaram o desenvolvimento da agricultura irrigada na região.

Os conflitos denunciados pela Cáritas em torno do agronegócio, revelam ser preciso um processo de letramento responsivo para que aconteça uma distribuição mais isônoma das potencialidades sociais e econômicas do Vale. Assim, a Cáritas de

---

[43] A produção de 10.000 cópias do folheto foi feita pela Cáritas de Limoeiro do Norte, Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos e três entidades.

[44] Disponível em: <http://tabuleirosderussas.blogspot.com.br/>. Acesso em: 21 fev. 2016.

Limoeiro do Norte defende que a superação das formas de opressão depende de um processo de formação de espaços de diálogo e de ação politica organizada.

No entanto, para que o diálogo se transforme em resistência organizada e consciente, o processo de inserção dos sujeitos do povo nas áreas e situações de discussão e ação precisa estar orientado por letramentos responsivos que se transformem em políticas públicas de caráter politizador entre pontos de vista.

Por falta de espaços mais populares e democráticos de discussão, determinadas atividades humanas degradam o Vale e sua população mais carente bem como promovem a subalternização das relações. Por isso, na cartilha intitulada "A viagem pela Chapada do Apodi"[45], o discurso da Cáritas reflete sobre um contexto que poderia ser revisitado nas formas de interação humana. Na última página, o material textualiza pretender "socializar o conhecimento produzido da intervenção social dos sujeitos na construção destas comunidades [...]".

O desenvolvimento não pode gerar dividendos para todos sem um esforço político e responsivo para possibilitar um diálogo constante acerca do eu e do outro. Diálogo que os letramentos responsivos possibilitam a catadaores/as observados, sujeitos plenos de um ativismo entre pontos de vista do eu e do outro.

Para o discurso da Cáritas, a crescente introdução de novas atividades econômicas no Vale como a carcinicultura ou a geração de energia eólica e o o reodernamento das relações de trabalho e dos espaços por causa do agronegócio, por exemplo, devem ser percebidos como possibilidades vinculadas à vontade e ao bem-estar de cada comunidade envolvida com essas novas oportunidades.

A exploração de petróleo em Icapuí e Aracati reforça o potencial da região do Vale do Jaguaribe para uma matriz diversificada de desenvolvimento econômico. Mas nenhum projeto de desenvolvimento pode acirrar conflitos, concentrar renda ou degradar o ambiente. Assim, as atividades sociais e econômicas devem priorizar o uso racional, responsável e democrática dos recursos de uma região.

Entretanto, para agentes da Cáritas, uma série de situações problemáticas no Vale do Jaguaribe está sendo agravada nos últimos anos por causa de uma

[45] Na segunda página da cartilha estão os nomes de Angerliana Oliveira, Osarina Lima, Padre Francisco de Aquino, Diego Gadelha e Bernadete Freitas, a equipe que produziu a cartilha e na última está o ISBN (978-85-67117-10-2). Tais informações são raras, pois em conversa realizada no escritório da Cáritas de Limoeiro do Norte na sexta-feira (13-02-2015), por volta das 09:00 h da manhã, Angerliana, afirmou que há uma política de preservação dos nomes de quem atua na Cáritas por causa dos embates em áreas de conflito e das ações com populações em situação de risco.

perspectiva unilateral que desconsidera o respeito ao ritmo da natureza e das comunidades envolvidas ao mesmo tempo em que agravam a problemática da geração/tratamento dos resíduos sólidos e a vida de catadores/as.

A utilização de queimadas para criar pastagens ou campos agrícolas, a falta de um manejo adequado do solo, a extração desordenada de vegetação nativa, a utilização de produtos químicos em escala ascendente e a produção desordenada de resíduos sólidos são exemplos de um processo de degradação do bioma e das vidas dos mais empobrecidos da região do Vale do Jaguaribe.

Quando predomina a exploração sobre a cooperação e quando não há fiscalização eficiente e instâncias de diálogo efetivamente estabelecidas e politizadas, a ação insensível e os discursos unilaterais (ou homofônicos, no dizer bakhtiniano) sobre a região do Vale do Jaguaribe sistematizam um processo de ocupação desordenada do solo (caso de empreendimentos comerciais no litoral), de assoreamento de cursos d'água, poluição e degradação do ar, da terra e das águas, desmatamento, desertificação, beligerância e aumento dos "lixões", especialmente onde os governos se omitiram em relação ao "lixo" e a catadores/as.

A geração de emprego e renda não é justificativa para a degradação ambiental e para o acirramento de práticas de animosidade, desunião e descrença entre os moradores do Vale do Jaguaribe e empreendedores nacionais ou estrangeiros. Segundo o discurso da Cáritas, o desenvolvimento não justifica a falta de manejo dos resíduos sólidos. Entretanto, soluções para os problemas conjunturais do Vale só são possíveis se estão orientadas para que o povo possa assumir o protagonismo de sua história e viver uma educação/ação politizada.

Sem respeito ao ponto de vista do outro através de práticas responsivas e dialógicas é difícil sobrepujar as diversas discursos de empobrecimento. As situações de conflito na região do Vale do Jaguaribe ainda podem ser transformadas se houver espaço para uma ação e um diálogo capazes de ressignificar dizeres e fazeres em bases mais responsivas e politizadas como indica a intervenção de grupos detentores de letramentos socialmente mais valorizados como a ação da igreja católica pela Diocese de Limoeiro do Norte e pela Cáritas historicamente comprovam, ainda que pudessem ter sido mais incisivas no combate a práticas de empobrecimento dos sujeitos desprovidos de suficiente capital econômico, político e escolarizado.

### 4.2.2 A ação da igreja católica no Vale do Jaguaribe

Dom Manuel da Silva Gomes, primeiro arcebispo do Ceará, procurou descentralizar a estrutura administrativa da igreja com a criação das dioceses de Crato, com Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, Sobral, com Dom José Tupinambá da Frota, e Limoeiro do Norte, com Dom Aureliano Rodrigues de Matos.

Muito provavelmente Dom Manuel percebia duas necessidades: a primeira era se fazer mais presente no interior do Ceará, ambiente de uma população pouco ou nada escolarizada, e a segunda era efetivar o princípio missionário que caracterizou a igreja católica e a Cáritas ao longo da história bem.

A articulação entre política, igreja e dinheiro marcou a fundação, estruturação e localização do núcleo da Diocese de Limoeiro do Norte no Vale do Jaguaribe. Foram necessários 400 contos de réis (200 para o arcebispo e 200 a título de patrimônio e sustento da nova diocese) e a intervenção de Franklin Chaves, líder político de Limoeiro do Norte. Assim, segundo Vasconcelos Jr (2006, p. 64), em 07-05-1938, “a Anunciatura Apostólica criava a terceira diocese no estado do Ceará, a da região jaguaribana, pela Bula papal Ad Dominicum do Papa Pio XI. Em 1940, foi escolhido seu primeiro bispo, Dom Aureliano Matos [...]”

A presença do integralismo no município de Limoeiro do Norte, núcleo político e religioso em ascensão a partir do segundo quartel do século XX é observada por Maia (2005) e por Vasconcelos Jr (2006). A criação da Liga Eleitoral Católica em 1932 revela o elo entre igreja e política. Para Vasconcelos (2006, p. 62) “Dom Manuel Araújo da Silva Gomes, assistente espiritual e político da LEC, estruturou a Liga Eleitoral Católica como uma verdadeira agremiação partidária, mostrando a força política da igreja junto à população cearense”. Assim, “em 1934, a LEC se coligou com os integralistas, dando-lhes apoio político e ganhando as eleições no Ceará contra os liberais e os comunistas” (*opus cit.* p. 63).

Dom Aureliano concentrou na sede da Diocese de Limoeiro do Norte toda uma estrutura em um ambiente historicamente marcado pelo descaso anacrônico do poder público para com o bem-estar da população em geral. Em pouco tempo, surgiram construções não existentes até quase a metade do século XX. Isso ocasionou uma transformação econômica, cultural e educacional na região, ainda que restrita aos mais abonados que, por exemplo, podiam enviar seus filhos para se beneficiar da estrutura educacional montada em Limoeiro.

Conforme Vasconcelos Jr (2006, p. 70), o esforço de Dom Aureliano trouxe o Patronato Santo Antônio, o seminário Cura D'ars, o colégio Diocesano Padre Anchieta, o Liceu de Artes e Ofícios, a Rádio Educadora, o Hospital e Maternidade e as pontes sobre o rio Banabuiú e Jaguaribe" de acesso a Limoeiro.

A ação da igreja católica alavancou a educação escolarizada de Limoeiro do Norte em parceria com o Movimento de Educação de Base (MEB)[46] cuja missão é "[c]ontribuir para promoção humana integral e superação da desigualdade social por meio de programas de educação popular libertadora ao longo da vida[47]", algo semelhante ao que Paulo Freire propunha no campo das experiências educacionais e politizadas com a população analfabeta e oprimida da região Nordeste do Brasil.

Segundo Vasconcelos Jr (2006, p. 72), para a região do Vale do Jaguaribe, no campo educacional, a maior obra dos quase trinta anos de bispado de Dom Aureliano foi a Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, "criada pelo Decreto-Lei nº 8.557, de 16 de agosto de 1966, aprovado pela Assembléia [*sic*] Legislativa do Estado do Ceará e assinado por Virgílio Távora, então governador do Ceará".

Antes da efetiva implantação da faculdade, a diocese de Limoeiro enveredou pelo campo da ação política e educativa com a transmissão radiofônica pela Rádio Educadora, contígua ao palácio episcopal, embora, hoje, pertencente à iniciativa privada. Segundo Vasconcelos Jr (2006, p. 160), a Rádio Educadora permitia a operacionalização do projeto do MEB junto aos pobres graças à:

> [...] apresentação dos programas do Movimento de Educação de Base – MEB. Este movimento estava sendo desenvolvido pela diocese, desde outubro de 1961, levando a alfabetização ao meio rural. As atividades passaram a funcionar na sua plenitude, em 1962, com a inauguração da emissora da Diocese. O MEB era um projeto de educação para os pobres, era educação política e evangelizadora, no intuito de formar melhores lideranças rurais.

Ainda faltam mais trabalhos para definir o alcance do papel do bispado de Dom Aureliano e da igreja católica para o desenvolvimento das atividades socioeconômicas e práticas históricas, culturais e educacionais do povo da região.

---

[46] Criado em 21-03-1961, o MEB é "um organismo vinculado a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, constituído como sociedade civil, de direito privado, sem fins lucrativos, com sede e foro no Distrito Federal". Disponível em: <http://www.meb.org.br/index.php/quem-somos>. Acesso em: 14 fev. 2015.

[47] Disponível em: <http://www.meb.org.br/index.php/missao>. Acesso em: 14 fev. 2015.

### 4.2.3 O olhar exotópico da igreja/Cáritas para catadores/as

Figuras como padre Pitombeira, professor e colaborador da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, diretor e professor do Colégio Diocesano de Limoeiro e amigo pessoal da cúpula da diocese local revelam que a igreja católica contribuiu para a constituição da intelectualidade da região do Vale do Jaguaribe, tentou corrigir a carência de políticas públicas de educação e buscou intervir na realidade de opressões que historicamente marcaram os mais pobres. Um testemunho disso é a Cáritas Diocesana de Limoeiro que organiza suas práticas formativas apesar de suas muitas dificuldades técnicas, financeiras e estruturais.

Há problemas contemporâneos no campo e na cidade questionados pela prática formativa da Cáritas. São exemplos, os rumos do agronegócio na região do Vale do Jaguaribe e as lentas decisões governamentais em torno da integração de catadores/as no processo de produção e de gerenciamento dos resíduos sólidos.

A Cáritas é uma entidade vinculada à igreja católica. Em nível de Vale do Jaguaribe está subordinada ao bispo diocesano Dom José Haring. O discurso da Cáritas para o trabalho com sujeitos empobrecidos e comunidades desassistidas pelas políticas públicas incentiva o colorido dialógico entre as vozes da sociedade e revela que parcelas menos organizadas da sociedade ainda precisam tomar posse das decisões que afetam os rumos de suas vidas bem como lutar por visibilidade e por audiência, algo que caracteriza letramentos responsivos.

Localizada no seminário diocesano Cura D’ars e rodeada por sujeitos acostumados a viverem uma vida de dificuldades e de silenciamentos, os discursos e ações da Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte interagem com sujeitos de diferentes níveis de escolarização formal e com histórias de vida diversas.

Os posicionamentos da Cáritas estão relacionados com o contexto de uma região marcada por lutas em torno da posse e administração das riquezas naturais e culturais de um espaço onde muitos acabaram alijados da condição de sujeitos desde a época colonial através dos ciclos econômicos que favoreceram o êxodo dos moradores dos campos para os centros urbanos.

A ação social e formadora da igreja católica no Vale do Jaguaribe ocorre especialmente através dos esforços da Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte, sede do bispado e da única faculdade pública estadual da região. A Cáritas se esforça para que os empobrecidos contestem discursos de poder e de verdade.

As assimetrias excludentes que desumanizam a população do Vale do Jaguaribe podem ser identificadas na forma na produção e distribuição de bens e riquezas e, finalmente, na destinação dos resíduos gerados pela sociedade. Daí a pertinência de pensar letramentos responsivos para uma vivência dialógica e democrática de sujeitos marcados por contextos e objetivos específicos.

Sem diálogo não é possível contestar e refratar os significados tidos e mantidos na região jaguaribana pelas forças da conservação enunciadas. Por isso, os letramentos responsivos incentivados pelas palavras da Cáritas incentivam o diálogo entre sujeitos históricos para a reflexão e a transformação de seu contexto.

Na região do Vale do Jaguaribe, o discurso da igreja católica através da Cáritas responde aos esforços do Movimento de Educação de Base na segunda metade do século XX e dialoga com a ação mais social de alguns padres[48] que defende a politização dos sujeitos para superarem as formas de opressão vigentes.

Por isso, investigar a relação entre Cáritas e catadores/as é mergulhar num **processo responsivo** no qual a igreja católica do Vale do Jaguaribe e de Limoeiro do Norte esteve inserida em prol de atitudes que ajudaram catadores/as a fundarem uma associação e lutarem por melhores condições de vida com a catação.

No caso de catadores/as, os letramentos responsivos ocorrem efetivamente quando seus protagonistas atuam em contextos não necessariamente formalizados institucionalmente para politizarem suas práticas e discursos e combaterem a estrutura histórico-econômica que permitiu a exploração do trabalhador rural e do empregado suburbano por grupos política e historicamente mais organizados que precarizaram a vida da população já exposta ao problema das recorrentes estiagens e do grande latifúndio, conforme Maia (2005) numa região onde a patente de “coronel” era comprada para demarcar poder sobre os sujeitos.

[48] Projeto de Lei estadual nº 10/10, do deputado Nelson Martins denomina como “Padre José Augusto Régis Alves” a escola do assentamento rural “Pedra e Cal”, no Município de Jaguaretama. José Augusto Régis Alves nasceu em 07-12-1959 no Sítio Boqueirão, Quixeré, e morreu em 17-07-1995 em Fortaleza. Formou-se em Filosofia e Teologia no Seminário de Fortaleza. Tornou-se diácono na Igreja Matriz de Jaguaretama em 01-12-1984 e presbítero na igreja Matriz de Quixeré em 12-10-1985. Atuou nas paróquias de Jaguaretama, Jaguaribara e Tabuleiro do Norte, áreas conflituoas por causa de empreendimentos de açudagem e do agronegócio. Ajudou movimentos sociais como a Comunidade Dom Romero em Fortaleza, o “Movimento dos Assentamentos de Jaguaretama e os assentamentos das Comunidades Eclesiais de Base da Diocese de Limoeiro do Norte quando exerceu a assessoria das CEB's”. Chegou a criar “o Movimento de Apoio às Crianças e Adolescentes em Tabuleiro do Norte e foi Pró-Reitor do Seminário de Limoeiro do Norte”. Disponível em: <http://www.al.ce.gov.br/legislativo/tramit2010/pl10_10.htm>. Acesso em: 15 fev. 2015.

Para Maia (2005), as relações de produção entre os moradores da zona rural mudaram e as características das relações entre o trabalhador e o patrão guardam um verniz paternalista, alimentado pelo método colonial de transferência hereditária de bens, títulos e propriedades. Tal anacronismo gera empobrecimento.

A vertente atual do paternalismo é o assistencialismo populista que condena a população à subserviência devido a políticas públicas paliativas ou oportunistas que destinam migalhas aos mais empobrecidos. Um exemplo disso são as práticas que empobrecem sujeitos menos conscientes de sua condição de agente e/ou que não dominam manifestações socialmente escolarizadas de letramento.

Quando Maia (2005) cita o problema de uma definição para o termo “camponês”, seu trabalho acaba por apontar que a fronteira definitiva para a possibilidade de transformação das relações entre os sujeitos depende de uma relação responsável e responsiva de linguagem e que o território do enunciado concreto (sob uma perspectiva dialógica) é o ambiente necessário para questionar, uma opção nominalizadora ou outra e, por conseguinte, a vida e os sujeitos.

Nem todos os setores da igreja católica no Vale do Jaguaribe apresentam a mesma disposição para subverter concretamente a lógica de exclusão da sociedade. Essa igreja não é, primariamente, uma instituição dedicada ao processo de ensino-aprendizagem das classes mais populares, embora tenha utilizado seus recursos para escolarizar alunos por meio de congregações e instituições de ensino afamadas como a Companhia de Jesus ou, em termos mais locais, como a Universidade Católica na cidade de Quixadá, na região do Sertão Central do Ceará.

No vale do Jaguaribe, a criação da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos no Limoeiro do Norte da década de 1960 é uma prova do esforço da igreja católica em assumir uma função que o poder público não exerceu. É um exemplo que reatualiza a relação entre formação, escolarização e igreja – como no tempo dos jesuítas que participaram da criação e coordenação de um primeiro sistema educacional, ainda na época do Brasil Colônia, conforme Lima (1978).

Hoje, a região do Vale do Jaguaribe onde a Cáritas de Limoeiro atua é percebida como uma área de oportunidades e de luta por direitos diante da situação de penúria que ainda persite e serve de combustível para a utilização da força de trabalho do sujeitos penalizado pela ingerência governamental e da insensibilidade

das instituições sociais consolidadas em ouvir e atender as necessidades dos que não tiveram a oportunidade de dominar a cultura letrada e os recursos da região.

Neste ponto, vale ressaltar conforme Maia (2005) que a igreja católica se beneficiou da força de atingidos pelas secas para estruturar obras na diocese recém-fundada na cidade de Limoeiro do Norte. Falta determinar se sua intervenção esteve mais próxima de uma prática oportunista de caráter assistencialista que ajudou a reforçar o abismo entre abastados e empobrecidos ou se rendeu algum tipo de formação técnica e política efetiva para a vida de quem sofria com a condição de sertanejo afligido pela estiagem. Por sinal, Maia (*opus cit.* p. 36) informa que, com mão-de-obra de flagelados da seca dos anos 1940, a cidade de Limoeiro do Norte:

> [...] ganhou novos contornos, iniciou-se uma diversidade de obras de cunho social, construções com o intuito de formar o "clero diocesano", entre elas, o Seminário Diocesano Cura d'Ars, o Colégio Diocesano Padre Anchieta – para rapazes da região – leia-se filhos dos grandes proprietários – o Patronato Santo Antônio dos Pobres – para as "moças", filhas dos patrões, ou seja, filhas dos grandes proprietários rurais –, a maternidade São Raimundo – prestando auxilio às mães gestantes, (muitas).

Segundo Maia (*opus cit.* p. 89), a "década de 1950 ficou marcada pelas transformações da posição política da Igreja, que passou *da caridade ao protesto contra a exploração dos flagelados nas frentes de trabalho*".

A intervenção e orientação da igreja católica através da Cáritas junto às comunidades mais empobrecidas do Vale do Jaguaribe reforça a necessidade de se pensar a organização social como um processo que carece de amplas e diversas possibilidades de diálogo e negociação em bases ideologicamente politizadas para a consideração das vozes do maior número de grupos e sujeitos da sociedade.

A inserção dos sujeitos empobrecidos em letramentos responsivos para transformarem suas vidas é um imperativo que não pode ser imposto, mas desejado. Havendo uma prática responsiva de diálogo, aqueles que não tiveram oportunidade de participar de práticas escolares institucionalizadas e/ou de letramentos mais valorizados ainda podem fazer um uso social efetivo dos bens culturais e econômicos historicamente restritos a sujeitos mais organizados.

Por isso, investigação dos discursos enunciados pela Cáritas indica que a mobilização de uma coletividade é parte de um processo dialógico e revolucionário de vozes que lutam por práticas dinâmicas de democratização de pontos de vista e pela reorganização das relações sociais a partir de letramentos responsivos.

### 4.2.4 O contexto de dificuldades que caracterizam o trabalho de catadores/as

Quando alguém trabalha, sua atividade molda determinadas atitudes e percepções. Assim, o trabalho de recolher o que está descartado por terceiros é um exercício que molda catadores/as. No caso do trabalho de catação, o ato de perceber e significar seu objeto como lixo ou como material reciclável e reutilizável afeta o sujeito que vive do refugo da sociedade capitalista e interfere na mediação significativa de seu ser, pois, para Medeiros e Macêdo (2006, p. 63):

> Ao dizer que o trabalho cria o homem, e, por força da dialética, que o homem cria a si mesmo pelo trabalho, Marx provocou uma reflexão sobre o que era o trabalho e evocou sua função mediadora na relação entre o homem e a natureza. Através do trabalho, o homem superou sua condição de ser natural e se converteu em ser social.

Numa realidade em que o trabalho assalariado é um dos parâmetros para indicar a importância da função exercida por um sujeito em idade economicamente ativa para a sociedade, trabalhar de maneira informal com o “lixo” nas ruas e lixões dificulta o processo de melhoria das condições de exercício da profissão de catador e reitera práticas de desengajamento e desunião do grupo na luta por melhorias.

O ofício de catador surgiu na esteira do desenvolvimento dos centros urbanos e da consequente produção de resíduos por causa da atividade humana. O inchaço das periferias das cidades e a carência por postos de trabalho contribuiu para a consolidação do trabalho, mas não para o reconhecimento da profissão mesmo que a presença do catador/a esteja mais integrada ao cenário urbano.

Para Medeiros e Macêdo (2006), o trabalho “além de ser um meio de subsistência, também é um meio de integração social, pois possibilita o relacionamento entre pessoas, a inclusão social e o sentimento de pertencer a um grupo”. Por isso contribui para a formação de uma identidade social e pessoal para quem o realiza e dele depende para participar da organização da sociedade.

Segundo relatos informais de catadores/as e de agentes da Cáritas, da forma como ainda é realizado, o trabalho de catação de materiais recicláveis é insalubre e não garante segurança previdenciária e trabalhista, visibilidade social ou representatividade política nas instâncias públicas de debate e de decisão diante do aspecto leviano e/ou insensível por parte dos poderes públicos em relação à atividade de catação e a seus profissionais, pois, de acordo com uma publicação realizada em 28-05-2015 no *Facebook* da Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte:

> Catadores/as de Materiais Recicláveis do município de Limoeiro do Norte, que desenvolvem atividade de catação no lixão localizado na cidade Alta no bairro Maria Dias, vivenciam diariamente o reflexo da não efetivação de politicas (*sic*) públicas. A realidade é de existência de estrutura precária, sem água potável, nem banheiros e o mais agravante, quase diariamente se submetem a suportar a fumaça da queima dos materiais, muitas vezes chegando a ter todo o material coletado por dias queimado também. A grande maioria dos catadores/as que hoje atuam no lixão, fazem parte da Associação de Catadores/as Bom Jesus Sul, fundada em 2011.Do processo de diálogo com o poder público obteve-se a conquista de uma galpão, situado no bairro Antônio Holanda, mas que se encontra praticamente em desuso devido a falta de matérias recicláveis que seriam oriundos da Implantação da Coleta Seletiva no município. Concretamente, hoje, a associação realiza a coleta do óleo de fritura, quinzenalmente, nos restaurantes, lanchonetes, etc. O destino do óleo é a Cooperativa Vale Reciclar, que através da Petrobrás comercializa o óleo filtrado para ser transformado em biocombustível

O relato demonstra que catadores/as ainda precisam trabalhar muito para conquistar o direito de fazer sua voz ser ouvida por uma sociedade acostumada a descartar o que não mais utiliza de qualquer forma e que acirra os problemas enfrentados por quem obtém sua subsistência ou complementa sua renda a partir do de uma longa jornada de trabalho com a catação nas ruas e lixões de Limoeiro. Ao final, apesar dos debates contemporâneos, a realidade da catação acaba esquecida.

**Figura 2 - Trabalho de Catação no lixão de Limoeiro do Norte, Ceará**

Catadores com saco de material já selecionado

Catadora em processo de seleção de material

Fonte: Arquivo da Cáritas de Limoeiro do Norte

Limoeiro do Norte, proeminente cidade dos vale jaguaribano, centro regional de educação e cultura do estado do Ceará, continua a lançar seu “lixo” numa área do bairro Maria Dias, comunidade de “Cidade Alta”. Como a área do lixão está longe dos olhos da maior parte da população, catadores/as trabalaham numa montanha de resíduos, erguem pesados fardos e são tornados invisíveis.

No lixão, alguns/mas catadores/as trabalham munidos de equipamentos de proteção improvisados ou já desgastados (luvas, botas, chapéus e/ou óculos) selecionam aquilo que não foi coletado por catadores/as de rua ou que não foi devidamente separado pelos agentes produtores de resíduos sólidos.

Toda essa problemática é potencializada pela disparidade entre o que o mercado formal e urbano de trabalho exige e o que o/a catador/a de material reciclável oferece. A idade avançada de alguns, a carência ou inexistência de escolaridade comprovada e de capacitações específicas e contínuas, a condição socioeconômica paupérrima, a desconfiança em relação às políticas públicas e a inexperiência quanto ao associativismo ajduam a compor o retrato traçado por Medeiros e Macêdo (2006) que demonstram como este grupo está historicamente ainda no início de suas lutas.

**Quadro 9 – Primórdios da organização de catadores/as no século XXI**

| | |
|---|---|
| **Ano** | **Fato histórico** |
| **2001** | 1º congresso Nacional de Catadores e 1ª Marcha de Catadores |
| **2002** | Inclusão dos catadores de material reciclável na Classificação Brasileira de Ocupações (**CBO**) sob o registro de número 5192-05. |
| **2003** | Criação pelo governo federal brasileiro do comitê de inclusão social de catadores |

Fonte: Medeiros e Macêdo (2006)

Há dificuldades de acesso a direitos previdenciários como aposentadoria auxílio-saúde, por exemplo. Catadores/as já alcançaram algumas conquistas enquanto trabalhadores. Porém, Medeiros e Macedo (2006, p. 66) informam que:

> [...] o catador de materiais recicláveis é incluído [no modelo econômico da sociedade contemporânea) ao ter um trabalho, mas excluído pelo tipo de trabalho que realiza: trabalho precário, realizado em condições inadequadas, com alto grau de periculosidade e insalubridade, sem reconhecimento social, com riscos muitas vezes irreversíveis à saúde, com a ausência total de garantias trabalhistas.

Apesar de o trabalho de catação relacionar-se com as questões de educação e preservação ambiental, catadores/as de Limoeiro do Norte ainda estão num modesto processo de revisão histórica, política, social e ideológica de sua função econômica e ambiental e de ressignificação de si mesmos diantes da sociedade em que existem. Algo que envolve práticas de letramentos que possam contestar a legitimidade de grupos mais organizados da sociedade urbana contemporânea.

## 4.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Catadores/as formam um grupo histórico surgido no esteio da sociedade capitalista e consumista. Estão marcados por diferentes níveis de precariedade, insalubridade e informalidade nas ruas ou lixões bem mais que aqueles/as que trabalham em cooperativas e associações e que já conseguem combater mais eficientemente a institucionalização de práticas de empobrecimento.

Apesar de já existir uma associação constituída legalmente, catadores/as de Limoeiro do Norte observados em formações e atividades laborais em 2015 ainda sofrem com sentimentos de individualidade, egoísmo e desunião que impedem a organização social e histórica do grupo de forma mais autônoma e politizada.

O grupo é formado por homens e mulheres de idades e condições socioeconômicas diversas. Alguns trabalham a pé enquanto outros utilizam veículos motorizados para aumentar a quantidade de materiais recolhidos numa área mais extensa, agilizar o transporte e, consequentemente, aumentar seus rendimentos.

Os catadores e as catadoras com os quais este pesquisador conviveu sentem dificuldade de ressignificar seu trabalho como uma atividade mais politizada que lhes permita reconhecer sua condição de sujeito porque estão acostumados a viver de migalhas tanto na catação como na comercialização do produto de seu trabalho. A dinâmica da catação individualizada não abre espaços suficientes para que velhos, analfabetos e desempregados abandonem a informalidade e se organizem suficientemente para participarem da cadeia produtiva da economia.

Nesse contexto, a Cáritas atua como um companheiro para ajudar catadores/as a refletirem sobre os fundamentos de sua condição expropriada de vida e transformarem sua atividade no contexto local de seu tempo-espaço através de letramentos responsivos que oportunizem o exercício de uma palavra-resposta ideologicamente renovadora dos discursos que caracterizam Limoeiro do Norte.

Neste trabalho, catadores/as estão nominalmente indicados por seus nomens porque eles clamam por visibilidade e porque sua ação política está registrada nos veículos de comunicação e de informação que noticiam publicamente seus atos. Por uma questão política de combate às formas de opressão, esta pesquisa apresenta o termo catadores/as para indicar a luta para superar discursos hegemônicos, inclusive os do masculino sobre o feminino ao longo da história.

### 4.3.1 O sujeito catador/a

O sujeito catador/a é aquele/a que vive na pobreza, aqui compreendida segundo Crespo e Gurovitz (2002, p.11) como:

> [...] um fenômeno multidimensional em que há a falta do que é necessário para o bem-estar material. Associa-se a esse conceito a falta de voz, poder e independência dos pobres que os sujeita à exploração; à propensão à doença; à falta de infra-estrutura básica, à falta de ativos físicos, humanos, sociais e ambientais e à maior vulnerabilidade e exposição ao risco.

Segundo Matos, Maia e Maciel (2012, p. 239) enquanto catadores/as "se organizam de forma autônoma, em cooperativas ou associações, e vendem o material coletado a empresas e/ou a atravessadores", coletores/as são providos de garantias legais e trabalhistas. Conforme Matos, Maia e Maciel (*opus cit*. p. 240):

> [...] o termo catador de material reciclável é utilizado para designar o indivíduo que, com fins profissionais, mas sem registro trabalhista, individualmente ou em grupo, de forma manual e espontânea, cata, separa e vende materiais que podem ser reaproveitados. [...] papel, papelão e vidro, materiais ferrosos e não ferrosos disponíveis em locais públicos ou privados, lixões ou aterros sanitários. Nessa atividade podem fazer uso de carrinhos, carroças ou sacos como instrumentos de trabalho [...].

A luta por reconhecimento e por direitos começou após o fim da ditadura nos anos 1980. Apesar de mais visíveis em práticas de letramento mais valorizadas e em espaços institucionalizados, segundo Matos, Maia e Maciel (*opus cit*. p. 240):

> A atividade de catador existe de modo informal no Brasil desde o início do século XX, inicialmente na figura do velho garrafeiro, mas rapidamente modificada e ampliada, resultado do acelerado processo de industrialização [...]. A partir da década de 1980, grupos de catadores começaram a se organizar, criando cooperativas e associações, e a lutar pelo re-conhecimento dessa atividade como profissão.

Conforme Matos, Maia e Maciel (2012, p. 240), em 2009, 57% dos resíduos coletados vão para aterros sanitários e 43% (cerca de 22 milhões de toneladas), para lixões ou aterros controlados (vide quadro abaixo).

**Quadro 10 - Produção de resíduos sólidos urbanos em 2009**

| Área | Brasil | Nordeste |
|---|---|---|
| **Total produzido** | 57 milhões de toneladas por ano | 47.665 toneladas por dia. |
| **Quantidade por habitante** | 359,4 quilogramas. | 1,255 quilogramas por dia |
| **Quantidade não coletada** | 7 milhões de toneladas. | 22%. |

Fonte: Aadaptação a partir de Matos, Maia e Maciel (2012, p. 240)

Catadores de Limoeiro do Norte apoiados pelo diálogo com agentes da Cáritas sabem que suas atividades são fonte de renda e estão relacionadas à Política Nacional de Resíduos Sólidos sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva e textualizado na lei nº 12.305, de 02 de agosto de 2010 que informa:

> Art. 1º Esta Lei institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos, dispondo sobre seus princípios, objetivos e instrumentos, bem como sobre as diretrizes relativas à gestão integrada e ao gerenciamento de resíduos sólidos, incluídos os perigosos, às responsabilidades dos geradores e do poder público e aos instrumentos econômicos aplicáveis.

Catadores/as estão num diálogo que envolve a saúde e o bem estar da população diante da problemática da geração e tratamento de resíduos Desse modo, a catação ajuda a efetivar o que determina a lei 12.305**/**2010:

> Art. 4º . A Política Nacional de Resíduos Sólidos reúne o conjunto de princípios, objetivos, instrumentos, diretrizes, metas e ações adotados pelo Governo Federal, isoladamente ou em regime de cooperação com Estados, Distrito Federal, Municípios ou particulares, com vistas à gestão integrada e ao gerenciamento ambientalmente adequado dos resíduos sólidos.
> Art. 5º. A Política Nacional de Resíduos Sólidos integra a Política Nacional do Meio Ambiente e articula-se com a Política Nacional de Educação Ambiental, regulada pela Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, com a Política Federal de Saneamento Básico, regulada pela Lei nº 11.445, de 2007, e com a Lei nº 11.107, de 6 de abril de 2005.

Nas discussões em 2015 entre Cáritas e catadores/as, a catação foi significada como parte de um ciclo econômico e um suporte ao projeto de um aterro sanitário consorciado conforme Pinto (2014) do Ceará. Assim, cooperativas e associações de catadores/as podem melhorar a rentabilidade e salubridade e do trabalho de catação, pois conforme a lei 12.305**/**2010:

> Art. 17. O plano estadual de resíduos sólidos será elaborado para vigência por prazo indeterminado, abrangendo todo o território do Estado, com horizonte de atuação de 20 (vinte)
> [...]
> V - metas para a eliminação e recuperação de lixões, associadas à inclusão social e à emancipação econômica de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis;

O grupo de sujeitos da Associação de Catadores/as Bom Jesus Sul apoiados/as pela Cáritas de Limoeiro do Norteé heterogêneo na forma de realizar seu trabalho, na forma de cada um perceber a si mesmo e na forma de se constituir com uma grupo. Por isso, Matos, Maia e Maciel (*opus cit.* 244) afirmam que “parece haver no discurso dos associados uma maior consciência acerca da importância da atividade que desenvolvem, fornecendo-lhes uma Identidade Social mais positiva”.

### 4.3.2 Catadores e Catadoras de Limoeiro do Norte

Observar catadores de Limoeiro do Norte, revela que há crianças, velhos, homens, mulheres, negros, brancos a trabalhar por uma fonte de renda que lhes forneça sustento e dignidade negados ao longo de suas vidas e agravados por sentimentos de desconfiança e vergonha que levam a população e catadores/as a perceberem a catação como algo indigno ou como obra de fracassados/as.

Matos, Maia e Maciel indicam que catadores/as que se engajam em associações procuram ganhar mais confiança em si mesmos e diferenciar-se de outros grupos socialmente mais vulneráveis da sociedade. O contexto atual comprova que há catadores/as à margem de um futuro melhor. Contribui para sua situação, a atitude de desacaso dos poderes públicos que permitem a existência de lixões e a insensibilidade da sociedade, já que pela lei 12.305**/**2010:

> Art. 48. São proibidas, nas áreas de disposição final de resíduos ou rejeitos, as seguintes atividades:
> I - utilização dos rejeitos dispostos como alimentação;
> II - catação, observado o disposto no inciso V do art. 17;
> III - criação de animais domésticos;
> IV - fixação de habitações temporárias ou permanentes;
> V - outras atividades vedadas pelo poder público.

O trabalho de Matos, Maia e Maciel (2012) es revela a diversidade do grupo socioeconômico dos catadores. Esta compreensão é reforçada pelo trabalho da Cáritas diocesena de Limoeiro do Norte para transformar catador/a de lixão e/ou de rua em catador/a cooperado de galpão com uma voz mais altiva.

O contexto dos sujeitos e as marcas da área política, geográfica, histórica e cultural do Vale do Jaguaribe e de Limoeiro do Norte afetam o processo em que catadores/as e Cáritas dialogam para transformar este município brasileiro com 58.175 habitantes em 2015, um Índice de Desenvolvimento da Educação (IDEB) de 0,682 e com 39,92% da população na linha da pobreza, segundo dados de 2015 publicados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).[49]

Desde a ocupação das terras do Vale do Jaguaribe, a região sofreu com a falta de políticas públicas e de espaços de discussão que permitissem a superação de rotinas de opressão ainda hoje reatualizadas por discursos responsáveis pelas, inclusive, manifestações homofônicas que reforçam o empobrecimento de muitos.

---

[49] Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=230760>. Acesso em: 02 mar. 2016.

Nem todo catador é reciclador. Suas posições e histórias de vida os tornaram sujeitos acostumados a viverem do refugo que a sociedade abanDona nem sempre de modo adequado e seguro, o que torna a catação suja e perigosa. As contingências a que catadores/as são submetidos/as são reiteradas cotidianamente na insensibilidade de uma sociedade que coloca como barreiras os letramentos escolarizados e socialmente mais valorizados pautados na leitura e na escrita.

Privados de oportunidade para lutarem por seus direitos, catadores/as ainda se organizam pouco e ficam resignados em si mesmos como provam as frases curtas e tímidas ou a letra incerta de tal forma que, para Couto (2012, p. 51):

> A organização dos catadores como movimento social é recente. Data de meados do ano de 1999 o seu surgimento, com o 1º Encontro Nacional de Catadores de Papel. No entanto, apenas em 2001 é fundado oficialmente o MNCR [Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis], com a assinatura da Carta de Brasília.

A tessitura ideológica e dialógica que reitera posicionamentos, características e significados acontece *nos* e *através dos* discursos. No caso de catadores/as da associação de Limoeiro, isso depende de uma compreensão responsiva ativa compromissada e textualizada como palavra-resposta que questione o discurso que classifica irresponsavelmente a reciclagem como “lixo”.

O objeto da catação é o resíduo sólido ou semi-sólido resultante, segundo a ABNT NBR 10004:2004, “de atividades de origem industrial, doméstica, hospitalar, comercial, agrícola, de serviços e de varrição” e o catador, conforme a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO[50]), presta serviço como atividade econômica:

> **5** - TRABALHADORES DOS SERVIÇOS, VENDEDORES DO COMÉRCIO EM LOJAS E MERCADOS
> **51** - TRABALHADORES DOS SERVIÇOS
> **519** - OUTROS TRABALHADORES DE SERVIÇOS DIVERSOS
> **5192** - Trabalhadores da coleta e seleção de material reciclável
> **5192** - Catador de material reciclável
> SINÔNIMOS DO CBO
> **5192-05** - Catador de ferro-velho
> **5192-05** - Catador de papel e papelão
> **5192-05** - Catador de sucata
> **5192-05** - Catador de vasilhame
> **5192-05** - Enfardador de sucata (cooperativa)
> OCUPAÇÕES RELACIONADAS
> **5192-10** - Selecionador de material reciclável
> **5192-15** - Operador de prensa de material reciclável

[50] CBO 5192-05. **Catador de material reciclável**. Disponível em: <http://www.ocupacoes.com.br/cbo-mte/519205-catador-de-material-reciclavel>. Acesso em: 10 dez. 2015.

Para Couto (2012, p. 51), o processo de inclusão social e econômica de catadores/as depende de estarem organizados, empoderados e formalizados", já que quanto mais unidos entre si, mais fácil fica suprirem carências individuais decorrentes da pouca ou nenhuma habilidade com leitura e escrita, pois para Street (2014, p. 35) "a aquisição de habilidades letradas não é uma necessidade prioritária no nível, desde que elas estejam disponíveis no nível da comunidade"

Para Couto (2012), catadores/as protegem o meio-ambiente e movimentam a economia enquanto sua atividade consolida práticas sustentáveis e de inclusão bem como combate o modelo excludente de gestão socioeconômica da sociedade. Já para o Ministério do Trabalho e Emprego[51]:

> Os trabalhadores da coleta e seleção de material reciclável são responsáveis por coletar material reciclável e reaproveitável, vender material coletado, selecionar material coletado, preparar o material para expedição, realizar manutenção do ambiente e equipamentos de trabalho, divulgar o trabalho de reciclagem, administrar o trabalho e trabalhar com segurança.

Em se tratando de formações organizadas pela Cáritas de Limoeiro e da luta necessária para que catadores/as possam redefinir sua identidade e trabalho e para que venham a manusear materiais de leitura ou preencher dados, estes sujeitos costumam demonstrar seu descontentamento diante do que definem como enfadonho segundo as forças ideológicas da conservação que tentam sedimentar em definitivo os significados já dados (BAKHTIN, 2002). Tal luta está registrada, por exemplo, no Correio do Brasil[52] com a reportagem "Em Limoeiro do Norte (CE), catadores/as marcham por direitos e por visibilidade" e publicada em 19-07-2012:

> Lutando por direitos e pelo reconhecimento de seu importante trabalho pela limpeza urbana e preservação do meio ambiente é que a Associação de Catadores de Materiais Recicláveis de Limoeiro, em parceria com a Cáritas Diocesana de Limoeiro e com a participação de catadores/as dos municípios de Russas e Quixeré, todos do estado do Ceará, realizou na manhã de hoje (20), a partir de 7h30, a II Marcha dos Catadores de Limoeiro.

Para transformarem sua realidade, catadores/as apoiados pela Cáritas buscam visibilidade como descrito por Arnaldo Freitas na reportagem da TV Jaguar

---

[51] Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorCodigo.jsf>. Acesso em: 21 jan. 2016.

[52] Disponível em: <http://correiodobrasil.com.br/noticias/brasil/em-limoeiro-do-norte-ce-catadoresas-marcham-por-direitos-e-por-visibilidade/488515/>. Acesso em: 09 fev. 2015.

“Trabalhadores ocupam prefeitura de Russas reivindicando seus direitos” sobre uma tentativa de audiência pública com o prefeito de Russas, Weber Araújo[53].

A proximidade entre Russas, Limoeiro do Norte, Quixeré e Tabuleiro permite um apoio mais consistente da Cáritas ao grupo de catadores/as em prol de uma luta para para dialogarem com os diversos segmentos da sociedade Por isso, a Cáritas desafiou catadores/as a formalizarem uma associação como um efeito dos letramentos responsivos vivenciados nas formações e nas manifestações públicas.

A Associação de Catadores/as de Material Reciclável Bom Jesus Sul[54] é uma entidade privada fundada em 09-09-2011 e registrada no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ) com o número 15.010.871/0001-63. A associação está situada no bairro Antônio Holanda de Oliveira, o mais populoso do município cearense de Limoeiro do Norte, às margens da rodovia BR 116. O endereço é a rua José Victor de Oliveira, 1448, CEP 62.930-000.

Sua presidente já reeleita é a catadora Maria Rubens Saldanha, conhecida como “Pedinha”, catadora há quase 30 anos, que afirma que a intervenção responsiva da Cáritas ajudou a fundar a associação de catadores/as em prol da luta por melhores condições para a atividade de catação, garantia de preços mais justos na comercialização dos produtos recolhidos, construção de espaços formativos e defesa de direitos sociais para catadores/as associados ou não.

A fundação de associações de catadores acompanha a promulgação de leis que orientam o fechamento dos lixões, a implantação da coleta seletiva e a inclusão socioambiental de catadores/as na gestão dos resíduos sólidos. Também é uma forma de ajudar no processo de conscientização da população para combater o consumismo desproporcional dos bens sociais, culturais e econômicos disponíveis.

Diante da escassez de oportunidades de trabalho e de recursos socialmente valorizados, catadores/as se voltaram para os resíduos produzidos como uma saída para suas dificuldades sociais e econômicas. Nesse contexto é que a Cáritas vem somar suas vozes às dos sujeitos que vivem da catação para cobrar um reordenamento na produção e gerenciamento dos recicláveis.

---

[53] Disponível em: <http://www.tvjaguar.com.br/site/noticia.php?Tid=11120>. Acesso em: 13 out. 2016.

[54] Disponível no endereço: :http://www.econodata.com.br/lista_empresas/CEARA/LIMOEIRO-DO-NORTE/A/15010871000163-ASSOCIACAO-DE-CATADORES-AS-BOM-JESUS-SUL Acesso em: .21 jan. 16.

A Política Estadual de Resíduos Sólidos do Ceará (ceará, 2001) e, segundo Couto (2012, p. 49), “ações do governo federal têm dado suporte à implantação da coleta seletiva com inclusão de catadores [...]” comprovam a existência de um processo de redefinição do papel social, ambiental e econômico de catadores/as. Por exemplo, no caso específico do texto da Política Nacional de Resíduos Sólidos para catadores/as, Couto (2012, 127) relata que:

> [...] a maior dificuldade de aplicação é com relação à logística reversa, processo de destinação correta dos resíduos pós-consumo por parte das empresas fabricantes, comerciantes ou importadoras. A LR é de interesse direto dos catadores, que podem se beneficiar dela se conseguirem estabelecer parcerias com o setor produtivo.

Em termos regionais, essas leis orientaram a criação de um aterro sanitário consorciado regionalizado para atender as cidades circunvizinhas, numa tentativa de barateamento dos custos de operação do equipamento. Isso orientou catadores/as a se associarem na luta por visibilidade e melhores condições de vida e trabalho em manifestações como a Marcha dos Catadores em 2011 e 2012 em Limoeiro para auferirem resultados mais efetivos através de uma coleta seletiva que ajude a prolongar, inclusive, a vida útil do aterro sanitário consorciado.

Numa cidade que contava com 6.469 casas atendidas pela coleta de lixo no ano 2000 e 14.030 residências em 2010, conforme o Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE[55]), catadores/as de Limoeiro se viram na eminência de reorganizarem suas atividades numa cidade onde 79,6% do “lixo” domiciliar[56] é coletado, 15,4% é queimado/enterrado e 5,0% é deixado a céu aberto.

Com o apoio da Cáritas, a associação de catadores/as de Limoeiro do Norte fosse beneficiada em 05-06-2013 pela prefeitura municipal com a entrega do “termo de cessão do galpão da Sibrazem, conhecido como galpão da pimenta, para a associação de catadores/as”.[57] Já em 2015, a associação ssumiu a condição de proponente e conseguiu ser aprovada em um universo de 126 propostas que participaram de uma seleção pública de projetos coordenada pela Cáritas Brasileira e

---

[55] Disponível no endereço eletrônico: <http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/perfil_basico/pbm-2011/Limoeiro_do_Norte.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2016.

[56] Disponível em: <http://www.deepask.com/goes?page=limoeiro-do-norte/CE-Confira-a-coleta-de-lixo-no-seu-municipio---lixo-coletado-a-ceu-aberto-queimado-ou-enterrado>. Acesso em: 10 dez. 2015.

[57] Disponível em: <http://caritaslimoeiro.blogspot.com.br/2013/06/associacao-de-catadoresas-bom-jesus-sul.html>. Acesso em: 20 jan. 2016.

União Europeia[58] “para fortalecer a economia popular solidária como alternativa de formação e geração de renda das populações em situação de vulnerabilidade, na perspectiva do desenvolvimento solidário sustentável e territorial.” Por isso, a ação de catadores/as nesse processo foi denominada como “Rede solidária: articulação, integração das organizações de catadores/as do vale do Jagauribe.

Também em 2015, a parceria entre catadores/as e Cáritas levou a prefeitura da cidade de Limoeiro do Norte a concretizar uma parceria para implantação de um projeto-piloto de coleta seletiva quinzenal de resíduos e de óleos e gorduras residuais (OGR). O acordo previa a participação da associação com catadores/as e um triciclo conquistado com o apoio da Cáritas e a participação da prefeitura com o combustível do triciclo e um motorista habilitado para guiar o veículo como informado no texto do facebook oficial da Cáritas em 04-08-2015.

Durante a observação de catadores/as em 2015, Limoeiro do Norte contava com um grupo de 60 catadores/as atuando nas ruas e 39 no lixão[59]. Entretanto, a dificuldade para reunir catadores/as nas formações orientadas pela Cáritas e o aspecto democrático para o ingresso na atividades de catação comprovam a opinião de Couto (2012) sobre como a alta rotatividade e informalidade dificultam a formação de dados estatísticos sobre catadores/as.

Apesar de o fim dos lixões ter sido legalmente determinado, a inadequação ou ingerência das prefeituras municipais ainda permite a existência do lixão de Limoeiro do Norte na comunidade de Maria Dias sua postergação. Por isso, o próprio grupo de catadores teve que cobrar a organização do espaço do lixão de Limoeiro do Norte, segundo, Maria Rubens, presidente da associação de catadores. que relatou a luta para que a prefeitura estabelecesse espaços para o lixo orgânico (proveniente do matadouro municipal), o lixo hospitalar e os resíduos sólidos.

Basicamente, a renda de catadores/as depende de longas jornadas de trabalho, do tipo, abundância e do preço do produto recolhido e da disponibilidade do comprador. O estado do Ceará[60] produz 14.233,5 toneladas diárias de resíduos. Já

---

[58] Disponível em: <http://caritas.org.br/wp-content/uploads/2015/04/Resultado_Final_da_Selecao_P%C3%BAblica_de_projetos.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2016.

[59] Disponível em: <http://www.tvjaguar.com.br/site/noticia.php?Tid=11622>. Acesso em: 23 fev. 2016.

[60] RIBEIRO, Germano. **Fortalezense produz 2,5 quilos de lixo por dia**. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/fortalezense-produz-2-5-quilos-de-lixo-por-dia-1.843483>. Acesso em: 21 jul. 2015.

os “maiores produtores municipais[61] são Fortaleza (5.876,69 ton.), Caucaia (1.032,03 ton.), Juazeiro do Norte (926,59 ton.), Maracanaú (379,99 ton.), Crato (238,28 ton.), Quixeré (206,05 ton.), Iguatu (183,34 ton.), Maranguape (158,44 ton.), Quixadá (145,84 ton.) e Pacatuba (128,21 ton.). Enquanto isso, Limoeiro do Norte gera 20 ton. diárias[62] de resíduos lançados nas ruas e depositados no lixão.

O preço do material reciclável apresenta oscilações bruscas porque não há uma tabela uniforme com preços amplamente discutidos e acordados previamente entre catadores/as e compradores/as. Por causa de pressões extemporâneas reforçadas pelos compradores, alguns produtos nem sempre são viáveis para serem recolhidos pelo grupo de catadores/as que consideram o vereador José de Arimateia um dos maiores compradores de recicláveis de Limoeiro porque pode pagar imediatamente pelo que adquire e suas balanças são confiáveis.

Na reportagem publicada pelo jornal O povo[63] sobre a questão de catadores/as da cidade de Russas, também atendidos pela Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte, estão identificados produtos e preços que indicam uma longa jornada e um reduzido rendimento auferido com a catação conforme quadro abaixo:

**Quadro 11 – Relação material reciclável/preço**

| Material | Preço/quilo |
|---|---|
| Papel | R$ 0,10 |
| Papelão | R$ 0,12 |
| Alumínio (lata) | R$ 1,20 |
| Alumínio (panela) | R$ 2,20 |
| Ferro | R$ 0,15 |
| Garrafa PET | R$ 0,50 |
| Plástico/canos de PVC/Borracha | R$ 0,40 |
| Cobre | R$ 8,00 |
| Garrafa de vidro para bebida | R$ 0,15 |

Fonte: Jornal O povo (27 jul. 2014)

Especialmente após catadores/as se associarem (com o apoio da Cáritas), sua atividade foi ressignificada como atividade econômica, socioambiental e solidária reiterada pela assessoria oferecida pela Cáritas que teve a oportunidade de ajudar a

[61] CAVALCANTE, Ana Mary C. **Fortaleza gera 5.876 toneladas de lixo por dia** Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/opovo/cotidiano/2014/07/30/noticiasjornalcotidiano,3289926/fortaleza-gera-5-876-toneladas-de-lixo-por-dia.shtml>. Acesso em: 21 jul. 2015.

[62] MELQUÍADES JÚNIOR. **Lentidão para construir aterro** (01-02-2010). Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/regional/lentidao-para-construir-aterro-1.140117>. Acesso em: 21 jul. 2015.

[63] BORTOLLOTTI, Plínio. **Catadores temem ficar sem trabalho com aterro sanitário** Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/opovo/dom/2014/07/26/noticiasjornaldom,3287938/catadores-temem-ficar-sem-trabalho-com-aterro-sanitario.shtml>. Acesso em: 22 jan. 2016.

sedimentar em 2015 o sentimento de grupo entre catadores/as graças a um convênio com a Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES[64]), criada em 2003, pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva para efetivar:

> [...] a política pública de Economia Solidária por meio das transferências de recursos a estados, municípios, universidades e organizações da sociedade civil que tenham projetos para apoiar e fomentar empreendimentos econômicos solidários. Os instrumentos de transferência utilizados são convênios, termos de parceria, termos de fomento e de colaboração. A SENAES não possui autorização para fornecer bolsas ou para financiar diretamente os empreendimentos.

Quanto maior for o conhecimento empírico e técnico dos catadores, mais qualificado e seguro se torna seu trabalho e sua profissionalização. Conforme o Ministério do Trabalho,[65] a economia solidária opera por princípios de:

> **Cooperação:** ao invés de competir, todos devem trabalhar de forma colaborativa, buscando os interesses e objetivos em comum, a união dos esforços e capacidades, a propriedade coletiva e a partilha dos resultados;
> **Autogestão:** as decisões nos empreendimentos são tomadas de forma coletiva, privilegiando as contribuições do grupo ao invés de ficarem concentradas em um indivíduo. Todos devem ter voz e voto. Os apoios externos não devem substituir nem impedir o papel dos verdadeiros sujeitos da ação, aqueles que formam os empreendimentos;
> **Ação Econômica**: sem abrir mão dos outros princípios, a economia solidária é formada por iniciativas com motivação econômica, como a produção, a comercialização, a prestação de serviços, as trocas, o crédito e o consumo;
> **Solidariedade:** a preocupação com o outro está presente de várias formas na economia solidária, como na distribuição justa dos resultados alcançados, na preocupação com o bem-estar de todos os envolvidos, nas relações com a comunidade, na atuação em movimentos sociais e populares, na busca de um meio ambiente saudável e de um desenvolvimento sustentável.

Isso comprova que a única forma de os sujeitos subverterem as condições adversas é a orquestração cooperativa de suas vozes e trabalho. Pela condição de catadores/as de Limoeiro, é possível perceber que a transformação da realidade é um ato de coragem a ser realizado como uma palavra-resposta enunciada materialmente em contextos de letramentos responsivos não restritos ao domínio dos aspectos técnicos e linguísticos da linguagem porque toda palavra, enquanto evento e realidade responsável e a responsiva, é uma resposta linguístico-discursiva contingente que realiza educação, informação e formação.

---

64 Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/trabalhador-economia-solidaria/programas-e-acoes>. Acesso em: 14 fev. 2016.

65 Disponível em <http://portal.mte.gov.br/trabalhador-economia-solidaria>. Acesso em: 14 fev. 2016.

As palavras empregadas por catadores/as apoiados/as pela Cáritas ganha novos sentidos a medida que alcança maior visibilidade e espaço para ser ouvida. Estejam materializadas na oralidade, na escrita ou na gestualidade e atitudes dos corpos de catadores/as, as palavras organizam uma resposta exotópica de sujeitos que reavaliam suas posições e não aceitam a existência de segregações.

Os letramentos responsivos presentes *nas* e *através* das formações e manifestações de Catadores/as e Cáritas oportunizam esperança para quem depende do resíduo alheio e para quem pretende ressignificar sua identidade num diálogo com a sociedade para combater hierarquias que segregam e oprimem e para integrar o oral, o escrito e o corporal, o conhecido e o estrangeiro (GRIGOLETTI, 2012).

**Figura 3 – Catadores/as em manifestação**

Fonte: Arquivo da Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte (201-)

Prova disso é disposição da presidente da associação de catadores/as, Maria Rubens, a Dona Pedinha, e de Deuzimar Bezerra, seu marido, para incentivarem seus/suas colegas a lutarem por melhores condições de vida e de trabalho e se rebelarem contra um sistema hierarquizado por classificações e opressões diversas. Um sistema que agora presencia enunciados de libertação com corpos e palavras.

Quando catadores/as se posicionam para a sociedade de forma responsiva e manuseiam tecnologias antes distantes de suas rotinas, os letramentos ideológicos são transformados em responsivos no ato de participar de manifestações, vestir uma camisa com o símbolo de um grupo, empunhar uma bandeira, manusear impressos diversos, utilizar microfone ou encarar os olhares da sociedade e da imprensa.

### 4.3.3 O sujeito Cáritas

A Cáritas Brasileira informa em no artigo 1º de seu estatuto ser um:

> [...] organismo da Conferência Nacional dos Bispos do brasil (CNBB) e com esta relacionada nos ternos deste Estatuto, é uma associação civil de direito privado, de duração indeterminada, de âmbito nacional, de caráter beneficente filantrópico, de fins não econômicos, fundada em 12/11/1956 e registrada em 05/08/1966, com sede e foro em Brasília, Distrito Federal. (Disponível em: http://caritas.org.br/wp-content/uploads/2010/12/Estatuto-da-Cáritas.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2015).

Os agentes da Cáritas resolveram trabalhar com sujeitos que não possuíam rotinas estabelecidas em torno da leitura. Para isso, ajudaram catatadores/as a realizarem manifestações e discussões para se apresentarem com uma palavra de resistência às dificuldades impostas pelos mais abastados.

É num ambiente contextualmente rico em histórias, recursos e conflitos que o trabalho dialógico-responsivo desenvolvido pelos discursos e práticas formativas da Cáritas de Limoeiro do Norte vem sendo materializado. Essa instituição afirma estar voltada para a melhoria das condições de vida dos sujeitos empobrecidos pela insensibilidade de grupos ideologicamente mais organizados.

A Cáritas trabalha com um público heterogêneo (catadores, agricultores, adolescentes). Isso exige a sensibilidade e a astúcia da equipe de agentes da Cáritas e apoiadores e simpatizantes para ajudar os empobrecidos a contestarem as formas de opressão organizadas por uns sobre os outros.

A ação da Cáritas de Limoeiro pode ser compreendida como voltada para uma forma ideológica de letramento junto às parcelas mais empobrecidas do Vale do Jaguaribe para a emergência de letramentos responsivos.

**Figura 4 – Logomarcas das Cáritas**

Logomarca da Cáritas nacional (em vermelho) e da Diocesana de Limoeiro do Norte, Ce (um mosaico de imagens)..

Fonnte: arquivo da Cáritas de Limoeiro

Na seção “Quem somos e histórico”, a Cáritas Brasileira é apresentada como “uma das 164 organizações-membro da Rede Cáritas Internacional presentes no mundo”, ligada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

> Art.22. A CB, tendo personalidade jurídica própria, goza de autonomia perante a sua insstituidora, a CNBB, tendo esta sobre a CB aqueles poderes dados pelo Direito Canônico, pelos Estatutos e Regimento da CNBB e por este Estatuto. (Disponível em: <http://caritas.org.br/wp-content/uploads/2010/12/Estatuto-da-Cáritas.pdf> Acesso em: 08 jan. 2015).

Atualmente a Cáritas Brasileira está organizada em “uma rede com 178 entidades-membro, 12 regionais [...] e uma sede nacional. Atua em 450 municípios, sendo presença solidária junto às pessoas mais empobrecidas”.

Segundo o *site*[66] da instituição, sua diretriz geral de ação é uma atitude de compromisso “com a construção do Desenvolvimento Solidário Sustentável e Territorial, na perspectiva de um projeto popular de sociedade democrática” através de ações discutidas e organizadas social e politicamente para um trabalho de “fomento às iniciativas de Economia Solidária, Segurança Alimentar e Nutricional, Fundos Solidários” [...],atuação em gestão de riscos e em situações de emergências” [...] “lutas emancipatórias, a partir de processos coletivos, organizativos, promovendo o protagonismo de grupos e comunidades” [67]. Tudo organizado segundo prioridades estratégicas junto aos empobrecidos[68]:

> **Prioridades Estratégicas**
> 1. Promoção e fortalecimento de iniciativas locais e territoriais de desenvolvimento solidário e sustentável;
> 2. Defesa e promoção de direitos, mobilizações e controle social das políticas públicas;
> 3. Organização e fortalecimento da Rede Cáritas.

Para organizar e dirigir suas ações, a Cáritas Brasileira e suas unidades possuem estatutos próprios em conformidade com o Código Civil de cada país, diretorias eleitas por tempo determinado e uma equipe técnica (responsável pelas mobilizações e trabalhos diretamente com os empobrecidos e contratada pela Consolidação das Leis Trabalhistas, no caso brasileiro).

---

[66] Disponível em: <http://caritas.org.br/projetos/missao-diretrizes-e-prioridades-estrategicas>. Acesso em: 13 out. 2016.
[67] Disponível em: <http://caritas.org.br/quem-somos-e-historico>. Acesso em: 13 out. 2016.
[68] Disponível em: <http://caritas.org.br/projetos/missao-diretrizes-e-prioridades-estrategicas>. Acesso em: 13 out. 2016.

Parte da verba para as atividades, da Cáritas Brasileira vem de doações realizadas para o Fundo Nacional de Solidariedade (FNS) e Fundo Diocesano de Solidariedade (FDS) e instituídos durante a 36ª Assembleia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil em 1988 a partir da Coleta Nacional da Solidariedade, durante a Campanha da Fraternidade da CNBB. Além disso, existem parcerias com entidades diversas e a participação em editais de ampla concorrência.

A dinâmica da Cáritas valoriza a politização em letramentos responsivos. Infelizmente, a reduzida organização do espaço do escritório da Cáritas de Limoeiro do Norte ainda não permite acesso a toda uma série de atividades já documentadas.

O discurso da Cáritas afirma que busca coordenar, de maneira sistêmica e integradora, mobilizações como o “Grito dos Excluídos”, atividades e o projeto intitulado “Fundo Nacional da Solidariedade” para inserir os segmentos mais populares da sociedade em um processo de ressignificação da vida.

Em nível regional, a Cáritas de Limoeiro do Norte se apresenta como:

> [...] uma entidade membro da Cáritas Brasileira, com personalidade jurídica própria, criada em 12 de fevereiro de 1958, constituindo-se no dia 05 de agosto de 1968 em entidade civil de duração indeterminada, de âmbito diocesano, de caráter educativo beneficente e filantrópico, sem fins econômicos, com sede e foro no município de Limoeiro do Norte, Estado do Ceará. (.Disponível em: <http://caritaslimoeiro.blogspot.com.br/2011/08/teste.html>. Acesso em: 08 jan. 2015).

O escritório da Cáritas de Limoeiro do Norte, em 2015, estava na lateral e no térreo do seminário diocesano Cura D’ars (vide quadro abaixo). Segundo o *Google maps*, o endereço é a rua Cônego Climério Chaves, 2684, CEP 62.930-000 no centro de Limoeiro. Seu Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ) é 07.628.001/001-24.

**Figura 5 - Sede da Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte no seminário Cura D’ars**

Fonte: Arquivo da Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte

Em 2015, o escritório de reuniões da equipe técnica da Cáritas de Limoeiro – composta por Anjerliana Souza Oliveira (Gerente de serviços sociais), Osarina da Silva Lima (Auxiliar de escritório), José Morais Lima (orientador educacional), Silvania Mendes e Patrícia.Cáritas – estava composto por quatro computadores, uma impressora, um telefone convencional, dois ventiladores, uma cantina, um banheiro, mesas e armários diversos e um espaço fechado para reuniões da equipe técnica onde cada membro tem acesso a um organograma de tarefas e datas. Diversos impressos preenchiam o escritório e indicavam a pouca estrutura para arquivar de maneira organizada o material.

À época da pesquisa, havia um Fiat Pálio (placa HYP-4922) que funcionava (também) para conduzir equipamento de som volante e um *pick-up Mitsubish* L200 (placa NUX 6442) que servia também para o transporte de materiais diversos durante ações de mobilização de massas.

A rotina de trabalho dificulta a publicização de atividades desenvolvidas pelos agentes, a organização e limpeza do ambiente de trabalho. Enquanto planejam uma atividade ou refletem sobre uma situação, os técnicos precisam atender ao público e administrar questões de ordem diversa.

De acordo com a ata da **XXX reunião ordinária da Cáritas**, realizada em 2015 no Centro Pastoral da paróquia de Quixeré, a atual direção da Cáritas diocesana de Limoeiro do Norte estava composta por Padre José Almir da Costa (diretor-presidente), Padre Djavan da Silva Fernandes (vice-presidente), Antônio Deimy Moura dos Santos (tesoureiro), e Ana Keille da Silva Lima (secretária).

O conselho fiscal possuía três membros efetivos (Ana Cláudia Moura Alves, Maria do Socorro Guimarães de Oliveira e Damião de Lima) e dois suplentes (Maria Ferreira de Araújo e Maria Ivaldene Saraiva da Silva). São membros com vínculos particulares com a entidade, amigos, colaboradores e beneficiários das ações em momentos e ações já efetivados em algum momento já passado.

Para orientar seus esforços em torno da máxima cristã de “amor ao próximo”, o discurso da Cáritas de Limoeiro define seu trabalho como uma missão para “[d]esenvolver com os empobrecidos, um trabalho educativo e organizativo, à luz do Evangelho buscando uma consciência crítica, a melhoria das condições de vida e a vivência da cidadania e da Solidariedade Libertadora”.

Cada técnico fica responsável por setores e atividades específicas. Essa estratégia visa ajudar o grupo em sua tarefa de trabalhar questionamentos e situações que possibilitem aos empobrecidos, novas oportunidades de vida diante das circunstâncias limitadas em que historicamente foram colocados por outros. Por isso, a entidade afirma se preocupar em trabalhar uma visão de mundo baseada na disposição para a reflexão em bases propositivas.com os grupos oprimidos.

Falta um mural com fotos e datas de projetos para complementar a disposição de *banners* que enfeitam as paredes do escritório. Ao que parece, o próprio escritório reitera e materializa as energias da dispersão e da volatilidade que tanto caracterizam o modo de pensar e de agir do povo em processo de formação.

A Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte afirma primar por um processo formativo e constitutivo de relações com os empobrecidos. Por isso, a Cáritas realiza um trabalho politicamente organizado e socialmente flexível e responsável para questionar o estado como as relações sociais estão relativamente estabilizadas.

No caso da Cáritas, a reflexão ocorre em reuniões sob a marca de uma mística. Algo que, de acordo com Ivo Poletto[69], no texto “O que é mesmo ‘mística’ e ‘espiritualidade’?” pode ser compreendido como um ato de participar de uma forma de educação popular, pois “é caminhando que se faz caminho. O entendimento do que sejam e de quais as diferenças e relações entre mística e espiritualidade”.

A prática político-discursiva defendida pela Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte, Ce para politizar os participantes acerca do conteúdo proposto depende da cumplicidade e da confiança entre o eu e o outro efetivados pelas diversas **manifestações multimodais** de letramentos responsivos. Assim, a participação dos sujeitos nas discussões são uma **experiência de letramento responsivo** com o qual ocorre um processo de contestação das ideologias dos mais abastados.

Tal processo reforça o pensamento de Brandão (1986, p. 23) de que a “educação popular, como saber da comunidade, torna-se a fração do saber daqueles que, presos ao trabalho, existem à margem do poder. Existem no interior de mundos sociais regidos agora pela desigualdade [...]”.

---

[69] Disponível em: <http://caritas.org.br/quem-somos/mistica-espiritualidade>. Acesso em: 05 jan. 2015.

Na região do Vale do Jaguaribe ainda há medos e silêncios que persistem em tolher a responsividade constitutiva dos sujeitos. Nessa perspectiva, a proposta de trabalho da Cáritas junto a catadores/as visa combater as estruturas de poder e de verdade instauradas há tempos na sociedade brasileira.

Para tanto, faz-se indispensável uma consideração responsiva e eticamente comprometida da história, da vida e dos dizeres para reescrever discursos como práticas dialógicas mais politizadas em prol do povo empobrecido numa atitude responsiva que possa combater a burocratização de instâncias de discussão que combatam práticas de desarmonia, de ocultamento, de violência em nível de linguagem-ação realizados a cada palavra enunciada ou silenciada.

Participar de reuniões formativas e de manifestação, portanto, é vital para catadores/as fortalecerem uma atividade coletiva e associativista, para realizarem um exercício de empoderamento constituído na relação eu-outro numa interação responsiva, amorosa e orientada para o porvir. Mas a única oportunidade de superar as fissuras que atrapalham os letramentos responsivos e as manifestações de respeito ao ponto de vista do outro é a investigação da palavra-resposta enunciada

Em um folheto (sem indicação de data), um texto intitulado “Cáritas no Vale do Jaguaribe”, de autoria do padre Francisco de Aquino Júnior, situa a ação da Cáritas a partir de um conjunto de problemas dentro de uma perspectiva solidária. O texto do padre Aquino Júnior, e a opinião informal da técnica Anjerliana Souza Oliveira classificam o trabalho da Cáritas de Limoeiro do Norte como uma missão.

Em uma conversa na sede da instituição, na manhã da sexta-feira (13-02-2015), Anjerliana afirmou que o perfil missionário da Cáritas difere do padrão preconizado por editais governamentais porque estes são restritivos e insuficientes.

Por sua vez, conforme o texto do padre Aquino Júnior, “a Cáritas, enquanto instituição eclesial, apresenta-se na região jaguaribana como uma força social muito importante no processo de resistência popular e na luta pela justiça (garantia do direito dos pobres)” em uma região repleta do silenciamento de muitos.

Para manter sua “rede permanente de solidariedade” e suas atividades (vide quadro abaixo), a Cáritas mantém uma campanha permanente de arrecadação intitulada “Campanha de solidariedade” com o lema “Sua solidariedade é semente que transforma” para arrecadação de fundos em uma conta corrente do Banco do Brasil de Limoeiro para bancar sua ação formativa.

**Quadro 12 - Rede permanente de Solidariedade da Cáritas de Limoeiro do Norte**

| |
|---|
| Convivência com o semi-árido.<br>Economia popular solidária.<br>Ações com catadores de materiais recicláveis<br>Ações junto à infância e juventude.<br>Políticas públicas para controle social e participação cidadã. |

Fonte: Informações de agentes da Cáritas de Limoeiro do Norte em 2015

Mesmo presente em todo o Ceará, os agentes da Cáritas são orientados a agirem com discrição, por isso, apesar de sua abrangência e trabalhos, a instituição aparece de forma discreta em noticiários da mídia comercial em geral.

Para Anjeriliana, os agentes da Cáritas devem gerenciar questões burocráticas de um escritório e, durante uma formação, devem valorizar o ato de partilhar sentimentos e memórias, de ouvir o outro para promover um processo de discussão e ditar o ritmo e a duração da reunião. Já para o agente José Morais, as reuniões e o preenchimento de dados em fichas específicas para registrar a presença dos/as participante das atividades da Cáritas favorecem reflexões posteriores.

Segundo Anjerliana e Morais, todos os escritórios da Cáritas (vide quadro abaixo) sabem da importância de registrar e identificar formalmente a presença e a forma como os sujeitos atendidos pela instituição dialogam, pois isso é importante para orientar as reflexões e ações e subsidiar a prestação de conta de recursos obtidos junto a agências de fomento com as quais a Cáritas mantém convênios.

**Quadro 13 – Relação de unidades Cáritas no Ceará**

| **Unidades Cáritas no Ceará** | **Fundação** |
|---|---|
| Secretariado Regional Ceará | 18-08-1988 |
| Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte | 01-04-1969 |
| Cáritas Arquidiocesana de Fortaleza | 22-12-1969 |
| Pastoral Social de Tianguá | 10-08-1972 |
| Cáritas Diocesana de Iguatú | 27-02-1973 |
| Cáritas Diocesnade Itapipoca | 01-09-1976 |
| Cáritas Diocesana de Sobral | 01-10-1983 |
| Cáritas Diocesana do Crato | 02-07-1996 |
| Cáritas Diocesana de Crateús | 04-05-2005 |
| Cáritas Diocesana de Tianguá | 16-05-2013 |

Fonte: Folheto avulso e alusivo aos 25 anos do escritório regional da Cáritas cearense

Para Anjerliana, o número reduzido de agentes e o pequeno orçamento dificultam o trabalho da Cáritas. As obrigações administrativas e de campo são complicadores. Além disso, a singularidade do trabalho da Cáritas apresenta um

aspecto combativo e/ou formativo[70] voltado para a luta consciente, organizada e legal por direitos. Daí que no, *blog* da instituição, suas prioridades[71] são:

> **Prioridade 1** - Promoção e Fortalecimento de Iniciativas Locais e Territoriais de Desenvolvimento Solidário e Sustentável, em Articulação com os Movimentos Sociais, na Perspectivas de um Projeto Democrático e Popular de Sociedade.
> **Prioridades 2**: Defesa e promoção de direitos e controle social de políticas públicas.
> **Prioridade 3**: Fortalecimento da articulação da Cáritas com as Pastorais Sociais, com as CEBs e com o conjunto da igreja.
> **Prioridade 4**: Organização e fortalecimento da Rede Cáritas.

Para a Cáritas, é fundamental desafiar as comunidades e seus sujeitos a discutirem sobre suas vidas e vivenciarem a mística do encontro e da reflexão. Por sinal, o trabalho da Cáritas é orientado por práticas que se assemelham a uma mística aqui compreendida no dizer de Carvalho (2006, p. 106) sobre o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, como aquilo que "encoraja, mobiliza sentimentos de resistência, de animação e disciplina para o convívio coletivo". Mística que se aproxima da teologia da Libertação, como informou Anjerliana.

As intenções da Cáritas não estão voltadas para a conversão de adeptos apesar do vínculo com a igreja Católica. Muito poderia ser melhorado caso ela contasse com mais recursos. Por isso, segundo Anjerliana, algumas das realizações da instituição foram tornadas possíveis pelas doações realizadas pelo *Miserior*[72].

Segundo Angerliana, o fato de a Cáritas ter substituído seu perfil assistencialista por um perfil mais formador vai de encontro às mudanças pelas quais a sociedade vem passando. Para ela, a opção da Cáritas é fortalecer a união popular para transformar as formas de vida da população em geral.

É o esforço apreciativo entre os sujeitos, que leva Acioli (2003, p.10), em sua reflexão sobre o problema do protagonismo entre um grupo específico de jovens, a perceber a relação produtiva entre a formação de identidade e a prática coletiva.

Para a Cáritas, o nível de organização política e responsiva dos sujeitos é proporcional ao processo de discussão e de interação travado por vozes equipolentes

---

[70] Boletim informativo "Lamparina" – edição de novembro de 2011 sobre o trabalho dos catadores de Limoeiro do Norte e edição de dezembro de 2011 sobre o trabalho com a juventude de Catingueirinha em Potiretama – e Revista Especial intitulada "Cáritas Ceará" – material da Cáritas através do Programa Infância, adolescência e Juventude (2000 cópias produzidas em 2014).

[71] Disponível em: <http://caritaslimoeiro.blogspot.com.br/p/quem-somos.html>. Acesso em: 17 fev. 2015,.

[72] MISEREOR é uma instituição vinculada à Igreja Católica da Alemanha e comprometida com a luta contra a pobreza na África, Ásia e América Latina. Disponível em: <http://www.misereor.org/pt/about-us.html>. Acesso em: 10 fev. 2015.

que lutam por instancias de libertação e democratização. Sua prática se alimenta das manifestações que marcam a identidade dos sujeitos em luta para combaterem o descaso das autoridades para com os empobrecidos. Portanto, o agir da Cáritas ao lado do povo para cobrar cidadania é bakhtiniano haja visto valorizar a reunião organizada em círculo, com música e momento de espiritualidade.

Na reportagem “Cáritas desenvolve trabalho social com catadores de Lixo[73]” do Diário do Nordeste (15-06-13), em 2010 inicia-se o contato entre catadores/as e Cáritas num trabalho “para que a realidade conhecida e vivenciada pela comunidade entrasse no campo da visibilidade. Para isso a Cáritas tem contado com parcerias de movimentos sociais e universidades [...]”, segundo Anjerliana.

O *blog* da instituição preserva a identidade dos integrantes e a hierarquia da Cáritas por questões de segurança segundo seus técnicos. Mas isso não impede a parceria com grupos como o Núcleo Tramas (Trabalho, Meio Ambiente e Sustentabilidade) da Universidade Federal do Ceará (UFC), Rede nacional de advogados populares (RENAP), a Comissão de Direitos Humanos e a Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM) da cidade de Limoeiro do Norte.

O ser da Cáritas é uma ação política, ética e responsável que se baseia no esforço para que os sujeitos se engagem em letramentos responsivos para revolucionar os significados que empobrecem suas vidas, para questionar a insensibilidade das instituições constituídas e descaso dos poderes públicos.

Motivados pela frase “Somos Cáritas”, os agentes da instituição procuram fomentar ações de engajamento e qualificação dos empobrecidos para uma renovação em suas formas de reivindicar direitos e cobrar o cumprimento constitucional das obrigações destinadas ao povo em geral. Seu discurso destaca ser importante o diálogo equipolente entre vozes equânimes.

Tal diálogo favorece a superação das dificuldades, mas depende de letramentos responsivos acerca da experiência individual e social. Assim. empoderar cada catadpr/a em um conjunto de rotinas que permitam a ressignificação da prática humana em bases mais responsivas e responsáveis resume o trabalho Cáritas.

---

[73] Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/regional/caritas-desenvolve-trabalho-social-com-catadores-de-lixo-1.328828>. Acesso em: 09 fev. 2015.

Essa ressignificação depende de um corajoso e persistente processo de engajamento responsivo (político e ético) dos sujeitos em um diálogo infinito para a liberdade diante da contingência do espaço-tempo onde o eu e o outro se posicionam ou acabam silenciados por alguma situação estabilizada ao longo do tempo.

Por este viés, a relação entre Cáritas e catadores/as consolidou-se em 2015 para transformar os significados discutidos com **experiências de letramento** que podem vir a ser mais democráticas e responsivas. Para tanto, a entidade vinculada à igreja católica trabalhou[74] para dialogar com catadores/as em situação de rua e em situação de lixão que ainda trabalham em Limoeiro do Norte, Ceará.

Em um projeto intitulado como voltado para o "fortalecimento da economia solidária", foi formalmente textualizado pelo discurso enunciado da Cáritas que:

> A presente proposta visa o fortalecimento das 04(quatro) organizações dos catadores no vale do Jaguaribe, a partir de uma rede solidária que articule-as e contribua para o desenvolvimento desses grupos. A ação prevê atividades que contemplem três dimensões: formação, mobilização e estruturação. A partir da realização de reuniões itinerantes de articulação e mobilização, bem como pela elaboração e produção de material gráfico formativo, busca-se ampliar e captar de novos geradores de OGR (Óleos e Gorduras Residuais); por meio da formação acerca da coleta seletiva e a política nacional de resíduos, busca-se instrumentalizar os/as catadores/as para o desenvolvimentos das atividades de coleta, bem como em torno da reivindicação de direitos; por fim, a estruturação mínima dos empreendimentos de coleta seletiva do Vale do Jaguaribe, com aquisição de equipamentos e utensílios, visa operacionalizar o processo de coleta seletiva, bem como propiciar melhores condições de comercialização para os grupos, ampliando-se, assim, a renda dos/as catadores.

Apesar de nem sempre catadores/as de Limoeiro acreditarem na metodologia da Cáritas (diálogo, pressão junto a grupos institucionalizados de poder político e/ou econômico, manifestação pública, formação continuada), a experiência de convívio ajudou Cáritas e catadores/as a aprenderem que numa relação dialógica, é aceitável que existam discordâncias e incertezas, alegrias e esperanças.

Quando a Cáritas resolveu abolir em 2015 o sorteio de alimentos para os/as participantes de suas formações, ficou evidente um processo de crítica pessoal exercido pela instituição e ratificado pela opinião de catadores/as que perceberam como insuficiente uma metodologia assistencialista que não beneficiava a ninguém.

---

[74] Conforme informado pelos/as agentes da Cáritas, foi realizado em 2015, um conjunto de ações mediadas por um projeto **Formação, incubação, assessoria técnica e fortalecimento de empreendimentos econômicos solidários de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis – convênio MTE/SENAES Nº 767831/2011 - 00035/201.**

### 4.3.4 O sujeito pesquisador

Segundo a lógica dialógica que embasa a metodologia etnográfica de pesquisa, o pesquisador é um sujeito participante do processo de geração de dados em campo de atuação constituído pela contribuição de todos/as que de forma mais incisiva ou mais tímida participam para a elaboração de uma dinâmica de vida.

O pesquisador deste trabalho é Benedito Francisco Alves, filho de ex-agricultores da cidade de Jaguaruana, ex-morador da região do Perímetro Irrigado de Morada Nova (criado e gerido pelo Departamento Nacional de Obras contra as Secas), casado, pai de duas meninas, residente e domiciliado na zona urbana de Morada Nova, Ceará, professor concursado da Secretaria de Educação do estado do Ceará desde 2004, aluno do curso de doutorado em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará desde o ano de 2013.

Na escola Egídia Cavalcante Chagas, o pesquisador se envolveu com manifestações grevistas, filiou-se à Associação de Professores do estado do Ceará, paricipou de manifestações grevista e realizou trabalhos na escola Egídia denominados como “Natal Solidário”[75] e “Monitoria Ambiental”[76] voltados para o convívio com questões que ainda precisam ser mais amplamente discutidas em favor de uma melhoria da condição humana dos sujeitos e do meio ambiente num mundo contemporâneo marcado por práticas surdas e insensíveis.

Já enquanto sujeito participante dos movimentos e reuniões da igreja católica de Morada Nova, o pesquisador teve a oportunidade de participar do **18º Grito dos Excluídos**[77] em 07-09-2012 cujo título (“Queremos um Estado a serviço da Nação que garanta direitos a toda população”) – vide cartaz em anexo – animou a Chapada do Apodi e a cidade de Quixeré para a mobilização regional de grupos apoiados pela Diocese e Cáritas de Limoeiro do Norte, Ceará, na busca por direitos.

O contato com o pensamento bakhtiniano, o freireano e o foucaultiano orientou o contato com a realidade urbana da catação presente em Morada Nova e Limoeiro do Norte, sede da Cáritas. Realidade já experiencida na adesão do

---

[75] O 1º **Natal solidário** da escola Egídia Cavalcante Chagas ocorreu em 2010. Disponível em: <http://leiegidiacavalcante.blogspot.com.br/2010/12/i-natal-solidario-da-escola-egidia.html>. Acesso em: 04-12-2016.

[76] A 1ª **Gincana Ecológica** da escola Egídia C. Chagas ocorreu em 2012. Disponível em: <http://meioambienteescolaegidia.blogspot.com.br/>. Acesso em: 04 dez. 2016.

[77] Grito dos excluídos de 2012. Disponível em: <http://caritaslimoeiro.blogspot.com.br/2012/05/gritos-dosas-excluidosas-2012.html>. Acesso em: 04 dez. 2016.

pesquisador ao projeto de coleta seletiva implantado pela empresa de distribuição de energia elétrica no Ceará e na posterior participação colaborativa em reuniões e manifestações e numa tarde de coleta seletiva nas ruas do bairro “Cidade Alta com o apoio de um veículo motorizado conquistado em 2015.

Neste veículo, o sujeito pesquisador teve a oportunidade de sentir a dificuldade de recolher material reciclável transportado aos pés de quem trabalha sob o sol escaldante da tarde nordestina de Limoeiro do Norte num região em que os moradores ainda não aceitam a coleta seletiva como uma alternativa econômica para a vida de catadores/as e como saída para superar a degradação do meio ambiente em torno do lixão e a recorrente sujeira do perímetro urbano.

O contato com catadores/as foi facilitado após a intermediação da Cáritas, conseguida após o diálogo informal com agentes e atendidos pela instituição. Para tanto, foi informado que o pesquisador era um aluno de Fortaleza envolvido com um trabalho de observação das reuniões e atividades dos integrantes da Associação de Catadores/as Bom Jesus Sul da cidade cearense de Limoeiro do Norte.

Para estar mais familiarizado com o grupo, o momento das refeições era uma das oportunidades para conversar com catadores/as e ouvir suas histórias de vida, seus temores, suas estratégias para realizar o processo de catação e fortalecer as lutas mediadas pela contribuição exotópica de agentes da Cáritas de Limoeiro.

Durante o processo de engajamento nas formações, reuniões e manifestações, o protagonismo de catadores/as foi respeitado porque a luta por respeito e visibilidade travada contra os discursos de empobrecimento defendidos por determinados grupos da sociedade do Vale do Jaguaribe era uma luta de quem considerava a catação um meio honesto e viável de sobrevivência.

Quando sentado em roda de conversa ou em marcha, por exemplo, este sujeito pesquisador se posicionava junto ao grupo de catadores/as para que não houvesse um deslumbramento pela figura externa do pesquisador mesmo quando catadores/as alegavam saber “algumas coisas” menos do que “os estudados”.

Por causa da tentativa de interagir com catadores/as e respeitar suas especificidades, nunca houve acanhamento por parte dos sujeitos participante já habituados à presença de máquinas fotográficas e de filmadoras graças à consciência de que visibilidade é peça-chave para suas palavras-respostas.

## 4.4 PROCEDIMENTOS DE GERAÇÃO DE DADOS

A presença de um estranho incomoda os sujeitos de um grupo como comprova Varejão (2014, p. 129) que relata que “Para alguns, acende-se uma esperança; para outros, reações de repulsa”. Apenas catadores/as mais falantes e brincalhões participaram de conversas mais demoradas durante as observações participantes do pesquisador nas reuniões e nas manifestações.

Esta pesquisa acompanhou formações organizadas pela Cáritas para trabalhar o associativismo entre catadores/as e manifestações públicas em prol de direitos para catadores/as e sua associação diante da sociedade. As reuniões serviram para preparar catadores/as para trabalharem dentro da organização de sua associação fundada com o apoio da Cáritas e para se manifestarem publicamente nas ruas e espaços institucionalizados e letrados de Limoeiro do Norte, Ceará.

Este pesquisador esteve ao lado do grupo para para se integrar nas atividades de letramento realizadas com recursos verbo-visuais ou não e para compreender o ponto de vista do outro a fim de tentar realizar as mesmas atividades formativas, comer as mesmas porções de alimento, conversar sobre os assuntos que giravam nas rodas de conversa e nas brincadeiras que animavam e quebravam o ar sisudo das atividades coordenadas pela Cáritas. As imagens foram colhidas por meio de registros particulares em aparelho de telefonia móvel, através do arquivo da Cáritas e por meio de textos públicos disponiveis na *Internet*.

Foi realizada uma experiência de coleta seletiva vespertina com Maria Rubens, a Dona Pedinha, e sua irmã em parte do bairro de “Cidade Alta” em Limoeiro. O veículo utilizado foi o triciclo da associação de catadores/as de Limoeiro.

Nenhum nome ou citação dos sujeitos observados foi omitido porque estão publicados em materiais da *internet* e porque o grupo de catadores/as quer ser reconhecido publicamente. Os pronunciamentos textualizados oralmente na Câmara de Vereadores de Limoeiro do Norte, Ce estão publicamente divulgados na *youtube* e foram registrados à medida em que eram ouvidos pelo pesquisador.

A participação deste pesquisador em uma tarde de coleta seletiva, em conversas durante o intervalo do almoço durante as formações e em reuniões eram rascunhadas para compor um diário de pesquisa com o qual foram estabelecidos os elementos sobre uma teoria dos letramentos responsivos entre catadores/as.

## 4.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

O *corpus* deste trabalho é composto por material identificado em pesquisas de campo no ano de 2015 que compuseram um “diário de bordo” (em apêndice) sobre vivências (manifestações, reuniões e formações) cujos agentes estão representados por sujeitos da Associação de catadores/as Bom Jesus Sul apoiados por agentes da Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte, estado do Ceará.

Esse *corpus* está analisado a partir de uma **Análise Dialógica do Discurso** (**ADD**) ancorada na teorização sistematizada pelo esforço (do Círculo) de Bakhtin no tocante à questão do dialogismo (como fundamento da linguagem e do humano) e da compreensão responsiva ativa proposta por Bakhtin (2002).

A coluna teórica para análise desse *corpus* é a reflexão (do Círculo) de Bakhtin reforçada pela contribuição freireana em prol de uma mudança das relações sociais e pela discussão foucaultiana em torno de discursos de poder, verdade e saber elaborados e reiterados em práticas do cotidiano dos sujeitos.

A análise dos letramentos responsivos é iniciada a partir de **material verbal** manifestado na materialidade do hino dos catadores, um xote trabalhado nas vivências de catadores para animar as reuniões e para conjugar os sujeitos em torno de um elemento de unificação de seus anseios e de suas características.

Em seguida, a investigação se volta para uma **manifestação eminentemente verbo-visual** materializada pelos pronunciamentos da presidente da associação de catadores/as (Dona Maria Rubens, apelidada como “Pedinha”) e de um agente da Cáritas (Ronaldo Maia, acadêmico de Direito) manifestados durante participação na tribuna da Câmara dos Vereadores de Limoeiro do Norte.

Por útlimo, esta pesquisa focaliza uma **manifestação visual**, o símbolo do movimento nacional de catadores/as que estampa bandeiras e que ornamenta o peito de sujeitos que ostentam um elemento unificador e identificador do grupo tanto nas reuniões formativas como nas atividades de luta por direitos e manifestações.

Cada uma dessas **manifestações de compreensão responsiva ativa** de catadores/as é tomada como uma palavra-resposta que interage com o **plano da enunciação** e com o **plano do enunciado** concretizado através do discurso, do gênero discursivo-textual e do texto caracterizado por uma **unidade temática**, uma **unidade composicional** e por uma **unidade estilística**.

## 4.6 ELEMENTOS DO *CORPUS* DA PESQUISA

O *corpus* deste trabalho está constituído por textos trabalhados em 2015 como gêneros multimodais operacionalizados em eventos singulares em 2015 e codificados como o hino de catadores/as (cantado, lido e/ou ouvido), o símbolo eminentemente não verbal do Movimento Nacional de Catadores/as de Materiais Recicláveis (manifestado em bandeiras e camisas) e três pronunciamentos (eminementemente verbais) com os quais os sujeitos marcam suas posições.

Ora, cada um destes elementos organiza e possibilita **manifestações sígnicas e ideológicas de gêneros textuais e discursivos** que favoreceram em 2015 a interlocução dialógica e a responsividade formativa entre a sociedade em geral, a classe política e catadores/as de quatro municípios do Vale do Jaguaribe (Tabuleiro do Norte, Limoeiro do Norte, Quixeré e Russas) apoiados pelo diálogo com o discurso da Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte.

Se o Selo, o Hino, a Bandeira e o brasão do Brasil são, conforme o *site* do governo brasileiro, "símbolos nacionais"[78] (verbais e não-verbais) para a república, o hino, os pronunciamentos e o símbolo estampado nas camisas e bandeiras de catadores/as em luta pela superação das condições de empobrecimento vigentes em 2015 também são manifestações simbólicas híbridas, textuais e discursivas de linguagem em que as "linguagens se combinam e se hibridizam (se misturam) o tempo todo", segundo Nascimento e Siqueira (2009, p. 08).

Se conforme o discurso do referido *site* (*opus cit*), os "símbolos e hinos são manifestações gráficas e musicais, de importante valor histórico, criadas para transmitir o sentimento de união nacional e mostrar a soberania do país", para catadores/as seus símbolos uniformizam uma identidade de reconhecimento e de pertencimento dos sujeitos a uma coletividade.

Portanto, o hino, os pronunciamentos e o desenho simbólico em camisas e bandeiras de catadores/as possuem uma carga simbólica operada para que possam reconhecer-se como atores/atrizes sociais que trabalham o fenômeno que Nascimento e Siqueira (2009, p. 07) definem como o "mecanismo de articulação sígnica (visão peirceana) nos enunciados discursivos (visão bakhtiniana)".

---

[78] "Segundo a Constituição, os quatro símbolos oficiais da República Federativa do Brasil são a Bandeira Nacional, o Hino Nacional, o Brasão da República e o Selo Nacional. Sua apresentação e seu uso são regulados pela Lei n. 5.700 de 1º de setembro de 1971". Disponível em: <http://www2.planalto.gov.br/acervo/simbolos-nacionais>. Acesso em: 06 dez. 2016.

Para evitar flutuações semânticas de interpretação não baseadas numa Análise Dialógica do Discurso quanto ao sentido do vocábulo “símbolo” durante as análises deste *corpus*, partimos inicialmente da etimologia e dos significados do vocábulo “símbolo” como textualizado no *site* “Gramática Net”[79]:

> A palavra “**símbolo**” tem sua origem no Latim **SYMBOLUM**, que significa “marca, símbolo” este, por sua vez, é derivado do grego clássico **SIMBOLON**, “senha garantia”. Esta palavra grega é formada por **SYN**, que significa junto, e **BALLEIN**, que tem o significado de “lançar, arremessar, atirar”, sua tradução literal seria “atirar junto” (grifo do autor).

Segundo a versão *online* do dicionário Aurélio[80], “símbolo” é “Figura ou imagem que representa à vista o que é puramente abstrato”. Segundo a versão eletrônica do Dicionário Online de Portugues[81] (Dicio); “símbolo” é: “[Linguística] Semiologia. Signo que se baseia numa convenção social arbitrária com a coisa ou ideia que representa; signo arbitrário: os sinais de trânsito são signos.”

Neste trabalho o vocábulo “símbolo” está atrelado de modo específico ao elemento predominantemente verbal utilizado em bandeiras e camisas de catadores/as vinculados ao movimento nacional de sua categoria e cada enunciado é considerado como um (macro)universo de (trechos) enunciados menores.

Reforçamos que o processo de constituição dos gêneros abordados aqui organiza e interage com o processo sígnico e ideológico de constituição de letramentos responsivos com os quais catadores semiotizam sua disposição para a mudança dos discursos responsáveis por impedir que eles/elas possam ser mais protagonistas das decisões que afetam suas histórias.

Em outras palavras, os gêneros verbais e visuais (hino, símbolo do movimento de catadores/as e pronunciamento) característicos dos letramentos responsivos são manifestações do esforço de reflexão compreensiva e de ação transformadora por meio de linguagem que catadores/as desenvolvem ao longo do processo de diálogo com as diversas instâncias da sociedade e com as múltiplas possibilidades de interação com experiências mais valorizadas de letramento.

Para além da concepção triádica de Pierce (signo, interpretante e objeto), Nascimento e Siqueira (2009, p. 06) consideram “as ações dialógicas, interlocutivas

---

[79] Disponível em: <https://www.gramatica.net.br/origem-das-palavras/etimologia-de-simbolo/>. Acesso em: 05 dez. 2016.
[80] Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/simbolo>. Acesso em: 05 dez. 2016.
[81] Disponível em: <https://www.dicio.com.br/simbolo/>. Acesso em: 05 dez. 2016.

(movimento social) que se realizam a partir de um discurso codificado e articulado (movimento interno)", ponto de vista que pode ser ampliado graças ao potencial infinito de semiose e de significação que os gêneros textuais e discursivos enunciados nos e pelos recursos multissemióticos com os quais o eu e o outro se respondem.

O *corpus* desta pesquisa revela os sentidos de luta e de resistência vivenciados por catadores/as engajados/as em eventos de **comunicação dialógica e interação responsiva** que promovem uma ressignificação do trabalho e do sujeito surgido a partir da catação. Isto é, o **hino**, o **símbolo** (verbo-)visual do movimento de catadores/as e os **pronunciamentos** enunciados acabam por consolidar letramentos responsivos e uma reflexão e um protagonismo através do não-álibi de textos enunciados de acordo com uma **unidade temática**, **composicional** e **estilística**.

O universo articulado da enunciação (o enunciado, a maneira, o momento, os objetivos e os recursos translinguísticos) interage com os posicionamentos dos sujeitos a cada evento da vida e da cultura. Tal interação permite uma **resposta responsável** de catadores/as que não tiveram acesso a **bens sociais e culturais** valorizados por segmentos mais organizados da socieade como as famílias da zona urbana, os empresários que comandam a catação, a classe política local e os próprios personagens das atividades da Associação de Catadores/as Bom Jesus Sul.

Tal articulação fomenta uma arquitetura de sentidos ressignificados por aqueles/as que se utilizam de seus corpos, palavras e imagens para dialogarem com seus companheiros e com os demais atores da sociedade na tentativa de questionarem as razões pelas quais os resíduos sólidos são teimosamente classificados como "lixo", a figura de um/a catador/a acaba esquecida ou apagada e a implantação da Política Nacional de Resíduos Sólidos permanece atrasada.

Essas são algumas das possibilidades de investigação em torno da problemática da catação para a vida de sujeitos empobrecidos/as pela postura de desamor e de insensibilidade com que a sociedade local do Vale do Jaguaribe e de Limoeiro do Norte, especificamente, acostumaram as parcelas da sociedade que não tiveram acesso aos letramentos escolares e alfa-numéricos a conviverem. Para tanto, uma investigação dialógica de questões organizadas de modo translinguístico, isto é, pautado no linguístico e no responsivo, traz possibilidades contestatórias e a oportunidade de que os sujeitos assumam a condição de autores e protagonistas.

## 4.7 QUADRO DE CATEGORIAS PARA ANÁLISE DO *CORPUS*

Há uma responsividade constitutiva que fundamenta o dialogismo e se torna operacionalizável numa responsividade manifesta que semiotiza e significa de maneira linguageira as relações responsivas entre sujeitos situados cuja linguagem é energizadas pela luta entre as ideologias (BAKHTIN, 2002) e encontra uma relativa estabilidade graças aos gêneros discursivos (BAKHTIN, 2010a) textualizados em enunciados concretos e plurilíngues (BAKHTIN, 2010b).

O **enunciado concreto** é dialogicamente prenhe de respostas e da contribuição exotópica que o "excedente de minha visão em relação ao outro", conforme Bakhtin (2003, p. 22) organiza *através de* gêneros discursivos realizados e apreciados responsivamente pois, para Bakhtin (*opus cit*, p. 304):

> Os gêneros e estilos familiares e íntimos (até hoje muito mal estudados) revelam de maneira excepcionalmente clara a dependência do estilo em face de uma determinada sensação e compreensão do destinatário pelo falante (em face do seu enunciado e da antecipação da sua ativa compreensão responsiva pelo falante. [...].

A forma como o trabalho e a compreensão de catadores/as estão organizados depende das relações pelas quais os sujeitos (re)organizam seu ser **sem álibi** (posição neutra) e **suas apreciações valorativas** e, portanto, ideológicas que o eu e o outro partilham socialmente como tipos estáveis para os quais cada um contribui, de tal forma que, segundo Bakhtin (2003, p. 293):

> Os gêneros correspondem a situações típicas da comunicação discursiva, a temas típicos, por conseguinte, a alguns contatos típicos dos *significados* das palavras com a realidade concreta em situações típicas. [...]. Os gêneros do discurso, no geral, se prestam de modo bastante fácil a uma reacentuação; [...] (grifo do autor).

Os sujeitos que dialogam, organizam a orquestra de vozes da sociedade a cada enunciado realizado num *continuum* de palavra-resposta efetivado na produção, distribuição e consumo de textos (FAIRCLOUGH, 2001) cujas regularidades, conforme Brandão (2005, p. 02) "representam uma economia cognitiva e comunicativa nos processos de troca verbal" em situações concretas significadas em contextos translinguísticos e sócio-culturais de uso.

Os letramentos responsivos trabalham num *continuum*, entre os **gêneros primários** (mais espontâeos) e os **secundários** (mais institucionalizados) definidos

por Bakhtin (2003) como atravessados por estilos e tonalidades que revelam o viés político-ideológico de escolhas realizadas, pois, para Bakhtin (2003, p. 283):

> As formas de gênero, nas quais moldamos o nosso discurso, diferem substancialmente, é claro, das formas da língua no sentido da sua estabilidade e da sua coerção (normatividade) para o falante. Em linhas gerais, elas são bem flexíveis, plásticas, e livres que as formas da língua. [...] A diversidade desses gêneros é determinada pelo fato de que eles são diferentes em função da situação, da posição social e das relações pessoais de reciprocidade entre os participantes da comunicação: há formas, rigorosamente oficiais e respeitosas desses gêneros, [...].

As marcas translinguísticas e linguísticas operacionalizam o estilo, o tema e a composição de um gênero. No caso de ações de letramentos responsivos entre catadores/as de uma associação da cidade de Limoeiro do Norte e agentes da Cáritas diocesana da referida cidade, a valorização dos gêneros orais (o pronunciamento e o hino) e da verbo-visualidade (o símbolo de catadores/as), facilita a inserção dos participantes na luta por uma vida menos empobrecida.

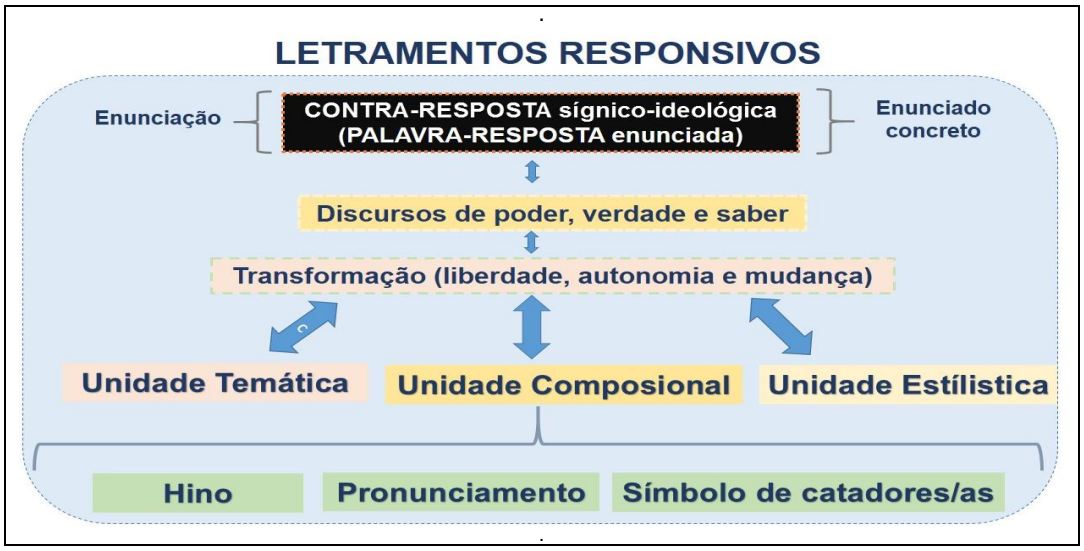
As possibilidades de formação e de interação oportunizadas pelos letramentos responsivos ocorrem como uma palavra-resposta materializada por sujeitos que reagem entre si e se posicionam responsivamene com gêneros textuais e discursivos específicos em prol do exercício de uma luta por compreensão e significação sem álibi no tempo, no espaço e na cultura. Por isso, as consequências dessa luta não são lineares e nem ocorrem de maneira sequencial porque são plurais e sempre interagem com todo o processo e com os sujeitos.

No que concerne às questões de linguagem e de luta com as quais os letramentos responsivos interagem em prol de um modo ativo, responsável e sensível de compreender e de existir, a Translinguística proposta pela reflexão (do Círculo) de Bakhtin (2010a) – envereda pelas relações de significação organizadas por uma responsividade constitutiva e eticamente comprometida de sujeitos situados em contextos singulares e criativo que permite um exercício autoral e singular de compreensão responsiva, de tomada de consciência e de revolução de práticas e de posicionamentos apreciados e organizados no nível do Tema (aspecto pleno de sentidos renovados) e não do Significado (aspecto técnico e reiterável da linguagem), segundo Bakhtin/Voloshinov (2002).

Apenas no plano do enunciado concreto, há palavra-resposta realizada por recursos multissemióticos, um signo ideológico, dialógico e renovador cuja textualidade varia no circuito da interlocução responsiva e plurivocal. Por iso, como

indicado no quadro a seguir, não há hierarquias para as categorias tipificadoras de letramentos responsivos manifestos, pois uma atualiza e possibilita a outra.

**Quadro 14 – Plano dos letramentos responsivos manifestos**




Fonte: Elaborado pelo autor

O dialogismo está baseado em relações responsivas **constitutivas** (o fundamento das manifestações dialógicas) e **manifestas** (a materialidade das interações textualizadas) que permitem a constituição da palavra-resposta que tanto pode favorecer uma **compreensão passiva** ou **ativa**.

A **compreensão responsiva passiva alimenta práticas de comodismo** que refletem um estado ideologicamente organizado para reproduzir significados que não consideram a pluriacentuação da existência. Quando catadores/as aceitam reproduzir os discursos em redor, a compreensão passiva exerce sua força.

A **compreensão responsiva ativa** refrata o signo ideológico resultante da apreciação tensa entre **consciências isônomas**, **éticas** e **autorais**. Ela manifesta um sentimento de mudança no desequilíbrio das relações sociais e subjetivas que marcam a atitude de sujeitos que procuram refratar os discursos estabilizados de poder, verdade e saber a partir de vivências de liberdade, autonomia e mudança.

Ambas ocorrem *nos* e *pelos* **gêneros discursivo-textuais** realizados através de **enunciados concretos e multissemióticos** e são organizadas conforme uma unidade temática, um estilo e uma composição, conforme Bakhtin (2003), categorias analíticas pertinentes para investigar os **letramentos responsivos e ativos** manifestos por sujeitos que partilham seu ser de maneira exotópica e complmentar.

**Síntese do capítulo**

Enquanto sujeitos empobrecidos/as, pouco ou nada escolarizados e invisibilizados/as pela insensibilidade monovocal de discursos e grupos sociais mais organizados, catadores/as de Limoeiro que optaram por conquistar espaços de diálogo fizeram uma escolha corajosa em 2015 para ressignificar, com enunciados multissemióticos e criativos, seu papel e o processo de tomada de consciência das condições de organização de sua existência no contexto de sua realidade.

Para dar conta da manifestação dos enunciados concretos de catadores/as da Associação de Catadores Bom Jesus Sul de Limoeiro do Norte que ocorrem na eventicidade das relações dialógicas apoiadas pela Cáritas esta pesquisa mescla etnografia e Linguística Aplicada na tentativa de averiguar como ocorre a luta por condições de vida menos assimétricas ou mais democratizadoras.

O contexto de pesquisa envolve Limoeiro do Norte uma das cidades atendidas pelo trabalho da Cáritas (além de Russas, Tabuleiro do Norte e Quixeré) junto a catadores do Vale do Jaguaribe no estado do Ceará que vivem a experiência de **letramentos responsivos** contra discursos econômicos e políticos mais organizados que empobrecem as relações entre os sujeitos.

Privados de escolarização e marcados por mecanismos e discursos de opressão que se repetem ao longo do Vale do Jaguaribe, catadores de Limoeiro do Norte estão reescrevendo seu contato com a linguagem e com os demais participantes da socieade em que exercem seu ofício de sobrevivência e resistência.

Sob uma viés etnográfico, são participantes da pesquisa catadores/as, Cáritas e o próprio pesquisador no ato em que ambos respondem aos enunciados que organizam palavras-respostas e fortalecem a compreensão responsiva e ativa de sujeitos empobrecidos por práticas unilaterias e homofônicas de opressão.

Os dados foram gerados durante as experiências de letramentos responsivos em que catadores manipulavam microfones, bandeiras ou camisas com o símbolo não-verbal do Movimento de Catadores/as e quando ouviam o hino ou pronunciamentos que marcacavam a opinião ressiginificada de quem percebeu, pela complementaridade exotópica da Cáritas que tomar posse da palavra-resposta semiotizada como gêneros textuais-discursivos marcados por uma unidade temática, composicional e estilítica de luta, ação e reflexão enunciada concretamente.

# 5 ANÁLISE DIALÓGICA DOS LETRAMENTOS RESPONSIVOS ENTRE CATADORES/AS DA ASSOCIAÇÃO BOM JESUS SUL

> "Quando me compenetro dos sofrimentos do outro, eu os vivencio precisamente como sofrimentos *dele*, na categoria do *outro*, e minha reação a ele não é um grito de dor e sim uma palavra de consolo e um ato de ajuda". (BAKHTIN, 2003, p. 24; grifo do autor).

Os/as catadores/as da associação de Limoeiro do Norte estão no início de vivências letradas para lutarem por seus direitos negados. Seu esforço responde à sociedade em geral a partir do diálogo com agentes da Cáritas de Limoeiro. Por isso, a ressignificação de suas realidades é um processo responsivo marcado pelo contexto do trabalho com a catação e pelo olhar da sociedade para com a catação.

A existência de catadores/as de recicláveis é uma porta para a história de quem não conseguiu se adequar aos rigores da sociedade e do mercado, cuja régua é padronizada de acordo com letramentos socialmente valorizados, os quais podem ser revistos, para ressignificar e para melhorar o trabalho baseado na catação.

Este trabalho procura captar as esperanças e os sentimentos de incerteza e de insegurança manifestados por catadores/as que participaram de atividades de formação e de mobilização apoiadas por agentes da Cáritas. A luta para superar o sentimento de vergonha pelo trabalho com o refugo da sociedade, o esforço para acreditar nas vantagens do trabalho em associação, os problemas de saúde decorrentes da catação e o lento processo de conquistas decursivas da catação são alguns dos fatores que penalizam os letramentos responsivos manifestos por palavras, por gestos, por imagens e pela vida de catadores/as.

Para além dos letramentos majoritariamente baseados na escrita e na leitura, na educação institucionalizada ou na investigação da verbo-visualidade de imagens estáticas de revistas, por exemplo, um trabalho com **letramentos responsivos** problematiza soluções para as desigualdades e conflitos entre empobrecidos/as e os grupos mais hegemônicos da sociedade, a partir do exercício processual de uma **convivência dialógica e responsiva** de caráter ressignificador.

Uma tal forma de convivência foi experienciada, em 2015, nas atividades em que catadores/as da Associação Bom Jesus Sul e agentes da Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte se envolveram. Trata-se de sujeitos posicionados na vida a partir da significação efetivada e atualizada no **ser-evento** de responder ao outro com um máximo de acabamento discursivo-genérico para efetivar a luta por seus direitos.

Por isso, as experiências de letramentos responsivos vividos por catadores/as apoiados/as pela Cáritas confirmam que o ato de compreender e o de intervir sobre o mundo são resultado de relações dialógicas entre vozes equipolentes, de acentos apreciativos e de consciências imiscíveis que vivificam um colorido polêmico entre sujeitos. Importante apontar, ainda, que os enunciados produzidos por tais sujeitos estão plenos de uma responsividade constitutiva; isto é, uma necessidade de responder aos enunciados já proferidos durante a apreciação revelada por um ponto de vista complementar, autoral e responsivo.

Ora, a partir dessa constatação, este capítulo de análise se volta para a investigação da materialidade semiótica responsiva das vivências de catadores/as que fizeram a opção por não se calarem diante das lutas por oportunidades de convivência melhores e suficientes, numa sociedade acostumada a esquecer ou silenciar aqueles que não tiveram acesso aos bens culturais mais valorizados.

Após a constituição do diário de bordo (consultar apêndice) baseado nas vivências responsivas ocorridas durante 2015, a palavra-resposta (atualizada pelos gêneros hino, pronunciamento e símbolo não-verbal do Movimento Nacional de Catadores/as) foi eleita como alvo de investigação dessa pesquisa, sendo o material em que os letramentos responsivos se manifestam em enunciados elaborados de acordo com recursos sociossemióticos multimodais.

Nesse capítulo, a análise dos textos enunciados em 2015 por catadores/as em luta por seus direitos foi construída em torno de três manifestações textuais de letramentos responsivos: o hino “Xote da Marcha do povo”, do Movimento Nacional de Catadores/as; o pronunciamento realizado do alto da tribuna da Câmara de Vereadores de Limoeiro do Norte, Ceará, e o símbolo do movimento de catadores/as estampado nas bandeiras e camisas de catadores/as, seguindo esta ordem.

Cada texto enunciado efetiva uma palavra-resposta e um gênero discursivo e textual que interage com o plano discursivo da enunciação. Em cada um dos textos, uma materialidade social e semiótica se apresenta mais proeminente durante o processo significativo de operacionalização responsiva de uma unidade temática, de uma unidade composicional e de uma unidade estilística.

Assim, o texto do gênero hino de catadores/as, especialmente trabalhado por sujeitos pouco ou nada alfabetizados, mostrou-se marcadamente verbal, tendo ocorrido como realidade verbo-sonora (quando cantado/ouvido) e/ou verbo-visual

(quando lido). Já o gênero pronunciamento foi marcado pela influência da materialidade verbo-visual realizada pela voz e rosto de uma representante de todo um grupo. Finalmente, o gênero símbolo do Movimento Nacional de Catadores/as de Materiais Recicláveis esteve marcado pela predominância da semiose visual (com suas cores, formatos e disposição espacial) sobre a verbal.

Na relação entre o contexto discursivo da enunciação e de seus elementos ou trechos constitutivos, há enunciado quando discursos significam algo para os sujeitos durante o exercício de interpretação/ação com o qual dialogam com os demais representantes de sua realidade. Para recuperar as palavras de Bakhtin/Voloshinov (1993, p. 10), “A entoação estabelece um elo firme entre o discurso verbal e o contexto extraverbal – a entoação genuína, viva, transporta o discurso verbal para além das fronteiras do verbal, por assim dizer”.

Para organizar sua ação cotidiana, os/as catadores/as de Limoeiro do Norte trocaram suas experiências com companheiros/as de outras cidades em que a Cáritas Diocesana de Limoeiro atuava em 2015, para trabalhar questões formativas e politizadoras entre sujeitos empobrecidos por um sistema discursivo de opressão.

Tendo em vista isso, cada texto enunciado é uma palavra-resposta no que concerne ao processo de engajamento naquilo que, neste trabalho, é compreendido como um conjunto de letramentos responsivos. Com esses letramentos, os sujeitos interagem para superarem as dificuldades consolidadas em torno das exigências da sociedade quanto ao domínio da leitura e da escrita certificadas por uma instituição escolar como critério para os sujeitos poderem participar de espaços decisórios.

Assim, a materialidade singular do texto apreciado e enunciado comprova a consolidação de um processo de experiências de letramentos responsivos, com os quais catadores/as empobrecidos de Limoeiro do Norte em diálogo com a sociedade local por intermédio complementar da Cáritas vivenciaram durante o ano de 2015, o Ser-evento de uma palavra-resposta transformadora de suas próprias opiniões acerca dos limites de seus reclames, de sua organização coletiva, de sua esperança na possibilidade de serem respeitados como parte da sociedade e como parceiros no trato de questões ambientais como comprovado com a análise dialógica (pautada na interação) e de cunho etnográfico (organizada em experiências de estar junto) da enunciação e do enunciado do hino de catadores/as.

## 5.1 LETRAMENTOS RESPONSIVOS NO HINO “XOTE DA MARCHA DO POVO”

Pensar o dialogismo é reconhecer a categoria da responsividade constitutiva de toda manifestação linguageira plena de resposta que orienta e interage com a realidade da responsividade manifesta dialogicamente enunciada.

Esse dialogismo é atualizado na utilização social e cultural das tecnologias e das linguagens que participam da refração de significados, da organização social e dos interesses sócio-econômicos e político-ideológicos de cada sujeito, a partir de uma conscientização responsiva (bivocal e autoral).

No caso de um evento singular de manifestação de um hino - cantado, lido ou ouvido - ocorrem letramentos responsivos diversos e contingentes e manifestações revolucionárias para a transformação das relações e dos significados de opressão, combatidos no plano do hino de catadores/as como um momento musical e político.

As palavras e a melodia do “Xote da marcha do povo” constituem um hino combativo para alegrar as realizações sígnicas das palavras-respostas que combatem significados opressores, com os quais catadores/as foram habituados a conviver, na luta por direitos básicos como moradia, alimentação e visibilidade.

Assim, em 2015, o contexto de enunciação do hino e seu texto enunciado com palavras e corpos em trânsito pelas ruas serviram para animar, unificar e fortalecer catadores/as apoiados/as pela Cáritas em seu processo de (res)significação da luta contra às formas de empobrecimento de suas vidas por meio de um ato de reversão alegre e carnavalizadora dos significados (ELLIOT, 1999) já dados.

Durante as formações realizados pela Cáritas e pelos/pelas catadores/as (consultar apêndice), a música relaxava, animava e orientava as discussões. Nas manifestações de catadores/as (vide apêndice), a música trazia alegria para a ação de sujeitos que não se conformavam em ser classificados como “catadores/as de lixo”; nem aceitam a carência de políticas públicas específicas para uma categoria, já reconhecida pela Classificação Brasileira de Ocupações (consultar tópico 3.3.2).

Como o pronunciamento de Maria Rubens, realizado na Câmara de Vereadores de Limoeiro do Norte, ou o símbolo do movimento nacional de catadores/as estampado em bandeiras e camisas, o hino de catadores/as é um gênero textual-discursivo, organizacional e celebrativo, enunciado como contra-resposta direcionada à sociedade a partir de uma enunciação singular.

### 5.1.1 O evento de enunciação do hino “Xote da marcha do povo”

As músicas e o hino que animam reuniões e manifestações de catadores/as apoiados/as pela Cáritas clamam pela unificação das vozes e pelo gradual fortalecimento de uma palavra-resposta que reafirme o direito a uma (co)existência mais plural, equânime e politizada.

Assim, em 2015, na marcha regional de catadores/as na cidade de Quixeré, as músicas e o hino “Xote da marcha do povo” animaram sujeitos reunidos durante uma manhã e uma tarde para discutirem sobre a inclusão social e ambiental da atividade de catação nas atividades da cadeia produtiva da região do Vale do Jaguaribe, atendida pelos agentes da Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte.

A presença do bispo da Diocese de Limoeiro do Norte, Dom José, do Padre Alessandro e do sacerdote anfitrião, posicionados ao final da coluna de catadores/as e simpatizantes, comprova que qualquer possibilidade de mudança depende de um processo de diálogo tecido por muitas vozes e corpos em marcha e que os mais empobrecidos/as devem encabeçar a marcha das mudanças, como comprova a imagem divulgada publicamente na internet pela TV Jaguar de Limoeiro do Norte.

**Figura 6 – Participantes durante marcha de catadores/as em Quixeré, Ceará**

Fonte: imagem publicada no *Youtube* sobre marcha de catadores/as em 2015 (vide apêndice).

A marcha sob o sol da tarde foi organizada para não atrapalhar completamente o trânsito local. Agentes como Silvania Mendes (imagem anterior) exerceram uma função técnica na organização do encontro e da marcha e na prestação de informações aos órgãos de imprensa, convidados a participarem como parceiros dos esforços realizados por catadores/as na luta por visibilidade.

Se, por um lado, catadores/as gostam do momento em que a música é o centro da reunião, inversamente, eles/elas não gostam de “perder” um dia de serviço (uma unidade informal de quantificação de seu trabalho) com reuniões. Essa percepção comprova que o processo de consolidação de uma atitude formativa e de resistência aos discursos e às rotinas de empobrecimento ainda estão no início.

Por isso, o “Hino” e a bandeira de catadores/as, no dia da manifestação em Quixeré (imagem abaixo), mediados pela ação de Patrícia e pelos agentes da Cáritas nesta ocasião, realizam letramentos. Situação reforçada pela presença de outros representantes da Diocese de Limoeiro do Norte (Padre Almir, Vangerre e Ronaldo Maia) no meio da coluna em marcha, a fim de animar o protagonismo dos sujeitos.

**Figura 7 – Execução do hino na Marcha de catadores/as em Quixeré, Ceará**

Fonte: imagem publicada no *Youtube* sobre marcha de catadores/as em 2015 (vide apêndice).

Enquanto acostumados(as) à solidão de um trabalho competitivo, organizado na luta pelo acúmulo de recicáveis, catadores/as passam despercebidos(as) pelas ruas. Mas quando reunidos/as em marcha, a sociedade encara a força de um hino “orquestrado” por suas vozes, para combater formas de empobrecimento e de silenciamento responsáveis por empobrecer suas vidas.

### 5.1.2 O enunciado concreto do hino “Xote da marcha do povo”

Tal como indica Moraes (2015), o hino é uma manifestação poética, ideológica e contextualizada de reflexão, de ação e de interação *sobre o*/*no* mundo. Com ele, os sujeitos se posicionam de forma tensa entre os significados vigentes e os sentidos renovadores que afetam a sua condição ideológica (social e cultural) ao longo de eventos responsivos no espaço-tempo.

Para caracterizar e para unificar o grupo de catadores/as, o título do hino traz o substantivo “xote”, ritmo musical de origem alemã[82] relacionado à Polca Escocesa e, posteriormente, quando mesclado à Valsa Vienense, denominado “*schottische*”. Segundo o *site* “Gente que dança”, no Brasil, o “Chotiça” veio dos salões lusitanos pelo português José Maria Toussaint, professor e dançarino, em 1851, para os bailes de gala da realeza, até popularizar-se pelos escravos, com o nome de “xote”.

Por causa de seu estilo alegre, o xote está presente em diversas variações por todo o Brasil. Considerado um ritmo nordestino, costuma fazer parte de festejos juninos graças ao trabalho do compositor e sanfoneiro Luiz Gonzaga, que o aproximou do baião e do forró com sanfona, com triângulo, com zabumba e/ou com pandeiro.

Abaixo, reproduzimos o conjunto da letra do xote-hino de catadores/as:

> **Xote da marcha do povo** (*Hino do Movimento Nacional de Catadores/as*)
> Autor não informado
>
> Quem sabe andar / Nessa rua vai em frente / Pois atrás é que vem gente / Diz o dito popular / E quem caminha na linha da esperança / Arrasta o pé Balança a trança / Na dança de se chegar
>
> **Há quem diga Olé olé olé olá / Catador de norte a sul / E de acolá / Nesta marcha sem parar / Caminhar é resistir / E se unir é reciclar**
>
> Ninguém segura / Essa gente que trabalha / Que grita e fala / Querendo anunciar / Que é possível a luz de um / Novo dia / Em que a nossa alegria / Possa se concretizar
>
> Povo da rua / Não é do mundo da lua / É a vontade nua e crua / É o desejo de um lar / Que assegure vida e dignidade / Rumo à prosperidade / E ao direito de sonhar

A porção lexical, como os verbos, os adjetivos e os substantivos do hino de catadores/as, retrata o atual contexto histórico e político desse grupo de trabalhadores(as) em processo de redefinição de sua identidade e de sua ação para si e para sua sociedade. Esse processo, por seu turno, dá-se graças ao esforço que

[82] Origem histórica do vocábulo **Xote**. Disponível em: <http://www.significados.com.br/xote/> e em <http://www.gentequedanca.com/ritmos/xote/>. Acesso em: 18 mar 2016.

os/as catadores/as realizam quando enunciam, ouvem, cantam e refletem palavras textualizadas em tom de protesto (contra discursos hegemônicos de grupos melhor organizados) e de esperança (por uma realidade mais plurivocal).

Em cada manifestação musical, os sujeitos e os movimentos sociais[83] encontraram uma maneira de dialogar com sua sociedade *nas* e *através das* músicas. Isso porque as canções reforçam a necessidade de os sujeitos estarem em constante ato de enunciar uma apreciação, para realizar sua tomada de consciência.

A canção “Asa Branca”, de Gonzagão, por exemplo, denunciou os efeitos da seca sobre o nordestino e a esperança sertaneja diante de uma situação agravada pela histórica e injustificável ingerência governamental. Já “Cálice”, de Chico Buarque, combateu a ditadura militar brasileira do século XX. Por fim, as músicas do *Rock* brasileiro dos anos oitenta materializaram o inconformismo de uma geração vitimizada por práticas de desrespeito do eu ao outro.

O conjunto formado pela interação entre o linguístico e o translinguístico, entre a enunciação e o enunciado concreto da palavra-resposta que operacionaliza o gênero hino para o movimento de catadores/as reforça o não-álibi de sujeitos que abandonaram o comodismo ou a apatia. É possível afirmar que o hino dos/das catadores/as, portanto, é uma resposta plurilíngue aos atos de estagnação de um mundo onde as oportunidades são restritas àqueles que tem mais escolaridade formal ou tem mais habilidade com recursos tecnológicos de comunicação e de informação.

Os elementos linguísticos do hino de catadores/as mostram-se plenos de entoação, evidenciado pelo tom polêmico gerado pelo caráter responsivo das relações dialógicas, o que revela a autoria e a opinião dos sujeitos engajados numa tentativa de antecipação da possível resposta do outro.

Perceber o aspecto significativo da entoação depende de um trabalho no nível das relações dialógicas, que podem ser percebidas no plano da fala concreta, pois, de acordo com Bakhtin/Voloshinov (1993, p. 12), “a entoação na fala concreta, no todo, é muito mais metafórica do que as palavras usadas [...]”.

O xote-hino de catadores/as apoiados/as pela Cáritas de Limoeiro do Norte comprovou que o ato de rebelar-se contra os discursos de empobrecimento depende de uma conscientização colaborativa, consistente e pautada nas condições

[83] SANTANA, João. **As músicas de protesto que marcaram os movimentos sociais no Brasil.** Disponível em: <http://colunas.cbn.globoradio.globo.com/platb/joaocarlossantana/2013/06/18/as-musicas-de-protesto-que-marcaram-os-movimentos-sociais-no-brasil/.> Acesso em: 18 mar. 2016.

discursivas constituídas pela interação entre sujeitos, que buscam solapar os significados reiterados pelos discursos de grupos mais organizados e politicamente mais proeminentes, acostumados a não dialogarem com quem vive da catação.

Sob as lentes translinguísticas da Análise Dialógica do Discurso, é possível perceber que os elementos linguísticos do hino de catadores/as indicam as ações (verbos), as características (adjetivos) e os nomes (substantivos) que caracterizam a enunciação (o evento singular das manifestações de catadores/as) e o enunciado (o processo de ressignificação de catadores/as) – vide quadro a seguir.

**Quadro 15 – Elementos linguísticos do Hino "Xote da marcha do povo"**

| **Verbos** | **Adjetivos** | **Substantivos** |
|---|---|---|
| Quem **sabe andar**<br>**vai** em frente<br>**é** que **vem** gente<br>**Diz** o dito<br>**quem** caminha<br>**Arrasta** o pé **Balança** a trança<br>Na dança de se **chegar**<br>**Há quem diga**<br>sem **parar**<br>**Caminhar é resistir**<br>E s**e unir é reciclar**<br>Ninguém **segura**<br>gente **que trabalha**<br>Que **grita** e **fala**<br>**Querendo anunciar**<br>**é** possível<br>**Possa** se **concretizar**<br>Não **é** do mundo<br>**É** a vontade<br>**É** o desejo<br>Que **assegure**<br>direito de **sonhar** | dito **popular**<br>**Novo** dia<br>Vontade **nua e crua** | **dito** popular<br>linha da **esperança**<br>Arrasta o **pé** Balança a **trança**<br>**dança** de se chegar<br>Novo **dia**<br>**Gente** que trabalha<br>a nossa **alegria**<br>**Povo** da **rua**<br>Não é do **mundo** da **lua**<br>**Vontade** nua e crua<br>desejo de um **lar**<br>assegure **vida** e **dignidade**<br>Rumo à **prosperidade**<br>**direito** de sonhar |

Fonte: elaoração nossa

A unidade composicional do hino está marcada pela seleção dos verbos do hino entoado por catadores/as calejados/as pelo sol e marcados/as pela força de um processo em que sujeitos com pouco ou nenhum domínio das formas letradas mais valorizadas se juntam para lutarem pelos direitos que lhes foram negados quando não tiveram acesso à escolarização e aos dispositivos que parte da sociedade escolheu para definir quem pode assumir posições de poder e de verdade.

Catadores/as reunidos/as enquanto coletividade plural constituem um grupo que "sabe andar" e "vai em frente" seguido por uma multidão de onde "vem gente" "que grita e fala" em uníssono "querendo anunciar". No entanto, diante da

dificuldade de mobilização de sujeitos para participarem das formações mediadas por agentes da Cáritas ou mesmo diante do sentimento de descrença ou de imediatismo de todos que passaram a vida dispersos na luta por condições mínimas de moradia, de comida e de segurança, é notável na conjugação entre a porção linguística (lógica) e a porção translinguística (dialógica) da letra do hino que representa simbolicamente a luta dos integrantes do Movimento Nacional de Catadores/as de Materiais Recicláveis, a persistência de cada sujeito que caminha, canta e acredita no potencial do eu e do outro para assumirem discursos mais ativos.

Para a constituição de letramentos responsivos, como é possível afirmar com base no pronunciamento de Maria Rubens no lançamento do projeto de coleta seletiva em 2015, catadores/as não podem desanimar diante do fato de que nem todos estão conscientes de sua condição altiva e responsiva de sujeitos. Infelizmente, ainda existem catadores/as que preferem não estar dispostos a engajar-se nas atividades e nas reivindicações organizadas e apreciadas pelo coletivo de seus pares porque ainda não construíram uma relação responsiva empática, na medida em que, segundo Bakhtin (2010b, p. 39-40), o "conteúdo do ato da empatia é ético: é uma diretriz axiológica, pragmática ou moral (emocional e volitiva) de uma outra consciência".

A própria fundação e existência da Associação de Catadores/as Bom Jesus Sul ou o papel ideológico e dialógico do hino para a tomada particular de consciência de cada catador/a ainda são alvo da incredulidade de quem prefere acreditar apenas ou principalmente nas forças dos próprios braços e pernas para recolher, para separar e para comercializar, durante estafantes jornadas de trabalho, as migalhas que os mais abastados da sociedade acabam relegando às ruas e lixões.

Por isso, o hino cantado e colorido com corpos em movimento e vozes reunidas recorda, através do enunciado concreto realizado de maneira singular e apreciativa numa reunião formativa ou nas manifestações públicas, que apenas "quem **sabe andar**" é que "**vai em frente**" porque nem todo o trabalho realizado pelos membros da associação Bom Jesus Sul e pela Cáritas conseguiu sensibilizar parte de catadores/as que ainda preferem andar sozinhos/as no trabalho de catação e que preferem manter um viés competitivo de trabalho patrocinado pelos discursos enunciados por uma sociedade capitalista pautada no lucro e não no sujeitos, um ambiente voltado para favorecer os sujeitos que acumularam condições econômicas mais consolidadas e que insistem em fazer valer a força monovocal de suas vozes.

Esse isolamento pode se constitutuir num ato que favorece a estabilização das ideologias que dicotomizam a vida entre grupos tornados distantes pela influência monovocal da insensibilidade e pela prática egoísta que inferioriza os grupos de empobrecidos. Essas ações separam o palco das lutas entre produtores de resíduos (estrategicamente classificado como “lixo”) e catadores/as considerados/as fracassados/as e marcados/as pelas diversas manifestações das “forças centrípetas da vida linguística, encarnadas numa língua ‘comum’, [que] atuam no meio do plurilinguismo real”, segundo Bakhtin (2010b, p. 82).

No hino, ouvido pela sociedade e registrado pelas lentes da TV Jaguar de Limoeiro do Norte, a opção pelo enunciado “**balança** a trança” demonstra a presença de mulheres ou a presença de quem adota uma cabeleira longa porque não possui tempo ou dinheiro suficiente para dirigir-se a um cabeleireiro ou a um barbeiro. Já a opção pelo enunciado “**arrasta** o pé” é duplamente reveladora de um convite amigável e dinâmico para a dança (um xote da marcha) e da factível presença de sujeitos cansados em seu caminhar pelos anos de ofício na catação e/ou pelas longas jornadas de labuta diária no espaço da rua ou do lixão.

O todo do texto do xote-hino enunciado por catadores/as, assim como suas partes componentes, ativam a oportunidade de eles/elas questionarem as razões de sua posição semelhante à de “gado humano”, de cabeça baixa, a recolher migalhas de uma sociedade que insiste em consumir sem discutir questões referentes à produção de resíduos e ao relacionamento da espécie humana com os diversos aspectos do meio ambiente machucado por práticas e discursos poluentes.

Pela letra escrita em documentos de gêneros discursivos como a ata, o editorial e o ofício, o caminho se mostra mais árduo para a ação em separado dos indivíduos da Associação Bom Jesus Sul. Todavia, reunidos/as em torno de um exercício monitorado, organizado e reflexivo, a possibilidade de suas demandas serem atendidas gradativamente é forte, como comprovaram as opiniões enunciadas por catadores/as apoiados pela Cáritas durante seus diálogos em 2015.

Ações como elevar a cabeça, abrir a boca, posicionar-se com um aparato de caixas amplificadoras e uma equipe da Cáritas de Limoeiro são uma novidade que ajuda a compor o aspecto formativo e politizador dos letramentos responsivos, que combatem o império de dominações ancoradas na decantada superioridade ligada ao domínio dos recursos alfa-numéricos de escrita e de leitura, restritos, ainda, a poucos.

A unidade estilística do hino revela que os elementos linguísticos interagem com as realidades a que os sujeitos podem ter acesso, pois “diz o dito popular” que quem “arrasta o pé” e “balança a trança” assume a identidade do sujeito que ostenta o orgulho de sua condição social e histórica diante de uma sociedade do consumo, e que, por isso, “grita e fala” “querendo anunciar” a insustentabilidade de uma existência contemporânea baseada em hierarquias e divisões normatizadoras, próprias dos discursos que dicotomizam grupos e sentidos na vida.

O trecho sobre uma “gente que trabalha” nos espaços urbanos consolida a existência do “povo da rua” que luta para sobreviver. Essa passagem do hino também indica que parcela da sociedade contemporânea não promoveu espaços para a distribuição uniforme de renda ou para a inclusão sócio-econômica de sujeitos que atualmente possuem uma responsabilidade ambiental sedimentada ao lado de uma responsabilidade particular de luta diária em busca da sobrevivência.

A unidade temática do hino problematiza o fato de os grupos historicamente mais abastados e estáveis da sociedade tornarem sua visão de mundo o padrão de desenvolvimento e de verdade que ajudou a gradativamente concentrar a renda[84] nas mãos de poucos. Por conseguinte, é esta a situação que catadores/as, como aqueles/as apoiados/as por instituições como a Cáritas, por exemplo, estão discutindo, apesar de alguns deles/as já estarem mais engajados e confiantes no processo de formação e de politização que circunda a discussão.

A partir da observação do comportamento de catadores/as nas formações, na câmara de vereadores e na marcha de Quixeré, é pertinente notar que o número de participantes poderia ter sido maior. Foi possível perceber que a quantidade e a intensidade das atitudes e da organização de catadores/as em formação é variável. Isso também faz parte do processo de constituição dos letramentos responsivos que

---

[84] No texto “71 mil brasileiros concentram 22% de toda riqueza”, Darlan Alvarenga, informa:

> De 2012 para 2013, o número de brasileiros com renda mensal superior a 160 salários mínimos (maior faixa da pirâmide social pelos critérios da Receita) caiu de 73.743 para 71.440.
>
> Esta pequena elite - que corresponde a 0,3% dos declarantes de IR - concentrou, em 2013, 14% da renda total e 21,7% da riqueza, totalizando rendimentos de R$ 298 bilhões e patrimônio de R$ 1,2 trilhão. Isso equivale a uma renda média individual anual de R$ 4,17 milhões e uma riqueza média de R$ 17 milhões por pessoa.

Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/noticia/2015/08/71-mil-brasileiros-concentram-22-de-toda-riqueza-veja-dados-da-receita.html>. Acesso em: 06 fev. 2017.

está envolvendo a formação e a conscientização de sujeitos, os quais estão participando de novos discursos e espaços de interação.

Por isso, o enunciado concreto “há quem diga” revela a tentativa de uma outra palavra mais questionadora para superar o “olê, olê, olá” daqueles que sempre acreditaram estar em posição institucionalizada de hegemonia. Para tanto, o ato de cada catador/a da Associaç enunciar uma palavra concreta depende do movimento de um sujeito procurar seus outros, como no enunciado concreto “se chegar”, entendido como um ato para interagir com o ponto de vista de seu interlocutor, o outro que ajuda a definir os significados mais estabilizados socialmente e os sentidos mais subjetivos, com os quais a realidade da catação é pensada.

Já o enunciado concreto “sem parar” é um indicativo da necessidade de cada catador/a nunca desistir e de que, para quem vive letramentos responsivos, há uma tensão constante entre os significados estabilizados pelos discursos dos mais abastados e os sentidos renovados pela realidade de ação e de reflexão dos sujeitos da Associação Bom Jesus Sul de Limoeiro do Norte, relacionada às negociações feitas a cada evento singular de relações responsivas.

O hino cantado com signos verbo-sonoros por catadores/as e pela Cáritas e animado com atos de corpos e de significados deles é um gênero discursivo-textual que não reflete apenas o aspecto mais austero de um hino patriótico, como o hino nacional do Brasil, realidade parnasiana, ou de um outro movimento social, como o hino do Movimento dos/as Trabalhadores/as Sem-Terra (MST).

Esse hino refrata a relativa estabilidade formal e conteudística de hinos historicamente mais sisudos e de caráter mais oficial para materializar uma contra-palavra popular, um xote para animar os esforços de quem luta por seus direitos, já que “caminhar é resistir” e “se unir é reciclar” o que apenas serviu para oprimir.

A unidade composicional, a temática e a estilística estão organizadas de maneira linguística e translinguística para atualizar a luta e a marcha de sujeitos carentes de visibilidade e de respeito, o povo que se esforça para responder aos outros da sociedade e para acrescentar sua visão de mundo na redefinição das relações intersubjetivas renovadas a cada exercício de letramento vivido.

Os enunciados “caminhar é resistir” e “se unir é reciclar” elaboram uma série de possíveis sentidos e interpretações que apelam à razão e à sensibilidade dos interlocutores em atividades de formação e de politização, que ressignificam a

realidade a partir de uma multiplicidade de vivências. O hino executado em formações ou em manifestações ganha contornos de transformação artística e política, com base no que cada sujeito compreende a partir da contribuição viva do outro.

Assim, os verbos selecionados e textualizados não são manipulados ao acaso. Para o xote ressignificado como hino de uma categoria social e histórica, em cada palavra enunciada, está a luta entre as forças centrípetas e as forças centrífugas que reorganizam a identidade e o sentido de agência de catadores/as enquanto seres políticos de resposta, que tomam para si o objetivo de transformarem relações desiguais em relações mais harmoniosas e responsivas. Situação que continua no nível dos adjetivos que, translinguisticamente, têm a função de dar um tom apreciativo ao texto, ligado ao desejo de redução das assimetrias sociais.

No hino em análise, tem-se o enunciado concreto “dito popular”, que remete a um discurso de outrem, que revela a assunção de sujeitos que se mostram corajosos frente a um discurso que circula entre interlocutores situados que estão aprendendo a erguer seus olhos e suas vozes. Por conseguinte, esse enunciado concreto sinaliza para a existência de um dito não popular ligado à valorização de letramentos oficiais e escolarizados em detrimentos daqueles populares, alvos de estigma e de desprestígio sociais porque valorizam a oralidade monitorada e reforçada pelo diálogo entre parceiros (catadores/as e Cáritas) que se valem de sua corporeidade, da alegria do movimento manifesto em ruas e reuniões, da manipulação de recursos (o microfone, a bandeira ou os espaços públicos) para organizar uma palavra-resposta de combate aos discursos de empobrecimento vigentes.

Os trechos enunciados no ato de cantar, de ouvir e/ou de ler o xote-hino de catadores/as são realizados na luta para o eu responder ao outro com uma resposta não parcial (porque não é definitiva), mas total (porque envolve um acabamento ético e responsivo para vir-a-ser no ato da enunciação compartilhada entre os sujeitos).

O nível linguístico do hino de catadores/as por si só não pode captar todo o inconformismo de empobrecidos/as que conquistaram o apoio de autoridades religiosas e de instituições sociais perante os desafios informados pelo enunciado concreto “novo dia”, um momento diferente daquele no qual os sujeitos mais organizados e abastados acabaram por fixar os discursos de poder, verdade e saber

que legitimaram as relações de dominação ainda vigentes e combatidas pelo movimento social[85] de catadores/as da associação Bom Jesus Sul.

Já no nível translinguístico, há diversas formas de um enunciado se referir a outro, de uma voz tocar outra e enunciar sua contra-palavra na luta desenvolvida em torno das experiências de letramentos responsivos vivenciados pela faceta da "luta como continuidade formativa", no dizer de Moraes (2015, p. 25).

Assim, a articulação entre o aspecto lógico-linguístico e o aspecto dialógico-translinguístico do gênero hino consegue desenvolver uma compreensão situada entre o tema e o significado, entre o novo e o dado que o hino entoado por catadores/as com suas vozes e com seus silêncios trazem para o plano dos debates e das mudanças sociais que as experiências de letramento responsivo organizam.

Por conseguinte, o enunciado um "novo dia" é uma experiência discursiva e situada de palavra-resposta enunciada concretamente que denota a necessidade de transformação e de uma educação/formação baseada em apreciações e experiências vividas por sujeitos empobrecidos/as que se organizam para cobrar espaços de diálogo e de mudança nas relações com sua sociedade. Daí a convocação esperançosa de esforços politizados por sujeitos que entretecem sua posição de autoria e suas intenções nas relações responsivas, com as quais podem realizar um trabalho dedicado, consoante Freire (2013, p. 41), à "grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores".

Tal reflexão presente através do enunciado concreto do hino dialoga com a observação de que os "opressores, falsamente generosos, têm necessidade [...] da permanência da injustiça", segundo Freire (2013, p. 41). No caso de catadores/as apoiados/as pela Cáritas, a persistência desse fato e seu combate é uma questão de linguagem, suportada pela organização dos signos, que permitem o gradual processo de semiotização e de constituição (dos significados) da realidade, à qual os sujeitos devotam suas palavras-respostas para confirmar ou contestar o já-dito.

Portanto, o ato de catadores/as cantarem o hino que unifica seu movimento, enquanto uma experiência de letramento responsivo, é uma contra-

[85] Para Moraes (2015, p. 24), "Movimento Social é um movimento organizado que possui identidade econômica, social ou cultural cujos pressupostos se alinham na partilha de um mesmo adversário o qual pretende se combater por meio de um projeto de transformação social. [...] Movimentos Sociais não mais lutam por causas a longo prazo, mas por razões específicas buscando mudanças mais imediatas, diferentemente das lutas generalizadas que marcaram os movimentos sociais do período da Revolução Industrial".

resposta enunciada, uma estratégia de luta para o combater o fato de que o “signo ideológico, por parte das classes dominantes, é uma ferramenta que busca apagar a possibilidade do outro de se alterar”, conforme Moraes (2015, p. 25).

Ora, em marcha ou em formações, o hino do movimento de catadores/as é um enunciado concreto, dialógico e marcadamente resposivo, já que seu texto é uma palavra-resposta situada de caráter renovador e responsável a partir da maneira como os sujeitos interagem entre si e com as condições do contexto pelo qual os significados são discutidos e reconfigurados.

Tal compreensão permite uma resposta animada por rostos marcados pelo sol e por consciências fortalecidas pelo diálogo entre memórias alavancadas pelo sentimento de contiguidade translinguística entre o conteúdo do hino e o conteúdo das histórias de catadores (consultar diário de bordo), cujas vidas, em 2015, estiveram atravessadas por ideologias atualizadas com palavras-respostas enunciadas como gêneros textuais-discursivos e letramentos verbais, verbo-visuais e corporais.

Considerando esses aspectos para uma reflexão de caráter formativo e responsivo, o diálogo entre sujeitos, textos e discursos ocorre também na escolha dos adjetivos (popular, novo, nua e crua). Esses termos foram estrategicamente selecionados por catadores/as no ato singular de interagirem com o contexto do Vale do Jaguaribe e de Limoeiro do Norte, através de letramentos responsivos. Os referidos letramentos foram enunciados com os corpos, as memórias, os acanhamentos e as esperanças de catadores(as), direcionados para os segmentos institucionalmente constituídos da sociedade que ainda não dialogam com os discursos sobre a catação enquanto um fenômeno favorável à preservação ambiental e à inclusão de empobrecidos/as na cadeia econômica e produtiva de espaços prejudicados pela problemática dos resíduos tidos como “lixo”.

Após conversar em 2015 com catadores/as durante momentos de intervalo nas formações junto à Caritas, durante o almoço nas reuniões (consultar diário de bordo), foi possível identificar a força sígnica e ideológica do enunciado concreto “vontade nua e crua”. Ou seja, a vontade de catadores/as (ainda não plenamente beneficiados(as) pelas leis promulgadas sobre a coleta seletiva) de estabelecer uma relação mais fraternal com os demais segmentos de sua sociedade.

O sujeito insensível que insiste em misturar materiais recicláveis com materiais orgânicos, ou não comercialmente recicláveis, atualiza o mecanismo

discursivo que prescreve discursos de dicotomização dos segmentos da sociedade e que fortalece o papel prescritivo dos discursos de dominação e opressão sobre os destinos e anseios dos oprimidos. Afinal, um “dos elementos básicos na mediação opressores-oprimidos é a *prescrição*. Toda prescrição é a imposição de uma consciência a outra”, segundo Freire (2013, p. 46; grifo do autor).

Como comprova o gênero hino, a vontade de catadores/as é de terem sua atividade laboral valorizada para que superem a condição de um grupo de empobrecidos fatalmente impossibilitados de melhorarem suas vidas, por não terem tido suficiente acesso aos meios escolarizados, às práticas letradas mais valorizadas e aos lugares sociais e econômicos tidos como mais importantes.

Mesmo que a associação de catadores de Limoeiro ainda não possua um galpão devidamente organizado e fisicamente preparado para o exercício de sua atividade, mesmo que catadores/as residam em zonas periféricas mais distantes dos centros mais desenvolvidos, esses sujeitos existem, merecem respeito e estão lutando para fortalecer seu grupo e para poder enunciar uma contra-resposta mais firme e incisiva, com o propósito de romper com as estabilidades assumidas por outros, que preferiram não ouvir suas histórias e apoiá-los.

Daí que os adjetivos selecionados e enunciados no xote-hino explicitam o ponto de vista e a entonação das experiências de letramentos responsivos de catadores/as em diálogo com os outros (a Cáritas, a sociedade, os políticos, os empresários, os órgãos de imprensa). Portanto, o enunciado verbo-sonoro “vontade nua e crua” promove a interação responsiva entre os enunciados dos empobrecidos, os enunciados complementares da Cáritas e os enunciados da sociedade em geral, sendo, portanto, uma forma de convocação de vozes para a luta e para a mudança dos regimes que causaram o empobrecimento de muitos.

No evento irreiterável de enunciar as qualidades textualizadas pelo xote-hino na tensão entre o dado e o novo (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2002), catadores/as da associação Bom Jesus Sul de Limoeiro produzem uma resposta corajosa ao se posicionarem num mundo de vozes silenciadas e de discursos que procuram desagregar, oprimir e despolitizar as relações entre o eu e o outro, uma vez que a linguagem enunciada *nos* e *através dos* adjetivos constitui e é constituída por um sujeito e coloca em tensão sentidos agenciados em múltiplos suportes multissemióticos, que os ajudam a textualizarem suas refrações sobre a vida.

Ora, a sociedade de Limoeiro do Norte existe *na* e *pela* palavra constitutivamente responsiva, entre os significados já dados e os temas ainda em processo de tensa interação. Por isso, as palavras-respostas de catadores/as elaboram relações alteritárias mais equânimes com os enunciados concretos um "novo dia" e "vontade popular", cujos significados reiteram a ânsia por uma existência em que os sujeitos possam garantir relacionamentos mais populares e tão dignos de existir quanto as vontades ideologicamente mais oficiais e estabilizadas.

Os adjetivos enunciados no xote-hino (novo, popular, nua e crua) apresentam um sujeito ainda desconhecido e pouco presente em espaços institucionalizados e decisórios do Vale do Jaguaribe. Por isso, no caso de catadores/as de Limoeiro do Norte, suas palavras estão em uma luta por visibilidade, para que eles/as sejam ouvidos/as pelos segmentos de sua sociedade local.

A palavra-resposta do xote-hino que animou, em 2015, o processo de formação e de politização de catadores/as revelou sua disposição para lutar por melhores condições a cada reunião ou manifestação. Em tais ocasiões, eles/elas significam suas palavras ao moverem "a trança" e "arrastarem o pé" para combaterem o processo de discriminação que ainda insiste em dificultar sua existência, já que toda "discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar", conforme observa Freire (1996, p. 60).

Esse hino revelou, portanto, um sujeito inconformado e em processo de ressignificação de seu ser para si e para o outro. Um sujeito que busca transformar suas atitudes, porque o catador e a catadora já percebem que sua atividade não é um sinônimo de vergonha, mas, sim, uma alternativa para ajudar a sociedade a gerenciar os resíduos que foram surgindo ao longo de seu desenvolvimentos urbano e industrial.

Tal sujeito questionador organiza o gênero hino como um protesto e acentua a união de todos os catadores/as de "norte a sul", porque interferir no *status quo* é um ato dependente da função pedagógica, materializada nas atividades responsivas executadas pelo eu e pelo outro, que resolvem "balançar" os discursos de uma sociedade pautada no domínio da semiose escrita da linguagem como mecanismo de separação entre os segmentos de dominação e os oprimidos/as.

Oralizados na melodia do hino cantado, lidos, manuseados e ouvidos nas formações e nas manifestações, os elementos linguísticos que adjetivam as

esperanças de catadores/as fortalecem sua condição de trabalhadores/as desta sociedade contemporânea e cada vez mais urbana.

Além disso, quando tomados dialogicamente como parte de um enunciado concreto que dialoga responsivamente com o processo de ação e de reflexão encetado no diálogo entre Cáritas e catadores/as, tais elementos linguísticos propiciam uma forma de luta na corporeidade e nas apreciações de sujeitos trabalhadores/as que direcionam suas vozes para solapar os discursos que instituíram a política sistematizada do desperdício classificado como "lixo".

Quanto aos substantivos manifestos *no* e *através do* discurso do "Xote da marcha do povo", os interlocutores ouvem que o "povo da rua" - e não dos castelos nem dos escritórios - é que toma partido. Para fazê-lo, oferece uma contra-palavra manifesta com letramentos responsivos atualizados nas ruas, na Câmara de Vereadores de Limoeiro e no galpão da Associação de Catadores/as Bom Jesus Sul (vide diário de bordo em apêndice), para questionar os fundamentos de uma sociedade pautada em discursos de desigualdade, exclusão e empobrecimento.

O enunciado "gente que trabalha" pode ainda não estar municiado por um grupo organizado com todos os recursos necessários para compreender o papel do trabalho associado e para diminuir as dificuldades e impedimentos que tornam suas vidas mais complicadas. No entanto, a palavra-resposta enunciada nas ruas por um e retomada por outro ainda é o único caminho responsável para politizar cada sujeito que profere os enunciados "arrasta o pé" e "balança a trança". Ou seja, de sujeitos que atuam na mundanidade das relações ordinárias (o chão dos pés) com vistas ao devir ("amanhã") e ao "alto" ("trança" e "cabeça"), iniciados no aqui e no agora.

O enunciado concreto "dito popular" do xote-hino é uma palavra-resposta que não possui a nobreza dos discursos oficiais, mas sua força consegue desestabilizar certezas naturalizadas ao reelaborar um processo de tensões ideológicas, com as quais os sujeitos se engajam na "dança de se chegar" e de partilhar de uma esperança sonhada por muitas consciências.

A cadência do ritmo do xote e de seu enunciado-título ("marcha do povo") sinaliza para uma situação a ser realizada e complementada pelo outro. O enunciado manifesto com as palavras "linha da esperança" aponta para o limite entre o que está dado e o que é novo, para a superação das vidas empobrecidas dos/das catadores/as.

Em termos de ato realizado em 2015, o hino de catadores/as em diálogo com a Cáritas de Limoeiro ainda ocorre de modo tímido ou insuficiente. Todavia, em termos de ato potencial, ele pode ser compreendido como um gênero textual-discursivo assumido por sujeitos que não puderam contar com as facilidades típicas de quem vivenciou experiências institucionalizadas ou mais oficiais de letramento e de ação que ajudaram a fundamentar o sistema de exclusões capitalistas.

A execução e as palavras do hino nas manifestações e nas reuniões são alegres, pois catadores/as apoiados pela Cáritas precisam refletir e sentir a vibração dançante da combinação entre a história da música textualizada no aspecto verbo-sonoro e as evoluções de ritmo e de tonalidade materializadas na melodia.

A alegria do hino cantado e movimentado procurou animar catadores/as a se associarem, a lutarem juntos/as e a perceberem a possibilidade ressignificadora manifesta através de experiências de letramento responsivo de sujeitos que manipularam folhetos, microfones, bandeiras e vozes para alcançarem um “novo dia”, uma realidade que não pode prescindir da persistência responsiva dos que acreditam na influência da “gente que trabalha”, um grupo surgido em meio a elementos desperdiçados e abandonados sob a alcunha de “lixo”.

Enquanto enunciado concreto composto bivocalmente como uma palavra-resposta situada do eu-catador (apoiado pela opinião complementar da Cáritas) ao outro da sociedade, todas as realizações do xote-hino estão orientadas *para* e *pelo* contexto do mundo em que catadores/as de recicláveis existem.

Assim, todas as manifestações verbo-visuais (o hino cantado e ouvido) e verbo-sonoras (o hino lido) do hino de catadores/as são manifestamente situadas e ideologicamente saturadas, pois “estabelecem uma miríade de conexões com o contexto extraverbal da vida, e, uma vez separados deste contexto, perdem quase toda a sua significação [...]”, para usar os termos de Bakhtin/Voloshinov (1993, p. 09).

Dessa forma, a manifestação dos letramentos responsivos através da palavra-resposta do hino de catadores/as apoiados pela contribuição da voz da Cáritas confirma a gradual interação translinguística entre a apreciação dos sujeitos, o enunciado e o evento, uma vez que a “situação está inserida em um horizonte social que serve como leito da forma composicional sendo único, singular e carregado de especificidades ideológica (*sic*)”. (MORAES, 2015, p. 28).

Por isso, a condição dos sujeitos que discutiram os significados constituídos *no* e *através do* xote-hino refrata e combate o discurso e o contexto histórico-político de omissão dos segmentos da sociedade que preferiram apenas consumir sem se importar com a destinação de seus resíduos e com a relação entre os sujeitos e destes com as condições de seu próprio meio-ambiente.

O conjunto do xote-hino enunciado em eventos singulares convoca aqueles/as que o cantam e/ou o ouvem para dialogarem com a sociedade a partir do enunciado "marcha do povo", um processo em que os empobrecidos são protagonistas e a partir do qual percebem que a consciência e a apreciação do eu e do outro são parelhas, que uma vida mais plena envolve a constante tomada de consciência e o sentido de agência, para que os sujeitos assumam a atitude de protagonistas e de companheiros na reação às assimetrias que empobrecem a vida.

O enunciado a "verdade nua e crua" indica que, reunidos em marcha, os sujeitos se tornam mais capazes de contestar os significados enunciados e conquistam posicionamentos mais populares ao entoarem o xote-música como uma insubordinação aos discursos que consideram normal um sujeito viver em um meio acentuadamente insalubre como um lixão a céu aberto ou que permitem atos de desamor, como quando alguém reúne em um mesmo saco matéria orgânica e material reciclável. Daí, o xote-hino oscilar entre vozes e consciências com diferentes percepções e sentimentos acerca do que significa estar em luta por direitos.

Nesse universo tão plural, o texto do hino "Xote da marcha do povo" anseia unificar os/as catadores/as, colocando-os/as na luta para que suas vozes sejam ouvidas e suas ações alcancem suficiente visibilidade. Uma decorrência disso é a transformação da identidade de oprimido/a em identidade de agente de mudanças, numa sociedade mais responsiva e plurilíngue, como é possível atestar no quadro comparativo entre o hino dos/das Sem-terra e o de Catadores/as.

A totalidade do hino de catadores/as que lutam por seus direitos e visibilidade indica que este é um gênero característico de práticas associativas e revela mecanismos de discursivização da agentividade dos sujeitos e alterações no tema, no estilo e na estrutura composicional do texto enunciado como uma forma responsiva de ação política, sociocultural e ideológica refletida e executada em prol de mudanças sociais que se relacionam com mudanças enunciativas alavancadas no diálogo com sujeitos de "fora" da realidade cotidiana de catadores/as, situação

comprovada pela experiências formatica junto à Cáritas de Limoeiro do Norte e que dialoga com o texto do hino dos trabalhadores Sem-Terra (vide quadro abaixo).

**Quadro 16 – Hino de Sem-terra e hino de catadores/as**

| | |
|---|---|
| **Hino do Movimento de trabalhadores/as Sem-terra**<br>Vem, teçamos a nossa liberdade / braços fortes que rasgam o chão / sob a sombra de nossa valentia / desfraldemos a nossa rebeldia / e plantemos nesta terra como irmãos!<br><br>Vem, lutemos punho erguido / nossa força nos leva a edificar / nossa pátria livre e forte construída pelo poder popular.<br><br>Braço erguido, ditemos nossa história / sufocando com força os opressores / hasteemos a bandeira colorida / despertemos esta pátria adormecida / amanhã pertence a nós trabalhadores!<br><br>Nossa força resgatada pela chama / da esperança no triunfo que virá / forjaremos desta luta com certeza / pátria livre operária camponesa / nossa estrela enfim triunfará! | **Xote da marcha do povo** (*Hino do Movimento Nacional do Catadores*)<br>Quem sabe andar Nessa rua vai em frente / Pois atrás é que vem gente / Diz o dito popular / E quem caminha na linha da esperança / Arrasta o pé Balança a trança / Na dança de se chegar<br><br>**Há quem diga Olé olé olé olá / Catador de norte a sul / E de acolá / Nesta marcha sem parar / Caminhar é resistir / E se unir é reciclar**<br><br>Ninguém segura / Essa gente que trabalha / Que grita e fala / Querendo anunciar / Que é possível a luz de um / Novo dia / Em que a nossa alegria / Possa se concretizar<br><br>Povo da rua Não é do mundo da lua / É a vontade nua e crua / É o desejo de um lar / Que assegure vida e dignidade / Rumo à prosperidade / E ao direito de sonhar |

Fonte: Arquivos da Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte

Levando em conta o quadro anterior, é possível afirmar que o "Xote da Marcha do Povo" (de autoria não identificada) mantém contato dialógico (correspondendo a uma voz que responde e se relaciona com outras) com o conjunto dos enunciados do "Hino do movimento dos trabalhadores Sem-Terra[86]" (escrito por Ademar Bogo) e trazem a reflexão de que os sujeitos que os executam são aqueles/as que acabaram empobrecidos por um sistema excludente na medida em que não tiveram acesso ao usufruto dos bens e recursos da terra e de sua sociedade e acabaram silenciados sob a alcunha de analfabetos, preguiçosos ou ignorantes.

As estrofes do hino dos Sem-Terra reiteram um tom mais nacionalista e menos popular, mais severo e menos festivo, do que a palavra-resposta manifesta através do hino de catadores/as. Entretanto, o objetivo ideológico e dialógico de ambos é constituir uma rede de sentidos e posicionar-se ideologicamente em defesa de um projeto de reformulação abrangente das relações sociais, em busca da "liberdade", que precisa ser tecida pela conjugação de esforços de um "nós".

[86] Cd "Arte em movimento". Disponível em: <http://www.landless-voices.org/vieira/archive-05.php?rd=ANTHEMOF355&ng=p&sc=1&th=49&se=1>. Acesso em: 18 mar. 2016.

Uma esperança é enunciada no hino dos sem-terra e retomada no hino de catadores/as, ainda que um não mencione o outro. Isso pode ser dito se atentarmos para o fato de que ambos os materiais derivam das lutas sociais de minorias que se rebelam contra discursos e verdades opressoras a partir de relações responsivas. Tais relações, por seu turno, são elaboradas por sujeitos que reclamam a reorganização das condições de poder e de verdade causadoras da desvalorização de quem não conseguiu se enquadrar nas regras urbanas do mercado de trabalho e dos processos de escolarização socialmente valorizados.

Ora, nem o sujeito do campo nem o da catação, quando organizados como um grupo formado por integrantes com diferentes experiências de contato com o universo alfa-numérico de letramentos escolarizados, dependem de forma imediata das tecnologias digitais e da cultura letrada baseada na leitura, na escrita e na escolarização. Entretanto, ambos dependem das relações mediadas pelos gêneros verbais, orais e verbo-visuais, elaborados para semiotizar e para manifestar as relações responsivas na sociedade contemporânea.

Por isso, operar uma máquina para sacar proventos oriundos de redistribuição de renda do governo federal ou assinar um comprovante, por exemplo, não são ações suficientes para que possamos considerar que os/as empobrecidos/as dominam, respectivamente, um letramento digital e um letramento escolar-pedagógico. Por outro lado, tais sujeitos se aproveitam de manifestações musicais, como os hinos dos movimentos sociais, e estão inseridos em outras práticas de letramento responsivo. Nestas, os/as empobrecidos/as, junto de seu grupo, posicionam-se para enunciar uma contra-resposta ao desamor de parte da sociedade.

Comparando o hino de sem-terras e o hino de catadores/as, é possível perceber que a perspectiva revolucionária de um acaba reacentuada na do outro, o que comprova que não há palavra primeira ou derradeira, mas tensões que se interseccionam na vida. Um texto dialoga com o outro, ainda que os hinos não citem formalmente as palavras um do outro. Essa dialogicidade se dá porque ambos os materiais são banhados pelos mesmos elementos ideológicos e acabam por conter as suas próprias palavras e as do outro em tensão no grande tempo.

Para catadores/as, o processo de formação e de politização é uma novidade. Participar de reuniões e de manifestações é uma oportunidade para efetivar

o processo de desenvolvimento de letramentos responsivos implementados no evento de ouvir e/ou cantar um hino sobre problemas que os afetam.

No caso de catadores/as, lutar e manifestar-se por meio do hino de seu movimento nacional é uma novidade, porque a tarefa solitária da catação é um luta que tanto promove sentimentos conflituosos: por um lado, o orgulho de conseguir o sustento cotidiano e, por outro lado, a vergonha de ser classificado como o mais baixo sujeito na cadeia econômica e produtiva da sociedade.

Os letramentos responsivos – realizados por sujeitos que se reúnem para discutirem e cantarem as dificuldades de seu cotidiano, que manipulam microfones, que monitoram seus enunciados orais para questionarem a situação em que vivem e que ocupam as ruas para encontrarem os olhares da sociedade – demonstram que "as avaliações sociais básicas que derivam diretamente das características distintivas da vida econômica de um grupo social [...] estão na carne e sangue de todos os representantes deste grupo [...]", (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1993, p. 09).

Tais avaliações são manifestas na comparação entre os enunciados concretos dos dois hinos (vide quadro 17), cujos versos se complementam e se respondem na refração que contesta a opressão, e na entoação de luta que ressignifica a vida, "a entoação genuína, viva [que] transporta o discurso verbal para além das fronteiras do verbal", conforme asseveram Bakhtin/Voloshinov (2002, p. 10).

**Quadro 17 – Comparação entre os hinos de sem-terras e de catadores/as**

| | |
|---|---|
| **Hino de sem-terras** | **Hino de catadores/as** |
| braços fortes que rasgam o chão | Quem sabe andar |
| plantemos nesta terra como irmãos! | Na dança de se chegar |
| sombra de nossa valentia / | Nessa rua vai em frente |
| desfraldemos a nossa rebeldia | Pois atrás é que vem gente Caminhar é resistir |
| poder popular | Catador de norte a sul |
| despertemos esta pátria adormecida | se unir é reciclar |
| Braço erguido, ditemos nossa história | Ninguém segura / Essa gente que trabalha |
| Vem, lutemos punho erguido | Que grita e fala |
| sufocando com força os opressores | Povo da rua Não é do mundo da lua |
| nossa pátria livre e forte | vida e dignidade |
| nossa força nos leva a edificar | a luz de um / Novo dia |
| nossa estrela enfim triunfará! | Rumo à prosperidade |
| amanhã pertence a nós trabalhadores! | É a vontade nua e crua / Diz o dito popular |
| pátria livre operária camponesa | É o desejo de um lar |
| Nossa força resgatada pela chama / da esperança | Em que a nossa alegria / Possa se concretizar |
| hasteemos a bandeira colorida | Nesta marcha sem parar |
| triunfo que virá | Que é possível |
| forjaremos desta luta com certeza | direito de sonhar |
| construída | na linha da esperança Querendo anunciar |

Fonte: Elaborado pelo autor

Nas formações apoiadas pela Cáritas em 2015, os/as participantes relataram que, forçados/as a concorrerem (por vezes, deslealmente) entre si para acumularem o máximo de itens e venderem a negociantes que atravessam a ligação entre catadores/as e empresas de reciclagem, não é difícil haver rusgas durante a catação pelas ruas e pelos lixões da cidade de Limoeiro do Norte.

O processo de inserção de catadores/as na cadeia social e produtiva de uma economia mais solidária em que a acumulação de lucros não é o objetivo final, e a desagregação das relações sociais não se separa do aprendizado das experiências do ato de falar alto e claro a “verdade nua e crua” de que as ruas não são apenas espaço de trânsito, mas de constituição de identidades e protagonismos, é uma prática constante entre os sujeitos da pesquisa.

No entanto, nem todos/as apresentam o mesmo vigor no ato de tomar posse da palavra emancipadora, porque foram acostumados “a comer lixo industrial” e a adotar uma prática ideologizada para a passividade e subserviência, já que a parcela social empobrecida é trabalhada para receber o que terceiros impõem. Apesar disso, mesmo a porção menos ativa do grupo de catadores/as também se aproveita do exercício de acompanhar seus pares, uma vez que os benefícios conquistados não são propriedade exclusiva apenas de quem toma posse do ato de enunciar sua luta na adversidade e na penúria impostas por regimes que preferem a competição em vez do associativismo, do cooperativismo ou da solidariedade.

Viver a experiência da execução do hino de catadores/as como instrumento de luta por direitos negados ao longo dos anos e dos discursos já enunciados é uma experiência mais responsiva de letramento; na medida em que o hino cantado (em uma marcha ou em uma formação) e ressignificado (com os corpos e as palavras dos participantes) organiza uma contra-resposta responsiva no limite entre o ético (não há outro que possa enunciar e assumir a responsabilidade singular do eu) e o estético (o máximo de acabamento discursivo-textual).

Cantar um hino enquanto forma de manifestação, como no caso específico dos/as catadores/as limoeirenses, é uma experiência de letramento protagonizada através da institucionalização da coletividade de catadores/as que manipulam a letra impressa em folhas avulsas, cantam sua mensagem com e sem microfones e vivificam sua musicalidade com a força de um ato singular sem álibi.

Enquanto gênero textual-discursivo enunciado, o hino do Movimento Nacional de catadores/as de materiais recicláveis manifesta uma unidade temática, composicional e estilística que oportuniza letramentos responsivos e permite a catadores/as manipularem consciente e singularmente suas palavras-respostas através de diversas manifestações sociossemióticas de linguagem (verbal ou não).

Em 2015, catadores/as conviveram com materiais que textualizam o discurso de rebelião aos discursos de exclusão a que foram submetidos com o advento do mundo industrializado do consumo em áreas urbanas mais desenvolvidas e nas periferias de pequenas cidades, como é o caso de Limoeiro do Norte, Ceará.

Por isso, no nível dos gêneros textuais e discursivos já estabilizados contingencialmente para que os atos de catadores/as em diálogo com a Cáritas possam operar a integração entre seu mundo da vida e o da cultura, baseada em letramentos vernaculares, o gênero hino favorece a discussão de ideologias que catadores/as manipulam para ressignificar os sentidos de sua vida e de seu ser.

Assim, a repetição das estrofes do xote-hino musicalizadas num ritmo festivo dialoga e convoca outros discursos e textos para contestar as estruturas hegemônicas da vida com as palavras vivificadas na enunciação e na movimentação em marcha coletiva. O hino responde, por exemplo, o discurso de insatisfação popular presente na música “Geração Coca-Cola”, uma das faixas do primeiro álbum (de título homônimo) da banda brasileira de rock Legião Urbana, lançado em 1985.

Na marcha de catadores/as acontecida na cidade de Quixeré, em março de 2015, a representação de catadores/as oriundos/as das cidades atendidas pela Cáritas de Limoeiro era diminuta diante da necessidade de um contingente maior para afetar visualmente os moradores e os transeuntes que presenciaram a “marcha do povo” formado por empobrecidos, por Cáritas e por representantes da igreja católica. Apesar disso, o ato foi um exercício significativo de letramentos responsivos.

Ao enunciarem o “Xote da marcha do povo”, catadores/as praticam um exercício de união, de posicionamento ideológico e dialógico que integra a voz do eu e a voz do outro no discurso enunciado *em* e *através de* diferentes meios semióticos (os gestos, as cores, as formas, os cartazes, as bandeiras, os aparelhos para propagar o aspecto físico da voz dos sujeitos participantes) assumidos durante a luta por direitos humanos básicos (moradia, trabalho, segurança e meios dignos de trabalho).

O sentimento operacionalizado pelo texto do xote-hino indica que catadores/as participantes das formações e das manifestações apoiadas pela Cáritas estão (re)elaborando sentidos para se posicionarem perante a sociedade e dialogarem no espaço-tempo com a mensagem ideológica de “Geração Coca-Cola”, quando percebem, para recuperar os trechos dessa canção, que “agora chegou a [sua] vez” e que sua categoria é formada pelos “filhos da revolução”, os quais, hoje, consideram o papel desestabilizador dos “burgueses sem religião” que tentam combater as “monarquias” dos significados dados.

Mas a força das manifestações de catadores não reside apenas no plano da tensão entre seus discursos enunciados e os discursos prévios. Ela reside na possibilidade de organizar sentidos orientados dialogicamente para o infinito. Afinal, conforme o poema “Tecendo a manhã[87]”, de João Cabral de Melo Neto, "Um galo sozinho não tece a manhã: / ele precisará sempre de outros galos. / De um que apanhe esse grito que ele / e o lance a outro [...]”.

Com base em Souza (2009), é possível perceber que a execução do hino influencia o tipo e a solidez dos laços de solidariedade entre os sujeitos que atuam em contextos de interação pela luta contra situações de opressão e para o processo de ressignificação de suas vidas e do papel do outro para o eu e vice-versa.

Se os letramentos responsivos assumidos por catadores/as não provocam a reação apreciativa do outro, o processo de politização e de emancipação em que os sujeitos se engajam e tentam conquistar em seu cotidiano acaba enfraquecido. Por isso, o gênero textual-discursivo materializado e estabilizado relativamente no hino cantado, lido e ouvido por catadores/as ancora e fixa uma série de elementos da vida dos interlocutores como o gênero desabafo, o gênero prognóstico, o gênero descrição e o gênero conversa informal, para construção de significados.

Os esforços intersubjetivos permitem a integração de recursos suficientes para que os outros possam elaborar uma resposta *em* e *através de* seus enunciados, que funcionam como um indicativo das escolhas ideológicas e dialógicas materializadas nas lexias e no estilo constitutivos do plano linguístico do xote-hino.

O conteúdo do gênero hino está naturalizado como algo formal, diferentemente do conteúdo do xote-hino, trabalhado nos letramentos responsivos de catadores/as com diferentes níveis de politização e de disposição para o embate *nas*

[87] Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/joao02.html>. Acesso em: 21 mar 2016.

e *com as* palavras. A unidade estilística do xote-hino subverte a seriedade própria desses materiais e funciona como um manifesto político e ideológico compromissado com a alegria de uma gente que está tentando cativar a sociedade que vem atrás, que observa e que presencia o desenrolar processual de uma resposta responsável.

O poder de síntese do xote-hino que identifica o movimento nacional de catadores/as traz um universo de questões nem sempre discutidas pelos sujeitos no cotidiano de suas ocupações ordinárias em torno da catação. Daí que, durante as formações coordenadas pela Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte em 2015, uma parte significativa dos participantes ainda não reagia com uma perspectiva alegre e politizada o suficiente para encorpar as oportunidades de luta.

A postura de Maria Rubens, de seu marido, Deuzimar, de sua irmã, Neves e de seus companheiros e companheiras, no domínio de letramentos responsivos realizados *no* e *através do* ato de cantar e ouvir seu hino para dialogar com a sociedade consolida sua opção por questionar o contexto de suas vidas.

Pela dinâmica da enunciação em que o hino ocorreu, esse gênero discursivo ajudou a animar os sujeitos envolvidos nas formações da Cáritas, nas manifestações e nas reuniões. Todavia, ainda não conseguiu unificar suficientemente catadores/as em situação de rua e em situação de galpão em torno de uma luta comum em pleno processo de consolidação, num contexto de dificuldades agravadas pela insensibilidade das autoridades em ajudar aqueles/as que vivem da catação.

Apesar das dificuldades de convivência, quando catadores/as apoiados/as pela Cáritas se posicionaram com o hino, um patrimônio imemorial, a sociedade local da cidade de Limoeiro do Norte e do Vale do Jaguaribe, passou a perceber que o sujeito que cata sua sobrevivência no meio da rua não é “do mundo da lua”, não é desprovido de consciência política, ainda que o sistema em redor seja hostil.

Esse enunciado concreto (“do mundo da lua”) ressalta o processo de conscientização do qual catadores/as de Limoeiro do Norte são protagonistas graças ao apoio complementar da Cáritas e ao diálogo com diversos segmentos da sociedade local e de outras cidades do Vale do Jaguaribe em 2015.

O mesmo enunciado ainda reforça a reflexão em torno do tratamento dos resíduos sólidos que catadores/as discutem. Por isso, Couto (2012, p. 47) afirma que “nosso país precisa avançar política e culturalmente para gerenciar seus resíduos de

forma menos danosa ao meio ambiente e à saúde pública e para a geração de emprego e renda por meio da reciclagem, de forma includente e organizada".

A competição por recicláveis é um impedimento para catadores/as dialogarem. O desgaste no transporte de materiais, as longas jornadas de trabalho e a repetição de movimentos durante a catação também mitigam a oportunidade de diálogo. Falar, coletar e caminhar são atividades físicas que nem sempre ocorrem de forma solidária nas rotinas de catadores/as, demandando habilidade e vontade para ocorrerem. No caso do falar, este ato acaba reduzido a contatos fortuitos.

Nesse aspecto, falta a muitos catadores/as a oportunidade de dialogar e de refletir sobre seu trabalho. Por isso, o hino é uma oportunidade para deslocar ideologicamente os sujeitos de uma condição de silenciamento e de apagamento para uma posição de protagonismo, diante de uma sociedade para a qual seus esforços já construíram riquezas solapadas por outros.

Assim, o xote-hino configura-se como um gênero colorido que combate discursos de empobrecimento, algo situado nas experiências de letramentos responsivos vivenciadas por catadores em processo de institucionalização de sua luta e de combate aos mecanismos de invisibilidade com os quais grupos sociais historicamente mais organizados reforçam barreiras que empobrecem a sociedade.

Um empobrecimento iniciado e consolidado no plano das relações de linguagem, que engendram significados combatidos por catadores/as apoiados/as pela Cáritas, quando o gênero hino é entoado como ferramenta articulada de luta e de resistência ao discurso opressor em torno do enunciado "mundo da lua".

Um empobrecimento que se agiganta quando parte do grupo da associação de catadores/as acbam desistindo de se engajar nas reuniões, nas formações e nas manifestações que marcam a luta por visibilidade e por garantias capazes de destronar os segmentos mais abastados da sociedade para que seja iniciado um processo de equilíbrio das relações entre os mais ricos e os mais empobrecidos/as.

Por isso, mais do que nunca, esses esforços enunciativos experienciados em 2015 podem desestabilizar as posições estrategicamente mais institucionalizadas e hegemônicas de poder, verdade e saber, efetivadas pelas manifestações socialmente mais valorizadas de letramentos. Estas mostram-se passíveis de serem questionadas pelos enunciados verbo-visuais e verbo-sonoros do gênero hino e, também, pela materialidade do gênero pronunciamento do "povo da rua".

## 5.2 LETRAMENTOS RESPONSIVOS NOS PRONUNCIAMENTOS EM FAVOR DE CATADORES/AS

Muitos/as catadores/as não tiveram suficiente oportunidade de frequentar ambientes escolares, nos quais podem se apropriar de instrumentos socialmente consolidados como válidos para sua inserção em nichos específicos da sociedade. Por isso, não costumam ocupar lugar de destaque nas mesas de negociação em torno da problemática ambiental e social que rodeia a questão da catação de recicláveis, nem costumam publicizar seu ponto de vista acerca de si e de seu trabalho.

Por isso, os contextos de catadores/as cobram estratégias específicas e ocasionam eventos enunciativos, também, específicos, em função do que os sujeitos discutem dentro de um processo responsivo de interação e de significação da vida e de cada um dos participantes do diálogo, realizado com palavras-respostas.

Dessa maneira, o pronunciamento de uma catadora apoiada pela contribuição exotópica de um aluno de Direito ligado à Cáritas revela um caminho de engajamento com letramentos responsivos e combativos em sua luta por participação na sociedade. No quadro abaixo, estão as características do dito pronunciamento:

**Quadro 18 – Características do pronunciamento de Maria Rubens e Ronaldo**

| |
|---|
| Associa emoção e sentimento para trabalhar ideologicamente as palavras. |
| Depende de uma voz de autoridade que represente um grupo. |
| Elabora uma situação quase teatral para constituir significados. |
| Beneficia-se da entoação e da oralidade dos interlocutores. |
| Amplia a imagem de autoridade e de liderança do enunciador. |
| Coordena a enunciação das palavras com a gesticulação. |
| Sofre uma ressignificação pela troca de olhares dos interlocutores. |

Fonte: Elaborado pelo autor

Aprender a se posicionar perante a sociedade em geral e seus pares ainda é visto como uma luta excessivamente onerosa para muitos catadores/as, que afirmam ainda haver olhares de desconfiança dirigidos a manifestações públicas que procuram lançar luzes sobre o movimento organizado de trabalhadores da catação.

Visitar um ambiente institucionalizado, portar-se com voz altiva e assumir um protagonismo com o corpo e com a palavra enunciada são atitudes dialógicas que materializam as diversas formas de letramentos responsivos necessários para que catadores/as possam conquistar o ato de tomar posse de suas palavras e realizar pronunciamentos capazes de fortalecer as vozes dos que ainda estão em processo de libertação de regimes discursivos pautados em insensibilidades monovocais.

### 5.2.1 Os eventos de enunciação dos pronunciamentos de Maria Rubens e de Ronaldo Maia

Diante dos vereadores de Limoeiro do Norte, o pronunciamento de Maria Rubens, conhecida como “Dona Pedinha”, apela às memórias e às características de seu grupo de companheiros e suscita uma contra-palavra, com o qual “baliza” seu estar no mundo, fixa sua disposição para a luta, elabora uma identidade e uma apreciação com propósitos, com silêncios e com esperanças de estar com os outros.

Diante de um plenário de vereadores trajados com a pompa do contexto, o pronunciamento de Maria Rubens se vale de sentimentos para animar os interlocutores e articular, de modo estratégico, os recursos da língua em consonância com situações de caráter intersubjetivo para sensibilizar seus interlocutores.

Cícero fez quatro pronunciamentos contra Catilina no senado romano em 63 a.C.. Martin L. King fez um pronunciamento intitulado “Eu tenho um sonho”, com o qual coroou toda sua luta pela melhoria das relações entre negros e brancos dos Estados Unidos do século XX. Maria Rubens, ou Dona Pedinha, mulher sem escolarização formal, e Ronaldo Maia, futuro advogado e agente da Cáritas, também realizaram pronunciamentos em espaços públicos para dialogarem com seus pares e para elaborarem uma palavra-resposta ao que já foi dito por todos os que não quiseram ou não souberam ouvir os clamores de catadores/as que, ainda hoje, lutam por emprego, moradia, saúde, educação, lazer e melhores condições de vida.

Maria Rubens, quando subiu à tribuna da Câmara da cidade de Limoeiro do Norte em 2015, atuou como ponto focal de toda uma categoria, de todo um esforço complementar executado pela Cáritas em favor do processo de catadores/as de assumirem sua condição de protagonistas na luta por direitos negados.

Apoiada pela figura e palavras de Ronaldo Maia, Maria Rubens adentrou o prédio da Câmara de Vereadores, um espaço que, por muito tempo, esteve distante de catadores/as, excluídos/as do palco de lutas por seus direitos por não dominarem proficientemente as tecnologias de informação e de comunicação mais valorizadas e baseadas nos letramentos de leitura/escrita verbal responsáveis por garantir o acesso ao cenário legislativo e institucionalizado onde as leis são votadas.

A coragem, a disposição e as palavras de Maria Rubens foram complementadas pelo apoio exotópico da Cáritas, que sempre enfatizou a

necessidade de cada catador/a tomar posse dos rumos de uma luta ideológica e dialógica para a conquista de sua inserção social e produtiva na cidade.

A câmara foi comunicada da fala de Maria Rubens e recebeu a voz de Maria Rubens, mulher que há 27 anos vinha auferindo os recursos para garantir o sustento de sua família a partir do trabalho no lixão de Limoeiro do Norte, Ceará. Após anos de labuta sob o sol, Maria Rubens, trajando roupa simples, conseguiu entrar na Câmara e suceder um aluno do curso de Direito, para se dirigir aos vereadores como legítima representante de uma associação de catadores/as.

**Figura 8 – Maria Rubens e Ronaldo na Câmara de Vereadores de Limoeiro do Norte**

Fonte: Imagens publicadas no Youtube pela TV Jaguar de Limoeiro do Norte (vide apêndice).

No contexto do prédio da Câmara de Vereadores, paira uma atmosfera de seriedade e de pompa que interage com o enunciado concreto dos pronunciamentos, realizados a partir de um local elevado e de autoridade, a tribuna. Dentro do universo de tipos relativamente estáveis de enunciados disponíveis aos sujeitos em suas relações responsivas no espaço-tempo da Câmara, o pronunciamento realizado por um sujeito diante de seus pares é uma maneira de estabelecer sentidos e de formar um compreensão acerca de um assunto de importância singular.

No caso do pronunciamento de quem trabalha com a catação ou de quem apoia tal atividade, fazer uso do microfone e do espaço da “tribuna livre” é um ato que transforma as condições de enunciação de sentidos. Em se tratando de Maria Rubens, catadores/as ganharam um espaço e uma visibilidade na base da conquista e da

insistência, uma vez que existem como substrato da ideologia capitalista do consumo e do descarte exagerado e infundado de bens e de serviços.

Maria Rubens não conseguiu chegar ao prédio da Câmara de Vereadores de Limoeiro do Norte com tempo de acompanhar o início do pronunciamento de Ronaldo Maia porque sua casa fica distante do local da sessão do legislativo e porque o início da manhã é reservado a seus afazeres como dona de casa.

A participação de Ronaldo, apesar de não ter sido formalmente inscrita durante a solicitação de uso da tribuna da Câmara, foi facultada pelo plenário, como informado pelo 1º secretário, o vereador Geneziano de Souza Martins aos demais.

**Figura 9 – Vereadores que dialogaram com Maria Rubens**

Fonte: Imagens dos vereadores de Limoeiro em 2015 publicadas pela TV Jaguar (vide apêndice).

Como a participação da presidente da Associação de Catadores/as Bom Jesus Sul não possui forte apelo popular, a quantidade de participantes poderia ser mais significativa, o que permitiria que os reclames da categoria de catadores pudessem ser mais rapidamente atendidos, inclusive pelos vereadores José Lins, F. Baltazar e F. Holanda, que dialogaram com o pronunciamento de Maria Rubens.

Quando ocorreu a implantação do projeto de coleta seletiva no bairro “Cidade Alta”, catadores já haviam participado, em 2015, de toda uma sequência de

reuniões formativas, a fim de se perceberem como protagonistas no exercício de luta por direitos a partir de níveis mais politizados e libertadores de resistência às manifestações discursivas e aos significados hegemônicos de poder, responsáveis por empobrecer e por tornar catadores/as sujeitos carentes de quase tudo.

Há uma luta contra as organizações institucionalizadas e indivíduos que não atuam com rapidez e com eficiência para ouvir as vozes de catadores/as porque querem manter o usufruto de bens e de serviços aos quais empobrecidos/as não tiveram acesso ao longo do desenvolvimento de suas sociedades.

No caso da Associação de Catadores Bom Jesus Sul, há também uma luta interna, entre o ponto de vista de integrantes mais politizados e o ponto de vista de integrantes que menos acreditam no papel de um trabalho associado, organizado e persistente para garantir o usufruto equânime dos bens do trabalho humano.

Diante da pequena participação de catadores/as (ver imagem abaixo), a representante da Cáritas de Limoeiro informa ser necessário acreditar que o processo de politização do grupo é longo e repleto de dificuldades decorrentes de toda uma existência em que os sujeitos foram acostumados ao trabalho solitário.

**Figura 10 – Catadores/as e Cáritas na implantação da coleta seletiva em Limoeiro**

Fonte: Imagens publicadas no *Youtube* pela TV Jaguar (vide apêndice)

Embora o início do projeto de coleta seletiva em 2015 tenha acontecido às margens de uma rodovia, isso não reduz o significado do ato de quem luta por direitos e por visibilidade para um grupo que depende da catação como fonte econômica de renda e como elemento para consolidação da coleta seletiva enquanto alternativa econômica, ambiental e solidária. Esse fato é comprovado pelo gênero pronunciamento executado por quem não se calou na luta por direitos negados e que ocupou as ruas e os espaços mais institucionalizados de Limoeiro do Norte, Ceará.

### 5.2.2 O pronunciamento de Maria Rubens na implantação da coleta seletiva

A unidade temática do discurso enunciado por Maria Rubens (vide trecho abaixo) para a sociedade e para a TV Jaguar (ver relação de vídeos em apêndice) na implantação do projeto-piloto de coleta seletiva no bairro Antônio Holanda de Limoeiro do Norte, Ce, em 2015, é um ato corajoso de quem percebeu a oportunidade de engajar-se em práticas de associativismo para melhorar efetivamente suas condições de vida a partir da melhoria da ação política do grupo social de catadores/as.

[...] E a gente vai começar a implanta hoje [...]. Nós queremos em futuro, uma vida melhor. [...] daqui até a antiga caixa d'água da Cidade Alta. [...]. A prefeitura não tinha carro disponível, mas tinha o motorista. A maioria não quer vir. Tudo vai dar certo com o apoio da prefeitura, da Cáritas e das irmãs da igreja. [...] A gente quer agradecer a população de Cidade Alta que ajude o catador. [...]. A maioria [dos catadores] não tá, mas a agente começa com o que está. [...] Mandar direto para uma indústria para a gente ganhar melhor. [...]. A gente vai ver se consegue uma prensa para prensar o material. [...]. Meus esposo conversou com padre Júnior de Russas, aí ele disse "eu vou conversar com a associação de Rosa Virgínia[88] de Fortaleza, se ela tiver um transporte lá ela doar para vocês". Aí ele falou, aí ele comunicou com as meninas da Cáritas, aí mandaram deixar [o triciclo] e hoje está aqui para nós implantarmos a coleta. [...]. Estou motivada para trabalhar junto com eles [catadores/as] até quando Deus quiser e tudo que precisar eu estou dentro para o que der e vier.

Quando Maria Rubens informa sobre os esforços para conseguir uma prensa e negociar diretamente com as indústrias "para ganhar melhor", sua palavra reforça o texto de Couto (2012, p. 122-123), que relata uma dificuldade

> estrutural: toda a cadeia da reciclagem é capitalista. [...] o poder público, que também opera sob a lógica capitalista, pouco ou nenhum apoio oferece às cooperativas, que sofrem de problemas graves de formalização, estrutura e logística [...]. (COUTO, 2012, p. 122-123)

A unidade composicional do pronunciamento de Maria Rubens, enunciado em nome daqueles/as que vivem a condição da pobreza, está marcada pela gesticulação articulada com palavras pronunciadas de maneira clara e objetiva e revela a existência de um sujeito cuja consciência está pautada na ação e na reflexão para contestar, a partir de sua experiência de vida no lixão de Limoeiro e da contribuição exotópica da Cáritas, as relações de poder e de verdade que podem ser

[88] A associação dos agentes ambientais Rosa Virgínia está localizada na rua 07, nº 20, loteamento Santa Terezinha, próximo ao parque São José, em Fortaleza - Ceará. Para sua formação, contribuiu muito o apoio da Caritas Arquidiocesana de Fortaleza, do fórum Lixo e cidadania e da paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, bem como da congregação Bom Pastor, que, através de um trabalho coletivo, conseguiram estruturar a entidade. Plano Estadual De Resíduos Sólidos do Estado do Ceará (2014, p. 60) - Caderno Temático. Disponível em: <http://www.sema.ce.gov.br/attachments/article/44259/Caderno%20de%20Capacitacao%202a%20Revisao_9%20dez.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2016.

ressignificadas para que catadores/as sejam reconhecidos como sujeitos merecedores do respeito e do apoio da população e das instituições de sua sociedade.

Tal luta por reconhecimento é organizada por letramentos responsivos de catadores/as organizados no convívio com gêneros textuais-discursivos diferentes daqueles com os eles/as estão acostumados/as no ato de negociar o preço de sua catação com os comerciantes que atravessam sua relação com centros de reciclagem mais desenvolvidos e localizados em Fortaleza, por exemplo.

O gênero pronunciamento de catadores/as apoiados/as pela Cáritas é uma respota sem-álibi, cuja entonação sintetiza as esperanças e o desejo por uma vida menos difícil e por uma relação mais igualitária com os segmentos mais institucionalizados da sociedade que se acostumaram ao gosto da dominação.

Embora um não cite formalmente o outro, o pronunciamento pela voz e pelo corpo de catadores/as está situado como uma resposta ativa e relacionada ao enunciado concreto de integrantes do Movimento de Trabalhadores Rurais Sem-Terra, cujas palavras estão registradas no *corpus* de Falkembach (2007, p. 143):

> O movimento foi uma lição que o pessoal teve, uma escola de vida; ajudou muito o pessoal a se construir como sujeito. (Comunidade 3, 2001)
> Onde tiver povo organizado contra este projeto que está aí, de exclusão, projeto neoliberal, nós temos que estar junto com nossa bandeira do Movimento lutando também. Não só a gente luta pela terra; a gente luta pela transformação social, onde todos tenham direito, sejam eles quem for. (FALKEMBACH, 2007, p. 143).

O pronunciamento de catadores/as é, assim, uma tentativa consistente de organização das vozes e das demandas desses sujeitos por respeito e pela valorização de sua atividade, definida em acordo com o discurso enunciado como uma ação produtiva, social, ambiental e transformadora das diversas condições de exploração e discursos de empobrecimento, com os quais os sujeitos da sociedade interagem e através dos quais os mecanismos de verdade e poder instauram circunstâncias de ordem econômica e política do contexto capitalista vigente responsável por não implantar a coletiva seletiva e o aterro sanitário em Limoeiro.

Segundo Silvania Mendes, agente da Cáritas de Limoeiro, há um grupo de catadores/as vivendo da catação no lixão da referida cidade porque a coleta seletiva e a implantação do aterro sanitário ainda estão longe de serem implementados pela ação do poder público, que atua de forma lenta sobre um problema de ordem

econômica (a inclusão de catadores/as na cadeia produtiva) e ambiental (a preservação dos espaços poluídos constante e indiscriminadamente).

Quando a presidente da associação informa, diante das câmeras da TV Jaguar, que parte do grupo de catadores/as não estava presente para a implantação do projeto-piloto de coleta seletiva no bairro “Cidade Alta”, o relato consolida o resultado da pesquisa de Couto (2012, p. 119) de que a “adesão e a participação efetiva de todos os cooperados na gestão cooperativa são muito difíceis exatamente pela inexperiência dialógica em suas histórias de vida [...]”.

Isso decorre do fato de que as subjetividades e as identidades são abaladas por rompimentos, por perdas e por situações desumanizadoras, os quais contribuem para gerar sentimentos de desconfiança e descrédito entre catadores/as, que preferem continuar numa atividade individualizada da qual já sabem quantificar a renda que podem auferir de seus esforços e as especificidades do trabalho, conforme informou Silvania Mendes, em formação com catadores/as (vide diário de bordo).

Se atentarmos somente para as “relações lógicas” da linguística, não é possível visualizar a luta por respeito, por esperança e por visibilidade que catadores/as mais politizados/as e apoiados/as por instituições como a Cáritas empreendem, a fim de romperem com as condições de empobrecimento e de silenciamento a que foram submetidos e contra as quais se rebelam com uma resposta responsável, que dialoga com outras respostas já enunciadas concretamente e que interagem com o processo estrategicamente elaborado para a constituição dos sentidos e da materialidade do enunciado.

Em se tratando do enunciado concreto do gênero pronunciamento, o acabamento de cada palavra-resposta realizada no evento da enunciação é o resultado de uma organização das experiências de vida de catadores e a confirmação da observação de Bakhtin (2003, p. 292), para quem:

> Quando escolhemos as palavras no processo de construção de um enunciado, nem de longe as tomamos sempre do sistema da língua em sua forma neutra, *lexicográfica*. Costumamos tirá-las de *outros enunciados* e antes de tudo de enunciados congêneres com o nosso, isto é, pelo tema, pela composição, pelo estilo.

Por isso, depende do estudo dos recursos típicos de uma Análise Dialógica do Discurso – as relações dialógicas - a interpretação dos gêneros discursivo-textuais operacionalizados por catadores/as em seu processo de fazer uso de sua própria palavra (com toda a simplicidade de suas experiências e de suas histórias de vida em

torno dos materiais recicláveis) para combaterem as práticas monofônicas que estabelecem discursos de empobrecimento dos sujeitos.

Portanto, o enunciado concreto de Maria Rubens direcionado à imprensa e à sociedade local ajudou a compor os sentidos de uma palavra-resposta enunciada e realizada às margens de uma rodovia, lugar de passagem, sob a luz vespertina de um sol que ilumina o representante da prefeitura de Limoeiro (professor Arnóbio Santiago, ex-diretor da Faculdade Dom Aureliano da Universidade Estadual do Ceará), os moradores do entorno do Abatedouro municipal, a imprensa representada pela TV Jaguar, a equipe Cáritas, representada por Silvania Mendes, e transeuntes em deslocamento pela estrada de acesso a Limoeiro do Norte.

Assim, o universo das relações dialógicas que caracterizaram a **unidade composicional** do enunciado concreto (improvisado no evento situado, mas planejado no decorrer das formações com a Cáritas e experiências com os/as demais catadores/as) de Maria Rubens está definitivamente orientado em função do espaço-tempo; consubstanciado na proposta vivenciada por catadores/as durante as formações mediadas pela Cáritas, as manifestações, as reuniões e a manipulação de um universo da cultura letrada mais valorizada pelas relações sociais hegemônicas (assinatura em atas de reuniões, informativos impressos, vídeos e áudios sobre a rotina de lutas empreendidas por catadores/as, entre outros).

No caso da realidade de Limoeiro do Norte e do Vale do Jaguaribe, o enunciado concreto de Maria Rubens é a manifestação dos letramentos responsivos, cujas experiências movimentam as palavras-respostas, os corpos de catadores/as e o processo de conscientização política e ideológica de sujeitos roubados por um sistema de letramentos que contribuíram para hierarquizar as relações sociais entre grupos mais institucionalizados e grupos mais dispersos da sociedade.

O pronunciamento de catadores/as pela voz e pelo corpo da presidente da associação é um gênero discursivo-textual de ação política e ideológica. Os empobrecidos manejam-no em experiências de letramento responsivos vivenciados em ambientes (institucionalizados como a Câmara de Vereadores de Limoeiro do Norte) e com recursos (a câmera filmadora, o microfone, o aparelho de ar-condicionado, a tribuna), com os quais tais sujeitos passaram a questionar gradualmente as causas de suas dificuldades, num gesto que responde ao questionamento de Freire (2013, p. 42-43): “Quem, melhor que os oprimidos, se

encontrará preparado pra entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão?"

Por conseguinte, o pronunciamento em estudo é um gênero discursivo e textual cuja unidade composicional, estilística e temática dialoga com o discurso dos participantes do Movimento de Trabalhadores Sem-Terra (MST), cujas palavras ressaltam as dificuldades para que empobrecidos/as tomem posse de suas palavras e assumam um lugar de destaque no processo de decisão dos rumos de sua vida. Um exemplo disso é o enunciado do MST registrado em Falkembach (2007, p. 151):

> Lembrando as dificuldades desde lá, do tempo do acampamento, a gente vê, tem um meio, tem uma linha pra seguir pra tu resolver os problemas, a via da política. A política como tudo que nos envolve. A tua vida é política. Está difícil de encaminhar a política pra defender os teus direitos. Nós conseguimos, no Estado, botar um governo, sabendo que é nesse país capitalista que botamos um outro regime. Tem toda essa questão, a não participação (...). Temos o exemplo do orçamento participativo aqui no município, a gente não conseguiu fazer passar a agricultura como prioridade. E nós, dentro do assentamento, com uma caminhada e tudo, a gente não conseguiu botar gente lá. Claro que não depende só de nós, mas não conseguimos organizar nossos vizinhos pequenos agricultores. (Comunidade 1, 2001) (sic).

Como diversos integrantes do MST, Maria Rubens tem dificuldade com o mundo da escrita e da leitura. Afinal, apenas assinar o nome é insuficiente diante das diversas demandas requeridas para a ampliação do poder de negociação de catadores/as, no ato de chegar a um acordo sobre o preço da catação, e, também, para o estabelecimento do diálogo deles/as com a sociedade.

Apesar da profusão de recursos para leitura e para escrita caracterizarem o mundo em redor de catadores/as que estão ainda no processo de fortalecimento do trabalho em associação, a rotina de um número cada vez maior de sujeitos na contemporaneidade, o ato de interagir com o corpo e, especialmente, com as palavras enunciadas oralmente ainda é um desafio para integrantes mais calados/as da Associação de Catadores/as Bom Jesus Sul de Limoeiro do Norte, Ceará.

No entanto, as dificuldades em se apropriar de certos mecanismos de conversar e de sair dos guetos de exclusão para as ruas de interação não é um impedimento para Maria Rubens realizar um discurso cada vez mais emancipado e emancipador, mesmo que misturado com elementos de sua fé religiosa, de sua crença manifesta no enunciado concreto "Graças a Deus".

Maria Rubens produz uma palavra-resposta alegre e corajosa ("Estou motivada [...]"), cuja unidade estilística traz um colorido combativo para animar

seus/suas companheiros/as a acreditarem num trabalho organizado, associado e contínuo, voltado para a constituição de um processo de melhoria gradual das relações socioeconômicas entre empobrecidos/as que vivem da catação e sociedade.

No caso da unidade estilística do pronunciamento de Maria Rubens, toda uma carga de sentidos é trabalhada com a verbo-visualidade e com a verbo-sonoridade das palavras-respostas, enunciadas como um instrumento de organização e de valorização do grupo de catadores/as apoiados/as pela Cáritas.

A filha de agricultores que saiu do campo para a periferia de Limoeiro, a mulher que se orgulha de ter assumido seu relacionamento e conquistado os meios de subsistência às custas do lixão limoeirense é a mulher não-escolarizada, cujo discurso enunciado é uma contra-resposta em busca de uma vida menos sofrida.

Sua história de vida e sua apreciação situada são elementos decisivos para a construção do estilo de seus enunciados concretos do pronunciamento, com frases curtas (“A maioria não quer vir.”); períodos realizados por meio de coordenação (“Estou motivada para trabalhar junto com eles [catadores/as] até quando Deus quiser **e** tudo que precisar, eu estou dentro para o que der e vier.”); o vocabulário de cunho popular (“**A gente** vai ver se consegue uma prensa para prensar o material. [...].”); as pausas e as repetições que definem a melodia da entonação das palavras de Maria Rubens (“Meus esposo conversou com padre Júnior de Russas, **aí** ele disse ‘Eu vou conversar com a associação de Rosa Virgínia de Fortaleza, se ela tiver um transporte lá ela doar para vocês’. **Aí** ele falou, **aí** ele comunicou com as meninas da Cáritas, **aí** mandaram deixar [o triciclo] e hoje está aqui para nós implantarmos a coleta. [...].”). Todos esses aspectos da linguagem reafirmam que o esforço político e ideológico de Maria Rubens liga-se a uma parceria com a Cáritas e com os demais catadores/as do Vale do Jaguaribe em 2015, característicos de práticas de letramentos responsivos. Nesse processo, a linguagem fundamentou respostas responsáveis.

Estar consciente de que parte do grupo de catadores sente receios em se engajar na luta por seus direitos também não é um impedimento para que a parcela já mais sensível ao poder das palavras continue a incentivar seu grupo, mesmo a despeito das incertezas que envolvem um processo dependente da persistência e da união, para que os letramentos responsivos reorganizem as ações e as reflexões de oprimidos/as, fortalecendo o alcance de equilíbrio nas relações entre os sujeitos.

### 5.2.3 O pronunciamento de Ronaldo Maia na Câmara de Vereadores

A Câmara de Vereadores de Limoeiro do Norte facultou aos sujeitos da associação de catadores/as um espaço de trinta minutos de fala preparada e monitorada para que a sociedade ouvisse Maria Rubens (presidente da associação) e Ronaldo Maia, num espaço institucionalizado que abriu sua tribuna mediante a intervenção protocolada pela Cáritas de Limoeiro.

[...] Essa inclusão social e inclusão produtiva ela pressupõe que nós temos que fechar o lixão com todas as precauções necessárias para que essa categoria não sofra com esse fechamento. E esse sofrimento decorre justamente de que a sua vida diretamente ela decorre, ela depende do lixão. [...] Todos os materiais que são lá coletado são [..] para venda, para sua subsistência material. Então incluí-los socialmente em políticas públicas sociais, mas também promover a inclusão produtiva e aqui nós apontamos a economia solidária, o cooperativismo, o associativismo desses grupos como caminho mais adequado, inclusive a própria política da Secretaria Nacional de Economia Solidária prevê isso.
É preciso que a gente tenha todo esse arcabouço para garantir a qualidade de vida dos trabalhadores, das trabalhadoras.
Assim, tendo como realidade Limoeiro do Norte, nosso município, nós temos catadores em duas realidades mais concretas. Nós temos os catadores de lixão e nós temos os catadores que estão catando nas ruas.
É preciso promover iniciativas [...] para que eles consigam organizar essas categorias [...] seja no lixão, seja nas ruas, para que a gente possa realizar um fechamento de lixão que seja qualitativo.
[...] Nós abordamos também as condições de trabalho no lixão.
[...] Todos os trabalhadores estão submetidos a condições de salubridade que não são adequadas para a saúde, para a convivência [...] pelo menos no tempo provisório em que ainda não seja fechado o lixão.
[...] Nós sabemos que está em discussão com toda a sociedade limoeirense o convênio do aterro sanitário. [...] Essa motivação nos coloca também a necessidade de implantação de um plano de coleta seletiva no município [...] mesmo antes que a gente possa estar pensando na implantação do aterro [...] para dar vida útil ao aterro.
[...] A coleta seletiva tem que preceder a construção do aterro. [...] porque todo material que é material reciclável que poderia estar sendo destinado para estas cooperativas, para estas associações, para esta categoria de trabalhadores ela poderia estar se perdendo indo para o aterro sanitário. Além disso, do ponto de vista do próprio poder público não é a propositura mais viável, tendo em vista que se todo o material produzido, [...] em Limoeiro do Norte e na região sem passar pelo processo de coleta seletiva seja destinado ao aterro sanitário, nós vamos ter a redução de sua vida útil
[...] Mossoró no Rio Grande do Norte, tem uma experiência como essa que já tem um aterro construído e a sua vida útil já está reduzida em mais de 10 anos porque não um projeto de coleta seletiva totalmente implantado.

A unidade temática do enunciado de Ronaldo - realizado com o corpo, os gestos e as palavras - está materializada estrategicamente para alcançar grupos heterogêneos - vereadores, catadores/as, plateia em geral – e para ampliar o universo de debate com a diversidade de temas com os quais o fenômeno da catação e de seus sujeitos acabam se imbricando e se afetando de formas múltiplas.

Além do mais, é possível observar que a contribuição exotópica e complementar de um acadêmico de direito sensível à luta dos/as integrantes da Associação de Catadores/as Bom Jesus Sul é uma resposta e, por conseguinte, uma

tomada de posicionamento axiológico diante da sociedade omissa ou insensível que ainda compromete a qualidade do meio ambiente.

Ao discursar sobre a inserção socioambiental e econômica de catadores/as na cadeia produtiva de resíduos sólidos, as palavras de Ronaldo funcionam como um suporte para um processo de apreciação mais aprofundado sobre a vida e a dignidade humanas, sobre a ligação entre preservação ambiental e atividade econômica e sobre a responsabilidade da sociedade e de seus representantes institucionalizados para uma articulação mais efetiva entre os que tiveram acesso às formas socialmente mais valorizadas de letramento, especialmente baseadas na escolarização formal e certificada, e os que vivenciam experiências de letramentos responsivos para reordenamento das práticas entre os sujeitos e destes com o meio ambiente.

Por isso, a unidade composicional do discurso enunciado pela voz e pelo corpo de Ronaldo Maia a partir de um lugar de destaque – a tribuna da câmara, a "casa dos povo" – atualiza uma experiência de letramento responsivo, um instrumento para homens e mulheres organizarem uma determinada contra-resposta diante de dadas questões, tornando-se capazes de superar o comodismo da sociedade.

De sua posição exotópica, Ronaldo realiza, brevemente, uma prática pouco comum à vida de catadores/as maduros na luta pela subsistência, mas ainda jovens no ato de elaborar uma contra-resposta em prol de equidade socioeconômica.

Afetada pelas condições do espaço-tempo, a concretude estilística do discurso de quem vivencia letramentos responsivos é uma realidade ideológica (cultural e social) e dialógica (relacional e contingente) que responde e que anima catadores/as a se perceberem como sujeitos e não como objetos de uma sociedade erigida sobre dicotomias segregacionistas que mitigam a disposição pela luta.

Citar a "política da Secretaria Nacional de Economia Solidária", o exemplo da cidade potiguar de Mossoró, a urgência de fechamento de lixões e da implantação da coleta seletiva são estratégias típicas do estilo de um aluno de Direito que defende a viabilidade da inclusão socioprodutiva de catadores/as no combate à lógica do consumismo e à prática do descarte, num processo irracional e pleno de egoísmos responsável por degradar o ambiente e por empobrecer as relações sociais que catadores/as associados/as tentam reverter, numa busca por superar os discursos que os nominalizam como lixeiros e que ainda persistem em colocá-los numa posição de dignidade aquém do que sua atividade e sua identidade merecem.

### 5.2.4 O pronunciamento de Maria Rubens na Câmara de Vereadores

Postada diante do poder legislativo de Limoeiro do Norte, Maria Rubens (ou Dona Pedinha) foi a voz da associação de catadores/as esquecidos/as e empobrecidos/as pelos diversos segmentos da sociedade e do poder público legalmente constituído. Considerando a cadeia de responsividade de que os enunciados e os discursos fazem parte, é possível apontar que a fala Maria Rubens responde de forma ética ao ponto de vista de Machado de Assis (2008, p. 110), que, no livro “Helena” através da voz da personagem Salvador, enuncia:

> Na abastança é impossível compreender as lutas da miséria, e a máxima de que todo o homem pode, com esforço, chegar ao mesmo brilhante resultado, há de sempre parecer uma grande verdade à pessoa que estiver trinchando um peru... Pois não é assim, há exceções. Nas coisas deste mundo, não é tão livre o homem, como supõe, e uma coisa, a que uns chamam mau fado, outros concurso de circunstância, e que nós brasileiros batizamos com o genuíno nome brasileiro de caiporismo, impede a alguns ver o fruto de seus mais heroicos esforços.

O pronunciamento de Maria Rubens foi iniciado com a consciência de que o respeito a homens e a mulheres não podem ser apagados/hierarquizados, como é possível perceber no trecho reproduzido abaixo:

Bom dia a todos e a todas. Eu sou a presidente da Associação. Tive dois anos na associação aí os ouros não quiseram assumir [...] aí me botaram na presidência de novo.
Só sabia mesmo catar material reciclável. A gente não nasceu burro. A gente nasceu analfabeto
A situação da gente é muito triste.Lá foi feita uma estrutura. [...] Ela perdeu o mandato. [...] tinha um galpão para trabalhar debaixo. Destruíram, carregaram tudo. Cada catador tem seu barraquinho lá. A gente deixa o material lá. A situação lá é triste de quem trabalha lá dentro principalmente no inverno. Eu sou cheia de micose. Com a coleta seletiva a gente [...] de estar nesse sufoco. E dona de casa também vai ajudar a gente. A gente já esteve na justiça falando da implantação da coleta seletiva. Nós já temos o galpão. [...] Já começamos a implantar a coleta na Cidade Alta, mas não deu certo porque o transporte não chegou a tempo. [...]. O povo me cobrava. [...] Nós queremos a ajuda do prefeito [...] mas a gente quer que ele faça mais. [...] Porque se o lixão fechar o que vai ser do catador? Porque o catador sobrevive lá de dentro, do que ganha. Os meus filhos são formados por eu ganhar o pão de cada dia lá de dentro [...]. O que eu não tenho eu dei aos meus filhos hoje e eu agradeço muito. A situação obriga a gente a fazer tudo. Só não roubar. Se a gente trabalha lá é porque precisa. Garanto que se tivesse uma fábrica [...] Lá são 40 pessoas trabalhando lá dentro. Uns já saíram porque já tem a sua idade avançada. Vamos fazer esforço dessa coleta. A gente tem muito sonho de sair de lá de dentro. Se o lixão fechar, o que vai ser do catador. [...]
Sobre o terreno que a prefeitura doou para fazer o galpão dos catadores. [...] O dinheiro que paga dois mil reais do aluguel de um galpão dava para a gente fazer a estrutura de um galpão porque a gente já tem o terreno. [..] Graças a Deus que a [Secretaria de] Saúde vai lá. [...] A Saúde dá injeção contra o tétano, contra a malária, contra todo tipo de doença [...].
Nós temos a balança. Estamos precisando de prensa, [...] de maquinário para trabalhar. [...] Se a gente tivesse o maquinário e o transporte nós já estávamos todo mundo trabalhando lá.
Eu quero agradecer a todos para ajudar a comunidade porque nós estamos com uma ecoilha lá na Cidade Alta [...], nós transportamos material para lá. Mas a ecoilha é tipo um ajuntamento de lixo.
Material [reciclável não fede. Quando eu fui retirar o material [reciclável] tinha uma galinha morta. [...] Porque a gente trabalha com material [reciclável] não é oberiago a trabalhar com bicho morto. [...] Se a gente é pobre, a gente trabalha aqui porque precisa. Eu garanto que a senhora não queria estar na pele que a gente está, trabalhando com todo tipo de coisa.

Aí minha gente, eu só tenho que agradecer a Deus e a vocês [vereadores] que vão ajudar nós e, principalmente, às donas de casa que tem que ajudar porque se elas não fizerem a coleta para entregar ao catador, vai ficar mais pesado porque o catador ainda vai continuar a trabalhar com lixo se não se organizar para separar seu material.[...] O que eu queria pedir a todas as donas de casa era a coleta do óleo porque meu esposo e o outro catador [Bento] estão fazendo [...] nos bairros aqui em Limoeiro nas churrascaria, nas pizzarias [...] hoje é um dia que ele foi fazer a coleta de quinze e quinze dias, todas quinta-feira. [...] Eles transportam.
A Iolanda [secretária de Meio Ambiente de Limoeiro do Norte] arrumou um carro com a secretaria da saúde [do município] para transportar o óleo. Eu queria agradecer às mães de família que [...] separasse o óleo da água [...], pegasse a garrafinha, [...] fosse deixar [em pontos de coleta] porque a Silvania falou na Diocese. Na Cidade Alta, é na casa do padre, das irmãs.
Porque a Silvania [agente da Cáritas] falou lá na diocese [...]. Lá na cidade Alta também é na casa das irmãs do Padre [o ponto de coleta] [...] o óleo de fritura. Serve muito porque o pessoal do SAAE, avisa que a pessoa não bote o óleo no esgoto porque dá muito problema. [...] Graças a Deus, depois que os meninos fizeram essa força, os esgotos melhoraram muito. Eles arrecadam 302.000 litros de óleo por quinzena. [...] O quanto era desperdiçado dentro dos esgotos?
Aí eles transportam de cada churrascaria, de cada pizzaria. Daqui da Cidade Alta Quixadá vai para Russas. [...] Lá eles processam o óleo todo e mandam para Quixadá. De lá eles mandam o dinheiro e eles vão receber em Russas. Serve muito essa ajuda do óleo tanto pra gente como para quem recicla o óleo. [...] além de ser catador, a gente está trabalhando com tudo com a coleta do óleo com a coleta seletiva de material. [...] o quanto é bom a gente pegar material limpo Tanto é bom para gente como para o atravessador [...]
Há 26 anos eu trabalho no lixão, Vai fazer 27 anos agora. [...]. Eu de trabalhar tanto, gente, nesses 27 anos eu peguei um artrose nos ossos. Eu trabalho porque tenho espírito. Tem dia que dói que incha, os braços, os joelhos, os tornozelos [...]. Tudo é inchado [...] por causa do cansativo do trabalho [...] a pessoa pode inventar material mole para poder ter resistência. Quando é de noite eu não durmo. Fui para Fortaleza. Gastei R$ 1.200,00 sem ter [disponível] tirando lá de dentro para poder me tratar. [...]. Eu já tentei ir atrás de um benefício [financeiro via previdência social] Estou esperando pelas graças de Deus [...] de conseguir uma melhora [...] trabalho porque gosto do meu trabalho e tenho muito orgulho de ser catadora. Tem muita gente que diz: “Gente você é muito orgulhosa, dizer que tem orgulhos de ser catadora”. Eu tenho muito orgulho de ser catadora porque eu não estou sendo sujeita a ninguém, estou sujeita a mim mesmo”.

O discurso de Dona Maria Rubens carrega a contribuição da Cáritas e de sua experiência ao longo de quase três décadas na catação. Sua fala não é um resultado técnico da apropriação de esquemas previamente definidos, mas a manifestação de um sujeito que luta para sobreviver em meio a problemas de saúde, como a “micose”, ou a manifestações pouco colaborativas de “donas de casa” que acabam reforçando a desassistência atualizada na lentidão do poder público em favorecer o processo de coleta seletiva de materiais recicláveis.

Utilizar o microfone, encarar uma platéia, realizar pausas na voz, selecionar argumentos e exemplos de autoridade são algumas das marcas características dos letramentos responsivos, constituídos a partir da unidade temática, composicional e estilística, passíveis de serem identificadas no pronunciamento em estudo.

Sua maneira de convocar seus pares para se apresentarem nos lugares de poder institucionalizados em que as formas eruditas e grafocentradas de letramento imperam é um autêntico ato político de ação e de reflexão transformadora atualizada

*na* e *pela* tensão com que seus companheiros/as e a Cáritas de Limoeiro se misturam com vozes isônomas e com apreciações singulares.

A presidente da associação não se aproveita do lugar de destaque que os vereadores lhe garantiram na institucionalidade da tribuna para tecer considerações com base em sentimentos de mágoa, em ressentimentos ou na desesperança. Seu pronunciamento é um ato político de formação e de informação que marca sua posição em busca da libertação de um grupo de trabalhadores que vivem na informalidade, apesar de seus esforços serem relevantes para a diminuição da sujeira urbana.

A unidade estilística do pronunciamento de Maria Rubens valoriza a comunhão entre a racionalidade de suas apreciações e a emotividade dos gestos e da voz simples de quem busca a "superação da contradição [opressor-oprimido através de uma mudança, de um] parto que traz ao mundo [um] homem novo não mais opressor; não mais oprimido, mas homem libertando-se", segundo Freire (2013, p. 48). Tal parto só pode ocorrer por meio de uma cultura do dialogismo, isto é, da valorização companheira, ética e estética do ponto de vista e do lugar do outro – como defendido na produção intelectual (do Círculo) de Bakhtin –, de constante respeito ao "saber dominado [...] saberes que tinham sido desqualificados como não competentes ou insuficientemente elaborados", no dizer de Foucault (1979, p. 170).

O pronunciamento de Maria Rubens é lúcido e sua fala é carregada da habilidade adquirida nas permutas com a Cáritas e com a sociedade local. Sua fala de mulher do povo é corroborada por uma gesticulação e por uma indumentária simples que recordam como uma discussão não precisa ser baseada apenas em gritos de ordem ou em frases puramente apaixonadas para materializar uma resposta ao que as condições de sua vida lhe imprimiram no corpo e nas memórias.

A unidade de seu discurso (pautado não no sentimento de culpa, mas no de agradecimento) produz uma prática responsiva e autoral de letramento através de gêneros verbo-visuais como o pronunciamento para a organização e para a defesa dos pontos de vista de seu grupo. Isso porque ela reconhece que o sonho de uma vida melhor depende da interação entre os sujeitos associados e organizados, não somente em mobilizações, mas também em ambientes institucionalizados, como é o caso da câmara de vereadores.

Esse letramento responsivo está constituído na disposição de Maria Rubens para se posicionar diante da sociedade e das autoridades constituídas para

defender alternativas ambientais e econômicas para a catação e para requalificação das rotinas de produção e de administração dos resíduos sólidos comercializáveis.

Torna-se importante assinalar, ainda, que cada pronunciamento da presidente da Associação de Catadores/as Bom Jesus funciona como um ponto de intermediação entre catadores/as, Cáritas e sociedade e realiza uma prática comunicativa em letramentos responsivos e renovadores da identidade, do protagonismo e da situacionalidade de seus pares.

O fato de Maria Rubens, com sua atitude corajosa e seu discurso transformador, informar oralmente números, citar nomes e incluir questões pessoais em seu pronunciamento colorido com suas roupas, olhares e movimentos simples demonstra o quanto a catadora se beneficiou das relações responsivas vividas junto à Cáritas para perceber a impossibilidade de uma existência neutra ou de uma mudança sem a contribuição corajosa de todos os sujeitos que percebem como "o mundo da consciência não é criação, mas, sim, elaboração humana. Esse mundo não se constitui na contemplação, mas no trabalho", no dizer de Freire (2013, p. 23).

Quando a unidade composicional do pronunciamento de Maria Rubens traz para a tribuna sua contribuição, seus relatos existenciais resultam na possibilidade de unificação da catadora e da mulher empobrecida na figura de um sujeito mais consciente de sua situação atual e do que pode vir a se tornar, se ousar estar junto com outros. Essa ocasião de interação poderá servir para problematizar questões particulares como seus problemas de saúde derivados do exercício de sua profissão ou para refletir sobre a insensibilidade daqueles que ainda não acreditam na viabilidade socioambiental e econômica da implantação da coleta seletiva como mecanismo para "reciclar" a vida de catadores/as, as diversas posições ideológicas da sociedade e da cultura em geral.

As práticas de letramento responsivo e de (re)existência nas quais Maria Rubens e seus/suas companheiros/as se engajam preparam os sujeitos para interagiram melhor com a sociedade e para utilizar a palavra como a arena definitiva de enfrentamentos por dignidade e por ressignificações que promovam espaços de discussão menos assimétricos e mais propícios para catadores/as afetarem os modos socioculturais de ordenamento da vida entre as forças da conservação e as forças da renovação relacionadas aos letramentos responsivos.

Vale lembrar, além disso, que o pronunciamento realizado na defesa de catadores/as em plena tribuna da Câmara de vereadores de Limoeiro ou o pronunciamento realizado no ato de implantação do projeto de coleta seletiva no bairro Antônio Holanda são atos que conjugam materialmente palavras-respostas com o "verbo" e com o corpo, possuindo, assim, uma dimensão multimodal.

Para organizar uma resistência e para problematizar questões políticas e ideológicas em resposta a uma ideologia excludente e opressora com a qual o sistema sociocultural vigente condena diariamente catadores/as às sobras e às sombras, o estilo do pronunciamento de catadores/as e de apoiadores/as na Câmara de Vereadores de Limoeiro do Norte é um elemento constitutivo de um tipo relativamente estável de enunciado, cuja realidade está materializada oralmente[89] e reforçada por gestos e corpos que se associam na construção de uma palavra-resposta de luta.

Quanto mais organizada e escolarizada é a instituição, mais peso ocupa em sua história as manifestações escritas da linguagem como um recurso para garantir a legitimidade, a divulgação, a atemporalidade e a solidez de suas palavras e de seu estilo. No caso da Associação de Catadores/as Bom Jesus Sul de Limoeiro do Norte, Ceará, ainda não há um processo de transcrição ou de registro escrito dos pronunciamentos feitor por seus integrantes e por seus apoiadores para que sejam desenvolvidos trabalhos em função do que foi registrado.

A esse respeito, é notável que, caso o pronunciamento oralizado fosse transposto para o papel, catadores/as e Cáritas teriam mais um instrumento de reflexão para discutirem as condições em que a luta para inserção da catação como atividade social, econômica, ambiental e politicamente produtiva e digna para as teias de relações instauradas, pelo menos, nas partes urbanas da cidade de Limoeiro, continuasse a ser efetivada.

Neste trabalho, a unidade temática do pronunciamento de catadores/as e de seus apoiadores é compreendido como um ato político e ideológico de caráter

---

[89] A igreja católica, órgão ao qual a Cáritas está subordinada, por exemplo, prega o magistério de sua doutrina através de pronunciamentos materializados em gêneros discursivos como cartas, bulas, breves pontifícios, constituições apostólicas, *motu proprio* e encíclicas. Disponível em <http://www.diocesedeanapolis.org.br/index.php/teologia/427-tipos-e-formas-dos-pronunciamentos-do-magisterio-da-igreja.> Acesso em: 31 mar 2016.

Ainda sobre os gêneros pronunciamentos, os "mais importantes atos do juiz no processo, conhecidos como **pronunciamentos**, são de três ordens: **despachos**, **decisões interlocutórias** e **sentenças**", segundo FREIRE, Rodrigo da Cunha Lima no texto **Pronunciamentos jurisdicionais de natureza jurídica híbrida e recursos correlatos**. Revista Jus Navigandi, Teresina, ano 8, n. 66, 1 jun. 2003. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/4144.> Acesso em: 30 mar 2016.

radicalmente responsivo e ético que consubstancia, na unidade composicional de suas escolhas de linguagem, a tensão responsiva com a qual é dado um determinado acabamento dialógico a um texto utilizado para inflamar o processo de compreensão e de ressignificação dos sentidos por parte dos interlocutores.

A unidade composicional do gênero pronunciamento ocorre num cenário marcado por um ajuntamento de sujeitos dispostos ao redor de Maria Rubens, quando esta faz uso da palavra em prol dos anseios de sua coletividade. No entanto, sua fala não diminui a fala do outro, nem da Cáritas, nem de seus pares.

Quando Maria Rubens faz seu pronunciamento num ambiente letrado e institucionalizado, as memórias de Pedinha – nas quais a situação de catadores/as de lixão é significada apreciativamente como “triste” e como algo que “obriga a gente a fazer tudo” – misturam-se à determinação da presidente da Associação Bom Jesus Sul, para comporem um estilo que fortalece a prática de letramentos responsivos.

O pronunciamento realizado por catadores/as e por agentes da Cáritas é um universo de consciências imiscíveis que surgem diante dos olhos da sociedade e que se complementam para fornecer o acabamento dialógico (ético e estético) ao texto com o qual esses sujeitos interagem, no ato de tecer uma rede de sentidos que respondem aos significados estabilizados ao longo do espaço-tempo.

Cada pronunciamento de Dona Maria Rubens tem a função de congregar seus parceiros/as a se perfilarem para lutarem por seus direitos, ao mesmo tempo em que é uma demonstração de que já há muitos outros posicionados em situação de inconformismo e de resistência aos discursos que grupos de poder há muito estabilizados constituíram e continuam a reiterar com o apoio de textos escritos.

A unidade temática do pronunciamento de Maria Rubens não se marca pelo uso de palavras pomposas, dependendo da convicção e da interação dos interlocutores que tomam posse da palavra para dialogar e para se posicionar em espaços de luta por posições de poder e de verdade numa sociedade do desperdício.

Quando Ronaldo informou aos vereadores de Limoeiro do Norte e aos espectadores dos órgãos de comunicação sobre as questões legais atreladas à luta de catadores/as e quando Maria Rubens textualiza as dificuldades da vida de catação, colorindo seus dizeres com exemplos do cotidiano e utilizando frases curtas, mas plenas de esperança, o público interlocutor assumiu uma posição de empatia, de respeitos e de atenção diante do protagonismo de quem enuncia suas esperenças.

**Figura 11 – Maria Rubens e Ronaldo Maia na Câmara de Limoeiro do Norte, Ceará**

Fonte: Arquivos da TV Jaguar (consultar apêndice)

Esse protagonismo, negado por anos de servidão numa labuta muito assemelhada ao gesto bovino de permanecer sempre de cabeça baixa à procura de alimento, é uma semente gerada no silêncio e na penúria com os quais catadores/as foram obrigados a conviver na luta pela sobrevivência cotidiana.

O pronunciamento, enunciado com a utilização de recursos verbo-visuais da linguagem, é uma estratégia responsiva para politizar quem recebeu a canga da opressão para viver como “gado humano”, sem oportunidade de agir em espaços institucionalizados de poder ou de se beneficiar da explosão de recursos tecnológicos para renovar as formas de comunicação e de interação entre o eu e o outro.

Catadores/as e Cáritas perceberam na Câmara de Vereadores de Limoeiro que o direito de ser ouvido depende de luta e de negociação, de persistência na constituição de canais de diálogo nos quais podem questionar a exclusão da qual os trabalhadores que dependem da coleta de materiais recicláveis (moradores da periferia e empobrecidos) ainda são vítimas.

Por isso, realizar um pronunciamento público em um lugar institucionalizado, utilizar um microfone, postar-se diante de um aparelho de imagem e som são novidades pertinentes para a efetivação de experiências de letramento responsivo para quem foi historicamente aviltado por comerciantes que atravessam a comercialização direta dos recicláveis, bem como pela desassistência governamental.

Dessa forma, a parceria entre Cáritas e catadores/as permite-nos observar as características do gênero pronunciamento – conforme realizado por Maria Rubens (de forma improvisada e desprovida de um roteiro escrito) e por Ronaldo Maia – no combate à exploração de um operariado servil e maliciosamente definido como pouco ou nada preparado para conquistar uma vida mais humanamente digna.

Em 12-03-15, na Câmara de vereadores, Maria Rubens, a presidente da associação de catadores/as, assumiu um destaque institucionalizado e autorizado por representantes legalmente eleitos pelo voto popular e soberano da população. O estilo de seu pronunciamento seguiu o estilo de sua roupa simples, seu cabelo sem adereços, suas atitudes singelas e sua história de vida como uma mãe de família que encontrou, na catação de recicláveis, uma alternativa econômica honesta para conquistar os mínimos recursos a fim de ajudar seu companheiro a sustentar a família e constituir a imagem do grupo de catadores/as de que essa enunciadora faz parte.

A própria presença de uma mulher, cuja voz estava plena dos anseios de toda uma categoria, ajudou a reforçar a temática de seu pronunciamento *nas* e *através das* palavras pronunciadas num ambiente onde catadores/as não costumam estar para narrar agradecimentos ou cobrar apoio em geral.

Por isso, seu pronunciamento ganhou força para desestabilizar os significados instaurados com o propósito de segregar, de oprimir e/ou de retardar as atividades dos/as empobrecidos/as, combatendo um discurso de comodismo dirigido para catadores/as e para quem insiste em não colaborar com a coleta seletiva.

Maria Rubens se beneficiou das discussões travadas com Cáritas e do pronunciamento de Ronaldo Maia, que lhe antecipou a participação na tribuna do legislativo da cidade de Limoeiro do Norte, Ceará. Sua voz, seus gestos e suas memórias são uma forma respondem aos esforços exotópicos da Cáritas quando chegou no lixão de Limoeiro do Norte em 2010 para desafiar o grupo a se organizar, melhorar de vida e transitar por espaços e discursos antes inacessíveis.

A participação emancipatória e libertadora de Maria Rubens perante os vereadores de Limoeiro no ambiente institucionalizado da Câmara ajudou a transformar as conversas informais e os diálogos entre catadores/as e Cáritas, ou seja, os gêneros discursivo-textuais[90] primários em gêneros secundários.

Contudo, essa libertação que não pode ser confundida com um encantamento por práticas populistas ou com um estado de uma certa paz porque

[90] “Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico, etc. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata. Esses gêneros primários, que integram os complexos, aí se transformam e adquirem um caráter especial: perdem o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados reais alheios: [...]” (BAKHTIN, 2003, p. 263).

elas envolvem a luta dos sujeitos e de suas categorias por práticas reflexivas e responsivas de caráter transformador das relações sociais e da possibilidade de existência dos sujeitos. Dessa maneira, ainda que nem Maria Rubens nem seus companheiros/as tenham a certeza da eficácia de seus esforços, eles já estão em marcha, como o xote-hino de catadores/as afirma.

Quando Maria Rubens tomou posse da palavra para se pronunciar em nome de sua categoria, os/as empobrecidos/as[91] que dependem da renda auferida da catação de materiais recicláveis alcançaram um novo patamar responsivo e ideológico de interação com a sociedade em geral e com o aparato estatal ao se posicionarem diante das dificuldades que “congelaram” suas expectativas de vida.

A efetiva possibilidade de os/as catadores/as alterarem as condições concretas e contingenciais de vida e alcançarem uma chance de se fazerem ouvidos/as depende de letramentos responsivos e da consideração da opinião alheia como uma contribuição. Por isso, cada pronunciamento de Maria Rubens é uma experiência de letramento responsivo. A unidade, a eventicidade e a axiologia do pronunciamento dela em relação com o outro de seus companheiros/as fundamentam uma resistência consistente e uma relação mais crítica dos sujeitos empobrecidos com os grupos hegemônicos de poder.

Tanto na Câmara de vereadores como na implantação da coleta seletiva, a voz de uma catadora que percebeu as vantagens da associação se mistura com a voz da presidente de uma grupo de empobrecidos/as. A conversa pouco sistematizada das esferas populares se mistura com o discurso do pronunciamento, tipicamente proferido por sujeitos escolarizados em ambientes institucionalizados, nos quais letramentos socialmente mais valorizados são a medida que determina quem pode ou não tomar posse da palavra, da ação e da resposta.

As observações de Rojo (2009) sintetizam com precisão essa conexão entre gêneros do discurso primários e secundários. Portanto, para (Rojo, 2009, p. 10):

> *as esferas de atividade e de circulação de discursos* não são estanques e separadas, mas ao contrário, interpenetram-se o tempo todo em nossa vida cotidiana, organizando-a e reorganizando nossas posições e [...] discursos. (grifo da autora)

[91] Para Freire (1979, p. 45), está “o homem simples esmagado, diminuído e acomodado, convertido em espectador, diminuído pelo poder dos mitos que fôrças (*sic*) sociais poderosas criam para êle (*sic*)”.

Ademais, convém ressaltar que, apoiado pelas contribuições exotópicas da Cáritas, o jogo de sentidos *nos* e *através dos* pronunciamentos de Maria Rubens materializa uma relação de empoderamento e uma *práxis* (ação/reflexão) sem álibi, ética, cotidiana, heteroglótica, responsável, valorativa e sensível à presença do outro.

Os letramentos responsivos utilizados por Cáritas e pelo/as catadores/as contribuíram para que aqueles/as que vivem da catação pudessem refletir sobre as vantagens do trabalho dentro de uma associação e percebessem que sua sina não era a de viver como escravos de atravessadores ou como "lixeiros". Mesmo que nem todos/as tenham a mesma compreensão acerca das vantagens de uma ação coletiva e organizada, o movimento de "sacudir a poeira" de posições há muito estabelecidas é vital para despertar questionamentos entre os sujeitos.

O jogo de constituição dos sentidos que ressignificam o "lixo" como fonte de renda economicamente viável e ecologicamente sustentável surge no contexto dos letramentos responsivos experimentados pelos/as catadores/as que assumem sua autoria e defendem seu ponto de vista. Assim, o discurso ideológico e dialógico que surge *no* e *através do* pronunciamento de quem exerce ou apoia a catação é uma resposta situada, responsável e responsiva aos significados que reiteram formas de opressão, especialmente, sobre quem ainda não usufrui do exercício de letramentos socialmente mais valorizados (escolarizados e/ou de leitura/escrita).

O pronunciamento da presidente da associação de catadores/as de Limoeiro do Norte é um ato político de conscientização ideológica atrelada à disposição responsiva dos sujeitos em escutarem uns aos outros e discutirem os fundamentos de uma situação marcada por posições de poder e de verdade. Afinal, no dizer de Bakhtin (2010b, p. 86):

> O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. Ele também surge desse diálogo com seu prolongamento, como sua réplica, e não sabe de que lado ele se aproxima desse objeto.

Para catadores/as, o **evento situado** de realizar/de participar de pronunciamentos públicos é uma habilidade nova que resulta de uma luta travada por sujeitos com diferentes níveis e disposições para a ação e para a reflexão. Ademais, vale ressaltar que os **letramentos responsivos** correlacionados ao domínio e à

expansão das tecnologias de informação e de comunicação estão no centro de uma redefinição das expectativas de catadores/as quanto à sua identidade protagonistas.

As palavras do gênero pronunciamento são um passo no processo de ressignificação da identidade e do protagonismo dos sujeitos diante de um histórico de enunciados sistematizados para perpetuarem as condições de invisibilidade e de vulnerabilidade que acirraram as circunstâncias de empobrecimento e periferização nas quais catadores/as foram se enredando na luta pela sobrevivência.

As práticas vivenciadas em 2015 por catadores/as em resposta ao diálogo com a Cáritas indicam que movimentos engendrados por coletividades de resistência despertam sentimentos de pertença e permitem uma nova perspectiva de apreciação da vida e da ação dos sujeitos. Nesses espaços, alguns sujeitos acabam desenvolvendo um *status* de poder e de respeito proeminente entre os seus pares.

Em se tratando da ação apreciativa e atitudinal de sujeitos inseridos em grupos sociais empobrecidos que assumem um processo de luta por um outro reordenamento de seu existir, uma questão básica é referente, no dizer de Souza (2009, p. 87), à “sustentação de práticas de letramentos capazes de responder às suas demandas e interesses, bem como aos da comunidade em que vivem”.

No que diz respeito ao enunciado concreto do hino de catadores/as, cada evento que questiona o ponto de vista canônico de práticas e leituras que oprimem, estigmatizam e desidentificam ou invalidam as vozes dos sujeitos é um trabalho de descontrução apreciativa que demanda um esforço colaborativo do eu e do outro.

O hino de catadores/as é uma palavra-resposta de combate aos antagonismos que dicotomizam relações discursivas (ideológicas e dialógicas e responsivas) entre os mais abastados e os mais empobrecidos. Esse gênero é uma palavra colorida pela oralidade monitorada, por corpos em movimento, pelo manuseio de instrumentos e de espaços antes incessíveis. Através de práticas de letramento, tal palavra está posicionada para que os sujeitos lutem por seus direitos e transitem por determinadas espaços sociopolíticos enquanto questionam significados já dados.

Tais palavras também constroem os sentidos e os significados em torno da atividade e do protagonismo de catadores/as que lutam para contestar o discurso capitalista vigente, para construir uma democracia de múltiplas vozes e para valorizar sua unidade em torno do símbolo (eminementemente) visual de.

## 5.3 LETRAMENTOS RESPONSIVOS NO SÍMBOLO DO MOVIMENTO NACIONAL DE CATADORES/AS DE MATERIAIS RECICLÁVEIS

Quando catadores/as não coordenam sua diversidade em torno de um símbolo comum, seus esforços acabam reduzidos diante de um pensamento de auto-suficiência ou de suposta garantia de que as forças de seus braços e pernas é suficiente para que sua subsistência seja garantida no cotidiano da catação.

A responsabilidade de catadores no processo em que procuram se transformarem em sujeitos de suas vidas depende da união de suas experiências e da operacionalização das diversas manifestações de letramentos responsivos no evento singular de lutar por garantias referentes a uma vida mais harmônica em relação aos demais segmentos de sua sociedade ao longo do tempo e do espaço.

Na efetivação de atos em processo de palavra-resposta enunciada nas atividades de 2015, catadores/as apoiados pela Cáritas de Limoeiro do Norte demonstraram que o processo de combater os significados tornados dominantes e estáveis é uma batalha orientada em torno do ato de tomar a palavra.

A marca imaterial dessa batalha foi representada pelo símbolo do Movimento Nacional de Catadores/as que o ostentavam em seus peitos e bandeiras a cada atividade em que os direitos de catadores/as eram cobrados, em cada formação em que suas histórias de vida serviam de base para o ingresso em um universo social e cultural baseado em reuniões, escuta, fala e movimento.

Na eventicidade de cada atividade, as marcas da empatia de uns em relação aos outros denotaram que axiologia é marca de letramentos responsivos operados por sujeitos que denunciam a precariedade de suas existências e que elaboram um jogo de insurreição responsiva a discursos pouco ou nada amoroso.

Por isso, a vivência do símbolo do movimento de catadores/as instaura uma contraposição concreta aos discursos que separaram os mais empobrecidos dos que vivem em posições de conforto asseguradas por práticas homofônicas e insensíveis arquitetonicamente elaboradas para grantirem uma enunciação válida o suficiente para tornar difícil a possibilidade de os sujeitos serem mais fraternos.

Dessa forma, ao considerarem o símbolo (eminentemente) não-verbal de catadores/as, o grupo atendido pela Cáritas trabalha com um gênero visual para que compreendam o papel da diversidade e da unidade para as relações sociais.

### 5.3.1 Os eventos de enunciação do símbolo de catadores/as

Quando a Cáritas começou a dialogar com o grupo de catadores/as de Limoeiro do Norte, estes/as empobrecidos/as tiveram a oportunidade de serem ouvidos em suas esperanças e suas insatisfações com um trabalho de sobrevivência localizado sob os olhares de reprovação de parte da sociedade.

A partir de então, o grupo que viria a formalizar a Associação Bom Jesus Sul – mais uma influência católica e cristã reforçada pelo discurso da igreja local através da Cáritas – passou a se reunir em torno do símbolo do Movimento Nacional de Catadores/as e, daí, a apresentar para toda a sociedade um viés mais politizado até então não trabalhado por causa de fatores relacionados à inexistência de uma rotina de reflexão formativa e ação renovadora de perspectivas de vida.

O símbolo do movimento aparece estampado no peito de catadores/as que trajam mais que uma camisa já que a roupa uniformiza, padroniza e consolida a percepção de que é possível contestar as condições de empobrecimento que oprimiram e silenciaram aqueles/as que dependem da catação para superarem a falta de escolaridade, o desemprego, a alcunha de fracassado e a dificuldade cotidiana na luta pela sobrevivência nas periferias e nos centros urbanos.

Além de estar manifestado no peito de catadores/as, o símbolo está presente na bandeira erguida em manifestações – que funcionam como a parte mais visível e de apelo popular mais incisivo nas lutas por visibilidade – e na bandeira organizada no centro de formações em que cada participante reunido se posicionava em círculo a uma distância isonôma do/a companheiro/a e do objeto material de lutas e de convicções defendidas por catadores/as de Limoeiro do Norte.

Durante a experiência de sentar em redor do símbolo, de empunhar uma bandeira do movimento de catadores/as ou de trajar uma camisa com o mesmo símbolo, os sujeitos trabalham uma semiose para si e para a sociedade donde surge um conjunto de sentidos pautados pela rebelião de quem se percebe capaz de questionar as condições de suas vidas em atividades fortalecidas pela dinâmica das ruas e pelo ato participativo no acontecimento real da vida em luta.

Portanto, a enunciação em que ocorre a manipulação do símbolo de catadores/as o torna uma palavra-resposta enunciada que reforça a impossibilidade de neutralidade num contexto cultural, semântico-axiológico e responsivo.

### 5.3.2 O símbolo de catadores/as como enunciado concreto

O símbolo do Movimento Nacional de Catadores/as é um texto condensado e orientado pela preponderância do aspecto visual para ajudar a ação de sujeitos que acabaram não integrados ao universo social da leitura/escrita de elementos alfa-numéricos como uma rotina de fruição artística ou de trabalho.

É perceptível a existência de uma "leitura" que cada catador/a realiza a partir do gênero textual materializado a partir do símbolo do Movimento Nacional de Catadores/as enunciado no evento em que realizam cada resposta total, ativa e axiológica (volitivo-emocionais) no esforço para se libertarem dos grilhões discursivos que colocam barreiras para manter os mais empobrecidos distantes dos espaços decisórios tão necessários para o processo de ação e de reflexão com o qual cada sujeito pode se valer especialmente quando apoiados por seus pares.

Assim, se parte dos/as catadores/as não domina as experiências mais valorizadas e escolarizadas de letramentos, a prática de cobrar melhorias para contornar o empobrecimento estabelecido pela insensibilidade de uma sociedade que renega a presença de catadores, a prática de cantar um hino e a prática de corporificar o símbolo do momvimento de catadores/as apresenta a entonação que reorganiza todo o conjunto de seus enunciados e palavras-respostas.

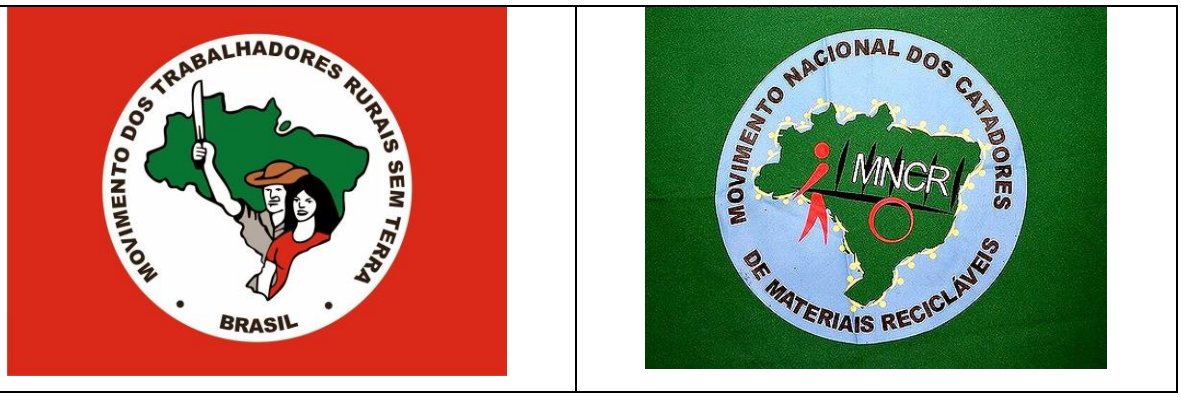
Apesar de um viés falocêntrico textualizado no aspecto verbal do símbolo ("Movimento Nacional d**os** Catador**es** de material reciclável"), o símbolo do movimento serve para unificar catadores/as em torno de um projeto político comum de reorganização de seu papel para o tecido da sociedade contemporânea.

O símbolo que representa a atividade de catação tem o objetivo visível de ajudar catadores/as a repensarem sua existência e sua luta em torno de um consenso ideológico sobre o papel do outro para o ser do eu num mundo de dificuldades homogeneizado e contaminado pela opinião de quem descarta o que não quer mais sob a denominação metafórica e política de lixo.

O símbolo do movimento de catadores/as – estampado em materiais de formação e de manifestação (em bandeiras, impressos e camisas) – materializa uma luta contra a invisibilidade que impede a reorganização das relações sociais entre catadores/as e sociedade num mundo pautado pela competição e pelo consumo.

Nas reuniões do projeto firmado entre Cáritas e Secretaria Nacional de Economia Solidária[92] para trabalhar com a associação de catadores/as de Limoeiro do Norte, Ceará, o símbolo do movimento de catadores/as sempre esteve no centro do círculo e no chão como para trabalhar a questão de um mesmo alicerce do qual dependem e onde caminham homens e mulheres com histórias de vida singulares.

**Figura 12: Bandeira do MST e do Movimento de Catadores/as**




Fonte: arquivos da Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte

Um ser humano de “carne e osso” pode envelhecer, perecer ou mudar. O símbolo imaterial presente numa bandeira é mais fluido e seus sentidos se tornam mais abrangentes e atemporais, mais acessíveis a sujeitos com pouca ou nenhuma habilidade alfa-numérica típica de letramentos escolarizados mais valorizados.

As cores, as formas, a reduzida presença de elementos verbais e a presença de imagens características do cotidiano de dificuldades dos sujeitos de uma sociedade marcada por exemplos de práticas homofônicas – em que uns tem a possibilidade de selecionar e enunciar os significados que querem – são organizadas estrategicamente por cada evento de enunciação em que os empobrecidos organizam seus letramentos responsivos para marcar suas opiniões.

Já a bandeira do Movimento de sem-terras é marcada pela cor predominantemente vermelha, pela distinção entre o homem (que porta um facão em sua mão erguida e um chapéu avermelhado) e a mulher (de cabelos longos, roupa avermelhada e braços caídos), pelo mapa do Brasil em Verde (cor popularmente associada à esperança e às matas brasileiras), por uma frase (MOVIMENTO DOS

[92] Projeto de "Formação, Incubação, Assessoria Técnica e Fortalecimento de Empreendimentos Econômicos Solidários de Catadores de Materiais Reutilizáveis e Recicláveis”

TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA) e pela palavra BRASIL abaixo do casal e do mapa que ocupa o centro da imagem.

Enquanto isso, a bandeira que ostenta o símbolo do MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS é predominantemente esverdeada. Não há a imagem de um homem e de uma mulher. Apenas existe a representação de um ser humano (com cabeça, tronco e membros) a puxar sua carroça de catação (com grades pretas e rodas avermelhadas) carregada com as letras iniciais do movimento (MNCR) pelo mapa do Brasil (margeado por um conjunto de catadores/as tal como as estrelas que representam as unidades federativas brasileiras caracterizam o pavilhão nacional).

**Figura 13 – Símbolo do movimento de catadores/as em formação com a Cáritas**

Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2015)

O símbolo não ostenta apenas uma bandeira. Ele está presente também como um coração central em reuniões nas quais catadores/as apoiados pela Cáritas discutem e estudam maneiras para apresentar seus pontos de vista e sua entonação em reuniões mais qualificadas pela pressão popular previamente organizada.

A influência do símbolo comum para o grupo de catadores está revelada na diversidade de trajes que servem para proteger os corpos de trabalhadores/as que encontraram uma brecha num sistema econômico e político de exclusão construído pela ideologia capitalista do consumo desenfreado e do desperdício.

Apesar de proteger os corpos de trabalhadores/as, as roupas, botas, chapéus, luvas e óculos acabam por mascarar as esperanças e os rostos de quem acabou se acostumando a viver em meio ao desperdício que vários costumes insensíveis da sociedade reiteram a cada sacola preenchida por materiais recicláveis e por matéria orgânica impropriamente misturadas e descartadas.

Algumas das roupas utilizadas por catadores/as estão desgastadas pelo próprio ato da catação que revolve embalagens para separar aquilo que ainda pode ser reaproveitado apesar da insensibilidade social e ética de quem não procura nem ao menos separar os resíduos domésticos descartados pelas ruas e lixões.

**Figura 14 – Maria Rubens preparada para a labuta no lixão de Limoeiro do Norte, Ce**

Fonte: Arquivo da Cáritas Diocesa de Limoeiro do Norte

Tal como o símbolo, a roupa de catadores/as é leve para facilitar a ação, os movimentos e ao mesmo tempo ser minimamente resistente para suportar um trabalho exposto às intempéries do tempo e à quantidade da jornada de trabalho. A contribuição da “leitura” do texto baseado no recurso verbal de um símbolo presente numa bandeira ou numa camisa valoriza o “aprendizado da informação através de canais múltiplos de comunicação”, conforme Freire (1979, p. 111).

A bandeira, a camisa e os demais elementos ajudam a materializar o símbolo de catadores/as“ e a realizar uma contra-resposta enunciada por que não suporta mais uma vida presa ao ambiente do “lixo” alheio desperdiçado pela parcela da sociedade que se acostumou a pensar em si como a única com direito a existir ou como infensa às necessidades de quem passou parte da vida em silência de opressão porque não sabia a experiência de ouvir, dialogar e se manifestar.

A operacionalização de recursos verbo-visuais, corporais, musicais, atitudinais e verbo-sonoros tornam o símbolo do Movimento Nacional de Catadores/as um gênero seundário (BAKHTIN, 2003) característico dos letramentos responsivos vivenciados por catadores/as em luta para que suas vozes e demandas sejam ouvidas e respondidas pelos segmentos institucionalizados que definem os regimes

discursivos de poder, verdade e saber em torno da problemática de implantação da coleta seletiva e do aterro sanitário para atender os municípios do Vale do Jaguaribe segundo a Política Nacional de Resíduos Sólidos (2010).

Ser visto, ouvido e respondido pelos diversos segmentos da sociedade limoeirense é uma compovação de que o símbolo (eminementemente) verbal e visual de catadores/as é um gênero discursivo-textual direcionado ao outro graças ao diálogo com a Cáritas e com demais catadores/as do Vale do Jaguaribe.

Para um público não acostumado ao convívio com a leitura e a escrita de gêneros textuais-discursivos mais técnicos, oficiais e/ou pomposos, plenos de construções morfológicas e sintáticas mais elaboradas, o texto composto pela dinâmica do símbolo visual e verbal de catadores/as no peito (as camisas) e nas mãos (as bandeiras) é uma oportunidade ágil, objetiva e singular de dialogar com sua sociedade e a confirmação de que, segundo Bakhtin (2003, p. 305):

> Portanto, o direcionamento, o endereçamento do enunciado é sua peculiaridade constitutiva sem a qual não há nem pode haver enunciado. As várias formas típicas de tal direcionamento e as diferentes concepções típicas de destinatários são peculiaridades constitutivas e determinantes dos diferentes gêneros do discurso.

Quando catadores/as de Limoeiro do Norte se reúnem, discutem as vantagens de uma associação e, até mesmo, quando assumem posturas divergentes ou reticentes, há uma mudança no jogo de poder e de verdade que contribuiu tanto para a existência de discursos mais estáveis e outros contrários.

Se a catação nas ruas e no lixão de Limoeiro do Norte são um exercício de sobrevivência sob o sol nordestino, a luta através do texto realizado pelo símbolo do movimento de catadores/as é a manifestação da contra-resposta de todos/as que assumem um exercício renovador de suas vidas a partir da consciência de que o "compromisso próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade [...]. A neutralidade frente ao mundo, frente aos valores, reflete [...] o medo que se tem de revelar o compromisso", conforme Freire (1983, p. 19).

Foi em torno desse símbolo que os esforços da associação de catadores/as de Limoeiro conseguiu unir as vozes de um grupo formado por idosos e por jovens, homens e mulheres, alfabetizados e analfabetos para pleitearem um espaço e os recursos necessários para que os membros da associação possam ajudar a carregar o Brasil contemporâneo como indica o símbolo visual e verbal do Movimento Nacional

de Catadores/as manifesto em bandeiras e camisas durante reuniões e manifestações em que as vozes de catadores/as se faziam ouvidas.

Quando revestidos pelo símbolo e pelos objetivos voltados para a reciclagem das ideologias em torno do resíduo reciclável, o grupo de Limoeiro do Norte, em 2015, conseguiu ser beneficiado pela prefeitura de Limoeiro do Norte com um galpão para onde o resultado do trabalho de catação foi parcialmente destinado apesar da desconfiança arredia de alguns catadores e da localização do equipamento (distante do núcleo urbano central do município limoeirense).

Já a imagem de um único catador a puxar sua carroça pelo Brasil traz à memória a insistente questão da atividade solitária e competitiva de catação. Como o atual nível de organização da Associação de Catadores/as Bom Jesus Sul de Limoeiro do Norte ainda não desafia suficientemente seus compoenentes a acreditarem no projeto de uma economia solidária, a ideologia de uma economia capitalista impera. Muitos/as catadores/as ainda preferem conduzir o resultado de seu trabalho para suas residências e de lá para a comercialização individual em galpões de atravessadores, sujeitos que compram o produto da catação por um valor definido sem negociação prévia com o coletivo de catadores/as.

As camisas com o símbolo do Movimento Nacional de Catadores são conseguidas com o apoio da Cáritas e servem como um ato de identficação dos sujeitos ao grupo da catação além de servirem como veículo de unificação e fortalecimento da diversidade de histórias de vida de quem não perde sua individualidade por estar em um coletivo de vozes na luta por visibilidade, respeito e inclusão nas atividades econômicas baseadas no trabalho de catação.

Quando o enunciado concreto é manifesto através da dinâmica do símbolo de catadores/as presente no peito de homens e mulheres, acostumados/as a exibirem propagandas de candidatos ou de empresas e eventos que não trazem mudanças para suas vidas, não é difícil perceber que a leitura do texto visual do símbolo com suas cores e formatos segue o movimento realizado diariamente por quem veste a camisa de um time de futebol ou uma camisa de uma igreja para demonstrar uma afeição elevada e sua integração a um grupo histórico e cultural.

A compreensão responsiva e situada patrocinada pela dinâmica do símbolo (eminentemente) visual do movimento de catadores/as é rápida e sucinta na medida em que a imagem da silhueta de um ser humano carregando materiais numa carroça

é uma forma de trazer à memória a atividade de sujeitos que perambulam cotidianamente em busca de materiais que lhes garantam os mínimos recursos de sobrevivência numa relação desigual com a sociedade.

O processo de politização que marca os letramentos responsivos manifestos no gênero símbolo de catadores/as estampado em bandeiras e camisas questiona o preço dos produtos comercializados, os motivos que fortalecem a vontade do mercado e não do trabalhador/a, o cronograma e itinerário da “limpeza urbana” realizada pela prefeitura de Limoeiro, a influência da catação para a saúde da população em geral, a produtividade da catação, as longas jornadas de trabalho simbolizadas por carroças plenas de material coletado e os hábitos da população que interferem no trabalho e nos significados atribuídos a cada catador/a.

Por tudo isso, ocorrem experiências de **letramentos responsivos** atualizados quando ocorre a leitura rápida do conjunto simbólico e visual do Movimento Nacional de Catadores/as não apenas como uma questão de beleza estética, mas de valorização de um sujeito que se reconhece como parte de um grupo economicamente presente nos centros urbanos que produzem uma crescente quantidade de problemas ambientais com o descarte indevido de produtos.

Quando catadores/as e agentes da Cáritas dialogavam sobre formas de inserção de sujeitos que dependem da catação na “cadeia produtiva e econômica” dos resíduos recicláveis e quando ambos se posicionavam com uma palavra-resposta enunciada através de um **gênero textual-discursivo** específico, eles/elas realizavam **experiências de letramentos responsivos**.

Os membros da Associação Bom Jesus Sul podem não realizar a compreensão imediata do significado das palavras e conceitos do discurso enunciado pela Cáritas e por outros segmentos da sociedade. Um vocabulário pouco comum ao universo de sujeitos que pouco ou nada conviveram com o jargão mais técnico em torno da cadeia da reciclagem é um problema que pode ser superado com experiências de letramento responsivo baseadas no enunciado de palavras-respostas sociossemiotizadas para garantir a tensão entre pontos de vista situados.

Entretanto, quando mobilizados em torno do gênero textual e discursivo composto pela dinâmica da imagem do/a trabalhador/a marcado/a por um trabalho solitário que pode ser transformado por um conjunto de sujeitos de braços dados ao longo de todo o Brasil, o processo de significaçao passa a acontecer e a condensar

experiências de letramento responsivo vivenciadas pelo protagonismo de sujeitos que tornam seus próprios corpos as hastes de uma bandeira de luta organizada em torno da imagem simbólica da catação e de sua ressignificação como uma outra significação que opera em torno dos sentidos de valorização da catação e de respeito à condição de ser protagonista do sujeito da catação como atividade ressignificada.

O enunciado concreto “inclusão socioambiental” trabalhado pelos agentes da Cáritas pode parecer um pouco etéreo inicialmente, mas a vivência de uma realidade orientada em torno do símbolo (eminentemente) visual do movimento nacional de trabalhadores da catação (base do processo de reciclagem) traz a oportunidade desses sujeitos – inclusive daqueles que não tiveram o suficiente acesso aos bens culturais baseados em elemenos alfa-numéricos de leitura e de escrita – lutarem para reescreverem cada aspecto de seu papel na sociedade com uma palavra-resposta endereçada às instâncias decisórias da socieadade.

Para perceber os letramentos responsivos realizados por catadores/as que procuram constituir rotinas de diálogo com sua sociedade é preciso perceber o símbolo do movimento realizado pelos sujeitos da Associação de Catadores/as Bom Jesus Sul como uma palavra-resposta significada na experiência da luta e da insurreição aos discursos vigentes – uma novidade para opressores e oprimidos.

Por isso, apenas no enunciado concreto do catador e da catadora que senta para dialogar e organizar sua palavra-resposta, que se coloca em marcha para reivindicar, decide ouvir e/ou cantar uma música, um hino ou participar de uma atividade na tribuna da Câmara de vereadores é que o texto formado *na* e *pela* intersecção entre o símbolo do movimento de catadores/as e os corpos dos sujeitos ganha a possibilidade de estabelecer uma contra-palavra ao que já foi dito.

Elaborar um diálogo através do símbolo de catadores/as é parte de um processo de letramentos responsivos assumidos no combate aos regimes discursivos que estabelecem e reforçam a cisão entre os sujeitos. Na medida em que o diálogo ocorre mediado pela figura simbólica do texto não-verbal que representa e constitui a identidade de um/a catador/a, os letramentols responsivos possibilitam uma resposta situada na eventicidade das lutas contemporâneas que os empobrecidos abraçam na tentativa de equilibrar a dinâmica da vida em sociedade.

Esse símbolo impresso em camisas, bandeiras e materiais impressos é preservado para atividades que envolvem o contato com a sociedade e suas

instituições. Por sinal, na catação realizada nas ruas e no lixão, catadores/as preferem roupas mais envelhecidas porque, assim, economizam as camisas e bandeiras conseguidas com o apoio da Cáritas de Limoeiro do Norte.

Durante o evento em que catadores/as (alguns com um sentimento de politização mais trabalhado que outros) realizaram uma marcha regionalizada na cidade de Quixeré em 2015, a bandeira e as camisas estampadas pelo símbolo do movimento de catadores/as brasileiros/as ajudaram a realizar uma **experiência de linguagem** caractetrística de letramentos responsivos assumidos corajosamente.

Há uma responsividade manifesta pelas palavras-respostas de catadores/as que organizam seus textos como uma contra-palavra endereçada aos interlocutores que há tempos dominam os discursos de poder e verdade da sociedade. Assim, o enunciado concreto elaborado pela dinâmica do símbolo visual (e verbal) do movimento de catadores/as consolida uma estratégia responsiva de ressignificação das relações sociais e de contestação do modelo homofônico que defende o cerceamento de oportunidades para muitos e as vantagens disponíveis para poucos graças a um discurso de desigualdade e de empobrecimento.

Daí porque corpos e mãos revestidos pelo símbolo do Movimento Nacional de Catadores/as de Materiais recicláveis acabaram por textualizar nas ruas e espaços de Limoeiro do Norte (vide diário de bordo) uma palavra-resposta sem-álibi e singular para a renovação das relações responsivas vivenciadas em cada oportunidade de contatos responsivos, dialógicos e ideológicos entre os sujeitos.

Ao mesmo tempo, a bandeira de catadores/as erguida ao vento movimenta o símbolo e indica a resposta que os/as corajosos/as operam para se comprometerem com o processo de revisão das condições responsáveis por trazer diversas formas de fome e carência para o corpo físico e para a história dos sujeitos.

O símbolo que representa o coletivo de catadores/as é uma palavra-resposta quando trabalhado dialogicamente por letramentos responsivos que marcam o ser de homens e mulheres organizados no contato com a Cáritas e com segmentos mais institucionalizados de sua sociedade local neste aqui e neste agora.

Em 2015, a experiência existencial de catadores/as de Limoeiro do Norte foi um exercício de redefinição de seus significados. Seu não-álibi foi reforçado pela conscientização de que qualquer perspectiva de melhoria em suas condições de trabalho e de reconhecimento social dependem de seu protagonismo, de sua

organização e de realização de um conjunto de palavras-respostas contundentes que possam caracterizar sua sede de mudanças quanto ao relacionamento com os espaços institucionalizados da sociedade que coordenam os significados em redor.

A **unidade temática** do símbolo que orienta a unifcação dos esforços de catadores/as cobra a necessidade do ato de estar em trânsito como a imagem da silhueta de um/a catador/a puxando uma carroça demonstra. É providencial a imagem do movimento orientada da direita para a esquerda, do leste para o oeste, do nascer para o morrer do sol, do movimento em sentido horário, engrenado no sistema vigente para indicar que não há possibilidade de mudança destacada das coondições do sistema, do movimento sincronizado do relógio.

**Figura 15 – O aspecto circular da ação de catadores/as**

Fonte: montagem realizada pelo próprio autor deste trabalho

A vivência do círculo sem começo, nem fim, sem hierarquias, com seus pontos sempre localizados de maneira equidistante do centro é um indicativo de um “sonho que se sonha junto”, de um ideal de companheiros que repartem o pão, neste caso, a ideologia da co-participação para o enfrentamento de problemáticas que transitam entre catadores/as e alcança as questões sociais, econômicas e ambientais em torno da catação de materiais recicláveis no contexto urbano de Limoeiro do Norte e em torno da ressignificação do “lixo” em fonte de renda.

O desafio cobrado por catadores/as que participam mais assiduamente das práticas que caracterizam o diálogo entre a Associação Bom Jesus Sul e a Cáritas de Limoeiro do Norte é tornar o movimento circular das cobranças e demandas exigidas por quem depende da catação como fonte de renda algo rico em possibilidades exequíveis e materialmente concretas porque, do contrário, o movimento circular indicado pela leitura do símbolo textualizado nas bandeiras e nas camisas pode

derivar em um esvaziamento da disposição combativa de cada catador/a quando percebe que a transformação das relações sociais e econômicas mais preponderantes depende de um exercício infinito e complementar de diálogo.

Uma tal disposição combativa está manifesta para todos que com ela interagem na materialidade do gênero discursivo-textual formado pela conjugação da porção verbal, da porção não-verbal e da porção atitudinal dos homens e das mulheres que participam de maneira variada da associação de catadores/as com atividades que envolvem a discussão, a tomada de posição e a (inter)ação.

Cada atividade vivenciada em torno da imagem simbólica de um/a catador/a circundado pelo texto MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS é o resultado e o princípio de um esforço mediado pela voz dos empobrecidos e pela contribuição exotópica da Cáritas. Dessa forma, o resultado e o princípio estabelecem uma realidade responsiva na forma de uma palavra-resposta com a qual os sujeitos que dependem da catação confirmam as palavras repetidas inúmeras vezes por Maria Rubens ao afirmar na implantação da coleta seletiva de Limoeiro do Norte estar disposta para “tudo” nesse movimento em que a esperança é coletada entre resíduos jogados em ruas e no lixão da cidade.

Tematicamente, os letramentos responsivos são atos políticos e ideológicos de caráter responsivo e constitutivo da batalha por novos espaços de interação dialógica entre os sujeitos que dominam formas socialmente mais letradas e valorizadas e sujeitos que ainda estão em processo de superação da condição de “gado humano” que apenas sobrevive às custas do enriquecimento alheio.

O que a palavra-resposta consubstanciada no símbolo arraigado ao corpo – mãos que sustentam uma bandeira e peito coberto por uma camisa – de catadores/as apoiados/as pela Cáritas acrescenta aos eventos das formações e das manifestações de rua é uma perspectiva pedagógica ancorada não em material escrito, mas em material responsivo de libertação, mais do que nunca, é preciso pensar uma educação não regida tão somente por esforços institucionalizados por que há tempos se arvora na condição de força dominante.

Compreender a experiência dos letramentos responsivos vivenciada *nas* e *pelas* palavras-respostas de catadoresas em processo de reflexão e de ação é perceber o potencial formativo e ressignificador de um ato educativo basedo na experiência dialógica do amor e do respeito empático pela ótica freireana que

compreende a “educação como um esforço de libertação do homem e não como um instrumento a mais de sua dominação” (FREIRE, 1979, p. 122).

A unidade composicional formada pela integração entre a porção verbal (MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS)e pela não-verbal (as cores e formatos) do símbolo estampado nas bandeiras e nas camisas de catadores/as ganha um sentido de luta, de palavra-resposta organizada em prol de um projeto de contestação dos discursos de dominação vigentes.

Como um gênero textual-discursivo, o símbolo do movimento de catadores/as fomentou um processo de compreensão responsiva na rotina de formações, reuniões e manifestações organizadas como uma estratégia qualificada de enfrentamento ao desequilíbrio das relações responsivas entre os sujeitos

Tais enfrentamentos estiveram pautados na inssitente reorganização daqueles/as que tiveram a coragem de aproveitar a oportunidade de transformar seus corpos e suas vozes em veículos de definição de uma identidade e de um posicionamento situado entre a materialidade da carga de materiais coletados e a contra-palavra com a qual a sistemática de uma relação desigual é questionada.

Como o gênero hino e como o gênero pronunciamento, o símbolo de catadores/as atesta uma compreensão responsiva experienciada por sujeitos que não são “do mundo da lua”, isto é, não são alienados, como indica a palavra-resposta do gênero hino de catadores/as trabalhado em 2015.

Toda as vezes em que catadores/as dialogaram entre si ou com a sociedade em geral e com grupos institucionalizados em específicos, eles e elas conquistaram mais uma experiência dentro da perspectiva de letramentos responsivos ao confrontarem suas dificuldades, o jeito mais encabulado de levantar a cabeça e organizar suas palavras e gestos para serem ouvidos pelo outro.

A unidade estilística do gênero constituído pela imagem simbólica de uma figura humana a puxar seu carro de reciclagem por um outro Brasil rodeado por um grupo de pessoas irmanadas no gesto das mãos dadas é um fator característico da palavra-resposta amadurecida no diálogo entre integrantes da Associação Bom Jesus Sul, a Cáritas e os grupos da sociedade de Limoeiro do Norte.

Isso comprova que a realidade ´de catadores/as apoiados/as pela Cáritas em 2015 foi manifestamente responsiva na medida em que foi significada e manipulada pelo exercício corajoso e autoral de uma cadeia dialógica (porque envolve

constante interação) e responsiva (porque envolve respostas) de palavras que, segundo a reflexão (do Círculo) de Bakhtin, respondem ao já-dito e antecipam um conjunto de respostas com as quais a realidade é refratada e reorganizada.

A unidade estilística do discurso enunciado através do gênero constituído pela imagem simbólica do Movimento Nacional de Catadores/as, que os sujeitos de Limoeiro do Norte vivenciaram em 2015 de acordo com as estratégias selecionadas para organizar e unificar suas ações após as formações mediadas pela Cáritas e manifestações públicas, está carregada de um forte apelo político e ideológico cujos sentidos repousam no espaço-tempo de uma compreensão responsiva com a qual os sentidos sobre a catação e catadores/as são discutidos.

Diferente de um viés meramente semioticista, a posição dialógica de operacionalização do gênero textual-discursivo do texto verbo-visual do símbolo do movimento de catadores/as elabora uma resposta responsável e dinâmica que busca constituir um processo de apreciação da problemática da catação. Uma tal compreensão não pode ocorrer apenas por meio da semiótica, por exemplo, pois, conforme Bakhtin (2003, p. 383), ela “se ocupa predominantemente da transmissão da comunicação pronta com o auxílio de um código pronto”.

Cabe a cada catador/a trazer sua voz, esperança e perspectiva para encorajar seus/suas companheiros/as a se posicionarem na tentativa de reivindicar um equilíbrio de forças mais isônomo entre os diversos grupos da cidade de Limoeiro do Norte e, especialmente, entre as várias posturas dentro do grupo. Isso envolve a contestação de um sistema discursivo e ideológico que estabeleceu o saber, a verdade e o poder com os quais catadores/as ainda são explorados.

Em 2015, o que os catadores/as envolvidos/as pela dinâmica das relações responsivas entre Cáritas Diocesana e Associação de Catadores/as Bom Jesus Sul da cidade de Limoeiro do Norte praticaram foi uma série de letramentos responsivos realizados a partir de uma tomada de posição inalienável e singular.

Por exemplo, ocorreu letramentos responsivos através da manifestação verbal do hino de catadores/as, da concretude verbo-visual da marcha de catadores, dos pronunciamentos da presidente da referida associação e da ocorrência visual do símbolo do Movimento Nacional de Catadores/as exposto no peito (com as camisas) e nas mãos (com as bandeiras) para que os diversos segmentos da sociedade do

Vale do Jaguaribe e, especialmente, de Limoeiro pudessem perceber que o “povo da rua” não é do “mundo da lua” nem existe isolado apenas nas periferias.

Dessa maneira, a interação entre a unidade temática, composicional e estilística de cada uma das manifestações multimodais (hino ouvido e cantado, símbolo na camisa e na bandeira e pronunciamento efetivado) dos gêneros operacionalizados por catadores/as possui um autor-protagonista em interação com outros interlocutores para que a autoria do texto trabalhado realize uma resposta endereçada e responsável porque dialógica (interacionalmente ética e estética), ideológica (subjetivamente social e cultural) e responsiva (irrevogavelmente dependente do jogo entre o dito e o não-dito, entre a pergunta e a resposta).

Catadores/as que aceitaram o apoio da Cáritas em 2015 demonstraram consciência de que a luta para equilibrar as forças organizadoras da sociedade dependem da articulação política, persistente e organizada entre reflexão e ação uma vez que uma série de impedimentos ainda atrapalham o trânsito entre as vozes e as opiniões, principalmente numa sociedade centrada no saber escolarizado.

Um saber convertido em mecanismo de empobrecimento da população menos consciente da relação ativa entre questões de linguagem e de letramentos responsivos através de eventos de comunicação discursiva como os que foram vivenciados por catadores apoiados pela Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte. Um saber que tenta congelar as forças da compreensão responsiva entre as consciências dos sujeitos e que ainda nega o fato de que a “consciência linguística, sócio-ideológica e concreta, ao se tornar artisticamente ativa [...] encontra-se de antemão envolvida por um pluridiscurso, e de modo algum por uma só linguagem, única, indiscutível e peremptória” (p. 101), conforme Bakhtin (2010b, p. 101).

Por isso, há uma diversidade de manifestações de letramento no exercício de catadores/as que questionam as condições de seu ofício realizado em situação de rua ou de lixão, no caso da cidade cearense de Limoeiro do Norte, um contexto marcado pela negligência dos poderes institucionalmente constituídos em relação às demandas de sujeitos desconsiderados pelas leis de mercado e penalizados pela insensibilidade de famílias que transformam indiscriminadamente seu lixo domiciliar numa mistura perigosa e fétida de reciclagem e matéria orgânica. Portanto, os letramentos resultantes das experiências de catadores/as acabam por constituir

letramentos responsivos cujo caráter autêntico e autoral não depende apenas do trabalho de leitura e escrita com o texto escrito, mas que não o relega.

Com base na contribuição (do Círculo) de Bakhtin sobre a inexistência de uma palavra epifanicamente primordial ou derradeira, a leitura de mundo realizada por catadores/as apoiados pela Cáritas acontece a partir da compreensão do contexto da catação como porção estrategicamente menosprezada da sociedade.

A leitura de mundo é seguida de uma releitura apropriada por sujeitos engajados em uma relacionamento de cunho responsivo entre a atividade econômica e social baseada na catação e o fenômenos da linguagem realizada com o hino (cantado e/ou ouvido), o símbolo (estampado em camisas e bandeiras) e nos pronunciamentos (efetivados diante dos olhares da sociedade).

Por exemplo, em 12-03-2015, quando Maria Rubens enfrentou sua timidez e sua condição não suficientemente escolarizada (vide apêndice) para posicionar-se diante de representantes do poder legislativo da cidade de Limoeiro do Norte, a figura da mulher postada na tribuna da Câmara de Vereadores era uma síntese de esforços empreendidos pela união entre catadores/as da região do Vale do Jaguaribe e Cáritas Diocesana para o processo de cada um/a vir a tomar posse de uma palavra-respota relacionada com um agir que supere práticas insensíveis de uns em relação às necessidade materiais e imateriais de outros.

Por certo, o gesto de “vestir a camisa” (engajar-se) e tomar seu destino em suas próprias mãos (segurar a bandeira com o símbolo de catadores) encorajou e ressignificou Dona Pedinha como Maria Rubens, presidente da Associação de Catadores/as Bom Jesus Sul de Limoeiro do Norte no Vale do Jaguaribe, Ceará.

Assim, sua atitude de manusear o microfone, realizar uma fala pausada, monitorada, clara e autêntica, de explicar argumentos e de citar exemplos de sua vida revelam um letramento responsivo orientado pelo evento renovador de um interlocutor abrir-se ao outro através de uma relação que responde a uma constelação de vozes silenciadas por uma história de atitudes excludentes no grande tempo ao mesmo tempo em que prepara o terreno para que catadores/as deste mundo contemporâneo possam “ler” as palavras-respostas efetivadas no gênero textual-discursivo dos pronunciamentos preparados para combater os diversos significados de empobrecimento que ainda oprimem a vida dos sujeitos.

À medida que cada catador/a se abre para uma reflexão contestatória sobre seu papel para a limpeza da sociedade e para o bem-estar de sua própria condição particular, sua atitude revela o quanto o diálogo responsivo propicia aquilo que a teoria (do Círculo) de Bakhtin defende no tocante ao relacionamento equipolente entre apreciações singulares e enriquecedoras do processo de tomada de consciência e de luta pelo equilíbrio entre os pontos de vista dos sujeitos.

Em 2015, o processo de trabalho e de formação entre catadores/as e Cáritas foi marcado por expectativas em relação às eleições para o executivo e o legislativo municipais em 2016. A ideia era sensibilizar a opinião pública e o segmento político-institucionalizado de Limoeiro do Norte a partir do diálogo realizado ao longo de experiências regionais nas cidades de Russas, Limoeiro, Tabuleiro e Quixeré.

Em formação no Centro Infanto-juvenil de Boa-fé ocorrida em 30-04-2015 (quinta-feira), catadores/as, em uma roda de conversa ao redor de seu símbolo não-verbal, identificaram aspectos positivos e negativos do trabalho nas ruas e no lixão:

**Quadro 19 – Aspectos da catação segundo catadores/as**

| Pontos positivos | Pontos negativos |
|---|---|
| Ter uma fonte de renda mínima<br>Ser patrão de si mesmo para definir horários de trabalho.<br>Fazer amizades com outros catadores<br>Contar com o apoio da Cáritas diocesana. | Ser vítima de deslealdade entre os próprios catadores.<br>Vender um produto aos atravessadores para receber um pagamento a posteriori.<br>Ser desconsiderado pelos órgãos públicos competentes.<br>Perceber uma diferença geográfica e organizacional entre o grupo de catadores que trabalham no lixão e o grupo que realiza catação nas ruas da zona urbana. |

Fonte: informações de catadores/as em reunião com a Cáritas de Limoeiro em 2015

Durante as formações que preparam a marcha regionalizada em Quixeré, em 2015, catadores/as perceberam que precisavam implementar rotinas mais responsivas e organizadas para ampliar suas discussões enquanto uma coletividade heterogênea em torno dos sentidos do que significa viver da catação.

Os meios de atuação selecionados por catadores/as e Cáritas de Limoeiro do Norte, em 2015, caracterizaram e ressignificaram as práticas discursivas e atitudinais de um grupo social e cultural insatisfeito com sua situação e permitiram a apreciação de “formas de participação e de valorização de práticas culturais, politizando o cotidiano, mostrando significativa capacidade de mobilização para influenciar leis e políticas públicas”, conforme Souza (2009, p. 71).

A partir da conscientização de que empobrecidos/as não podem se furtar ao embate para defenderem suas opiniões com uma palavra-resposta organizada e

situada em eventos de interação com a sociedade é que podem surgir alternativas mais responsáveis para um convívio de trocas entre os sujeitos e destes com textos multissemióticos (verbo-visuais, verbo-sonoros, não-verbais e outros).

Quando intensificadas, as trocas responsivas permitem uma politização dos sujeitos pela apreciação de pontos de vista e de situações em torno das violências e fissuras sobre os/as mais empobrecidos/as. Permitem a inserção dos sujeitos em um processo particular de educação e de formação através de gêneros textuais e discursivos efetivados em letramentos responsivos.

O ato de dialogar com os diversos segmentos da sociedade com signos enunciados através de recursos multissemióticos como o símbolo do movimento de catadores/as é envolto por uma arquitetônica responsível e responsável, de caráter estético e ético atrelada a um agir não indiferente, intencional, e situado de um sujeito capaz de realizar potencialidades e que deve ir além das aparências mais evidentes.

No caso do texto verbo-visuais organizado em torno do símbolo de cataores/as, em perspectiva linguístico-enunciativa, a enunciação é um processo social e histórico-culturalmente situado e valorativo de produção de sentidos materializados como um enunciado concreto, uma realidade translinguística, intersubjetiva e ideológica única marcada pela materialidade de uma teia de relações entre sujeitos com pontos de vista e possibilidades de agência singulares.

Assim, a existência material de um enunciado concreto baseado no aspecto verbal e no aspecto visual do símbolo de catadores/as é dependente da interação das trocas entre os enunciadores, do conhecimento que partilham e da situação em que é produzido e para qual prepara o jogo significatório entre o que já foi enunciado e o que ainda poderá a vir enunciado na materialidade de um gênero lingüístico-discursivo.

De acordo com os esforços de catadores/as manifestos como uma compreensão responsiva e ativa enunciada a cada palavra-resposta em situações de interação, a elaboração contingente de sentidos através do texto multissemiótico do símbolo da catação não é subjetiva/interiorizada nem idealista/psicologizada.

Tal elaboração discursiva e atitudinal está na base de um processo de constituição dialógica dos signos, da identidade e da subjetividade de luta que os/as empobrecidos/as apoiados/as pela contribuição complementar da Cáritas de Limoeiro do Norte, assumem a partir de uma tomada de posição singularmente responsiva entre o estável e o instável, entre o eu e o outro.

**Síntese do capítulo**

A formação de um conjunto de rotinas para qualificar as discussões e organizar o processo de tomada de consciência do protagonismo de cada catador/a integrou o modo como as experiências de letramentos responsivos ocorreram em 2015 em seu diálogo com a sociedade mediado pela contribuição da Cáritas a partir de seu posicionamento próximo, mas distinto, em relação à inserção social e econômica de catadores/as em questões ambientais sobre manejo de resíduos.

A prova disso é a compreensão de Maria Rubens, então presidente da associação de catadores/as de Limoeiro do Norte, que significou com suas palavras e seus gestos o que a impalantação e valorização da coleta de óleos e gorduras residuais (OGR) representava concretamente para o benefício da sociedade, para a preservação ambiental e para o sustento econômico de catadores/as.

Durante a realização das reuniões e manifestações de catadores/as em diálogo com a Cáritas, foi possível perceber um sentimento de desconforto com a sistemática de parar para ouvir o outro e, assim, discutir questões sentidas na carne que demanda providências urgentes para combaterem as muitas manifestações de carências que tornam mais difícil a vida em torno da catação.

Apesar da atual forma como o processo de relacionamento entre cataxdores/as apoiados pela Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte e sociedade em geral estar em seu início, está aberto um canal de relacionamento formado no evento de enunciação em que os gêneros textuais-discursivos trabalhados com o hino, o símbolo do movimento de catadores/as e os pronunciamentos.

Ainda há elementos que precisam ser repensados para que o conjunto de discursos contemporâneos responsáveis por provocarem as diversas condições que marginalizam (no sentido de manter à margem das decisões) e empobrecem (no sentido de impedir a possibilidade de os sujeitos serem mais senhores/as do diálogo) a vida em torno da catação nas ruas e no lixão de Limoeiro do Norte.

O caráter incisivo do discurso enunciado em 2015 através dos gêneros textuais-discursivos de protesto efetivados por catadores/as vinculados à Associação Bom Jesus Sul e apoiados pela Cáritas de Limoeiro esteve relacionado com as singularidades do processo gradual de conscientização, organização e de participação nos momentos de formação e no ato de encarar a população.

Conscientes de seu não-álibi, de uma plena impossibilidade de fugir à responsabilidade de seu engajamento no trabalho de contestar os discursos de empobrecimento e de opressão patrocinados por quem não aceita dividir o resultado do trabalho de catadores/as que atuam diariamente recolhendo os produtos que a sociedade em geral descarta de maneira ainda indiscriminada.

Entretanto, o próprio ato de registrar a digital ou o próprio nome apresenta um valor sígnico para comprovar a existência de um grupo reunido em torno de uma pauta arquivada no escritório da Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte e semiotiza a inserção de cada um/a num universo de práticas e eventos tão valorizados pelos letramentos mais institucionalizados e tão cobrados pelas agências que viabilizam os recursos, impressos e transportes utilizados pela Cáritas e Catadores/as.

As listas de assinatura de presentes e os cartazes produzidos durante as formações, mas nunca arquivados ou cobrados por catadores/as são manifestações do processo de letramentos em que catadores começam a ingressar para dialogar com a sociedade a partir de uma problematização de sua situação existencial. Essas manifestações envolvem o universo dos gêneros textuais-discursivos de escrita.

As manifestações linguageiras da semiose verbal escrita são válidas, mas não maiores ou melhores que as manifestações de gêneros textuais-discursivos materializados no exercício do hino cantado ou ouvido por catadores/as em luta por seus direitos, na ostentação do símbolo do Movimento Nacional de Catadores/as de Materiais Recicláveis no peito revestido por uma camisa ou na mão que balança uma bandeira ou na experiência verbo-visual de um pronunciamento realizado nas ruas de Limoeiro ou na tribuna do poder legislativo municipal.

Para o bem estar do diálogo entre a sociedade em geral e catadores/as, a intersecção entre o mundo dos letramentos mais tradicionais e vernaculares e o mundo dos letramentos responsivos é possível desde que não seja pautado por princípios de exclusão ou de hipervalorização do texto enunciado pela letra escrita.

O convívio com as atividades vivenciadas por catadores/as em 2015, comprovou que os letramentos responsivos existem como manifestações linguageiras de caráter formativo dado seu caráter dialógico (a interação entre o eu e o outro) e responsivo (a resposta que o eu tenta antecipar ao questionamento do outro) realizado através de textos enunciados pela conjugação de mútliplos recursos sociossemióticos em que podem prevalecer aspectos técnicos das multissemioses verbal, verbo-visual

e/ou visual, no caso dos gêneros observados (o hino e o símbolo de catadores/as e os pronunciamentos de Maria Rubens e Ronaldo Maia).

O hino, o símbolo e os pronunciamentos de catadores/as animaram suas vivências porque ocorreram como gêneros textuais e discursivos plenos das marcas de alteridade realizadas por, pelo menos, duas consciências que trazem suas opiniões para o processo de apreciação e de significação das realações responsivas a partir de cada juízo de valor que já foi enunciado ao longo das atividades formativas e politizadoras de catadores/as e Cáritas.

Em 2015, esses gêneros textuais e discursivos foram uma alternativa de resistência aos discursos responsáveis por impedir a melhoria das condições existenciais dos sujeitos engajados com a problemática social e econômica dos resíduos descartados ainda denominados como “lixo”.

À medida que os discursos da sociedade do Vale do Jaguaribe e de Limoeiro foram questionados pelas experiências de letramentos responsivos vivenciadas por catadores/as em grupo e apoiados/as pela Cáritas, opiniões abafadas começaram a frequentar espaços restritos à ação individual dos sujeitos.

Cada gênero textual-discursivo que oportuniza **letramentos responsivos** experienciados por catadores/as em diálogo com a Cáritas e demais sujeitos do Vale do Jaguaribe no Ceará, possibilita uma “genealogia, isto é, uma forma de história que dê conta da constituição dos saberes, dos discursos [...]”, segundo Foucault (1979, p. 07) suficientemente persistente para que os sujeitos se percebam como “seres *condicionados* mas não *determinados*”, conforme Freire (1996, p. 19; grifo do autor), pelos discursos que tentam calar suas palavras-respostas ou cansá-los da “busca permanente que o processo de conhecer implica” (*opus cit*. p. 119) sempre que uma resposta reage a uma pergunta e vice-versa.

Como os usos da linguagem sofrem a pressão de condições e de pontos de vista específicos com os quais os sujeitos enunciadores entram em contato, a materialidade dos textos multissemióticos ao alcance de catadores/as em diálgo com a Cáritas sofrem alterações na luta para se posicionarem perante sua sociedade.

Apesar das dificuldades, a compreensão responsiva ativa de cada catador/a favoreceu suas lutas por uma “cidadania [que] não se constrói apenas com sua eficácia técnica mas também com sua luta política em favor da recriação da sociedade [...] menos injusta e mais humana”, segundo Freire (1996, p. 102).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

> “[...] elementos da língua adquirem o perfume específico dos gêneros dados: eles se adequam aos pontos de vista específicos, às atitudes, às formas de pensamento, às nuanças e às entonações desses gêneros” (BAKHTIN, 2010b, p. 96).

Neste trabalho, a investigação arqueológica do desenvolvimento do conceito de responsividade em quatro fases da produção intelectual (do Círculo) de Bakhtin, realizada no primeiro capítulo, ajudou-nos a pensar teoricamente as relações entre os sujeitos como o trânsito entre uma responsividade constitutiva e uma responsividade manifesta que se afetam no evento vivencial do enunciado concreto.

Já a reflexão sobre a contribuição freireana acerca de mudança, liberdade e autonomia que cada oprimido precisa conquistar e sobre a contribuição foucaultiana acerca do parâmetro da linguagem para a definição e modificação da verdade, do saber e do poder a partir da linguagem que marcaram o segundo capítulo deste trabalho ajudaram-nos a sedimentar a compreensão do papel ativo e criativo de sujeitos para se posicionarem diante do contexto de suas vidas e diante dos enunciados já realizados, algo que reforça o pensamento bakhtiniano.

Por sua vez, a opção metodológica por uma investigação de características etnográficas foi uma consequência dos pressupostos teóricos para um exercício de investigação dialógica da enunciação e dos enunciados concretos proferidos por catadores/as apoiados/as pela Cáritas de Limoeiro do Norte em reuniões, em formações e em manifestações marcadas por seu protagonismo em 2015.

Esses enunciados foram manifestos, linguística e translinguisticamente, através de uma textualidade verbal e não-verbal dos gêneros – hino, pronunciamento e símbolo não-verbal - utilizados por catadores/as e pela Cáritas, revelando a inconclusibilidade da palavra enunciada pelo eu ao outro na tentativa de organização de uma resposta responsável e contestatória que possa ajudar catadores/as a acreditarem em suas potencialidades e se fortalecerem.

Esses gêneros textuais-discursivos realizados por sujeitos em situação de autêntica dialogicidade foram produzidos responsivamente pelos/as catadores/as, revelando o sentimento de inconformismo de quem escolheu levantar sua voz e cobrar melhorias efetivas, graduais e sistemáticas para sua existência situada.

Enquanto gêneros textuais-discursivos escolhidos por catadores/as que se manifestam como sujeitos autorais e criativos, o hino, o pronunciamento e o símbolo

são gêneros vivos e plenos de um esforço dialógico e ideológico a cada evento responsivo enunciado de um interlocutor a outro. Daí porque o caso dos letramentos responsivos experimentados em 2015 por catadores/as apoiados/as pela Cáritas ilustra bem a ideia defendida por Bakhtin (2003, p. 262), de que a "riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso".

Quando colorido pelas palavras e pelos corpos dos sujeitos em luta, o texto enunciado por catadores/as é pleno de bivocalidade (duas vozes em interação responsiva), autoria (a responsabilidade ética e estética da voz que enuncia) e responsividade (o caráter de resposta exigida na relação eu-outro, pergunta-resposta) que se misturam para a constituição de uma determinada unidade estilística, temática e composicional para cada enunciado realizado no evento em que um sujeito cobra a atenção do outro e luta para marcar suas opiniões complementares e únicas dentre tudo o que pode vir a ser dito/enunciado.

Disso decorre que uma resposta responsável é vivenciar o evento da interação a cada enunciado partilhado com o outro em contextos situados, pois este fenômeno é característico de uma **responsividade constitutiva** que afeta os limites do acabamento axiológico que os sujeitos vivenciam por opção inalienavelmente ativa e responsiva de seu não-álibi no Ser-evento das relações.

Apesar de não sistematizada pelas discussões (do Círculo) de Bakhtin, a teoria dialógico-enunciativa está presente como um parâmetro organizador das relações de significação e de tomada de consciência "pressurizadas" entre o social e o subjetivo e como uma reflexão política sobre o fato de que existir é produzir respostas responsáveis e responsivas. Isso porque, indepedente de sua constituição semiótica (verbal ou não), toda resposta revela o posicionamento jamais acabado de um sujeito a outro em práticas de linguagem e de discurso que atestam como a responsividade manifesta em gêneros textuais e discursivos ativa manifestações situadas de letramentos responsivos, uma forma ativa de ação política e ideológica possível e atualizada *na* e *pela* palavra, síntese de uma compreensão ativa e responsiva (bivocal e comprometida ètica e esteticamente).

Numa região marcada por exclusões e pelo empobrecimento de sujeitos penalizados por não dominarem os letramentos socialmente mais valorizados e

trabalhados pela escola, parcerias e diálogos foram relevantes para comprovar que há uma responsividade constitutiva que organiza os enunciados a cada palavra-resposta produzida pelos sujeitos e que há uma responsividade manifesta a cada experiência de interação dialógica entre o eu e o outro, quando ambos se engajam na luta para tecerem sentidos e significados para suas vidas.

Mesmo apoiados pela contribuição externa que o discurso da Cáritas acrescenta às suas memórias e às suas vivências, os integrantes da Associação de Catadores/as Bom Jesus Sul ainda precisam se organizar melhor enquanto grupo para que consigam gradualmente:

a. Implementar o hábito de registrar materialmente o que é dialogado;
b. Discutir o que foi analisado em reuniões e em eventos anteriores;
c. Perceber o papel da linguagem em suas diversas semioses;
d. Problematizar os significados do ato de falar e do ato de silenciar;
e. Trabalhar a importância de todos se manifestarem nas reuniões;
f. Conciliar as obrigações particulares com as reuniões de catadores/as;
g. Dialogar com os letramentos baseados na leitura e na escrita;
h. Discutir questões sobre o papel do homem e da mulher na catação.

Todos as discussões realizadas pelos/as catadores/as ocorrem gradualmente, segundo o tempo específico e as vivências de catadores/as. Com suas atitudes, suas caretas, seus gracejos e suas impaciências, por exemplo, parte do grupo significava as reuniões como algo enfadonho e improdutivo, na medida em que as mudanças esperadas não ocorriam na velocidade em que eles/as desejavam.

A opinião de considerar como um gesto burocrático a assinatura na lista de presença que a Cáritas organizava documentalmente a cada reunião formativa em 2015, em certa medida, pode ser entendido como um sinal do pouco contato dos/as catadores/as com hábitos do mundo mais institucionalizado.

Apesar de catadores/as apoiados/as pela Cáritas não dominarem todos os requisitos exigidos pelos grupos mais estabizados da sociedade, a experiência dos letramentos responsivos textualizados, por exemplo, no discurso de unidade e de centralização de esforços em torno da bandeira ou em torno do gesto de “vestir a camisa” apresentou uma oportunidade para o fortalecimento de uma palavra-resposta de libertação das condições de empobrecimento atreladas ao modo como a catação de recicláveis ainda acontece na região do Vale do Jaguaribe.

As experiências com letramentos responsivos são um indicativo do cronótopo responsivo de encadeamento entre sujeitos inconformados com sua

situação de penúria e sujeitos acostumados a não reconhecerem as demandas populares de quem vive pelas ruas e pelos lixões por causa da pouca ou nenhuma escolaridade, da idade avançada ou falta de experiência comprovada no mercado de trabalho formalizado e voltado para os escolarizados.

Os enunciados concretos do hino, do pronunciamento e do símbolo constituem uma palavra-resposta, uma realidade sígnica na realidade manifesta de gêneros textuais-discursivos em que as vozes dos sujeitos se respondem a fim de constituírem uma réplica enunciada com o máximo de conclusibilidade, para que haja uma compreensão ativa e dinâmica, que possibilite questionar o fato de um comerciante determinar o preço ou o tipo da catação.

Quando catadores/as produziram concretamente seus enunciados nas formações e nas manifestações, suas palavras-respostas, materializadas na forma de recursos multimodais baseados em experiências de letramentos responsivos com seus corpos e pontos de vista, foram marcadas por um endereçamento mais responsivo e politizado. Isso se deu graças à utilização de gêneros textuais-discursivos de composição verbo-visual, verbo-sonora, corporal e atitudinal, organizados de acordo com um sentimento de indignação e com base nas oportunidades surgidas ao longo da interação com a Cáritas e a sociedade.

Do gênero textual e discursivo do hino do Movimento Nacional de Catadores/as, foi possível perceber que, quando uma opinião significa algo para a vida dos sujeitos e lhes permite o ato de se reconhecer no que é lido/ouvido, surge a possibilidade de protagonismo numa sociedade hierarquizada em que alguns devem batalhar mais que outros por liberdade.

De acordo com o quadro 6 (p. 137), o conjunto de cada enunciado (“povo da rua”, “balança a trança” e “catador de Norte a Sul”, por exemplo) do texto do hino de catadores/as reforça a questão do não-álibi e da entonação apreciativa que os empobrecidos/as atualizam na tentativa de cobrar ajuda da sociedade em geral e de seus representantes institucionalizados para que sejam superadas as realidades monovocais que tentam calar quem vive da catação.

Além disso, o hino cantado nas reuniões e manifestações foi marcado por elementos linguísticos que ressaltaram a urgência da ação (como o verbo no enunciado “**arrasta** o pé”), as qualidades (o adjetivo no enunciado “**novo** dia”) e os nomes (como o enunciado “nesta **marcha** sem parar”) em torno da catação.

Alinhada com o trabalho (do Círculo) de Bakhtin, a análise dialógica sobre a responsividade manifesta através do gênero hino de catadores/as confirmou a existência de uma compreensão da vida vivenciada em condições de carência, de submissão e de contingência entre os sujeitos empobrecidos/as, marcada pela relação exotópica e alteritária das vozes do eu e do outro.

Já o pronunciamento de Maria Rubens e de Ronaldo Maia pode ser compreendido como uma resposta mais elaborada e verbalizada, respectivamente, pela então presidente da Associação de Catadores/as Bom Jesus Sul de Limoeiro do Norte e por um agente da Cáritas e estudante de Direito.

A partir do que foi enunciado em um ambiente institucionalizado (a tribuna da Câmara de Vereadores de Limoeiro do Norte) e em um ambiente popular (as margens da rodovia de acesso ao centro urbano de Limoeiro do Norte, Ceará), foi possível interpretar os pronunciamentos realizados como experiências de letramento com características similares às do hino.

Também neste caso, o texto enunciado manifestou uma palavra-resposta de sujeitos que se mostraram corajosos perante o sistema de exclusões e de empobrecimentos. Este sistema, ademais, foi questionado por uma mulher que apenas sabe rascunhar seu próprio nome, alguém que, apesar de não dominar os letramentos escolares de leitura e de escrita, demonstrou um sentimento de luta (ao enunciar sua disposição para ajudar seu grupo enquanto puder) e uma disposição para politizar suas palavras e atitudes com base nas trocas responsivas com o discurso da Cáritas de Limoeiro do Norte.

O contato com a verbo-oralidade dos pronunciamentos em espaços de reflexão (as formações) e de ação (as manifestações) contribuiu para fortalecer, em 2015, a luta de catadores/as empobrecidos/as de Limoeiro do Norte, que objetivam a reconstituição do sentimento de pertença ao tecido social e o acesso a universos de poder e de verdade antes inalcançáveis a uma agência exclusivamente oralizada.

A dificuldade em organizar uma isonomia nas atitudes e nas esperanças de catadores/as em seu processo de luta por direitos é também perceptível nos pronunciamentos de Maria Rubens e de Ronaldo, na medida em que eles estão atravessados pelo **plurilinguismo** de demandas não atendidas, pelos deslocamentos físicos nas ruas e nos lixões e pelo isolamento monovocal aos quais o grupo de

catadores/as foi historicamente submetido por grupos mais abastados. Tais elementos afetam os sentimentos manifestos como palavras-repostas enunciadas.

Enquanto uma palavra-resposta verbo-sonora (a escuta e a pronúncia do hino e o pronunciamento de Maria Rubens e de Ronaldo Maia) e uma verbo-visual (a leitura do hino), as atividades responsivas de catadores/as estão marcadas por um acabamento específico que reforça o caráter combativo de quem sofreu com a insensibilidade da sociedade, mas encontrou apoio no diálogo com a Cáritas.

Assim como o hino e o pronunciamento, temos o símbolo (majoritariamente) não-verbal do Movimento Nacional de Catadores/as estampado em camisas e nas bandeiras que animavam as manifestações. O referido símbolo conferia um caráter de unidade a sujeitos comprometidos com um projeto de contestação dos discursos de empobrecimento.

Uma vantagem do símbolo de catadores/as em camisas e em bandeiras foi a possibilidade de ser manifesto como uma palavra-resposta capaz de transitar entre o mundo dos alfabetizados (há o enunciado “Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis”) e o mundo dos não-alfabetizados (a imagem simbólica manifesta na silhueta de uma figura em trabalho de catação).

A imagem simbólica (que identifica o grupo de catadores/as e convoca suas vozes) elabora uma resposta autoral e de compromisso de quem não aceitou existir de maneira isolada no mundo da vida e no mundo da cultura, para recuperar as observações (do Círculo) de Bakhtin. Ao mesmo tempo, esse material visual reelabora um mecanismo de defesa ao processo de desunificação e de descrença vivido pelos integrantes da Associação de Catadores/as Bom Jesus Sul de Limoeiro do Norte.

Tanto o hino, como o pronunciamento e o símbolo de catadores/as são manifestações das experiências de letramento responsivo com as quais empobrecidos/as que tiveram o apoio da Igreja Católica através da Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte organizam uma palavra-resposta sociossemiotizada, em meio a um conjunto de discursos responsáveis por silenciar as vozes de quem não teve contato com os recursos tecnológicos dos letramentos mais valorizados.

Enquanto prática responsiva que contribui para alargar o universo dos letramentos, a palavra-resposta enunciada por catadores/as de Limoeiro é uma tentativa de questionamento das relações de poder, verdade e saber que envolvem os referidos sujeitos. Como essas relações são atos perceptíveis nos discursos, elas

são caracterizadas pelas interações entre a unidade temática, a estilística e a composicional de textos compostos por palavras-respostas autênticas e lúcidas.

Na medida em que os enunciados concretos dos/as catadores/as da associação Bom Jesus Sul de Limoeiro foram orquestrados em eventos por vozes que tinham como finalidade equilibrar o diálogo com os segmentos mais institucionalizados da sociedade, os letramentos responsivos experienciados em 2015 podem ser interpretados como uma prática discursiva (ideológica e dialógica) para a mudança, liberdade e autonomia dos sujeitos.

Portanto, os gêneros textuais-discursivos materializados pela disposição volitiva de catadores/as apoiados/as pela Cáritas de Limoeiro do Norte em 2015 foram manifestados como um caminho para a redefinição das estruturas de poder e de verdade que colocaram os empobrecidos em situação de opressão.

Esses gêneros possibilitaram uma resposta responsável de catadores/as porque ocorreram em um contexto autêntico de experiências singulares em que os sujeitos tiveram a oportunidade de praticar o exercício de uma fala localizada entre os aspectos do mundo letrado de sujeitos escolarizados e o mundo de sujeitos empobrecidos ao longo de uma vida de luta pela sobrevivência.

Com cada um dos gêneros textual-discursivos, os sujeitos da Associação Bom Jesus Sul se apresentaram para sua sociedade plenos de esperanças e de incertezas. Dessa forma, o enunciado concreto manifesto como/com o hino, o pronunciamento e o símbolo verbo-visual de catadores/as, Maria Rubens e seus/suas companheiros/as se apresentaram como homens e mulheres em transição para uma realidade em que os/as empobrecidos/as não aceitam ficar resignados/as porque descobriram a possibilidade de uma luta formativa e propositiva.

Afinal, as peculiaridades do processo formativo e politizador que marca os letramentos responsivos de catadores/as apoiados pela Cáritas  é feito de avanços e retrocessos que marcaram, em 2015, uma compreensão responsiva e ativa de cada sujeito que decidiu questionar as dificuldades ao seu redor.

## REFERÊNCIAS


ACIOLI, Marcia Hora. **Construindo o protagonismo de crianças e adolescente**. 2. ed. Brasília: Cáritas Brasileira, 2003.

ALVES, Ana Rodrigues C. O conceito de Hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe. **Lua Nova**. São Paulo, n. 80, p. 71-96, 2010.

ALVES, Ana Rodrigues C. **A (des)continuidade da tradição marxista no pós-marxismo de Ernesto Laclau e Chantau Mouffe**. 2011. 127 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-graduação em Sociologia. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Pernambuco. Recife. Abril/2011. Disponível em: <http://www.repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/9228/arquivo3384_1.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 01 mar 2015.

ARAÚJO, Priscilla Mello. S. dos S. **Narrativas Digitais e Realidade Local: Uma Experiência com Alunos do 9º Ano**. 2016. 143 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Faculdade de Letras. Universidade Federal de Alagoas. Maceió. 2016.

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Pobreza, desigualdades e educação**. Florianópolis: UFSC, 2015. Disponível em: <http://epds.nute.ufsc.br/>. Acesso em: 04 set. 2016.

ASSIS Machado de. **Helena**. 2. ed. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.

BAKHTIN, Mikhail M. / VOLOSHINOV, Valentin. N. **Discurso na vida e discurso na arte**. 1993. 25 pág. Tradução para uso didático realizada por Faraco, Carlos A. e Tezza, Cristovão. Disponível em: http://www.uesb.br/ppgcel/Discurso-Na-Vida-Discurso-Na-Arte.pdf>. Acesso em: 09 maio 2016.

BAKHTIN, Mikhail M. / VOLOSHINOV, Valentin. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec. 2002. Disponível em: http://www.fecra.edu.br/admin/arquivos/MARXISMO_E_FILOSOFIA_DA_LINGUAGEM.pdf. Acesso em: 18 jan. 2016.

BAKHTIN, Mikhail M. **Speech Genres and Other Late Essays** Austin - EUA: Universidade do Texas. 1986.

BAKHTIN, Mikhail M. **Para uma filosofia do ato**. Tradução para uso didático e acadêmico de Carlos A. Faraco e Cristovão Tezza. 1993. Disponível em: <http://lutasocialista.com.br/livros/V%c1RIOS/>. Acesso em: 26 dez. 2015

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. 5. ed. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2010a.

BAKHTIN, Mikhail M. **Questões de Literatura e de estética** – a teoria do romance. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2010b.

BAKHTIN, Mikhail M. **Questões de estilística no ensino da língua**. São Paulo: Editora 34, 2013.

BARBOSA, Walmir. **MARXISMO: HISTÓRIA, POLÍTICA E MÉTODO**. Goiânia: IFG. [200-?]. Disponível em: <http://www.goiania.ifg.edu.br/cienciashumanas/index.php/monografias>. Acesso em: 08 mar. 2016.

BARONAS, Roberto L.; ARAUJO, Lígia M. B. M.; PONSONI, Samuel. Reflexões acerca da análise dialógica dos discursos verbo-visuais: um caso de humor na política brasileira. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 24-42, jul./dez. 2013.

BHABA, Homi K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BERTICELLI, Ireno A. **A origem normativa da prática educacional na linguagem**. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2004.

BOCHAROV, Sergei G. Introdução à edição russa. *In* BAKHTIN, Mikhail M. **Para uma filosofia do ato**. Tradução para uso didático e acadêmico de Carlos A. Faraco e Cristovão Tezza. 1993. Disponível em: <http://lutasocialista.com.br/livros/V%c1RIOS/>. Acesso em: 26 dez. 2015.

BONFIM, Marco A. L. **Queres saber como fazer identidades com palavras? Uma Análise em pragmática cultural da construção performativa do Sem Terra no MST-CE**. 2011. 150 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada. Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2011. Disponível em: <http://www.uece.br/posla/dmdocuments/MarcoAntonioLimadoBonfim>. Acesso em: 07 fev. 2015.

BRAIT, Beth. Mikhail **Bakhtin: movimentos de reconstituição da história de um pensamento**. REVISTA USP, São Paulo, n. 39, p. 158-173, set./nov. 1998. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/viewFile/35080/37819>. Acesso em: 20 maio 2016.

BRAIT, Beth. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 43-66, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/16568>. Acesso em: 14 ago. 2016.

BRAIT, Beth. Análise e Ttoria do discurso. *In* Brait, Beth (org.). **Bakhtin – Outros conceitos-chave**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

BRAIT, Beth; CAMPOS, Maria Inês B. Da Rússia czarista à web. *In*: BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2009, v. 1, p. 15-30. Disponível em: <http://www.martinsfontespaulista.com.br/anexos/produtos/capitulos/579054.pdf>. Acesso em: 19 maio 2016.

BRANDÃO, Carlos R. **Educação Popular**. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

BRANDÃO, Helena H. N. Estilo, gêneros do discurso e implicações didáticas. *In* SEMINÁRIO DA ANÁLISE DO DISCURSO, 3, Outubro/2005, Salvador.16 p. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/brand003.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2015.

BRANDIST, Craig. **The Bakhtin Circle – Philosophy, Culture and Politics.** Pluto, London: Sterling Virginia. 2002. Disponível em: <https://www.icict.fiocruz.br/sites/www.icict.fiocruz.br/files/The%20Bakhtin%20Circle%20-%20Philosophy,%20Culture%20and%20Politics.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2016.

BRANDIST, Craig. **The Bakhtin Circle**. *In The Internet Encyclopedia of Philosophy*, Tennessee – EUA: Universidade do Tennessee. [20--?] Disponível em: <http://www.iep.utm.edu/bakhtin/>. Acesso em: 15 maio 2016.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 12.305, de 02 de agosto de 2010. Institui a **Política Nacional de Resíduos Sólidos**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm>. Acesso em: 13 out. 2016.

BRITO, Thaís N. de; LEITE, Francisco de F. Mikhail Bakhtin e seu contexto político e cultural. **Miguilim**. Crato, v. 1. n. 1, p. 56-64, 2012. Disponível em: <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MigREN/article/viewFile/349/257>. Acesso em: 25 jan. 2016.

CAMPOS, Maria Inês B. O encontro de Bakhtin e Kagan: fontes filosóficas. **Conexão Letras**. Porto Alegre, v. 8, p. 33-46, 2013. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/viewFile/55176/33556>. Acesso em: 02 maio 2016.

CANUTO, Antonio. Agronegócio; a modernização conservadora que gera exclusão pela produtividade. **Revista NERA**, Presidente Prudente, ano 7, n 5, p.1-12, jul./dez. 2004. Disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAfj68AF/agronegocio>. Acesso em: 11 fev. 2015.

CARVALHO Sandra M. G. de. **Educação do campo: PRONERA, uma política pública em construção**. 2006, 226 f. Tese (Doutorado em educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3506/1/2006_TESE_SMGCARVALHO.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2015.

CBO – CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA DE OCUPAÇÕES. **Catador de material reciclável**. 5192-05. Disponível em: <http://www.ocupacoes.com.br/cbo-mte/519205-catador-de-material-reciclavel>. Acesso em: 10 fev. 2015.

CEARÁ (Estado), Secretaria de Meio Ambiente do estado do Ceará. Nº 13.103, de 24 de Janeiro de 2001. Institui a **Política Estadual de Resíduos Sólidos**. Fortaleza, 24

jan. 2001. Disponível em. <http://antigo.semace.ce.gov.br/biblioteca/legislacao/conteudo_legislacao.asp?cd=53>. Acesso em: 13 out. 2016.

CERUTTI-RIZZATTI, Mary E. Letramento: um conceito em (des)construção e suas implicações/repercussões na ação docente em língua materna. **Fórum Lingüístico**, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 1-15, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2009v6n2p1>. Acesso em: 03 maio 2016.

CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. **Mikhail Bakhtin**. SP: Perspectiva, 2008.

CORREIA, Wilson; BONFIM, Cláudia R de S. *Práxis* pedagógica na filosofia de Paulo Freire: um estudo dos estádios da consciência. **Trilhas Filosóficas**, Caicó, v. 1, p. 55-66. 2008. Disponível em: <http://periodicos.uern.br/index.php/trilhasfilosoficas/article/view/15/15>. Acesso em: 29 jan. 2015.

COUTO, Gabriela, A. **Aprendizagem social e formação humana no trabalho cooperativo de catadore(as) de São Paulo**. 2012. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2012.

CRESPO, Antônio Pedro. A. e GUROVITZ, Elaine. A pobreza como um fenõmeno multidimensional. **RAE**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 01-12, jul./dez. 2002. Disponível em: <http://rae.fgv.br/rae-eletronica/vol1-num2-2002/pobreza-como-fenomeno-multimensional>. Acesso em: 17 maio 2017.

DEEPASK. **Situação do lixo domiciliar**. Disponível em: <http://www.deepask.com/goes?page=limoeiro-do-norte/CE-Confira-a-coleta-de-lixo-no-seu-municipio---lixo-coletado-a-ceu-aberto-queimado-ou-enterrado>. Acesso em: 10 dez. 2015.

ECO, Humberto. **Tratado geral de Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

ELLIOT, Shanti. Carnival and Dialogue in Bakhtin's Poetics of Folklore. **Folklore Forum**, Universidade de Indiana – EUA, v. 30, p. 129-139. Jan./fev. 1999. Disponível em: <https://scholarworks.iu.edu/dspace/bitstream/handle/2022/2327/30(1-2)%20129-139.pdf?sequence=1>. Acesso em: 15 maio 2016.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social.** Brasília: UNB. 2001.

FALKEMBACH, Elza M. F. MST, “escola de vida” em movimento. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 27, n. 72, p. 137-156, maio/ago. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622007000200003>. Acesso em: 13 dez. 2016.

FARACO, Carlos A. **Linguagem e diálogo:** as idéias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial. 2009.

FIGUEIREDO, João B. de A. e SILVA, Maria E. H. **Formação humana e dialogicidade III:** encantos que se encontram nos diálogos que acompanham Freire. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

FIORIN, José. L. **Resenha de Para uma filosofia do ato responsável**. Bakhtiniana, São Paulo, v. 1, n. 5, p. 205-209, 2011.

FLORES, Valdir do N.; TEIXEIRA, Marlene. **Enunciação, dialogismo, intersubjetividade**: um estudo sobre Bakhtin e Benveniste. Bakhtiniana, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 143-164, 2º sem. / 2009. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3015/1946>. Acesso em: 06 jun. 2016.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 25. ed. São Paulo: Edições Graal, 1979.

FRANCELINO, Pedro F. e LEITE, Francisco de F. Uma propedêutica de uma teoria da enunciação do Círculo de Bakhtin. **Macabéa**, Crato, v. 1. n. 1, p. 169-178, jun. 2012.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo.**Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo.. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FURLIN, Neiva. Sujeito e agência no pensamento de Judith Butler: contribuições para a teoria social. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, GO, v. 16, n. 2, p. 395-403, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/viewFile/32198/17172>. Acesso em: 29 jan. 2015.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

GATTO, Luiz Carlos Soares. **Diagnóstico ambiental da bacia do rio Jaguaribe**. Salvador: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE. 1999. Disponível em: <ftp://geoftp.ibge.gov.br/documentos/recursos_naturais/diagnosticos/jaguaribe.pdf.>. Acesso em: 16 fev. 2015.

GERALDI, João. W. Alfabetização e letramento: perguntas de um alfabetizado que lê**.** *In* REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 33, 2010, Caxambu. **Texto apresentado em sessão especial da Anped**. 18 p.

GERALDI, João W. A produção dos diferentes letramentos. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 25-34, ago./dez. 2014. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/19443>. Acesso em: 14 dez. 2015.

GONÇALVES, Laryssa E. Q. **Quem vê capa não vê coração: um olhar bakhtiniano sobre a construção de sentidos da imagem dos evangélicos em capas da revista VEJA**. 2015. 126 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada. Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza. 2015. Disponível em: <www.uece.br/posla/dmdocuments/Laryssa%20Érika%20Queiroz.pdf >. Acesso em: 19 ago. 2016.

GONÇALVES, João B. Costa. A configuração discursiva do gênero parábola bíblica: entre a captação e a parafrasagem. **Veredas**, Juiz de Fora, p. 157-166, fev. 2010, Disponível em <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2010/04/artigo-12.pdf>. Acesso em: 26 maio 2016.

GONÇALVES, João B. Costa. O conceito de *ethos* do enunciador na obra *Em busca do sentido:* estudos discursivos, de J. L. Fiorin. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 10, n. 3, p. 63-79, set./dez. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bak/v10n3/2176-4573-bak-10-03-0063.pdf>. Acesso em: 26 maio 2016.

GONÇALVES, João. B. Costa; ALVES, Benedito F. Texto como enunciado na perspectiva translinguística bakhtiniana: uma análise da capa da revista ISTOÉ. **Intersecções**, Jundiaí, v. 1, p. 219-239, 2016. Disponível em: <http://www.portal.anchieta.br/revistas-e-livros/interseccoes/pdf/interseccoes-ano-9-numero-1.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2016.

GOULART, Cecília M. A. O conceito de letramento em questão: por uma perspectiva discursiva da alfabetização. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 35-51, ago./dez. 2014. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/19514>. Acesso em: 14 dez. 2015.

GRANJA, Sérgio. **Heteroglossia, cronotopo, transgrediência e outras leituras bakhtinianas.** 02 fev. 2011. Disponível em: <http://laurocampos.org.br/2011/02/heteroglossia-cronotopo-transgrediencia-e-outras-leituras-bakhtinianas/>. Acesso em: 29 maio 2016.

GRIGOLETTI, Lúcia V. S. **A voz identitária do estrangeiro ecoa num espaço sonoro de muitas viagens**. 2012. 155 f. Pelotas. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, 2012.

GRILLO, Sheila V. de C. Bakhtin. **BAKHTINIANA**, São Paulo, v. 1, n. 1, p.170-174, 1º sem. 2009. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/viewFile/3007/1938>. Acesso em: 20 maio 2016.

GRILLO, Sheila V. de C. Fundamentos bakhtinianos para a análise de enunciados verbo-visuais. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 235-246. 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59912/63021>. Acesso em: 08 ago. 2016.

GRILLO, Sheila. V. de C.; AMERICO, Ekaterina. V. Bakhtin, Vinográdov e a estilística. *In* BAKHTIN, M.M. **Questões de estilística no ensino da língua**. São Paulo: Editora 34, p. 93-116, 2013.

HALL, Stuart **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. RJ: DpeA.

HOLQUIST, Michael. Introduction to Bakhtin, Mikhail M. *In* **Speech genres and other late essays**. Texas, EUA: Universidade do Texas. 1986.

IVANOVA, Irina. Lev Jakubinski (1892-1945): o destino de um linguista russo. **Cadernos Cenpec**. São Paulo, v. 2, n. 2. p. 225-241. dez. 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18676/cadernoscenpec.v2i2.179>. Acesso em: 22 jun. 2016.

KLEIMAN, Ângela B. (org.). **Os significados do letramento – uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas. São Paulo Mercado de Letras. 1995.

KLEIMAN, Ângela B. Letramento na contemporaneidade. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 72-91, ago./dez. 2014.

KOVALEV, Manuela. **The function of Russian obscene language in late Soviet and post-soviet prose**. 2014. 226 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Escola de Artes, Linguagens e Cultura, Universidade de Manchester, Manchester, 2014. Disponível em: <https://www.escholar.manchester.ac.uk/api/datastream?publicationPid=uk-ac-man-scw:228971&datastreamId=FULL-TEXT.PDF>. Acesso em: 26 maio 2016.

LACLAU, Ernesto. **New Reflections on the revolution of our time**. Londres: Phronesis, 1990.

LEIRO, Eliana Maria. Virgili. F. Linguagem, cultura e identidade: uma leitura intertextual de Paulo Freire e Mikhail Bakhtin. **Cadernos de Pós-Graduação em Letras**, Higienópolis, v. 5, n. 1, p. 8-15, 2005. Disponível em: <http://www.mackenzie.com.br/fileadmin/Pos_Graduacao/Doutorado/Letras/Cadernos/Volume_5/linguagem_cultura_e_identidade.pdf> Acesso em: 05 jun. 2014.

LEITE, Francisco B. Mikhail Mikhailovich Bakhtin: breve biografia e alguns conceitos. **Revista Magistro**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1. p. 43-63, 2011. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/view/1240/741>. Acesso em: 18 jan. 2016.

LIMA, Antônio C. S. de; SANTOS, Lúcia de F.; SOUTO MAIOR, Rita de C. Refletindo sobre letramento e responsividade na formação docente. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 111-130, ago./dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bak/v9n2/a08v9n2.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2015

LIMA, Francisco L. da Silva. **Breve histórico da economia agrária do Vale do Jaguaribe: das sesmarias à fruticultura.** Publicado em 13 jun. 2012. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/breve-historico-da-economia-agraria-do-vale-do-jaguaribe-das-sesmarias-a-fruticultura/90779/>. Acesso em: 11 fev. 2015.

LIMA, Lauro de O. **Estórias da Educação no Brasil**: de Pombal a Passarinho. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Brasília, 1978.

LISBOA, Loraine V. **Memes jurisprudenciais no facebook do STJ: a constituição dialógica de um gênero verbo-visual**. 2015. 107 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem. Universidade Federal de Goiás, Catalão. 2015. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/4963>. Acesso em: 02 jan. 2016.

MACHADO, Flávia. **Entendendo "O discurso no romance": a estilística e as diferenças entre o discurso poético e romanesco**. Texto publicado em 16 mar. 2013. Disponível em: <https://circulobakhtiniano.wordpress.com/2013/03/16/entendendo-o-discurso-no-romance-a-estilistica-e-as-diferencas-entre-o-discurso-poetico-e-romanesco/>. Acesso em: 12 maio 2016.

MAIA, Mônica E. N. **"A necessidade e o chicote": seca e saque em Limoeiro do Norte (1950 – 1954)**. 2005. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação emHistória Social. Departamento de História. Centro de Humanidades da UFC. Fortaleza. Disponível em: <http://www.historia.ufc.br/admin/upload/Dissert_Completa.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2015.

MATOS, Tereza G. R., MAIA, Luciana M.; MACIEL, Regina H. Catadores de Material Reciclável e Identidade Social: Uma Visão a Partir da Pertença Grupal. **Interação em Psicologia**. Curitiba, v. 16, n. 2, p. 239-247, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/psicologia/article/viewFile/22147/20280>. Acesso em: 29 maio 2015.

MATTELART, Armand; NEVEU Érik. **Introdução aos estudos culturais**. São Paulo. Parábola editorial. 2004.

MEDEIROS, Luiza F.R.; MACEDO, Kátia. B. Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência? **Psicologia & Sociedade**; v. 18, n. 2, p. 62-71; maio/ago. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v18n2/08.pdf>. Acesso em: 08 jun 2015.

MEDVEDEV, Iuri P., MEDVEDEVA, Daria A.; SHEPHERD, David. A polifonia do Círuculo. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 99-144, jan./abr. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bak/v11n1/2176-4573-bak-11-01-0099.pdf>. Acesso em: 20 maio 2016.

MEY, Jacob L. **As vozes da sociedade: seminários de pragmática**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

MICARELLO, Hilda A.L.S.; MAGALHÃES, Tânia G. Letramento, linguagem e escola. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 150-163, ago./dez. 2014. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/19321>. Acesso em: 14 dez. 2015.

MIOTELLO, Valdemir. Conversando sobre Bakhtin – Círculos de Bakhtin – II. **Linguasagem**. São Paulo, v. 6, p. 01-05, 2009. Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao07/coluna_conversando.php>. Acesso em: 18 maio de 2016.

MORAES, Flávio H. **O gênero hino na perspectiva bakhtiniana: uma abordagem dialógica do hino do mst e de outros enunciados concretos**. 2015. 120 f. Dissertação (Mestrado em) – Programa de Pós-graduação em Linguística. Centro de Educação e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Carlos..
.
MORSON, Gary S.; EMERSON, Caryl. **Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística**. São Paulo: EDUSP. 2008.

MORTATTI, Maria do R. L. **Educação e letramento**. São Paulo: UNESP, 2004.

MOTERANI, Natalia G. O modelo ideológico de letramento e a concepção de escrita como trabalho: um paralelo. **Acta Scientiarum**. Maringá, v. 35, n. 2, p. 135-141, abr.-jun. 2013. Disponível em: <Doi: 10.4025/actascilangcult.v35i2.13520>. Acesso em: 03 jan. 2016.

NASCIMENTO, Sonia M. M. Do; SIQUEIRA, João B. de. **Um mergulho nos meandros do discurso publicitário**. Cadernos PDE, Secretaria de Educação do Paraná. Curitiba, 2011.

NETO, Antonio J. M. A igreja católica e os movimentos sociais do campo: a Teologia da Libertação e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. CADERNO CRH, Salvador, v. 20, n. 50, p. 331-341, maio/ago. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v20n50/v20n50a10.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2015.

NOGUEIRA Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de pierre bourdieu: limites e contribuições. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, n. 78, abril/2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002000200003. Acesso em: 17 set. 2016.

OLIVEIRA, Amurabi. Poder e Verdade em Foucault e em Habermas. **Acta Scientiarum**. Maringá, v. 36, n. 1, p. 19-25, jul./dez. 2014. Disponível em: <Doi: 10.4025/actascihumansoc.v36i1.21524>. Acesso em: 06 set. 2016.

PANTALENA, Ana F. **Análise dos impactos ambientais no médio e baixo Jaguaribe a partir da memória histórica da ocupação humana e registros geológicos**. 2012. 211 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Marinhas) – Pós-graduação em Ciências Marinhas Tropicais, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012. Disponível em: <http://www.inct-tmcocean.com.br/pdfs/Monografias/Dissertacoes_mestrado/27_AnaFlaviaUFC.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2015.

PAULA, Luciane. Círculo de Bakhtin: uma Análise Dialógica de Discurso. **Estudos de Linguagem**. Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 239-258, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/search/search?query=Luciane&

authors=Luciane&title=&abstract=&galleyFullText=&suppFiles=&dateFromMonth=&dateFromDay=&dateFromYear=&dateToMonth=&dateToDay=&dateToYear=&dateToHour=23&dateToMinute=59&dateToSecond=59&discipline=&subject=&type=&coverage=&indexTerms=&=Search>. Acesso em: 04 mar. 2016.

PEREIRA, Rodrigo A.; RODRIGUES, Rosângela H. Os gêneros do discurso sob perspectiva da Análise Dialógica de Discurso do Círculo de Bakhtin. **Letras**, Santa Maria, v. 20, n. 40, p. 147–162, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/issue/view/661/showToc>. Acesso em: 02 nov. 2016.

PIFFER, Iara de A. **A voz das ruas na mídia: uma análise bakhtiniana da ideologia sobre as manifestações de junho de 2013 em reportagens da revista ISTOÉ**. 2015. 213 p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, 2015. Disponível em: <http://www.uece.br/posla/index.php/dissertacoes/228-2015>. Acesso em: 30 out. 2016

PINTO, Francisco A. Martins **Estudo de Impacto Ambiental – EIA / Relatório de Impacto Do Meio Ambiente – RIMA Para Implantação do Aterro Sanitário Consorciado Regionalizado de Limoeiro Do Norte – Ce.** Fortaleza. 2014. Disponível em: <http://www.semace.ce.gov.br/wp-content/uploads/2012/01/RIMA-LIMOEIRO-DO-NORTE.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2015.

PIRES, Vera Lúcia. Dialogismo e alteridade ou a teoria da enunciação em Bakhtin. **Organon**, Porto Alegre, v. 16, n. 32/33, p. 35-48. 2003 Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/organon/article/viewFile/29782/18403>. Acesso em: 18 nov. 2014. Pág. 35-48.

PIRES, Vera Lúcia; SOBRAL, Adail. Implicações do estatuto ontológico do sujeito na teoria discursiva do Círculo Bakhtin, Medvedev, Voloshínov. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 205-219, jan./jun. 2013. Disponível em: **<**http://www.scielo.br/pdf/bak/v8n1/a13v8n1.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2015.

PROGRAMA Apóstolos da Inovação. **Relatório geral região do baixo Jaguaribe**. 4. ed. Disponível em: http://www.fiec.org.br/portalv2/files/INDI/Relatório%20geral%20RBJ%20-%20Apóstolos%204ª%20ed..pdf. Acesso em: 16 fev. 2015.

QUEIROZ, Inti. **O autor e a personagem / As relações entre autor e a personagem**. 27 de agosto de 2013. Disponível em: <https://circulobakhtiniano.wordpress.com/2013/08/27/o-autor-e-a-personagem-as-relacoes-entre-autor-e-a-personagem/>. Acesso em: 12 maio 2016.

RIBEIRO, Vera M.; VOVIO, Cláudio L.; MOURA, Mayra P. **Letramento no Brasil: alguns resultados do indicador nacional de alfabetismo funcional**. Educação e Sociedade, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 49-70, dez. 2002. Disponível em: http://www.cedes.unicamp.br. Acesso em: 22 set. 2016.

ROJO, Roxane. Letramentos digitais – a leitura como réplica ativa. **Trabalhos em Linguística Aplicadas**, Campinas, v. 46, n. 1, p. 63-78, jan./jun. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132007000100006. Acesso em: 18 set. 2016.

ROJO, O letramento escolar e os textos da divulgação científica – a apropriação dos gêneros de discurso na escola. **Linguagem em (Dis)curso**. v. 8, n. 3, p. 581-612, set./dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-76322008000300009>. Acesso em: 22 set. 2016.

ROJO, Roxane. **Letramentos Múltiplos, escola e inclusão Social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, Roxane Multiletramentos, multilinguagens, novas aprendizagens. [**Entrevista publicada em 15 out. 2013**]. Disponível em: <http://www.grim.ufc.br/index.php?option=com_content&view=article&id=80:entrevista-com-roxane-rojo-multiletramentos-multilinguagens-e-aprendizagens&catid=8:publicacoes&Itemid=19>. Acesso em: 18 set. 2016.

SCHNAIDERMAN, Boris. A arte da superação. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 28 out. 2001. Caderno Mais. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2810200113.htm>. Acesso em: 22 jun. 2016.

SILVA, Danitza D. **Bakhtin e Paulo Freire: a relação do *eu* e do *outro* e as relações dialógicas para a prática da liberdade**. 2012. 142 f. Tese (Doutorado em Educação) –Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo. 2012. Diponível em: <http://www.bdtd.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=5090>. Acesso em: 24 fev 2015.

SILVA, Francisco A. da. **Memórias da luta pela terra no assentamento bela vista, município de Jaguaruana-Ceará**. Texto publicado em 25 ago. 2009. Disponível em: <http://valedojaguaribe-historia.blogspot.com.br>. Acesso em: 11 fev. 2015.

SITO, Luanda Rejane Soares. **Ali tá a palavra deles: um estudo sobre práticas de letramento em uma comunidade quilombola do litoral do estado do Rio Grande do Sul**. 2010. 189 f. Dissertação (Mestrado). Instituto de Estudos da Linguagem, Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual de Campinas. 2010. Disponível em <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/269719>. Acesso em: 23 set. 2015.

SOARES, Magda. **Letramento – um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2001.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**. n. 25, p. 5-17, jan. /fev. /mar /abr. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf/>. Acesso em: 04 maio 2015.

SOBRAL, Adail. O ato “responsável”, ou ato ético, em Bakhtin, e a centralidade do agente. **SIGNUM**, Londrina, n. 11, v. 1, p. 219-235, jul. 2008. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/3092>. Acesso em: 17 abr. 2016.

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin**. Campinas: Mercado de Letras. 2009a.

SOBRAL, Adail. **O conceito de ato ético de bakhtin e a responsabilidade moral do sujeito**. Centro Universitário São Camilo, n. 3, v. 1, p. 121-126, 2009b.

SOBRAL, Adail. Ato / atividade e evento. *In* Brait, Beth (org). **Bakhtin: Conceitos-chave**. 5. ed. São Paulo: Contexto, p. 11-36. 2013.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de Reexistência: culturas e identidades no movimento hip-hop**. 2009. 206 pág. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2009. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000769115 . Acesso em: 02 ago. 2016.

SOUZA, Daniel J. R. de. Entre religião e política: divergências na recepção ocidental de Mikhail Bakhtin. **Relegens Thréskeia**, v. 03, n. 01, p. 176-190, 2014. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/relegens/article/viewFile/37703/23083>. Acesso em: 02 maio 2016.

STELLA, Paulo Rogério. **Palavra**. *In* BRAIT, Beth (org). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5. ed. São Paulo: Editora Contexto, p. 177-190. 2013.

STREET, Brian V. **Letramentos sociais -** Abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. São Paulo: Parábola editorial. 2014.

STREET, Brian Vincent; CASTANHEIRA Maria L. **Práticas e eventos de letramento**. Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. 2014. Disponível em: http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/praticas-e-eventos-de-letramento. Acesso em: 18 set 2016.

TEIXEIRA, Marlene; FLORES, Valdir do N. Linguística da enunciação – uma entrevista com Marlene Teixeira e Valdir Flores. **ReVEL** , v. 9, n. 16, p. 406-425, 2011. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/pt/busca>. Acesso em: 05 jul. 2016.

TERRA, Márcia Regina. Letramento & letramentos: uma perspectiva sócio- cultural dos usos da escrita. **D.E.L.T.A.**, v. 29, n. 1, p. 29-58, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502013000100002&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 09 set. 2016

VAREJÃO, Joana d’Arc Souza Feitoza. **Formação continuada e práticas de leitura e escrita com alunos de classes populares: do dialogismo aos gêneros, a**

**responsividade docente.** 253 f. Tese. Fac. de Educação, UFRJ, RJ, 2014. Disponível em: <http://www.educacao.ufrj.br/tjoanadarc.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2015.

VASCONCELOS Jr., Raimundo E. de P. **O limoeiro da educação – a história da criação da diocese e a ação educacional de Dom Aureliano Matos em Limoeiro do Norte (1938-1968).** Tese (doutorado) apresentada à Faculdade de Educação do Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2006. 279 p. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3284/1/2006_Tese_REPVASCONCELOSJUNIOR.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2015.

VERÍSSIMO, Érico. **O tempo e o vento - O arquipélago I**. 20. ed. São Paulo: Globo, 1997.

WAZLAWICK, Patrícia. **Música e vida em criação: dialogia e est(ética) a música de um duo de Violões**. 2010. 337 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina. 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/93762/283206.pdf?sequence=1>. Acesso em: 18 maio 2016.

WEFFORT, Francisco C. Educação e política - Reflexões sociológicas sobre uma pedagogia da liberdade *in* FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 9. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

WITTGENSTEIN, Lwdwig. **Investigações filosóficas**. 5. ed. Petrópolis: Editora Universitária Vozes, 2008.

# APÊNDICES

# APÊNDICE A – REPORTAGENS E VÍDEOS DE CATADORES/AS

| TÍTULO | PUBLICAÇÃO | AUTOR |
|---|---|---|
| **Documentário O dores.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fuakOr0aRsA> | 19-04-2011 | Associação Projeto Paz e União |
| **Pronunciamento Maria Rubens Representante dos catadores de Lixo**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ebNhk17RT8E> | 12-03-2015 | TV Jaguar |
| **Catadores e Catadoras de reciclaveis realizam Marcha regional em Quixeré.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yen2nEm4Z00> | 28-03-2015 | TV Jaguar |
| **Coleta seletiva - SOS Jaguaribe 04 08 2015**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ieN16aV-svE> | 07-08-2015 | TV Jaguar |

| | |
|---|---|
| **Matéria** | Usina de biogás a partir do lixo pode ser instalada em Limoeiro |
| **Data** | 21-09-2011 |
| **Origem** | Diário do Nordeste |
| **Endereço** | http://blogs.diariodonordeste.com.br/valedojaguaribe/tag/lixao/ |
| **Trecho** | “EXISTEM, no Ceará, nada menos que 288 lixões” |

.....

| | |
|---|---|
| **Matéria** | Ministério público cobra tratamento adequado do lixo em Russas |
| **Data** | 30-09-2011 |
| **Origem** | Diário do Nordeste |
| **Endereço** | http://blogs.diariodonordeste.com.br/valedojaguaribe/tag/lixao/ |
| **Trecho** | “O município [de Russas] produz, diariamente, 12 toneladas de lixo.” |

.....

| | |
|---|---|
| **Matéria** | “Odores” – adolescentes produzem documentário em lixão |
| **Data** | 16-11-2011 |
| **Origem** | Diário do Nordeste |
| **Endereço** | http://blogs.diariodonordeste.com.br/valedojaguaribe/tag/lixao/ |
| **Trecho** | “O documentário **ODORES** foi produzido por adolescente do projeto **Associação Projeto Paz e União** do bairro Antônio Holanda (Cidade Alta, em Limoeiro” |

.....

| | |
|---|---|
| **Matéria** | Após três anos de criação do consórcio, Aterro sanitário pode sair do papel |
| **Data** | 16-05-2012 |
| **Origem** | Diário do Nordeste |
| **Endereço** | http://blogs.diariodonordeste.com.br/valedojaguaribe/sem-categoria/apos-3-anos-de-criacao-do-consorcio-aterro-sanitario-em-limoeiro-pode-sair-do-papel/ |
| **Trecho** | “[...] foi criado o consórcio intermunicipal em janeiro de 2009, um ano após o projeto de elaboração do consórcio” |

.....

| | |
|---|---|
| **Matéria** | Cáritas desenvolve trabalho social com catadores de lixo |
| **Data** | 15.06.2013 |
| **Origem** | Diário do Nordeste |
| **Endereço** | http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/regional/caritas-desenvolve-trabalho-social-com-catadores-de-lixo-1.328828 |
| **Trecho** | ‘O trabalho da Cáritas compete apoiar  e auxiliar os grupos na organização social [...] fortalecendo a autonomia [...]” |

.....

| | |
|---|---|
| **Matéria** | Associação de catadores e Cáritas Diocesana cobra plano de coleta seletiva em Limoeiro |
| **Data** | 12-03-2015 |
| **Origem** | TV Jaguar |
| **Endereço** | http://www.tvjaguar.com.br/site/noticia.php?Tid=11622 |
| **Trecho** | “As pessoas que conhecem o lixão de Limoeiro, sabem que é um ambiente extremamente insalubre [...]” |

.....

| | |
|---|---|
| **Matéria** | Câmara aprova doação de terreno para catadores de lixo em Limoeiro do Norte. |
| **Data** | 17-08-2012 |
| **Origem** | TV Jaguar |
| **Endereço** | http://www.tvjaguar.com.br/site/noticia.php?Tid=899 |
| **Trecho** | “De autoria da vereadora Nadir, a doação garante a construção da sede da associação” |

.....

| | |
|---|---|
| **Matéria** | Catadores de material reciclável jaguaribanos trocam experiências |
| **Data** | 25-10-2012 |
| **Origem** | TV Jaguar |
| **Endereço** | http://www.tvjaguar.com.br/site/noticia.php?Tid=1561 |
| **Trecho** | “Mobilização realizada pela Cáritas diocesana conclama a todas as pessoas que fazem parte da atividade de catação de material reciclável nas ruas e nos lixões, para um encontro que acontece **Centro Infanto Juvenil** na comunidade e Boa Fé (sic) [...]” (grifo do autorl). |

.....

| | |
|---|---|
| **Matéria** | **Limoeiro sediou oficina de formação em cooperativa para catadores (as) de materiais recicláveis** |
| **Data** | 16-01-2013 |
| **Origem** | TV Jaguar |
| **Endereço** | http://www.tvjaguar.com.br/site/noticia.php?Tid=2344 |
| **Trecho** | “Objetivo do encontro foi promover uma oficina para elaboração de estatuto social [...] formação de uma cooperativa” |

.....

| | |
|---|---|
| **Matéria** | **Assistência social de Limoeiro promove encontro com catadores de materiais recicláveis** |
| **Data** | 24-06-2014 |
| **Origem** | TV Jaguar |
| **Endereço** | http://www.tvjaguar.com.br/site/noticia.php?Tid=8336 |
| **Trecho** | “[...] esses profissionais contribuem bastante com vários fatores sociais de uma comunidade ou região combatendo o lixo [...]” |

.....

| | |
|---|---|
| **Matéria** | **Implantado em Limoeiro o projeto da coleta Seletiva urbano** |
| **Data** | 07-08-2015 |
| **Origem** | TV Jaguar |
| **Endereço** | http://www.tvjaguar.com.br/site/noticia.php?Tid=13774 |
| **Trecho** | “[...] o projeto piloto da Coleta Seletiva deve ser uma iniciativa dos municípios, e que a Cáritas desenvolve apenas o papel de colaboradora [...].” |

.....

| | |
|---|---|
| **Matéria** | **Recicladores de Limoeiro vão receber galpão para atividades do setor** |
| **Data** | 31-05-2016 |
| **Origem** | TV Jaguar |
| **Endereço** | http://www.tvjaguar.com.br/site/noticia.php?Tid=17852 |
| **Trecho** | “Solenidade de entrega se dará na sexta-feira, 03 de junho e será prestigiada pelo secretário da SDA Dedé Teixeira |

## APÊNDICE B – O GALPÃO E OS RECURSOS DE CATADORES/AS

Em 2015, o galpão, identificado pelo símbolo do Movimento Nacional de Catadores na entrada do prédio, apresentava um amplo espaço, com cerca de 30 metros de comprimento por 15 de largura, mas não possuía comodidades como banheiro, refeitório, sala de reuniões ou extintores de incêndio ou estojos de primeiros socorros. Havia lâmpadas fluorescentes no teto, mas nenhum aparelho de ventilação ou exaustão para amenizar a temperatura interna do galpão. O teto do galpão estava formado por estruturas de ferro (as “tesouras”) e telhas de cerâmica dispostas há cerca de cinco metros do solo. Sua entrada é marcada por um portão suficiente para o ingresso de um caminhão para recolhimento da catação.

**Figura 16 – Espaço interno do galpão da Associação Bom Jesus Sul em 2015**

Fonte: Arquivo da Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte

Estava ainda em processo de organização. Ao fundo ficavam os materiais coletados por catadores/as e à frente, os tambores (bombachas plásticas) para armazenamento de óleo de fritura coletado quinzenalmente pelos catadores Deuzimar e Bento com o apoio de um carro da secretaria municipal de obras.

Não havia um quadro fixado na parede para apresentar, por exemplo, em fatos e imagens, as conquistas de catadores/as, os/as aniversariantes, datas significativas para a associação, informações gerais e um cronograma com a identificação de cada um dos associados e de suas tarefas para a limpeza e organização do espaço interno do galpão. Por isso, o acúmulo de poeira e de partículas em constante suspensão por causa de lufadas de vento através do imenso portão de ferro aberto do galpão.

Mesmo após a implantação do projeto de coleta seletiva em 2015, ainda não havia uma organização efetiva dos materiais coletados porque parte de

catadores/as ainda não acreditavam em trabalho cooperativo e associado para transformar as relações capitalistas de exploração e de acumulação de renda.

Em 2015, as reuniões aconteciam logo na entrada do galpão por ser o espaço com maior ventilação e melhore iluminação natural. Como o galpão está localizado nos fundos da igreja católica do bairro Antônio Holanda, catadores/as se serviam de bancos envelhecidos de madeira oriundos da instituição religiosa. Cadeiras de plástico recolhidas durante a catação complementavam o espaço improvisado para reuniões em círculo. A instalação elétrica do prédio não estava embutida no interior das paredes. As tomadas se encontravam a cerca de 1,5 metro de altura a partir do chão, o que é um mecanismo mínimo de segurança diante da presença das crianças de catadores/as que acompanhavam seus responsáveis.

Um flanelógrafo relativamente pequeno e um birô de madeira típicos de escritório confirmavam que nem tudo que chegava ao galpão de catadores/as é totalmente inutilizado pela sociedade. A parceria da associação de catadores com a Cáritas ajudou a sensibilizar alguns segmentos da sociedade como instituições bancárias, escolares e comerciais para ajudarem catadores/as na forma de doações e de estabelecimento de um calendário de recolhimento de materiais antes destinados indiscriminadamente para o lixão de Limoeiro do Norte.

O próprio fato de a prefeitura de Limoeiro do Norte, Ceará, alugar um espaço para o trabalho da associação de catadores já contribui para ressignificar esse trabalho como uma alternativa para requalificar os sentidos da vida para catadores/as, sujeitos que ainda estão se habituando a discutirem os caminhos de seu trabalho, a confiarem no papel do outro para que ambos possam ressignificar suas existências e a perceberem suas contiguidades organizadas em torno de um símbolo comum organizado em torno de um sentimento de brasilidade reforçado tanto pelo mapa do Brasil como pela predominância da cor esverdeada.

A luta para conquistar um espaço para o galpão de catadores/as é um indício de que catadores não querem uma política de suplementação ou uma prática compensatória que caracterizam práticas culturais despolitizadas e forçam os sujeitos a concordarem unilateralmente com um sistema de naturalizações que se afastam diametralmente de uma vontade dilógica e de uma possibilidade responsiva para reorganização das relações dialógicas que possam combater os diversos aspectos de

emprobecimento cujos efeitos atingem sobremaneira os sujeitos envelhecidos, os que não foram integrados ao mercado de trabalho ou à escola.

**Figura 17 – Espaço de reunião e cadastro no galpão da Associação em 2015**

Fonte: Arquivo da Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte

Embora o processo de sensibilização da sociedade ainda seja discreto, já há uma reorganização das relações sociais que devem ser discutidas para favorecer o protagonismo de catadores/as e não para gerar acomodação ou competição. Afinal, catadores/as que recolhem maiores quantidades de material reciclável, utilizam grandes sacos fornecidos pelos atravessadores, empresários que compram e definem o preço dos elementos recolhidos nas ruas e no lixão de Limoeiro do Norte, Ceará antes de comercializá-los em centros como Fortaleza, capital do Ceará, ou Mossoró, cidade do vizinho estado do Rio Grande do Norte, cidade.

A Cáritas intermediou com a Associação Bom Jesus Sul a aquisição por empréstimo de um triciclo. A chegada de um triciclo conseguido junto à Associação Rosa Vírginia de Fortaleza, Ceará, serviu para ajudar catadores/as em sua luta para evitar que o material reciclável seja recolhido pela prefeitura no lixão.

Para Maria Rubens, diante da necessidade legal de implantação da coleta seletiva e de fechamento de lixões, a chegada de um veículo para ajudar catadores/as é uma resposta corajosa para educar a sociedade a assumir seu papel ao lado das autoridades públicas para a extinção dos lixões e dos perigos para catadores/as que se arriscam a contrair doenças ou enfrentar desavenças na catação.

No lixão, o resultado da catação precisa ser recolhido em enormes sacos fornecidos por compradores locais, os “atravessadores”, alocado temporariamente numa estrutura já deteriorada e, posteriormente, transportado em carroças. A estrutura precária acirra a dificuldade de catadores/as para o exercício de seu

trabalho. Para Maria Rubens, vulgo Dona Pedinha, todos precisam estar muito atentos ao que acontece no ambiente porque qualquer descuido resulta em perca do material coletado para oportunistas que percebem os demais como concorrentes.

Maria Rubens afirmou que, a situação já foi pior porque a catação no lixão ocorria desde a madrugada. Na escuridão, a possibilidade de acidentes era maior pela natureza dos objetos misturados e pelo trânsito de caminhões responsáveis pelo recolhimento dos diversos resíduos descartados em Limoeiro do Norte, Ceará.

A substituição da carroça pelo triciclo motorizado significou uma conquista na luta de catadores/as de apoiados pela Cáritas de Limoeiro do Norte contra os lixões a céu aberto e o reconhecimento do papel da responsividade (ética e responsável) para a elaboração de novas relações sociais discutidas no galpão da Associação, nas formações e nas manifestações de catadores/as por seus direitos negados.

**Figura 18 – Entrega de triciclo a catadores/as em 2015**

Fonte: Arquivos da Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte

A Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte ajudou a Associação de Catadores/as Bom Jesus Sul a contatar a associação Rosa Virginia de Fortaleza, Ceará para conseguir um triciclo. Depois acompanhou a negociação com a prefeitura para inserir economicamente catadores/as no processo da coleta seletiva e ceder um motorista devidamente habilitado e o combustível necessário para o veículo ser utilizado, incialmente nas ruas do bairro Antônio Holanda, a Cidade Alta conforme acordo divulgado inclusive nas rádios locais.

Apesar de pequeno para transportar de modo seguro catadores e materiais recicláveis, o triciclo doado pela intervenção da Cáritas de Limoeiro se mostrou uma alternativa mais humanizadora para ajudar a abolir a existência de lixões e tornar o trabalho de catação mais eficiente, limpo e ágil a partir de uma proposta de coleta seletiva realizada em cada domicílio e apoiada pela população em geral.

APÊNDICE C – DIÁRIO DE BORDO

**12-03-2015 (quinta-feira) – pronunciamento[93] de Maria Rubens**

Quando Maria Rubens, presidente da Associação de Catadores/as Bom Jesus Sul de Limoeiro do Norte, Ceará, realizou seu pronunciamento em tom de depoimento e de testemunho, suas palavras surgiram como uma contra-resposta à sociedade na câmara de vereadores, um ambiente de máxima institucionalidade.

O fato de Maria Rubens ser reconhecida e chamada pela denominação Dona Pedinha não impediu que a catadora se agigantasse com suas roupas e palavras simples, devia fazer seu pronunciamento na “Tribuna Livre” da Câmara de Vereadores, em um momento iniciado por Ronaldo Maia, acadêmico de Direito, para que a presidente da associação chegasse a tempo. O pronunciamento foi gravado pela TV Jaguar de Limoeiro do Norte

Embora sua roupa simples destoasse dos paletós dos vereadores, Maria Rubens conseguiu tomar posse das condições do tempo-espaço da tribuna porque aproveitou a interação permanente com os agentes da Cáritas e conseguiu fazer uso da palavra durante quase meia-hora para apresentar sua situação como catadora.

Apesar de um visível sentimento de timidez, pela consciência de estar em um ambiente constituído por sujeitos mais proeminentes da sociedade limoeirense, Dona Maria Rubens conseguiu se posicionar de maneira suficientemente segura e organizada para vivenciar a condição, a imagem e o discurso de presidente reeleita da Associação de Catadores Bom Jesus Sul e de catadora politizada em busca de seus direitos sociais e econômicos a partir da ação em ambientes onde o domínio de semioses letradas, escritas e/ou mais escolarizadas e tradicionais sempre foi uma barreira à participação de sujeitos pouco ou nada alfabetizados.

**26-03-2015 (quinta-feira) – formação no Centro Infanto-juvenil Boa-fé**

A reunião ocorreu com um número reduzido de participantes porque muitos não querem perder um dia de serviço. Durante as conversas informais que antecederam a formação, o senhor Agrimar foi caracterizado por Morais, agente da Cáritas, como um assíduo ouvinte do programa radiofônico “A voz do Brasil”.

[93] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ebNhk17RT8E>. Acesso em: 24 fev. 2016.

O senhor Francisco Agrimar Chagas Cruz, natural da cidade de Itatira, 72 anos, demonstrou ser um homem de voz alegre. Sua estatura miúda destoa de seu repertório variado e politizado. Ele afirmou que veio morar na cidade de Limoeiro do Norte ainda na década de setenta por intermédio de um “doutor do DNOCS” para trabalhar no desmatamento de uma fazenda da região. Questionado sobre sua profissão de catador, ele revelou orgulho pelas conquistas pessoais e citou explicitamente haver um descompasso em relação a outros nichos de mercado, pois se no comércio em geral, quem pesa e marca o valor do produto é o vendedor e não o comprador, o catador precisa agir da mesma forma quando vende seu produto”.

O lanche inicial foi modesto, mas suficiente (café, suco, biscoito e bolo) ofertado pela Cáritas graças aos recursos financeiros adquiridos por meio de editais dos quais participou e parcerias com instituições amigas. A estratégia serve para que os catadores partilhem alimentos e memórias e possam convidar outros/as. Dessa maneira, é mais fácil criar um ambiente de intimidade e de confiança.

Próximo à mesa do café várias cestas básicas estavam perfiladas sobre um palco para serem ofertadas aos catadores de material reciclável. Segundo Patrícia, agente da equipe técnica da Cáritas responsável pelo curso de formação, a doação de uma cesta básica é para incentivar e valorizar os presentes, uma estratégia de compensação para quem deixou seu trabalho em pelo menos duas oportunidades.

Patrícia lembrou aos presentes que a cesta estava pequena, mas continha dois itens de cada produto. Sua construção foi fruto de muito suor, metonímia para o trabalho dispendido. Muitos doadores e parceiros da Cáritas prometem, mas não cumprem a doação. A agente enfatizou que a diminuta cesta foi feita com carinho e empregou as expressões “para não ficar no escuro”, “para ninguém me crucificar” e “nós combinamos” para ressignificar a doação como uma compensação e condicioná-la à participação em pelo menos duas formações seguidas.

Ao informar ser difícil construir um número considerável de cestas básicas por meio de doações e que em reuniões posteriores a dinâmica poderia ser transformada em sorteio de um número menor de cestas básicas com mais itens, uma breve discussão foi encetada pelos próprios catadores sobre a possibilidade de substituição da cesta por atendimentos na área de saúde e sobre a responsabilidade do poder público em geral e do prefeito de Limoeiro para apoiar a ação.

A questão da cesta básica serviu também para permitir a chegada de catadores ainda ausentes e a chegada do facilitador para conduzir a formação cuja demora foi atribuída ao atraso em seu translado da capital do Ceará para a cidade de Limoeiro. Segundo o agente Morais, muitos catadores participam das reuniões da Cáritas na esperança de receberem algo (uma cesta básica, ajuda financeira, por exemplo) já que o nível de conscientização do grupo ainda é reduzido.

Patrícia informou aos presentes que o momento de formação faz parte de um projeto de formação possibilitado por um edital vencido pela Cáritas junto ao Ministério do Trabalho e Emprego do governo federal que pretende trabalhar questões sobre associativismo, cooperativismo e gestão para melhorar as condições de trabalho dos catadores, garantir uma comercialização melhor de seus produtos e proporcionar mais visibilidade e reconhecimento à profissão.

Neste momento, o Sr Agrimar relembrou sua participação num evento nacional de catadores – a Expocatadores 2014 – e avisou que vai falar pessoalmente com a presidente Dilma quando participar da exposição novamente. Sua fala revela a percepção de alguém que se coloca como igual diante da maior autoridade do poder executivo do Brasil, como um sujeito que tem o direito de falar num evento que reúne autoridades, o ministério público e catadores do Brasil inteiro.

Em Limoeiro há 60 catadores de rua e 39[94] no lixão da localidade de Maria Dias. Por isso, Patrícia lembrou a necessidade da adoção de um gesto solidário e motivador. Essa fala abriu espaço para convidar o grupo de catadores de Limoeiro para participar, no dia seguinte, de um evento na cidade de Quixeré para celebrar a luta e uma vitória: a concessão de um espaço para a associação de catadores de Quixeré, espaço que ainda precisa ser limpo e preparado para atender ao grupo já que o prédio foi primariamente utilizado como matadouro público municipal.

A proposta da Cáritas é um trabalho organizado para integrar e canalizar as energias do povo para uma determinada direção. Assim, a cesta básica é utilizada para “fisgar” a participação e atenção dos catadores.

No caso da reunião em Qixeré, Patrícia lembrou que o evento estava planejado para colocar lado a lado, agricultores, catadores e comunidades atendidas pela Cáritas. O evento previa a marcha de catadores em Quixeré, café e almoço

[94] Disponível em: <http://www.tvjaguar.com.br/site/noticia.php?Tid=11622>. Acesso em: 23 fev. 2016.

partilhados, reunião sobre “justiça ambiental”, eleição do conselho administrativo da Cáritas e reunião com grupos de outras cidades e de outras lutas da região.

Patrícia lembrou aos presentes que os direitos não devem ser tidos como presentes mas como conquistas e que a questão da água é algo que precisa ser debatido para esclarecer a razão da contaminação do lençol freático e o problema da utilização da água. Por exemplo: economizar a água para que e para quem?

Durante a fala de Patrícia, o Sr. Agrimar revelou seu nível de politização ao asseverar que a segurança hídrica de Fortaleza está garantida às custas da utilização das águas do açude Castanhão que permitem que o açude Gavião em Fortaleza permaneça sempre cheio e venha a sangrar mesmo com baixa precipitação pluviométrica durante períodos de estiagem.

Mesmo numa reunião com catadores, questões que afetam a rotina dos moradores da região, especialmente os mais pobres, foram abordadas. Por isso, Patrícia lembrou aos presentes que a água do Castanhão é para o porto do Pecém em Fortaleza, mesmo que isso ocasione a impossibilidade de utilização das águas por parte de comunidades cortadas pelas águas do Castanhão.

O local da reunião é um prédio da igreja a serviço da prefeitura de Limoeiro do Norte e denominado Centro Infanto-Juvenil. É amplo, de fácil acesso e bem iluminado, mas pouco ventilado. Seu salão possui cerca de 15 metros de largura e 25 de comprimento. Há um palco elevado, uma cantina, um banheiro para homens e outro para mulheres. Há uma grande mesa para refeições e muitas cadeiras de plástico. Ao que parece, catadores/as não se incomodaram com as moscas que voavam sobre os copos já utilizados durante o café da manhã.

A reunião começou de forma desorganizada porque o público convidado não compareceu na quantidade esperada e nem chegou ao mesmo tempo. Havia 14 catadores sentados em círculo ao redor de uma bandeira do movimento nacional dos catadores. A assinatura dos presentes foi colhida ao som de uma música, pouco audível por ser executada apenas por meio do *notebook* utilizado por Patrícia.

A reunião foi iniciada com os avisos de ações e datas de trabalho da Cáritas com catadores/as, um momento eminentemente de maior escuta por parte da maioria. Houve um hiato por causa do atraso na chegada do facilitador, um membro do Movimento Nacional de Catadores por nome Erivaldo, catador da cidade de Pacatuba,

pele morena, gestos rápidos e alegres, roupas simples, que atribuiu sua demora à distância que separa sua cidade do espaço das formações em Limoeiro.

Logo ao chegar, solicitou que todos se apresentassem com nome e localidade, ficassem de pé em círculo e realizassem breves alongamentos, atividade que deveria ser adotada sempre que um catador iniciasse seu trabalho a fim de evitar problemas nas articulações ou nos músculos diante da jornada de trabalho.

Erivaldo enfatizou que o catador não é um “coitadinho”, mas profissionais que movimentam uma economia de “10 milhões de reais. Esta concepção foi reforçada quando ele retrucou prontamente um catador ao corrigir sua compreensão em torno do objeto recolhido pelo catador: material reciclável e não lixo.

Uma catadora informou quase de maneira inaudível que os compradores de material reciclável “roubam no peso”. Opinião confirmada por outro catador que informou ser o vereador limoeirense Zé de Arimatéia, o comprador mais avarento. Os catadores/as revelaram um problema: uma espécie de institucionalização do modelo de comércio em que a remuneração do catador ocorre a *posteriori*, por meio de um recibo emitido pelo comprador que determina o preço da mercadoria.

Para o Sr. Agrimar, ele não tem reciclagem para “vender fiado” a ninguem. Entretanto, ele comercializa seu produto na base da confiança para com seu comprador. Seu “patrão”, o vereador Zé de Arimatéia, às vezes, emite um recibo para o catador receber sua parte a partir do momento em que for apurado uma quantia suficiente durante a revenda do material.

Além da problemática na comercialização do material coletado, catador/a enfrenta problemas quanto à forma como é visto pela sociedade e quanto à falta de uma tabela para organizar a variação do preço do material reciclável.

O senhor Agrimar, informou já ter sido visto com desconfiança pelos policiais da equipe “Ronda do quarteirão” que estranhavam vê-lo deitado nas calçadas à espera do momento para iniciar sua catação. Erivaldo complementou informando que ainda existe muito preconceito, gente que pensa que catador é vagabundo.

Para o senhor Agrimar, o catador fica constrangido diante de atitudes preconceituosas ou desconfiadas dirigidas a este profissional. Por isso, Erivaldo afirmou que é necessária a união dos catadores para lutar contra a ‘privatização do lixo’, por melhores condições, pelo reconhecimento da profissão, pela coleta seletiva e pelo fim dos lixões de acordo com as leis brasileiras já em vigor.

Erivaldo lembrou que os catadores são “ambientalistas na prática” e que já existe a questão da “logística reversa” a fim de garantir que o produtor seja o responsável pela destinação final do produto após sua utilização primária. Essa prática vem forçando empresas a se deslocarem para países em desenvolvimento para escaparem da responsabilidade pela correta destinação de resíduos.

Para incentivar catadores/as, Erivaldo afirmou que, no Brasil, existe a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) – Lei 12.305. Sua atitude não provocou uma comoção de sentimentos nos presentes, mas serviu como etapa no processo de conscientização dos sujeitos para a definição dos limites de seu existir e seu fazer.

Erivaldo apresentou aos catadores que existem questões políticas e ideológicas presentes no ato de nomear a vida. Pois há nomes “bonitos” que podem ser utilizados tanto para estabelecer opressão (pelo lado das empresas) como para libertar o oprimido (pelo lado de catador/a). Para ele, a frase “revalorização energética” é outro modo de falar de “incineração” de resíduos, algo que pode ser utilizado por um prefeito, patrocinado durante sua campanha eleitoral por uma empresa privada, para justificar um processo que, fatalmente, vai saturar os recursos e espaços da terra num ciclo de produzir-queimar que vai contaminar e exauri-la.

Essa linha de raciocínio levou o senhor Agrimar a autorizar e a incentivar Erivaldo a continuar seu discurso porque tinha “serventia”. Ele focou na necessidade de união e aprendizagem para tomar consciência do explícito e do implícito a fim de garantir a melhoria da vida dos catadores enquanto categoria formada por sujeitos com direito à cidadania. Foram utilizados um vídeo e um *slide* sobre as vantagens de uma experiência organizada por meio de:

a. Trabalho cooperativo e organizado
b. Capacitação de catadores e constituição de uma associação;
c. Diagnóstico para definição de logística de coleta (infraestrutura);
d. Estudo de mercado;
e. Sensibilização da comunidade por meio de educação ambiental;
f. Acompanhamento e avaliação.

O enuciado concreto de Erivaldo funcionou para animar catadores/as incréduolos e conclamou os presentes a aprenderem com as técnicas dos empresários para organizar a atividade de catação. Sua fala citou a pertinência de curso de formação sobre associativismo, economia solidária, educação ambiental e

estudo de mercado e lembrou que a profissão de catador já é reconhecida pela Classificação Brasileira de Ocupação, embora falte a regulamentação da atividade.

O público de participantes apresentou um certo nível de dispersão porque havia a preocupação com as crianças que acompanharam seus pais e parte da programação não estava adequada às experiências e rotinas dos catadores acostumados ao movimento e ao pouco diálogo formativo. Prova disso foi o desconforto com a exposição de Erivaldo quando ela estava amparada no emprego de *slides*. Sentar e ouvir uma formação é algo novo para catadores/a.

O breve diálogo entre Erivaldo e Patrícia revelou uma indecisão quanto ao momento de conclusão da formação: se logo após o almoço ou não. Isso revelou o nível de dificuldade na relação entre o trabalho do educador e a expectativa do educando em ambientes não institucionalizados de discussão e politização. Por fim, a presença de crianças pequenas, algumas saídas da escola para o almoço, a necessidade de catadores/as organizarem materiais para a comercialização e/ou resolverem assuntos pessoais em casa foram motivos que afetaram a reunião.

**16-04-2015 (quinta-feira) – formação no Centro Infanto-juvenil Boa-fé**

A reunião foi conduzida por Andréa Pessoa, uma militante de movimentos sociais cuja residência se localiza no município de Aracati. O assunto abordava a questão do trabalho em forma de associativismo. Durante os primeiros momentos, ela colheu as assinaturas de quem estava presente e convidou o grupo para desenhar um “bicho”, um animal com o qual se identificavam utilizando lápis e pincéis dispostos no chão do ambiente da reunião.

Cada um dos presentes exibiu seu desenho para o grupo. Em um segundo momento, os presentes voltaram ao centro da reunião para apresentarem, em grupo, suas opiniões agora materializadas na forma de um cartaz. Tudo isso, apesar dos pudores em falar ao público, em se colocar de pé quando é chegado o momento de expor suas memórias e dialogar com seus pares a partir de seu ponto de vista.

A semiose do ato de escrever, especialmente numa folha de papel para ser visualizada por um grupo, também é um fato novo e difícil para quem está acostumado a viver sem o hábito de escrever ou ler regularmente. Por ser uma novidade na vida de quem ganha o sustento na base do suor físico, das longas caminhadas e da astúcia para recolher e organizar a maior quantidade possível de material, a semiose do ato

de escrever no papel é percebido como algo no mínimo engraçado ou uma brincadeira para distrair os corpos e as mentes dos catadores.

Talvez a pouca prática em manusear elementos como lápis, pincel, e papel não seja uma parte da rotina de catadores/as que costumam se dedicar a outras tarefas em suas horas de desobrigação na atividade de recolher aquilo que a sociedade em geral classifica inadvertidamente como lixo e porcaria.

Há catadores/as atendidos pela Cáritas de Limoeiro que consertam um fogão velho e abandonado para comercializá-lo por um preço melhor. Outros se dedicam à pescaria de pequenos peixes na chamada “Barragem das Pedrinhas”. Ainda há os que procuram cuidar de suas dores em sessões de fisioterapia, fato testemunhado por uma catadora quando justificou, muito apressada, sua demora em virtude de seu tratamento pago às suas próprias expensas já que a saúde pública não se mostra como alternativa. No grupo de catadores/as há sujeitos claramente na faixa etária compreendida entre cinquenta e sessenta anos e analfabetos que identificam sua presença ao imprimir sua digital num documento específico da Cáritas.

A heterogeneidade de idades, grau de escolaridade e de histórias de vida deve ter sido determinante para o formato de trabalho durante a formação da Cáritas para os catadores sob os cuidados de Andréia Pessoa que adotou como estratégia de trabalho o trabalho em grupo, o emprego de imagens e o recurso à música.

A dinâmica para apresentar uma diferença entre a metodologia capitalista e a associativista foi organizada a partir da utilização de imagens impressas e variadas dispostas no centro da reunião, próximas à bandeira do movimento de catadores/as de material reciclável, bandeira esverdeada (cor da esperança) diferente da utilizada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST).

Apesar de nem todas as figuras serem facilmente identificáveis, para o grupo, Andréia tentou apresentar com as imagens disponíveis que o capitalismo, é ruim porque separa e explora homens e mulheres a fim de enriquecer poucos às custas do trabalho alheio e da destruição do equilíbrio das relações entre a natureza e os sujeitos em situação de opressão e de má qualidade de vida.

Na parede da sala, Andréia fixou uma enorme folha de papel dividida em duas colunas para que cada catador(a) conseguisse visualizar fisicamente o que estava sendo debatido de forma colaborativa a partir do conhecimento de quem ousa falar suas histórias de vida para quem se dispõe ouvir. Em um dado momento, Andréia

convidou o grupo a ficar de pé e se alegrar para cantar o hino de catadores/as com o manejo de instrumentos musicais simples e feitos de material reciclável.

Durante e após o almoço, momento de descontração preferido pelo grupo, catadores/as fumantes saíram do recinto para fumar e conversar ao pé de algumas árvores frondosas na frente do prédio onde estava sendo realizado o curso de formação organizado pela Cáritas. Outros aproveitaram para se dirigirem ao centro de Limoeiro do Norte para pagarem contas de luz e água.

Nesse momento do almoço, três catadores (Gilmar, Agrimar e Valdemar, vulgo “Bacurau”) relataram fatos de suas histórias de vida com tons de bravata e/ou galhofa. Os três relataram já terem portado armas em seu ofício por questão de segurança e para se imporem aos outros, sejam catadores/as ou transeuntes das ruas e horários em que desenvolviam seu ofício de catação. Um afirmou possuir um punhal “niquelado” (polido), outro testemunhou ter um facão “rabo de galo” (empunhadura) e outro afirmou tem em sua posse um revolver, algo deduzido a partir de seus gestos e de uma metáfora (“um levanta cabelo”).

**30-04-2015 (quinta-feira) – formação no Centro Infanto-juvenil de Boa-fé**

A ação da Cáritas de doar cestas básicas revela o quanto certos segmentos da população brasileira ainda são vítimas de uma carência crônica, endêmica e imediata. Reforça também o processo de formação da consciência política dos homens e das mulheres que se encontram alijados de seus direitos e que associam seu bem estar à saciedade de suas necessidades mais básicas. Dentro do carro da Cáritas, havia cestas básicas acondicionadas em sacos plásticos transparentes dispostos no banco, no piso e no malote do veículo.

Durante a dinâmica de produção de um cartaz sobre aspectos da vida de catadores/as, o problema da falta de apoio para o exercício da profissão no sentido de reconhecimento e de oportunidades melhores foi a questão mais forte.

Catadores/as sentem uma espécie de vergonha por não estarem acostumados/as a agirem e interagirem por meio de palavras escritas para serem apresentadas ao público. Mesmo um casal mais jovem, aparentemente com pouco mais de 20 anos de idade, não se sentia confiante ou disposto a conduzir o processo de escrita de um cartaz ou de coordenação dos debates em sua equipe.

Durante a apresentação dos dois cartazes referentes, uma equipe adotou uma estratégia diferente da outra. Na equipe que contava com a presença de um pesquisador da Universidade Estadual do Ceará, o grupo respondeu aos questionamentos propostos pela orientadora da formação, Andréa Pessoa. Já a segunda equipe preferiu um tom mais descontraído e, no mínimo, diferente do clima de seriedade com o qual são organizadas as reuniões de formação que procuram incitar a reflexão sobre as condições materiais humanas.

A prova da diferença entre as equipes é que uma preferiu citar como resposta a “merenda” e o almoço para a questão acerca do que era mais “legal” nas reuniões do grupo, um aspecto concreto e imediato de uma carência atendida. Apesar dos programas de redistribuição de renda e dos ganhos auferidos com a catação, a carência alimentar/nutricional ainda é uma constante entre catadores/as.

Uma indefectível marca da personalidade falante e extrovertida durante a reunião, surgiu a partir do catador de nome Gilmar, um participante que gosta de se referir às técnicas da Cáritas com o título de “tia”, numa referência à tradicional relação professor-aluno na qual um ensina e outro aprende. Este foi um dos participantes que praticamente não aproveitou o almoço servido pela Cáritas.

A proposta de trabalhar em duas equipes agilizou a reunião e reforçou a importância de os sujeitos discutirem acerca da realidade do trabalho de catação de material reciclável no município de Limoeiro do Norte, Ceará:

Durante a realização desta atividade, os catadores e as catadoras revelaram que o vereador da atual legislatura do município de Limoeiro do Norte, José de Arimatéia, maior comprador de “sucata” e de material reciclável da cidade, institucionalizou um sistema de comercialização da reciclagem em que o catador entrega seu produto ao atravessador, mediante uma promessa escrita de ser remunerado *a posteriori*, situação que incomoda um grupo que depende imediatamente do dinheiro apurado de seus esforços. O grupo respondeu que aceita a situação porque o vereador garante a compra do material para ser revendido em Fortaleza, capital do Ceará. Além disso, seu preço é melhor de comércio é melhor.

Durante a reunião, os catadores e as catadoras citam exemplos para as falas dirigidas pela equipe Cáritas durante a formação. Para o grupo, o desenho é uma expressão de alegria, fato comprovado quando apresentam sua arte ao restante do grupo e tecem um comentário para acompanhar e explicar a imagem.

Nem todos/as são falantes. Há como que um medo ou uma falta de prática em estar sentado como um grupo, como uma coletividade alimentada pela voz do conjunto. Ser falante significa incomodar o outro. E as demonstrações de descrença do grupo em relação a uma melhoria de vida revelam essa postura.

O catador Gilmar já na reunião do dia 16-04-15 havia se referido a si mesmo como “falador” e “chato”, adjetivos, segundo ele, atribuídos por terceiros em virtude de seu jeito mais questionador perante gente “grande”. Sua forma quase pueril de ser e de se apresentar não é demérito, mas um fator ímpar mesmo entre seus pares.

Quando a reunião se aproximou das 11:00 horas da manhã, começaram a chegar crianças cujas mães estavam na formação da Cáritas. A questão do almoço foi outro ponto que contribuiu para dispersar a atenção dos/das catadores/as.

Curioso é o fato de que em uma reunião sobre a importância do trabalho em forma de associação, tenha havido um aparte no curso das atividades para que Patrícia, a técnica da Cáritas responsável por acompanhar a reunião, tenha se esforçado para trabalhar com o grupo uma forma de conciliar a divisão de refeições entre os presentes e o anseio do grupo em se apossar do excedente de comida.

Apesar de o grupo afirmar sentir na pele as dificuldades de ser pobre, durante o almoço foi possível identificar o desperdício de algumas refeições servidas. Isso demonstra que o processo de educação do homem e da mulher para uma sociedade mais democrática, fraterna e menos voltada para o desperdício é uma construção em pleno processo de organização e de realização.

As discussões continuaram até por volta do almoço, momento em que a presença de crianças à espera de suas mães e de sua refeição, brincando e pulando, causou uma dispersão na orientação dos trabalhos.

Infelizmente, não há uma atividade ou um agente específico para cuidar das crianças que acompanham suas mães durante a formação. Isso ajuda a distrair a atenção do grupo e gera insatisfação em quem não gosta do barulho das brincadeiras das crianças risos em alguns(mas), momentos de riso ou demonstrações de impaciência em outros com as interrupções durante a formação.

Um catador, durante o momento conduzido por Erivaldo, informou de maneira mansa, mas incisiva, ser catador de Limoeiro que recolhia ouro e não lixo. Quando Erivaldo pediu para que repetisse sua afirmação, a sala ouviu também que ele estava limpando a cidade e ganhando o “pão de cada dia”. Numa demonstração

de perspicácia, o catador afirmou que, por exemplo, quando encontra um fogão abandonado, ele o recupera para conseguir um preço melhor de revenda.

No tocante ao agir do grupo de catadores, não há um hábito em relação ao que é exigido de um sujeito que participa de um processo de formação porque a vida de quem vive da catação está reduzida em muitas perspectivas.

A turma atendida pela Cáritas de Limoeiro do Norte possui uma única participante que grava as atividades da formação em um aparelho celular comprado no “crediário das lojas”. Já os demais presentes preferem apenas ouvir o que é transmitido como parte do programa formativo que, por sinal, é composto de longas exposições nas quais um sujeito fala para muitos que ouvem, algo que não agrada ao grupo que luta por mudanças rápidas e concretas.

Catadores/as não conduzem caderno ou nenhum tipo de recurso para anotar alguma frase mais interessante, nem costumam comentar informações ou fatos ocorridos nas reuniões anteriores consigo ou com seus companheiros. Gilmar, por exemplo, durante o almoço prefere contar histórias de suas amizades entre bancários, vereadores e comerciantes. O catador por apelido “Bacurau” enfatizou o fato de trafegar em uma moto sem placa e modificada para ser mais veloz. Na hora do almoço, as mulheres cochicham bastante sobre a divisão do almoço.

**14-05-2015 (quinta-feira) - formação no Centro Infanto-juvenil de Boa-fé**

Um ponto marcante entre o grupo é o sorriso fácil, as brincadeiras e apelidos que fazem a gargalhada surgir de momento a momento, mesmo em meio à seriedade dos discursos empregados pelos facilitadores da Cáritas. As brincadeiras fazem referência a um fato ou característica dos sujeitos ou de suas vidas, relacionamentos ou atividades. Elas servem também para animar o grupo diante da aridez do ato de parar para refletir sobre problemas que acometem a vida de quem cata materiais recicláveis para revender sem a certeza de um provento imediato.

Segundo informações da equipe da Cáritas, o Centro Infanto-juvenil Boa-fé foi construído originalmente pela Diocese de Limoeiro do Norte com recursos da Alemanha. Atualmente está aos cuidados da prefeitura de Limoeiro do Norte, Ceará.

No dia marcado para acontecer a reunião, exceto por duas catadoras, o grupo de catadores/as não apareceu para participar da reunião de formação. Ronaldo Maia, o responsável pela formação, admitiu que existem dificuldades no processo de

formação porque existem diversos pontos de vista envolvidos na realização de um curso de formação para sujeitos acostumados a existirem isolados.

Uma das catadoras chegou por volta de 09:00h, após ter participado de sua fisioterapia para tratar das dores adquiridas ao longo dos anos de trabalho puxando até 200 quilos de material numa bicicleta. Para ela, catadores/as participaram das formações anteriores apenas para serem beneficiados com uma cesta básica de alimentos e não para aprenderem algo para beneficiarem suas rotinas.

Na região do Vale do Jaguaribe Ronaldo Maia, agente da Cáritas e acadêmico de Direito, lembrou haver três públicos distintos atendidos pela formação oferecida pela Cáritas: há o catador em situação de rua, em situação de galpão e em situação de lixão. Por isso, cada público demanda uma estratégia específica de diálogo e de interação para abordar um mesmo assunto.

A outra catadora presente, uma senhora de cerca de 65 anos, já aposentada como agricultora, contou que não sai mais às ruas para recolher material. Hoje, ela recebe o material já selecionado pelos vizinhos que sabem de seu ofício. Ela afirmou que já catou bastante na época em que trabalhava com seu esposo, hoje acamado por conta de diabetes. Às 08:30h ela foi se vacinar contra a gripe e retornou por volta de 09:30h quando a reunião já havia sido suspensa por falta de participantes.

Questionada, a catadora que vinha de sua fisioterapia contou que o material lançado na rua não tem dono. A posse é de quem coletar primeiro. Por isso, sua preocupação é recolher o máximo de material para realizar a seleção e a separação em casa com mais tranquilidade. Ela também revelou que não recolhe papel porque é muito pesado e pouco rentável entre os atravessadores da região.

Esta catadora lembrou que já trabalhara com uma carroça, mas teve que desistir do veículo por conta da dificuldade para conservar e alimentar o animal de carga. Ela também lembrou que a prefeitura de Limoeiro do Norte não ajuda catadores/as e, além disso, conseguiu atrapalhar a atividade de catação porque foi alterado o horário de trabalho do caminhão do “lixo” para o período noturno.

Antes, as donas de casa colocavam seus resíduos nas calçadas pela manhã. Entretanto, o caminhão do lixo teve seu horário de trabalho alterado para o período noturno, situação que complica o trabalho do catador na tentativa de antecede-lo.Sobre a alegativa de favorecer o trânsito da cidade, o trabalho de catação foi, unilateralmente, penalizado e tornado mais árduo e perigoso.

A catadora mais idosa revelou que a primeira bicicleta adquirida para seu filho foi compra graças ao dinheiro da reciclagem. Ela acrescenta que o dinheiro da catação ajuda a complementar sua renda para quitar dívidas mensais, como a conta de água e luz, e para ajudar a comprar alimentos, remédios e outras necessidades.

Antes de sair acompanhado por Patrícia, outra agente do escritório da Cáritas da Diocese de Limoeiro do Norte, Ronaldo lembrou que as autoridades políticas, especialmente os vereadores locais, não se esforçam suficientemente para implantar a coleta seletiva a fim de viabilizar a implantação de aterros sanitários e ajudar no trabalho exercido pelos catadores e catadoras de Limoeiro. Simplesmente, preferem evitar o debate em torno dos custos e receitas que circundam a contratação de empresas para o serviço de “limpeza pública” e coleta de “lixo”.

Ronaldo lembrou ser preciso conversar com as autoridades de maneira insistente e organizada, pois, se a conversa não for devidamente respaldada, se os vereadores não forem instados a agir de forma célere, se já não houver um esboço e um projeto para organizar a coleta pública municipal, tudo se torna mais difícil e a possibilidade de superação do ciclo de opressão em torno do processo da catação ficará sempre comprometida, fato que não contribui para a inserção produtiva de cada catador na cadeia produtiva da reciclagem e na preservação ambiental.

**27-03-2015 (sexta-feira) – reunião na cidade de Quixeré, Ceará**

A reunião contou com representantes de municípios da região do Vale do Jaguaribe atendidos pela obra missionária (porque lastreada nos ensinamentos bíblicos de Jesus Cristo) e formativa (porque baseada num conjunto de práticas de ensino-aprendizagem) da Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte.

Após um lanche coletivo, os adultos foram encaminhados para um auditório suficientemente amplo para comportar o grupo e as atividades planejadas e as crianças foram conduzidas para uma outra sala intitulada “plenarinha”. Logo no início da reunião, a palavra “acordo” foi empregada pela agente técnica Patrícia para organizar as ações do grupo de discussão em torno da palestra intitulada “Justiça ambiental”, ministrada pelo apoiador da Cáritas, Ronaldo Júnior.

O perfil do atendido pela reunião é uma mulher e um homem entre 20 e 50 anos. Ou seja, é o sujeito em idade produtiva para o mercado de trabalho e a para a vida agropastoril no campo. A mesma faixa etária facilita a formação de uma

descendência para o grupo. O grande número de crianças, algumas de colo, indica que o grupo não utiliza técnicas de planejamento familiar.

O fato de os pais não contarem com a possibilidade de deixar as crianças em casa, já que a reunião estava destinada para as famílias atendidas pela Cáritas, se tornou uma porta para um mundo de possibilidades. As crianças puderam partilhar com os pais de um dia de formação e contribuíram com a expressão de suas faces e de seu caminhar para a III marcha de catadores de Quixeré.

De modo geral, o corpo de cada participante do campo e da cidade guarda as marcas de uma vida conduzida sob o sol do Vale do Jaguaribe. Havia um grupo de jovens de um assentamento de Potiretama, que não possuía a pele queimada do sol, por já estar resguardado por projetos voltados para sua faixa etária.

A paalvra foi oferecida para Ronaldo Maia conduzir as discussões e questionar os presentes sobre o que seria justiça e meio ambiente e, a partir de suas respostas, informar que o tema “Justiça ambiental” é um assunto de interesse para o sujeito que mora no campo e para o que mora na cidade e em suas periferias.

O público de cerca de sessenta participantes estava visivelmente se inteirando das rotinas que acompanham uma plenária sobre questões referentes ao seu ser como parte de um conjunto histórico, cultural e ideológico de ações que modificam o meio ambiente natural em favor do viver de uma coletividade.

Ronaldo explicou aos presentes que a ação humana traz consequências para todos, mas apenas os pobres acabam penalizados com o ônus das mudanças. Neste momento dos trabalhos da reunião, a dinâmica da palestra centrada na fala de Ronaldo gerou uma espécie de cansaço ou incômodo em parte dos presentes.

O grupo estava formado por sujeitos acostumados a se movimentarem bastante na atividade de zelar e preparar a terra para o plantio em sua agricultura de subsistência ou na atividade de recolher materiais recicláveis em ruas e lixões. Isso explica o constante movimento de entrada e saída do grupo no espaço da reunião. Um outro fator de distração da atenção dos presentes durante a fala de Ronaldo foi a existência de fumantes, de mães em período de lactação e de sujeitos encantados pelas características do Centro Pastoral da igreja de Quixeré.

Por último, mas não menos relevante, há o fato de que entre o grupo de participantes convidados há diferentes níveis de concentração para a dinâmica de uma reunião e de seus momentos constituintes. Prova disso, é o fato de, nem ao

menos a parcela alfabetizada do grupo de catadores/as e de agricultores/as ter se preocupado em trazer cadernos para registrar o que estavam ouvindo – algo que não foi pensado pela Cáritas para ajudar a fixar o que estava sendo discutido.

Se isso não justifica, pelo menos, em parte, explica a flutuação na quantidade de presentes durante a parte mais teórica da palestra de Ronaldo que se preocupou em atrelar seu discurso a um fato concreto, isto é, abordou a justiça ambiental pela perspectiva da água, um bem público que precisa de políticas públicas racionais e democráticas para que todos os segmentos da sociedade tenham acesso.

Ronaldo explicou que a divergência de opiniões e o poder nas mãos de alguns poucos contribui para a criminalização e para a repressão de alguns grupos sociais que historicamente vem lutando por direitos e respeito.

O público trajava bermudas, camisas e calças com estampas e frases ou imagens variadas. Havia camisas com símbolos do Movimento Nacional de Catadores, imagens de Paulo Freire, estampas vermelhas (típicas do Partido dos Trabalhadores), do Movimento dos trabalhadores Rurais sem Terra, de exposições anuais de catadores, das paróquias atendidas pelos trabalhos da equipe técnica da Cáritas e de uma variedade de outras imagens e frases.

Ronaldo sentiu a “energia” do grupo e rapidamente apresentou a proposta de discutirem sua realidade de uma maneira lúdica, por meio de um teatro do oprimido, em sua explicação, uma forma de expressão das dores e das dificuldades que marcam a realidade dos que estão sofrendo algum problema pela ingerência ou negligência de terceiros, sejam representantes dos poderes governamentais ou do setor privado. Ronaldo explicou que Augusto Boal idealizou uma forma de expressão do que as pessoas vivem em seu cotidiano para a partir de então poderem pensar formas de resistência ao que não contribui para que elas se tornem plenas cidadãs.

A ação resultou em risos, em atenção redobrada e em uma maneira divertida de o grupo rever a forma com as autoridades costuma tratar suas reivindicações. A representação caricatural de uma tentativa de diálogo com um prefeito para cobrar a efetivação de pedidos e solicitações da comunidade “acendeu” os ânimos do público e motivou-o a relatar fatos concretos com os quais convivem.

Durante a teatralização, uma mulher da plateia dirigiu ao jovem que representava o prefeito um questionamento em torno do respeito ao eleitor. Outro espectador citou a possibilidade de agredir o prefeito durante a manifestação, algo

que foi classificado como errado por Ronaldo que lembrou a diferença entre lutar e reivindicar de forma coletiva e organizada e lutar de forma violenta e não propositiva, algo que apenas enfraquece e criminaliza os reivindicadores.

Quando Ronaldo percebeu que o público da reunião citava exemplos diversos de injustiça, ele tentou sintetizar os sentimentos e reflexões verbalizados ao definir a justiça como um exercício diário de posicionamento e de reivindicação por caminhos socialmente aceitos pelas instituições da sociedade contemporânea.

Neste ponto da reunião, Ronaldo citou como exemplo a visita de grupos organizados à promotoria e a utilização de mecanismos escritos para cobrar ações e respostas concretas aos representantes dos poderes executivo, legislativo ou judiciário. Esta possibilidade fez com que uma participante informasse ao público sobre a existência de uma lei que permite ao cidadão comum pedir e receber informações sobre a administração pública sempre que necessitar.

Apesar de o público da reunião não anotar por escrito o que estavam ouvindo, o burburinho entre uns e outros parece ser um indicativo de que cada um estava assumindo uma reflexão e uma forma de registrar a discussão em suas memórias. Após a reflexão motivada pelo exercício do teatro de suas dificuldades, a equipe Cáritas convidou os participantes para cantarem e se alegrarem. Foram cantadas as músicas intituladas “Xote da Chapada e “Xote da Marcha do Povo”.

A forma como a temática da palestra foi coordenada por Ronaldo demonstra uma intenção da Cáritas em formar no grupo para a compreensão de que justiça ambiental envolve o modo de relacionamento sócio-econômico e histórico-cultural de ação de cada indivíduo e sociedade sobre seu meio-ambiente.

Um exemplo da relação sujeito-meio-ambiente foi citado por uma moradora da Chapada do Apodi que relatou o caso de sua mãe, impedida de colher as espigas remanescentes de um milharal já colhido por um fazendeiro da região. Sua fala revela o maior problema dos grandes empreendimentos na Chapada do Apodi: o egoísmo dos poderosos em partilhar os frutos da terra com os pobres.

O relato oral da moradora reatualizou a narrativa bíblica de Rute (2, 15-16) – autorizada pelo dono da terra em que habitava a colher as sobras da colheita – e abriu margem para uma reflexão sobre a problemática enfrentada pelos que tiveram suas terras tomadas por meio de grilagem, apropriação indevida, ou por meio da

conivência ou descaso de organismos públicos – como o **DNOCS** (**D**epartamento **N**acional de **O**bras **C**ontra a **S**eca) – para com as pequenas comunidades do Vale.

Neste momento, uma série de problemas localizados nas áreas atendidas pela Cáritas foram citados. A problemática dos lixões, da contaminação do lençol freático, da indústria de carcin icultura, dos parques eólicos, dos conflitos pela posse e uso da terra, do acesso e distribuição de água para o consumo humano e para os empreendimentos do agronegócio foram citados por representantes de cada município presentes no auditório do Centro Pastoral da Paróquia de Quixeré.

Ronaldo fez questão de se aproximar de cada participante. Para o grupo reunido, ele explicou que sua intenção era construir com o público uma reflexão acerca das dificuldades e conflitos que marcam o vale do Jaguaribe. As reflexões verbalizadas oralmente com ou sem o emprego de um microfone deveriam ser utilizadas para constituir o mapa das dificuldades e conflitos da região.

Textualizado o produto das reflexões do grupo, isso ajuda na elaboração e orientação das ações de resistência aos desmandos que reduzem a qualidade de vida da população e permitem sua exploração por sujeitos e grupos mais fortes.

Ronaldo explicou que a invisibilidade dos grupos, dos sujeitos e de suas necessidades é princípio possibilitador de exclusão, algo que pode ser combatido se houver um processo de elaboração de rotinas de reivindicação coletiva e organizadas capaz de fomentar práticas de justiça ambiental e econômica para atender às necessidades identificadas ao longo da história de uma comunidade.

A prática formativa adotada pela Cáritas confirma a relevância de inserir o homem e a mulher em processos formativos de uma *práxis* educativa de ação e de reflexão a partir de suas próprias condições históricas e culturais com as quais vão tecendo os limites políticos, econômicos e ideológicos de seu ser e de seu fazer. Outra vantagem da ação pedagógica da Cáritas orientada pelo discurso de Ronaldo é a possibilidade de novos entendimentos a partir da semiotização por escrito daquilo que foi debatido por via oral entre os presentes, situação que possibilita uma reflexão ampla e singular para melhoria da vida dos empobrecidos.

De acordo com a proposta de Ronaldo para o grupo, a ideia consistia em fazer uma ação colaborativa e democrática onde todos tivessem direito de expressar seus sentimentos por via oral e por via escrita para organizar as demandas e favorecer uma luta mais focalizada em pontos específicos que favoreçam uma coletividade e

cada um de seus indivíduos, inclusive os mais tímidos e os menos experientes em lutar. Ronaldo também lembrou que é preciso organizar e coordenar ações e demandas para efetivar as mudanças que os ricos e poderosos não aceitam ceder aos mais pobres. Por isso é vital saber o que negociar, com quem, quando, onde, como, a razão da negociação e os resultados esperados, por exemplo.

Antes do almoço, a equipe Cáritas tomou a palavra e convidou os presentes a participarem da III Marcha dos Catadores da Cidade de Quixeré no fim da tarde e da Marcha estadual dos catadores em Fortaleza para cobrar uma postura mais compromissada com as históricas demandas da categoria.

O convite foi estendido para agricultores/as e para moradores/as da Chapada do Apodi também presentes no salão de reuniões do Centro Pastoral e para suas crianças. Inclusive o padre Alessandro, anfitrião do evento, convidou seus paroquianos durante a missa celebrada ao meio dia na igreja Matriz da cidade. Convite que podia ser ouvido até por quem passava nas ruas do entorno da igreja.

Os últimos pedidos foram para que a assembleia presente participasse da eleição da nova diretoria da Cáritas no período da tarde, logo após a chegada do bispo diocesano de Limoeiro do Norte e coordenador geral da entidade na região jaguaribana e para que os presentes ajudassem a recolher assinaturas para um projeto de lei que proíbe a pulverização por meio da utilização de aviões.

O almoço foi rodeado de muita conversa e gestos de uma simplicidade popular características: rodas de conversa para trocar palavras, realizar fotografias ou mesmo para fumar em ambientes mais ao ar livre.

Neste momento, algum dos presentes aproveitaram para dormir no chão. Outros citavam um cansaço pela manhã de palestras e discussões. Alguns poucos foram passear pelo centro da pequena Quixeré. Tudo isso contribuiu para apresentar ao público da reunião um outro modo de realizar a vida onde o diálogo e a escuta são elementos valiosos e fundamentais. Um modo onde o ato de estar em roda e ao lado, ou próximo do outro, é princípio de humanização e de tolerância.

À tarde, após um momento de descontração com o ensaio do hino de catadores/as e das músicas para a marcha dos catadores, a equipe se preocupou em informar que seus recursos são oriundos de doações. Como há um processo de escassez quanto ao número de doações, Anjerliana, técnica da Cáritas, conclamou os presentes a se tornarem colaboradores e doadores de recursos para que a obra e

a missão Cáritas não fiquem sujeitas às doações de parceiros institucionais e aos recursos públicos por meio de editais com prazo determinado de aplicação.

Sobre esta proposta, Anjerliana denominou “Rede Permanente de Solidariedade Cáritas”, logo foi apoiada pela fala do padre Almir cujas palavras lembraram a importância da doação gratuita e solidária (e não por imposição) para marcar um novo paradigma de interação entre os sujeitos da sociedade local

O momento seguinte foi dedicado a apresentação de uma revista produzida pela Cãritas e por seus parceiros sobre a história das comunidades residentes na Chapada do Apodi. Foi lida a história de cada comunidade para apresentar o material a ser distribuído com o apoio da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos da cidade de Limoeiro Norte. Em seguida foi lido o material produzido em forma de panfleto para apresentar aos cidadãos de Quixeré o histórico de lutas e de conquistas de catadores/as do município ao longo dos anos.

Apesar de muitos terem apenas dobrado e guardado o material impresso distribuído pela equipe Cáritas, esse momento oportunizou que cada um percebesse a importância de dois elementos: a luta  por visibilidade e divulgação e o valor das informações impressas em papel para a sociedade poder ler e conhecer realidades que existem ao redor de cada um/a, mas que acabam esquecidas ou diminuídas.

Padre Almir, postado no centro da reunião e sob o olhar do bispo Dom José Haring apresentou aos participantes a necessidade de perceberem a historicidade das ações humanas e asseverou que exercer o carisma da caridade é ser Cáritas é lutar contra a opressão que historicamente diminui a dignidade humana.

Entre os próprios representantes de comunidades atendidas pela Cáritas há diversos níveis de compreensão do que o momento representa para suas vidas. Há quem expresse cansaço, enfado ou uma espécie de distanciamento porque há diferentes níveis de politização entre os presentes. Há inclusive os que não acreditam no debate, classificado como um “palavreado que não muda nada”.

Quando o Bispo de Limoeiro chegou, quase ao mesmo tempo do Padre Djavan, pároco da cidade de Potiretama, Anjerliana leu os nomes e informes dispostos numa rede de pescador (uma referência bíblica ao convite de Jesus para que o apóstolo Pedro se tornasse “pescador de homens” – Evangelho de Jesus Cristo escrito por Mateus: 4, 19) antes do início do processo de eleição por aclamação da nova diretoria e do novo conselho fiscal da Cáritas de Limoeiro.

Por fim, diante de todos os presentes, foi lida a ata referente à prestação de contas anual da entidade. Então, o bispo finalizou o momento de plenária com suas palavras e bençãos, um ato novo na vida de quem está acostumado apenas e lutar pelo pão diário. Anjerliana informou que o material seria registrado em cartório. Era evidente, que os termos “ata” e “plenária” significavam novidades para o grupo ainda em processo de lutar com as armas da leitura e da escrita.

Do lado de fora do Centro Pastoral, o agente Cáritas de nome Morais, retirou da caçamba de uma pick-up, vários cartazes e bandeiras para acompanhar a marcha ao som de cânticos e de palavras de ordem para a população que parecia pouco entender ou querer partilhar do movimento no final de tarde de Quixeré.

Uma equipe da TV Jaguar de Limoeiro do Norte acompanhou a marcha realizada por catadores/as e grupos atendidos pela Cáritas na região do Vale do Jaguaribe e realizou entrevistas com os presentes diante do futuro prédio (ainda sujo e em situação de aparente desmazelo) conseguido às custas de muitas negociações junto à prefeitura local para servir à associação dos catadores de Quixeré.

Estar ao lado dos empobrecidos que subiam na caçamba do carro do pároco da Cidade de Potiretama, sentir a expressão de indecisão de alguns e ouvir seus gracejos durante a marcha que se misturavam com o exercício do hino de catadores/as na voz de Patrícia foi uma experiência *sui generis*.

A breve marcha pelas ruas do município até o antigo matadouro público de Quixeré doado para os trabalhos da associação de catadores apresentou os corpos e os sonhos de um grupo que insiste em sair da invisibilidade. Iniciada por volta de 16:00 horas, sua conclusão ocorreu cerca de cinquenta minutos depois com cânticos, leitura do evangelho, palavra facultada e com a benção do bispo para incentivar todos a trabalharem e acreditarem no que ouviram e debateram.

**23-06-2015 (terça-feira) – reunião com catadores/as no galpão da associação**

A reunião aconteceu no galpão “da pimenta”, espaço alugado pela prefeitura de Limoeiro por R$ 2.000,00 reais mensais e situado atrás do prédio da igreja católica do bairro Antônio Holanda, popularmente conhecido como Cidade Alta. Um galpão que poderia estar mais organizado se houvesse uma maior integração entre todos aqueles/as cujos nomes constam como integrantes da Associação de Catadores/as Bom Jesus Sul da cidade de Limoeiro do Norte, Ceará.

Oito catadores/as dispostos em um círculo cujo centro era ocupado por um tecido vermelho em formato de coração com uma Bíblia de “edição pastoral” ouviram Silvania Mendes que reclamou da dificuldade de reunir os catadores em situação de rua ou de lixão e que solicitou que cada catador/a trouxesse um/a amigo/a.

Silvania foi enfática ao informar que parte dos/as catadores/as ainda não abraçou a proposta do trabalho em forma de associativismo, mas isso não pode ser uma dificuldade para que sejam mantidos os espaços e reuniões de catadores/as, pois o trabalho de catação está trazendo benefícios inclusive para organização da coleta de materiais antes recolhidos de forma indistinta pelos garis da prefeitura.

Catadores/as foram advertidos para manterem suas informações cadastrais atualizadas e da vantagem de um galpão para guardar o material da catação uma vez que a casa de catadores/as não é o melhor espaço para tal tarefa. A catadora de nome Rizete reclamou do fato de alguns garis realizarem catação mesmo sem pertencerem à associação. Já o catador Osterno classificou o catador como um herói ao limpar as ruas e combater problemas de saúde como a dengue.

Silvania pediu para catadores/as não permanecerem em silêncio nem entregarem os rumos da reunião e das decisões para a Cáritas porque quem precisa falar e expor seus pensamentos é cada catador/a que almeja uma vida melhor. Quando um princípio de ressentimentos e insatisfações foi indicado pelos presentes, Dona Venina, a catadora mais idosa do grupo, foi direta ao considerar que aquilo que não funcionou bem ontem não significa que vai perdurar hoje.

Seu pedido foi uma tentativa de acordar quem ainda acredita que pode haver mudança sem a intervenção social e ativa de cada sujeito marcado por práticas de insensibildiade e de falta de amor à condição do outro. Sua fala foi carregada de sentimento para avivar uma atitude mais participativa por parte de catadores/as.

**24-06-2015 (quarta-feira) – reunião com agentes da Cáritas no escritório da instituição situado no prédio da Diocese de Limoeiro do Norte**

Os agentes da Cáritas participaram de uma reunião – no prédio do Instituto de Desenvolviemnto do Trabalho (IDT), órgão responsável por distribuição de vagas de emprego em Limoeiro – para reforçar a necessidade da coleta seletiva em parceria com órgãos públicos, empresas e instituições bancárias de Limoeiro do Norte, Ce.

Já no escritório da Cáritas, os técnicos foram questionados sobre o que pensam e como agem acerca das relações com catadores/as envolvidos com o

processo formativo de politzação de empobrecidos para sua inserção na cadeia produtiva da reciclagem e no processo de preservação do meio ambiente.

Cada reunião ou manifestação é marcada por peculiaridades e situações de inconsistência, de passividade de uns e de paixão de outros quando é chegado o momento de discutir sobre o que está adequado ou o que precisa ser reformulado para que a catação seja uma alternativa economicamente e socialmente viável.

Numa rápida frase, Patrícia, agente da Cáritas de Limoeiro do Norte, desabafou que o sentimento de cansaço de catadores/as que participavam das reuniões estava mais forte do que nunca diante da morosidade dos órgãos públicos em adotarem ações práticas, organizadas e breves para responderem às demandas da comunidade de catadores quanto à melhoria de suas vidas e trabalho.

De acordo com Patrícia, um exemplo de dificuldades são os conflitos entre os próprios grupos de catadores, como por exemplo, no lixão da cidade de Tabuleiro do Norte, onde uma família atua de forma mais proeminente. Uma solução para tal situação depende da disposição participativa dos próprios catadores/as.

Enquanto isso, Ronaldo enfatizou ser necessário ganhar a confiança e o respeito do grupo de catadores, vivenciar a experiência das rodas de conversas para poder contribuir efetivamente com as discussões do grupo, com as demandas levantadas por suas próprias experiências no cotidiano de seus trabalhos.

De acordo com Ronaldo, ligado aos movimentos sociais de Limoeiro do Norte e circunvizinhanças desde a adolescência segundo suas próprias palavras, a representação artístico-cultural ajuda a disseminar um ponto de vista mais coletivo entre os participantes, uma vez que os sentimentos e as memórias são partilhadas mais espontaneamente e de forma mais humanizada.

A mística para Ronaldo é algo mais profundo e relaciona-se com um sentimento de pertença e uma sensibilidade horizontalizada e compartilhada por todos quando engajados em um processo de radicalização do senso de respeito e de consideração da voz do outro como etapa para o processo de formação da identidade daqueles/as em luta para combater as formas de opressão.

Em sua breve contribuição, entremeada por telefonemas, pesquisas no computador, pausas para um cafezinho e atendimentos particulares a questões específicas, Ronaldo explicou que o diálogo e a escuta geram redefinições cujos efeitos são dignos de serem celebrados quando baseados na união de vozes.

Seu discurso revela a importância de valorizar o conhecimento dos sujeitos em posição igualitária de fala e de escuta para fortalecer a luta por redefinição de posições de resistência e a reflexão sobre os conhecimentos estabelecidos e resultados observados no contato entre os sujeitos engajados em suas lutas.

Os agentes da Cáritas, por trabalharem com recursos financeiros diversos (governamentais, internacionais, nacionais), admitem realizar um duplo esforço: por um lado, eles/as se esforçam para cumprirem seu papel como promotores de reflexões e de ações de educação popular para o empoderamento de parcelas da sociedade historicamente destituídas de direitos básicos e por outro lado, eles/as precisam coordenar suas rotinas para se adequarem às exigências formalizadas por instituições que lhes garantem os recursos financeiros necessários a seus trabalhos.

O grupo de catadores foi desafiado a valorizar os saberes que se dão nos mais variados lugares de interação como instrumento de reconhecimento dos processos opressores e alienantes que atrapalham a formação humana sóciopolítica e emancipatória de indivíduos e grupos mais oprimidos por discursos estabilizados.

A partir dessa perspectiva, a questão é trabalhar o processo de conscientização em torno da formação de saberes parceiros, enquanto ato de estar desperto ser capaz de orientar-se num espaço-tempo de características materiais e subjetivas só apreensíveis pelo mundo da cultura e pelo ato responsável.

Dessa forma, o que defende o discurso da atual equipe de técnicos/as do escritório da Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte que atende a região do Vale do Jaguaribe é uma discussão contínua sobre a desconsideração da riqueza e diversidade dos conhecimentos e práticas presentes no mundo sócio-cultural de sujeitos concretos é exemplo de elitismo e de uma visão monoglótica

**17-07-2015 (sexta-feira) – reunião no espaço do galpão de catadores/as**

Arredios, os participantes se colocavam de forma pouco corajosa para fazer uso de suas palavras. A presença de mulheres e crianças pequenas, corpos tatuados e perfurados por brincos e *piercings*, a poeira e a sensação de desmazelo são marcantes do cenário das reuniões sob o forte calor da tarde em Limoeiro. Nessa reunião, catadores/as ainda não cadastrados pela Cáritas apresentaram seus documentos pessoais de identificação para integrarem os dados da entidade. É notávl que catadores/as confiam à Cáritas dados pessoais.

As roupas curtas ou envelhecidas e o cabelho em desalinho ou arrematado de forma sôfrega são indicativos de que a reunião não demanda maior incremento.Enquanto os adultos conversavam, desabafavam suas insatisfações e tentavam se manter confortáveis naquilo que parece ter sido bancos de igreja ou cadeiras de escritório, as crianças brincavam com o que encontravam no material coletado por seus pais. Tudo é fonte de fruição lúdica: um papagaio morto, um aparelho de celular quebrado, um recipiente de perfume ainda não esvaziado...

A pouca prática de estar sentado para ouvir informes, para relatar dificuldades e para pensar soluções indica que a categoria de catadores/as ainda está em pleno processo de politização diante de uma sociedade ainda surda aos catadores/as. Os homens presentes falavam menos que as mulheres e se mostravam mais inquietos ao ponto de saírem para fumar ou para conversar amenidades.

Apesar de amplo, o ambiente do galpão dos catadores não conta com um bebedouro. Assim, o ar empoeirado e quente acaba potencializado. A falta de uma mesa ou de um flanelógrafo de avisos revela que o espaço ainda precisa sofrer algumas intervenções para coordenar e registrar as ações dos catadores/as.

O esforço de catadores/as já mais conscientes de seu papel na sociedade e de agentes técnicos da Cáritas é orientar os indivíduos para que discutam os mecanismos que cultivam modos de gerar igualdades ou desigualdades ao redor dos diversos espaços sociais de interação. Nesse ponto, a oralidade de catadores/as funciona como repositório sócio-histórico tão pertinente quanto registros escritos, desenhados ou esculpidos, embora tenha sido desmerecida em sua função de significação. Por isso, adaptar-se ao contexto desta modernidade não basta. É importante assumir uma postura de reflexão e de intervenção sobre ela.

**04-08-2015 (terça-feira) – implantação do projeto piloto de coleta seletiva[95]**

Para iniciar o projeto-piloto de coleta seletiva a partir do bairro Antônio Holanda (Cidade Alta) e apresentar à sociedade o veículo conseguido para a realização da coleta seletiva e identificar os sujeitos participante do processo, a partir das 14:00 horas, onze catadores/as trajando o símbolo do Movimento Nacional de

[95] Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ieN16aV-svE>. Acesso em: 23 fev. 2016.

Catadores se reuniram em frente ao matadouro público municipal próximo à ponte que interliga o acesso para o centro urbano de Limoeiro do Norte ao bairro “Cidade Alta”.

Tanto quanto começar a coleta seletiva, o ato teve uma clara intenção de tornar visível através da divulgação pela TV Jaguar a existência de um grupo de catadores/as em interação com a administração do município de Limoeiro do Norte por intermédio do olhar complementar da Cáritas. A prefeitura estava representada pelo professor Arnóbio Santiago de Freitas e a Cáritas pela agente Silvania Mendes.

A TV Jaguar de Limoeiro do Norte esteve presente à implantação da coleta seletiva. Catadores/as ostentavam no peito o símbolo do movimento nacional de catadores e portavam a bandeira do movimento nas mãos e no triciclo como mecanismo visível de unificação e de representação do grupo diante da sociedade.

Tanto a presidente da associação, a catadora Maria Rubens, conhecida como Pedinha, quanto Silvania reiteraram que catadores/as ainda precisam acreditar em si mesmos e acreditar nas vantagens do trabalho associado para a catação. Já para o professor Arnóbio Santiago, representante da prefeitura, a duração do projeto-piloto de coleta seletiva é indeterminada e a intenção é que seja ampliado para a zona central de Limoeiro do Norte a partir da zona comercial incialmente.

Silvania Mendes enfatizou que o papel da Cáritas é trabalhar na forma de apoio e parceria para o diálogo encabeçado *por* e *para* catadores/as que ainda precisam acreditar nas vantagens do projeto de uma associação como algo mais proveitoso do que o sistema individual que vivenciam há mais de 20 anos.

Dentro do que catadores/as e Cáritas haviam planejado, Silvania cobrou a sensibilidade e a compreensão da sociedade em geral e lembrou que a coleta de óleo de fritura nos grandes geradores e a coleta de material reciclável nas instituições públicas federais está prevista para ocorrer quinzenalmente. Ao mesmo tempo, Maria Rubens cobrou a participação de catadores/as reticentes.

**05-10-2015 (segunda-feira) – visita à casa de Dona Venina**

A casa de Dona Venina, uma veterana catadora, estava em reforma. Sua filha estava preparando o concreto utilizados por um pedreiro para reestruturar o pequeno patrimônio adquirido às custas da reciclagem. Dona Venina, curiosa com a presença de um pesquisador universitário em sua residência, retirou suas luvas já

surradas do trabalho de reforma e rapidamente limpou uma cadeira de plástico para receber sua visita e oferecer uma xícara de café em sinal de hospitalidade.

Questionada se podia ajudar, Dona Venina retrucou com uma frase simples: “O que uma pobre quase analfabeta pode ajudar uma pessoa estudada?” Enquanto conversava, ela cuidava de possíveis necessidades do pedreiro e articulava um contato com a presidente da associação de catadores/as, Maria Rubens, e com a responsável por um projeto social de seu bairro, a assistente social Mariana.

A filha de Dona Venina, recém desempregada de seu trabalho numa indústria de reciclagem local, afirmou que a crise econômica brasileira de 2015 e o processo de consolidação da coleta seletiva no bairro Cidade Alta afetou a produção da empresa e resultou em demissões recentes.

Dona Venina elogiou o projeto social local intitulado “Paz e União” por seu pioneirismo tanto quanto o trabalho da Cáritas junto aos catadores. Por conta dessas duas entidades, ela teve a oportunidade de aprender sobre aquilo que não sabia, de conhecer e de viver experiências em locais antes inacessíveis. Dona Venina relatou que a ação do únivo vereador da região em favor dos empobrecidos é nula. Sua filha concordou quando ratificou que a população local troca o exercício cidadão do voto por favores políticos imediatistas e passageiros.

A veterana explicou que há muita desunião e pouca disposição da população em separar os materiais e de catadores/as em realizar suas tarefas de forma organizada e associda para otimizar suas tarefas, agregar valor ao trabalho e ressignificar a realidade a partir de novas formas discursivas de apreciá-la.

Após oferecer uma xícara de café, indicar a localização do lixão, classificar seu bairro como um “pedacinho do céu” e afirmar que as brigas no lixão estão muito menores e mais esparsas, Dona Venina se colocou à disposição para mais informações, inclusive ao explicar que, apesar de o serviço de catação ser mais rentável para o comprador, o catador também pode se beneficiar de seu trabalho.

# ANEXOS

# ANEXO A – MÚSICAS DA III MARCHA DE CATADORES - QUIXERÉ

**01. XOTE DA MARCHA DO POVO** (*Hino do Movimento Nacional do Catadores*)
Quem sabe andar Nessa rua vai em frente / Pois atrás é que vem gente / Diz o dito popular / E quem caminha na linha da esperança / Arrasta o pé Balança a trança / Na dança de se chegar

**Há quem diga Olé olé olé olá / Catador de norte a sul / E de acolá / Nesta marcha sem parar / Caminhar é resistir / E se unir é reciclar**

Ninguém segura / Essa gente que trabalha / Que grita e fala / Querendo anunciar / Que é possível a luz de um / Novo dia / Em que a nossa alegria / Possa se concretizar / Povo da rua Não é do mundo da lua / É a vontade nua e crua / É o desejo de um lar / Que assegure vida e dignidade / Rumo à prosperidade / E ao direito de sonhar
...

**02. CANTO DE RESISTENCIA POPULAR**
A história são os pobres que a fazem / A vitória está na mão de quem peleia, / Nossa gente tão cansada de sofrer / Vamos juntos descobrir o que fazer, / Se o governo e os patrões só nos oprimem / Acumulando riqueza e poder / Ação direta é a arma que nós temos / Pra fazer justiça pra viver (2x)
**Povo na rua pra resistir e pra lutar / Povo que avança para o poder popular**
..

**03. AXÉ (Vera Lúcia)**
**Irá chegar um novo dia. / Um novo céu, uma nova terre, / um novo mar / E nesse dia, os oprimidos, / A uma só voz irão cantar.**

Na nova terra o negro não vai ter corrente, / e o nosso índio vai ser visto como gente. / Na nova terra o negro, o índio e o mulato, / o branco e todos vão comer no mesmo prato.

Na nova terra o fraco, o pobre e o injustiçado, / serão juízes deste mundo de pecado. Na / nova terra o forte o grande e o prepotente / irão chorar até ranger os dentes.

Na nova terra a mulher terá direitos. / Não sofrerá humilhações e preconceitos. / O seu trabalho, todos irão valorizar, / das decisões ela irá participar.

Na nova terra os povos todos irmanados, / com sua cultura e direitos respeitados, farão / da vida um bonito amanhecer. / Com igualdade no direito de viver

**04. COLETA SELETIVA**
**Oi gente boa, ouça o que eu deixo dito / Que a coleta seletiva, que a coleta seletiva / Vai chegando pra ficar (bis)**

Separe, separe, separe sem parar / Separe o lixo seco do molhado / Espere mais um bocado que eu vou lhe explicar / Tudo de plástico, papel e papelão / Metal, vidro, limpo, secos nos devemos separar / Daquilo que é resto de alimentos / Podas, plantas e capina / Porque isso se destina a um devido lugar / Repare bem no coletor, no catador, no caminhão que vai passar. / Então que vai passar

Repare bem no coletor, no catador, no caminhão que vai passar. / Então adeus lixão, / então adeus sujeira / a cidade vai buscando a saúde verdadeira. / E viva o cidadão / e viva a alegria, / participe minha gente / da coleta seletiva.

**Refrão**
Agora falo do amigo catador, / um nobre trabalhador que só vem colaborar. / Vai recolhendo o seu sustento de vida / vivendo a cidadania / isso não pode faltar. / / Então adeus lixão, / então adeus sujeira / a cidade vai buscando a saúde verdadeira. / E viva o cidadão / e viva a alegria, / participe minha gente / da coleta seletiva.
...

**05. Xote da Chapada**
Não posso respirar, não posso mais nadar / A terra está morrendo / Não dá mais pra planta. / E se plantar não nasce / Se nascer não dá. / Até água da boa é difícil de encontrar.
**Cadê a flor que estava aqui? / Veneno comeu / E o peixe que é do mar? / Veneno comeu. / E o verde onde é que está? / Veneno comeu. / Nem o Zé Maria sobreviveu**.

ANEXO B – CARTAZ DO 18º GRITO DOS EXCLUÍDOS

Disponível em: <http://www.arquidiocesedefortaleza.org.br/wp-content/uploads/2012/05/Cartaz-do-Grito.jpg>. Acesso em: 03 dez. 2016.